

**Vera Maria Tomé de Abreu**

# **JOÃO TOMÉ**

**UMA TRAJETÓRIA MUSICAL DE UBERABA ATÉ A CAPITAL FEDERAL**

Brasília

2010

**Vera Maria Tomé de Abreu**

# **JOÃO TOMÉ**

**UMA TRAJETÓRIA MUSICAL DE UBERABA ATÉ A CAPITAL FEDERAL**

Dissertação de Mestrado

Orientador: Ricardo José Dourado Freire

Brasília  
2010

ABREU, VERA MARIA TOMÉ DE

João Tomé: uma trajetória musical de Uberaba até a capital federal, 178 p., (Departamento de Música-UnB, Mestre, Música em Contexto, 2010).

Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília. Instituto de Artes. Departamento de Música.

1. João Tomé

2. Biografia

3. Música

4. Contexto

I. UnB-Música

II. Título (série)

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta dissertação e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. A autora reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito da autora.

---

Vera Maria Tomé de Abreu

**Vera Maria Tomé de Abreu**

# **JOÃO TOMÉ**

## **UMA TRAJETÓRIA MUSICAL DE UBERABA ATÉ A CAPITAL FEDERAL**

Dissertação de mestrado submetida ao Departamento de Música da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Mestre em Música, área de concentração Música em Contexto, linha processos e produtos na criação e interpretação musical.

Aprovada por:

Ricardo José Dourado Freire, Doutor, UnB (Orientador)

Magda M. Clímaco, Doutora, UFG (Examinador Externo)

Beatriz Duarte P. de Magalhães Castro, Doutora, UnB (Examinador Interno)

*Para Dolores e Meila Maria*

## AGRADECIMENTOS

A Dolores Tomé, minha mãe, por me introduzir no meio musical desde muito pequena. Por manter viva a memória de seu pai através da disseminação de suas composições nas rodas de choro da cidade de Brasília e do país. Pela preservação do material composicional manuscrito em braille cujo acesso me possibilitou entender uma parte do universo biográfico musical de João. Por seu trabalho pela inclusão dos cegos através do ensino da musicografia braille e pelo sonho realizado no projeto musibraille.

À minha irmã Meila Maria, pelo apoio empregado nas conversas via 'skype' para continuar a caminhada de estudos na área da música e da pesquisa. Pela difusão da música de João Tomé e da música brasileira fora do Brasil.

À minha tia Alcione Tomé, pelo incentivo, pelas histórias e narrativas, pelas memórias. Pelos livros emprestados e construção textual coerente com a linguagem acadêmica. Por disponibilizar seu trabalho reflexivo. Por sua ajuda nas correções textuais, incentivo à minha capacidade intelectual, leituras, revisões, questionamentos e acolhimento nos últimos meses e dias de trabalho. A nossa aproximação só foi possível pela minha situação de estar 'dentro' do campo de pesquisa. De nossas conversas e reflexões surgiram memórias e documentos que me impressionaram por existirem há quase cem anos, um material documental que eu desconhecia existir tão próximo a mim e à história de minhas origens.

A Ismael, meu tio, por compartilhar suas lembranças, pelo trabalho inicial de digitalização de todo o material visual, musical e fonográfico. Por deixar sob meus cuidados o seu aparelho de som de fita de rolo com todas as fitas pertencentes a João Tomé.

Ao meu primo, Fred, pelos textos, autores sugeridos e apresentados, discussões, encontros e pesquisas no campo da história.

A Vera Silva Tomé, esposa de João e minha avó querida, pelas histórias e memórias compartilhadas ao longo desses dois anos de pesquisa.

A Conceição Aparecida da Silva, Aurora Tomé Borges e Áurea Cunha, irmãs de João e minhas tias-avós, pela disposição e alegria em lembrar e contar suas memórias em entrevista.

À família Tomé.

Ao vô Milton por me amar como sua neta. Por cuidar tão bem de mim.

A Edileuza, colega de disciplina e agora amiga querida. Por seu tempo disponibilizado nas nossas conversas ao telefone, nossos encontros e saídas. Aos seus incentivos e apoio. Aos 'longos' momentos de reflexão sobre a metodologia empregada, por apresentar um ponto de vista tão sensível e belo. Pelas leituras sugeridas e oferecidas com tanto cuidado e carinho. Pelo seu incentivo a persistir na caminhada, nos meus momentos de crise.

Ao Leandro, colega de disciplina, pelas ideias de pesquisa para futuros artigos, pelo apoio técnico e intelectual no processo de coleta de dados e ajuda na composição das memórias.

A todos os entrevistados que cederam alguns minutos para as entrevistas fazendo assim emergir suas memórias sobre João.

Aos colegas de turma do PPG-MUS, em especial os colegas do café. Nossas reflexões foram produtivas e divertidas. Pelo apoio nas disciplinas e discussões.

Aos professores e funcionários do Mestrado em Música em Contexto.

Às minhas amigas Marcinha, Marília, Adriana, Lílian, Sheila, Laíse e Renata, pela paciência e compreensão quanto à minha ausência em alguns momentos.

Ao Carlos, pelo cuidado e zelo com que tratou todo o trabalho gráfico e textual.

A todos que colaboraram direta ou indiretamente.

Ao Iran, meu querido namorado, pelo carinho, compreensão, incentivo e paciência nos momentos de angústia, incertezas e dúvidas. Por ser uma pessoa tão doce comigo.

Ao professor Ricardo Freire, meu orientador, por acreditar no meu potencial, pelo entusiasmo diante do projeto e pelo acolhimento nos momentos difíceis.

## **RESUMO**

A pesquisa **JOÃO TOMÉ, UMA TRAJETÓRIA MUSICAL DE UBERABA ATÉ A CAPITAL FEDERAL** visa tornar públicas a biografia e a trajetória artística de mais de 35 anos, de João Tomé. Músico autodidata, nascido em Uberaba, Minas Gerais, em 3 de março de 1920, viveu, profissional e artisticamente, os primeiros anos de Brasília até sua morte, em 24 de agosto de 1971. Vinculou a atuação em diversas esferas à construção de um patrimônio imaterial de melodias, harmonias e poesia. Suas composições, deixadas em meio escrito em braille, a tinta, em meio magnético e em disco, e um vasto material de partituras, gravações, fotografias, recortes de jornais, memórias, constituem o objeto da pesquisa, de natureza qualitativa. A história da vida desse personagem é ímpar, pois superou obstáculos e ultrapassou limites. Foi um desbravador e provou que os bons resultados não existem sem esforço.

**PALAVRAS-CHAVE:** João Tomé, Biografia, Trajetória musical, Composições.

## **ABSTRACT**

The research **JOÃO TOMÉ, A TRAJECTORY OF MUSICAL FROM UBERABA UNTIL THE FEDERAL CAPITAL** seeks to make public the biography and artistic career of more than 35 years, of JoãoTomé, self-taught musician, born in Uberaba, Minas Gerais, on March 3, 1920, lived, professional and artistic, the early years of Brasilia until his death on August 24, 1971. Linked to performance in different spheres to build an intangible heritage of melodies, harmonies and poetry. His compositions were allowed in written in Braille, ink, and on magnetic disk, and a vast material of musical scores, recordings, photographs, newspaper clippings, memories, are the subject of research, qualitative in nature. The life story of this character is unique because it has overcome obstacles and exceed limits. He was a trailblazer and has proved that good results are not possible without effort.

**KEYWORDS:** João Tomé, Biography, Musical background, Compositions.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                 |  |         |
|-----------------|--|---------|
| Ilustração 1    | João Tomé quando criança.  | 32      |
| Ilustração 2    | João Tomé com alunos da escola dominical do Grupo Agostinho. Uberaba, 1939.  | 40      |
| Ilustração 3    | Conjunto musical dos alunos do Instituto dos Cegos do Brasil Central (ICBC).   | 43      |
| Ilustração 4    | Casamento em 7 de julho de 1947.   | 45      |
| Ilustração 5    | João tocando na noite.   | 46      |
| Ilustração 6    | Fotografia da família Tomé.  | 48      |
| Ilustração 7    | Composições de João Tomé: choro Boa lembrança, escrito em 1966.  | 79      |
| Ilustração 8    | Composições de João Tomé: choro Piquenique, escrito em 1952.   | 80      |
| Ilustração 9    | Composições de João Tomé: valsa Amor de mãe, escrita em 1936.  | 82      |
| Ilustração 10   | Composições de João Tomé: bolero Dançar, escrito em 1950.  | 86/87   |
| Ilustração 11   | I Curso de Aperfeiçoamento e Treinamento para Professores de Educação Musical, 1971.   | 98      |
| Ilustração 12   | João, início da década de 1940.  | 107     |
| Ilustração I-1  | Certidão de casamento. Uberaba, 1913.  | 130     |
| Ilustração I-2  | Currículo.   | 131/132 |
| Ilustração I-3  | Carta de Berge Kessedjian solicitando o registro do samba <i>Nem todos sabem</i> .   | 133     |
| Ilustração I-4  | Em 1º de abril de 1954, é assinado pelo seu procurador, Berge, o contrato de cessão de direitos autorais e Tomé tem sua primeira música gravada pela Columbia do Brasil. | 134     |
| Ilustração I-5  | Em 1957, outra composição de Tomé – <i>Todos sabem</i> – foi gravada pelo seu amigo uberabense Paulo Marquez.  | 135     |
| Ilustração I-6  | Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, coluna Gente, 26 abr. 1971.  | 136     |
| Ilustração I-7  | Prefácio do álbum de memórias de João Tomé, intitulado <i>Meu consolo</i> (19/09/1940).  | 137     |
| Ilustração I-8  | Primeira entrevista: A Marreta, Uberaba, 22 nov. 1936.   | 138     |
| Ilustração I-9  | Músicas em Jornais de Uberaba e cidades vizinhas. Divulgação dos bailes – Festivais.   | 139/145 |
| Ilustração I-10 | Panfletos.   | 146/151 |
| Ilustração I-11 | Professores fundadores do Instituto dos Cegos do Brasil Central (ICBC).  | 152     |
| Ilustração I-12 | Alunos do ICBC.  | 152     |

|                 |  |         |
|-----------------|--|---------|
| Ilustração I-13 | O Instituto dos Cegos do Brasil Central é notícia.   | 152     |
| Ilustração I-14 | Jornais de 6/12/1955 e 3/02/1956. O primeiro traz o comunicado da nomeação de João Tomé como professor municipal. O segundo: O professor João Thomé foi contratado pela prefeitura para prestar seus serviços técnicos junto ao Instituto dos Cegos. | 153     |
| Ilustração I-15 | Notícias e fotos – Brasília, DF.   | 154/157 |
| Ilustração I-16 | <i>As árvores também morrem</i> – Rádio Educadora – Brasília, DF – 5/05/1966.  | 161     |
| Ilustração I-17 | <i>A flauta de Tomé</i> – Rádio Educadora – Brasília, DF – 4/07/1966.  | 162     |
| Ilustração I-18 | Clemente Luz, jornalista e amigo de Tomé, escreveu uma crônica que, ao ser lida, emocionou os ouvintes da Rádio Nacional de Brasília.  | 163     |
| Ilustração I-19 | <i>A bengala branca</i> – Crônica de Brasília, escrita por Clemente Luz, publicada no sábado dia 21 de setembro de 1991.   | 164     |
| Ilustração I-20 | Em Brasília.   | 165     |
| Ilustração I-21 | João Tomé e seu conjunto.  | 166     |
| Ilustração I-22 | Em Brasília (2).   | 166     |
| Ilustração I-23 | I Festival do Ceub – Brasília – 1971.  | 167     |
| Ilustração I-24 | Piquenique musical (Uberaba).  | 168     |
| Ilustração I-25 | Grupo Musical Afoxé (Uberaba).   | 168     |
| Ilustração I-26 | Fotos autografadas de artistas.  | 169/172 |
| Ilustração I-27 | O papel usado por João Tomé para registrar em braille suas composições provinha das mais diversas fontes.  | 173     |
| Ilustração I-28 | Programa da audição de alunos da Escola de Música de Brasília – dezembro de 1967.  | 174     |
| Ilustração I-29 | CD lançado em outubro de 2005 com choros e valsas.   | 175     |
| Ilustração I-30 | CD lançado em março de 2010 com músicas cantadas.  | 175     |
| Ilustração I-31 | Reconhecimento ao educador João Tomé: Prêmio conferido pelo MEC – INEP.  | 176     |
| Ilustração I-32 | Homenagens a João Tomé.  | 177     |

## **LISTA DE TABELAS**

|          |   |         |
|----------|---|---------|
| Tabela 1 | Composições de João Tomé: Músicas sem e com parcerias (letras) por gêneros e por períodos.                            | 57      |
| Tabela 2 | Composições de João Tomé: Músicas com parcerias (letras) por gênero / total de músicas com letras e apenas com letra. | 65      |
| Tabela 3 | Composições de João Tomé: Quadro demonstrativo de todas as composições.   | 118/128 |

## **LISTA DE GRÁFICOS**

|           |  |       |
|-----------|--|-------|
| Gráfico 1 | Composições de João Tomé: Partituras em braille.   | 55    |
| Gráfico 2 | Composições de João Tomé: Partituras a tinta.  | 56    |
| Gráfico 3 | Composições de João Tomé: Músicas com letra e instrumental e músicas de que existe apenas a letra (quantidades). | 58    |
| Gráfico 4 | Composições de João Tomé: quantidade de músicas por ano (todos os gêneros).                                      | 66    |
| Gráfico 5 | Composições de João Tomé: Músicas por ano, por gênero (1936-1970).   | 67/75 |
| Gráfico 6 | Composições de João Tomé: Total de músicas (com letras e instrumental).  | 76    |
| Gráfico 7 | Composições de João Tomé: Quantidade de músicas com parcerias do total de músicas por gênero.                    | 76    |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|        |  |
|--------|--|
| CASEB: | Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília           |
| CD:    | Compact Disc, Compact Disk   |
| CEMEB: | Centro de Ensino Médio Elefante Branco                                 |
| CEMVL: | Centro de Estudos Musicais Villa-Lobos                                 |
| DF:    | Distrito Federal   |
| EMB:   | Escola de Música de Brasília   |
| FEDF:  | Fundação Educacional do Distrito Federal                               |
| IAPI:  | Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários                  |
| ICBC:  | Instituto dos Cegos do Brasil Central                                  |
| IEB:   | Instituto de Estudos Brasileiros                                       |
| INEP:  | Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira |
| LP:    | Long Play  |
| MEC:   | Ministério da Educação   |
| MPB:   | Música Popular Brasileira  |
| Prof.: | Professor  |
| PSD:   | Partido Social Democrático   |
| RIHGB: | Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil                  |
| SGAS:  | Setor de Grandes Áreas Sul   |
| SQN:   | Superquadra Norte  |
| SQS:   | Superquadra Sul  |
| UnB:   | Universidade de Brasília   |
| USP:   | Universidade de São Paulo  |

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>13</b>  |
| 1. INTRODUÇÃO .....  | 14         |
| <b>METODOLOGIA</b> .....   | <b>19</b>  |
| 2. VIVER E CONCEBER – METODOLOGIA DA HISTÓRIA DE JOÃO TOMÉ.....                                  | 20         |
| 2.1. OS LIVROS, AS RIMAS, AS MELODIAS: abordagem, método e técnicas da pesquisa .....            | 21         |
| 2.2. CURIOSO, REVELADOR E MÁGICO: amostragem.....  | 25         |
| 2.3. CONTAR HISTÓRIAS E REGISTRAR A MEMÓRIA: procedimentos .....                                 | 27         |
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....  | <b>30</b>  |
| 3. VIDA e MÚSICA: o despertar de um artista .....  | 31         |
| 3.1. BRINCAR, APRENDER, ENSINAR: o despertar e o desenvolver das aptidões artísticas.....        | 33         |
| 3.2. UM RAPAZ E SUAS PRIMEIRAS COMPOSIÇÕES: o começo de uma vida sociocultural .....             | 37         |
| 3.3. CONTRATAÇÕES, VIAGENS E DOCÊNCIA: o samba, a marcha e a associação dos cegos.....           | 41         |
| 3.4. ENFIM O GRANDE AMOR: casamento e filhos .....   | 43         |
| 3.5. A REALIZAÇÃO DE UM SONHO: gravação de suas músicas em disco.....                            | 46         |
| 3.6. Brasília de todos os brasileiros: a mudança para a futura capital.....                      | 47         |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....  | <b>52</b>  |
| 4. AUTONOMIA E SUPERAÇÃO: as obras de João Tomé e suas gravações .....                           | 53         |
| 4.1. O BRAILLE E A MUSICOGRAFIA BRAILLE: autonomia na grafia das composições.....                | 53         |
| 4.2. AS MÚSICAS E A ORGANIZAÇÃO: catalogação e total de composições .....                        | 55         |
| 4.3. VERSATILIDADE: do samba ao yê-yê-yê .....   | 56         |
| 4.4. REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E A POSSIBILIDADE DE REGISTRO SONORO:<br>independência à vista .....  | 77         |
| 4.5. MÚSICA, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO: a lembrança dos piqueniques em Uberaba .....               | 78         |
| 4.6. LEITURAS MUSICAIS E SENTIMENTAIS: as gravações na sala de casa .....                        | 81         |
| 4.7. A GRAVAÇÃO EM ESTÚDIO: o regionalismo e o romantismo.....                                   | 84         |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....  | <b>88</b>  |
| 5. O EDUCADOR DE ALMAS: a música sensibiliza os corações .....                                   | 89         |
| 5.1. ICBC – INSTITUTO DOS CEGOS DO BRASIL CENTRAL: ensinando música, ensinando a<br>sorrir ..... | 91         |
| 5.2. EM BRASÍLIA: professor pioneiro na primeira escola de música pública .....                  | 94         |
| 5.3. SEMPRE A ENSINAR: outras contribuições e atividades docentes .....                          | 95         |
| 5.4. MÉTODO DE VIOLÃO: o tato e a audição criam a imagem do violão .....                         | 97         |
| <b>CONCLUSÃO</b> .....   | <b>102</b> |

|  |            |
|--|------------|
| CONCLUSÃO .....  | 103        |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>108</b> |
| OBRAS CONSULTADAS .....  | 110        |
| <b>APÊNDICE.....</b>   | <b>112</b> |
| ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....                                     | 113        |
| Todas as entrevistas feitas para a pesquisa sobre João Tomé..... | 116        |
| <b>ANEXO .....</b>   | <b>129</b> |

## **INTRODUÇÃO**

## 1. INTRODUÇÃO

*Guardo no cofre da recordação  
Lembrança doce de um feliz passado  
Oculto sempre no meu coração  
Resto de sonho já desfigurado  
Resto de sonho, 1942*

João Tomé era músico, viveu de música e para a música. De Minas Gerais mudou-se para o Brasil Central e viveu em Brasília de fevereiro de 1960 até agosto de 1971. O princípio de sua história dá-se em Uberaba, na região do Triângulo Mineiro. Sua trajetória apresenta acontecimentos que o motivaram a edificar seu próprio caminho pelo fato de ter nascido cego e necessitado apreender o mundo, viver e sobreviver, privado do acesso ao ensino formal, e depois por buscar meios de inserção social em uma época em que grande parte dos cegos era, assim como as pessoas com outros tipos de deficiência, ignorada pela sociedade. Através da música, Tomé firma-se como profissional respeitado e admirado em seu contexto social, constitui sua família e com a experiência profissional adquirida em 24 anos de atividade musical decide mudar-se com a família e colegas de profissão para Brasília.

A história da construção da nova capital federal, no meio do Planalto Central, contagiou centenas de brasileiros que decidiram participar do processo de modernização do Brasil. A nova cidade, tendo como marco inicial sua primeira construção, o Catetinho, foi erguida em um período de três anos e seis meses, sendo inaugurada em 21 de abril de 1960, ainda inacabada (VASCONCELOS, 1989). Faltava ser criada uma sociedade que representasse o povo brasileiro, uma sociedade que fosse a mistura de diversos sotaques e culturas de todo o Brasil. A cultura brasiliense nascia junto com a cidade, pela ação de músicos que iriam formar a sociedade musical brasiliense. Em fevereiro de 1960, se instalou provisoriamente na Cidade Livre, atual Núcleo Bandeirante, João Tomé, músico mineiro que, convidado a organizar e liderar um grupo musical para tocar na inauguração de uma boate, resolveu ficar e acreditar no sonho candango.

Propomo-nos, no presente trabalho, apresentar uma narrativa da história do músico João Tomé a partir da seleção de material documental e da fala de pessoas que compartilharam parte de sua vida convivendo, em momentos distintos, através de relações construídas no meio profissional e pessoal. Por meio da história de João Tomé, apresentamos um contexto social de uma época específica em que as relações de classe estão em constante mudança. Utilizando a música, como instrumento de inclusão em um



corpo social que se comporta, nas décadas entre 1930 e 1960, indiferente ao diferente, João Tomé conquista seu espaço na sociedade nos contextos de Minas Gerais e Brasília.

Para apresentarmos esse personagem, considerado por recentes pesquisas<sup>1</sup> acadêmicas como membro participante da *História do Choro em Brasília*, cabe a nós contar quem foi João Tomé, de onde veio, para onde foi, apresentando ‘nossa história’ a partir da coleta e análise de materiais diversos sobre o músico nascido no interior de Minas Gerais, na cidade de Uberaba, em 3 de março de 1920, que atuou profissionalmente nos campos da prática instrumental, composicional e educacional, tendo como cenário principal as cidades de Uberaba, Uberlândia e Brasília, esta última onde ele atuou no ensino de música, desenvolvendo um método de violão, trabalhos composicionais com ou sem parcerias, programas na Rádio e TV Nacional da Capital, além de ter participado de festivais de música como compositor, arranjador ou intérprete, e tocado com seu conjunto, formado por cegos (ex-alunos do Instituto dos Cegos do Brasil Central, de Uberaba), em boates e hotéis, entre os quais o Brasília Palace Hotel.

Conforme afirmado no parágrafo anterior, consideramos pesquisas anteriores no âmbito de importantes materiais que serviram como justificativa para a exploração do tema a ser pesquisado e que estão incorporados a nosso trabalho trazendo questões sobre a participação de Tomé no cenário musical de Brasília e sua possível contribuição para a continuidade das atividades do choro na Brasília de hoje<sup>2</sup>. Os trabalhos que evidenciam o início das atividades musicais e do choro na capital federal citam Tomé como músico pioneiro, com atuação na Rádio Nacional, como compositor e professor na rede pública de ensino do Distrito Federal.

A motivação para estudar a obra musical de João Tomé tem ligação com a minha história de vida, não somente por depender dele minha existência. Ele é meu avô materno. O avô que eu não conheci. Algumas de suas composições fizeram parte da trilha sonora do meu cotidiano, já desde a infância, pois meus pais e tios executavam suas músicas em reuniões familiares, em residências de amigos e em apresentações públicas. Nesses encontros, era comum ouvir relatos a seu respeito. Tomé era lembrado como um homem simples, alegre, que encantava as pessoas não apenas com suas músicas, mas com a sua educação, inteligência e carisma.

---

<sup>1</sup> Trabalhos nos campos da música, história e sociologia foram consultados por conter informações sobre nosso tema de pesquisa.

<sup>2</sup> Lara Filho, 2009; Clímaco, 2008; Franciss, 2007; Pereira, 2004; Vasconcelos Neto e Oliveira, 1997.

Na minha adolescência, com o desenvolvimento dos meus estudos musicais, comecei a participar dessas reuniões e incluí três músicas desse compositor no meu repertório: os choros *Estudando e Marangone*, e a valsa *Amor de Mãe*. Com o passar dos anos, me afastei dos círculos populares dedicando-me à música erudita. No ano de 2004, convidada a participar como produtora executiva de um CD com valsas e choros de João Tomé, aceitei, e participei de todo o processo de seleção das músicas atuando também como solista em algumas faixas. O retorno a parte do repertório que costumava escutar na minha infância e que passei a tocar na minha adolescência fez emergir memórias de um tempo em que a música de João Tomé era presente no ambiente musical que frequentava, fazendo assim, parte da minha formação musical.

As reflexões que se fizeram emergir com as lembranças resgatadas através das composições de Tomé guiavam-me para a pesquisa que desenvolvi durante esses anos de trabalho acadêmico. As memórias abarcavam histórias passadas no tempo em que Tomé era vivo, fazia música, amigos e admiradores; histórias de alegria, fé, trabalho, lutas e superação.

Para selecionar as músicas que estariam no CD, busquei nas fontes primárias de partituras do músico o material composicional, organizado pelo próprio Tomé, em nove volumes de composições, cada um contendo trinta músicas, somando 270 composições escritas em braille. Essa realidade que me foi apresentada despertou minha atenção e curiosidade em relação à obra composicional produzida por João Tomé, *tão perto e tão longe*<sup>3</sup>. Faço referência à história contada pelo cineasta alemão Wim Wenders, pois, assim como em seu filme os anjos estão próximos das pessoas mas não sabem o que é ser um humano, eu estava próxima do material musical, mas não sabia o que isso representava.

A minha proximidade com a obra de João Tomé faz-se, primeiramente, pela genética. Sou sua neta, filha de uma de suas filhas, que, assim como eu, também se tornou musicista. O local onde resido é o mesmo em que viveu meu avô. Suas músicas sempre povoaram as estantes de livros, alguns instrumentos seus estão guardados nos armários e cantos dos quartos, suas fotos fazem parte da decoração da sala.

(Re)construir a história de João Tomé, bem como compreender seu processo de legitimação profissional na área de música, ordenar e catalogar parte do seu material composicional dando uma real dimensão numérica de suas obras, identificar elementos de influência em suas composições em contraponto com o contexto histórico, buscar reconstituir

---

<sup>3</sup> Filme *Tão longe, tão perto*. Direção de Wim Wenders Road Movies, Berlim, 1993, 146 min.

a trajetória de João Tomé através da identificação de acontecimentos marcantes da sua vida nos aspectos pessoal e profissional são objetivos do trabalho.

Faz-se necessário contar como esse músico desenvolveu seu trabalho artístico, se analisarmos o fato de que João Tomé deixou registrado, em meios diferentes – braille, manuscritas a tinta e gravadas –, mais de trezentas composições suas.

Além da descoberta dessas músicas, observei que havia vasto material composto por manuscritos originais, gravações de ensaios e programas de rádio, recortes de jornais, fotografias e memórias – esquecidos<sup>4</sup> – que juntos poderiam desencadear um processo de pesquisa que revelasse a história de vida e a obra desse compositor que morreu aos 51 anos, em Brasília. Na coleta do material descrito foi possível observar:

1. A representatividade das suas atividades musicais;
2. Os locais de atuação profissional;
3. A variedade de gêneros musicais compostos (samba, choro, toada, marcha, bolero, valsa, bossa nova, entre outros);
4. Fontes primárias de material escrito e em meio magnético.

A metodologia que adotamos neste trabalho utiliza uma abordagem da etnopesquisa, compreendida na dimensão do vivido-concebido. Esclarecemos a escolha da metodologia e justificamos a linha de pensamento adotada no trabalho de pesquisa; todo o processo de coleta de material, divisão e seleção dos materiais, entrevistas e citações são explanados na parte 2.

Optei por dividir o trabalho de acordo com os seguintes temas: a vida e a música em Uberaba, mudança para Brasília, a prática composicional e o professor.

O trabalho é dividido em quatro capítulos.

No capítulo 1, apresentamos a história de João Tomé em Minas Gerais: onde nasceu, a família, a infância, o interesse pela música, os primeiros trabalhos remunerados e sua profissionalização. A narrativa segue até 1959, quando Tomé permanecia trabalhando em Uberaba.

No capítulo 2, envolveremos a narrativa no cenário de Brasília. A vinda para uma cidade ainda em construção, a adaptação, trabalhos, oportunidades, a família, alojamento, mudança definitiva e estabilidade pública. João Tomé conquistou um espaço no cenário

---

<sup>4</sup> Até hoje foram gravados três CDs cujo material fonográfico varia de uma faixa a todas as faixas de autoria do compositor.

artístico de Brasília através das atividades profissionais – na mídia, em eventos e em sala de aula – e de puro diletantismo – em encontros musicais da comunidade do choro.

No terceiro capítulo, apresentamos as composições, os gêneros, a divulgação das músicas nos meios de informação. As tabelas com os dados quantitativos das composições em braille e a tinta. As gravações em estúdio, caseiras, em apresentações públicas, em programas de Rádio e TV.

No quarto capítulo, narramos o caminho percorrido por João na área do ensino. Do auxílio aos deveres de casa das irmãs mais novas até a docência em Brasília, atuando no ensino público, o professor Tomé desenvolveu aulas de música em grupo, individual, performática e desenvolveu um método próprio de ensino de violão.

Como multi-instrumentista e líder de regional, conquistou espaço em emissoras de Rádio e TV das regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil; como compositor, conseguiu que algumas músicas fossem gravadas nas décadas de 1940 a 1960. Outras tentativas foram feitas e, mesmo não conseguindo mais espaço com as gravadoras, Tomé conquistou um lugar na emissora TV Nacional que levou ao ar um programa semanal liderado pelo músico, que interpretava suas canções e de outros compositores de projeção nacional dando espaço para amadores se apresentarem. Como professor, atuou no ensino público do Distrito Federal, tendo sido contratado em 1961 e obtido o título de professor pelo MEC em 1967.

Não me imaginara um dia pesquisando sobre o meu avô materno. Refletir sobre suas escolhas, seu trabalho, sua vida pessoal, sua história tornou-se um exercício constante para desvendar não apenas o João Tomé profissional da música, mas o personagem em sua vida particular, com seus sonhos e planos. A ideia primária era organizar e disponibilizar sua obra musical, mas à medida que a pesquisa foi sendo desenvolvida, revelou-se o personagem indissociável da sua música: o homem do interior que superou barreiras, enfrentou desafios e conquistou um espaço na sociedade.

João Tomé está vivo. Vive na memória de pessoas que conviveram com ele. Vive nas suas músicas que hoje tocam nas emissoras de rádio e estão disponíveis gratuitamente na internet, para os que são cegos ou não. O exemplo de autonomia “deixou um legado de sabedoria, desenvolvimento pessoal, moral e profissional a todos quantos tiveram a felicidade de compartilhar de tão singulares momentos de vida” (Tomé, 2003).

Desse modo espera-se contribuir para com os estudos musicológicos da música brasileira através da divulgação da história e principalmente do trabalho musical produzido por esse compositor da música popular brasileira.

## **METODOLOGIA**

## 2. VIVER E CONCEBER – METODOLOGIA DA HISTÓRIA DE JOÃO TOMÉ

*Não vejo mais estrelas no céu  
Não vejo mais a lua brilhar  
Tudo pra mim é escuridão  
Porque negaste a luz do teu olhar  
Não vejo mais estrelas, 1942*

A busca de uma metodologia apropriada para lidar com o sujeito da pesquisa ensejou uma reflexão constante, desde o início dos trabalhos até um mês antes da entrega do texto final, pela seguinte questão: a minha relação familiar com João Tomé. Sou sua neta, sou música e sempre estive rodeada do material em fotos, partituras, músicas, instrumentos, da memória de um avô que não cheguei a conhecer, com quem não pude conviver. A preocupação em não ‘contaminar’, ou seja, tornar as análises excessivamente tendenciosas, filtrando as informações para colocar apenas aspectos positivos da trajetória do sujeito de estudo, esteve presente nos debates em sala de aula e nos encontros com o meu orientador. Como me posicionar? Como devo me expressar? Devo revelar ao leitor minha relação com o pesquisado no início ou no final da *trama*? Seria uma narrativa descritiva dos fatos ou descritiva dos fatos e dos fatos? O sentir, tocar, ouvir... Emoções presentes na história e na memória emergida no processo de pesquisa.

Nas minhas experiências de coleta de material, para o qual vivi (e ainda vivo) durante estes dois anos de trabalho, a diversidade do material, das histórias, das vivências do personagem e daqueles que com ele conviveram dá-nos uma dimensão de comunalidade entre as áreas do conhecimento. Nas ciências sociais busquei apoio, principalmente, dos teóricos da filosofia, sociologia, educação. A dificuldade em enxergar, na maioria dos trabalhos de pesquisa, a valorização da inserção do pesquisador no seu campo de pesquisa permeou a maior parte do meu caminhar. O meu trabalho jazia inicialmente no campo da história, por assim dizer, pelo meu entendimento de se tratar de uma história de vida. A *aventura* que vivi, em tão curto período, foi proporcionada pelas leituras de autores ou sobre autores como Veyne e Le Goff, que guiaram meus primeiros passos. O ampliar do meu olhar ocorreu, em parte pela possibilidade de analisar a história de João pela ótica da filosofia, sociologia e da educação e, em outra parte, pelo conhecimento do método vivido-concebido. Um olhar etnográfico, descobridor, revelador.

## 2.1. OS LIVROS, AS RIMAS, AS MELODIAS: abordagem, método e técnicas da pesquisa

Os caminhos percorridos no processo de pesquisa são planejados, e apesar disso a pesquisa está sempre suscetível a mudanças. O pensamento lógico e certo deve ser sempre questionado quando a proposta objetiva é interpretar que significado os fenômenos têm para os indivíduos e a sociedade. Partindo dessas premissas, o trabalho foi formulado com o intuito de tornar públicas a história da vida e a trajetória artística de João Tomé.

Tomei como ponto de partida metodológico o estudo do tipo qualitativo a partir da descrição da trajetória do personagem. A análise dos dados coletados por meio das obras registradas em braille, a tinta, gravações em áudio, fotografias, jornais, diários, cartas, documentos diversos e entrevistas com pessoas que conviveram com João possibilitou-nos identificar os suportes metodológicos da história de vida, história oral e do estudo de caso, cujo entendimento, embora satisfatório do ponto de vista qualitativo, mostrou-se inadequado na explicação da relação entre pesquisador, sujeito pesquisado, ambiente de pesquisa e manipulação dos dados. Na busca por novas perspectivas, cheguei à metodologia do vivido-concebido, desde dentro para desde fora, em que ao *fazer* do trabalho acadêmico é permitida a edificação das informações coletadas sob a perspectiva do universo simbólico da comunidade envolvida (SANTOS, 1988).

O primeiro contato com a metodologia do vivido-concebido deu-se no período final do processo de pesquisa, por um encontro de analogias, descobertas e redescobertas do ponto de vista do pesquisador. A ideia de conviver, observar, aproximar-se e criar laços perpassou todo o período de convívio com os materiais e os familiares de João. Uma pesquisa que se constitui com o apoio metodológico *desde dentro para desde fora* na dimensão do vivido-concebido permite edificar as informações coletadas e observadas no ambiente de pesquisa sob a perspectiva do observado em fusão com a experiência vivida pelo observador. A compreensão metodológica do vivido-concebido avança nas relações sociais vividas por uma pessoa ou comunidade em um contexto histórico em que o entendimento dos valores empregados na inserção do sujeito em uma ordem coletiva faz-se necessária. Sendo assim, é viável ultrapassar ‘da porteira para dentro’ pois é esse o processo em que o sujeito e a comunidade “compartilham conhecimentos, sentimentos e emoções comuns, que se estabelecem e se fortalecem os vínculos de aliança e se estrutura identidades” (LUZ, 1992, p. 59).

Esta pesquisa começou situada na abordagem qualitativa, conformando-se pelo caráter descritivo e adotando o estudo de caso como método. Mesmo após as leituras obrigatórias de teóricos que explanavam suas estratégias metodológicas no campo das pesquisas dos

fenômenos humanos, existia a dificuldade de visualizar os *caminhos percorridos* com a teoria proposta. Foi um desafio entender o campo metodológico, e a busca por essa compreensão guiou-me até a dimensão do *vivido-concebido*.

A caracterização do trabalho no campo da etnografia foi visualizada na fase de análise dos dados coletados. O campo de pesquisa foi dividido em duas partes: a primeira caracteriza-se por documentos e registros, a segunda, pelos entrevistados e pelo convívio com os familiares. De acordo com a teórica e etnóloga Juana Elbein dos Santos (1988), podemos encontrar descrições diferentes de um mesmo fenômeno ou objeto, em que, segundo o método utilizado na observação e a situação sócio-histórica do pesquisador, determinado elemento é posto em evidência, outro passa despercebido ou é ignorado. Santos acrescenta “o etnólogo, por mais prevenido que seja, não pode facilmente desembaraçar-se de um mesmo fenômeno ou objeto, de sua própria história e do quadro de referências da ciência no seu próprio processo histórico.

Não sou etnóloga, mas a partir das leituras dos trabalhos de Santos (1988) e Souza (2005) pude visualizar, no caminho percorrido por mim, uma similaridade com o processo descrito pelas pesquisadoras. O campo da etnografia foi para mim revelador. Do momento em que compreendi a minha posição sócio-histórica, estar ‘iniciada’ no contexto pesquisado, apreender elementos da história do sujeito pesquisado ‘desde dentro’, mediante uma inter-relação dinâmica do contexto pesquisado, e ao mesmo tempo, poder abstrair dessa realidade os mecanismos da história e seus significados dinâmicos, em um alheamento consciente ‘desde fora’, foi possível *construir* a história de João Tomé pela ótica do vivido-concebido.

Outros materiais teóricos e de pesquisa que utilizaram a concepção metodológica do vivido-concebido serviram de suporte para a fundamentação do processo realizado na construção da *história* de João Tomé. Souza (2005) utiliza-se dessa dimensão pela possibilidade “de um olhar e um sentir permeado de emoções, afetividade e sentimentos”. Este era o elemento até então inexistente na narrativa construída com o suporte dos dados coletados. Na minha concepção de pesquisa, adquirida durante o Programa de Pós-Graduação em Música e baseada em teóricos nas diferentes áreas do conhecimento fenomenológico, *o olhar e o sentir com emoção* eram inviáveis.

Partindo da afirmação de que a etnometodologia é uma teoria do social, considerei a abordagem metodológica de cunho qualitativo e descritivo explorando a análise de documentos e as falas dos entrevistados do ponto de vista ‘desde dentro para desde fora’ do universo ‘vivido-concebido’ da história de João Tomé. A pesquisa descritiva possibilita precisar detalhes de um fenômeno, sem explicá-lo ou analisá-lo, que, apesar de ter sido importante em uma determinada época, ficou esquecido em um determinado lugar ou época.



A abordagem qualitativa mostrou uma diversidade de pontos de vista que ajudaram na interpretação aproximada de um fenômeno social e na compreensão dos seus significados (GROULX, 2008).

Na perspectiva ‘desde dentro para desde fora’, a pesquisa sobre João Tomé enquadrou-se na subdivisão dos três estágios: o factual, a revisão crítica e a interpretação.

O estágio factual narra a vida de João Tomé do nascimento até a sua morte. A pesquisa foi guiada, no primeiro momento, pela coleta do material e memórias que parentes disponibilizavam para serem analisados, quais sejam documentos, registros oficiais e pessoais, fotografias, áudios e entrevistas cuja realização seguiu um roteiro semiestruturado. A justificativa para a utilização de entrevistas foi possibilitar uma coleta de dados que enriquecesse as informações encontradas em documentos, a respeito da atuação profissional e pessoal do sujeito pesquisado. Segundo Macedo (2006), a entrevista é um recurso extremamente significativo para a etnopesquisa, ultrapassando a simples função de coleta instrumental de dados. Mais do que juntar informações que consideramos relevantes para a pesquisa, a coleta de dados revelou informações que a própria família desconhecia ou esquecera pelo passar dos anos em que os fatos adormeciam em um ponto recôndito da memória ou em um álbum deixado no armário. As entrevistas iniciaram-se ainda na segunda metade do ano de 2008 e transcorreram até o primeiro semestre de 2010. Os entrevistados foram selecionados de acordo com a ligação com João Tomé, expondo o tipo de relação vivenciada, em que período de sua vida isso se deu e as implicações desse convívio. Sobre o processo de coleta e seleção de materiais, as informações estão especificadas nos itens 2.2 e 2.3, respectivamente *amostragem e procedimentos*.

As adaptações pensadas de acordo com os recursos de pesquisa, história de vida, análise de documentos oficiais e pessoais, narrativas e entrevistas permearam todo o período do trabalho científico. Não pretendo dar conta de tudo. As complexidades existentes em se escrever a história de alguém são múltiplas. Tratar questões de ordem social levando em conta a história pessoal de um indivíduo tornou-se o meu ponto de apoio. Quais os caminhos percorridos por João Tomé para que, através da música, conseguisse seu espaço na sociedade?

O segundo momento da pesquisa corresponde ao estágio da revisão crítica, e posso caracterizá-lo como um processo de mudança de olhar em relação ao foco da pesquisa. A pesquisa, antes centrada no período específico de Brasília em que João Tomé conquista seu espaço como profissional da música e do ensino musical, passa a comportar o período anterior a Brasília, reforçando assim o processo até a afirmação profissional na capital federal. Essa reflexão redefiniu o papel dos dados coletados e sua utilização para a construção da história.

No meu caso específico, de mudança metodológica de *estudo de caso* para *vivido-concebido*, foi mínima a interferência subjacente ao novo foco de olhar, por se tratar de um tipo de pesquisa qualitativa e de viés descritivo, trazendo ganhos para o entendimento do processo de pesquisa vivenciado. A soma efetuada pela revisão bibliográfica própria do princípio metodológico do vivido-concebido enriquece o diálogo entre os autores selecionados para interpretar os dados. Essa estratégia é descrita na terceira fase do trabalho científico.

No estágio da interpretação, que constitui o último período, busquei apoio nos estudos de autores que permearam todo o processo de pesquisa trazendo o suporte metodológico e a análise dos dados coletados. O campo do saber inclui diversas áreas de conhecimento investigadas por Santos, Souza, Luz, Febvre, Le Goff, Ferraroti, Bosi, Veyne, Benjamin, Morin, Bardin, Gardner e Freire.

A análise de conteúdo permitiu ordenar e cruzar informações extraídas do material coletado, compreender os pontos de vista dos participantes da pesquisa que conheceram ou conviveram com o sujeito de estudo e, ainda, compreender aspectos da dimensão humana, entre eles, as motivações, as atitudes, os valores e as crenças, do ponto de vista de Bardin (2002). Buscamos trazer *da escuridão* a história da vida de João Tomé, um cego nascido no interior de Minas Gerais em 1920 cuja aptidão artística se manifestou em sua infância e se desenvolveu ao longo de sua vida. Tomé cresceu na música e dela viveu.

Os documentos organizados e deixados por Tomé, suas músicas e as falas dos entrevistados que partilharam com ele momentos de suas vidas fizeram parte da construção desse personagem, o homem que mesmo tendo vivido em uma sociedade de exclusão da pessoa com deficiência não se deixou vencer e, utilizando a música como instrumento de inclusão na sociedade de sua época, constituiu carreira e nome nas localidades onde viveu. Foram suas capacidades de aprendizagem fora de instituição de ensino que lhe permitiram construir sua identidade com valores advindos do meio familiar, religioso, artístico e social, desenvolvendo sua autonomia e independência.

Pretendo divulgar as composições de Tomé como uma contribuição para a música popular brasileira trazendo a lume uma época e uma sociedade através dos gêneros composicionais evidenciados em sua obra musical. O material musical é extenso e o coloco à disposição de outras pesquisas com as temáticas de estilo, gênero, forma musical.

## 2.2. CURIOSO, REVELADOR E MÁGICO: amostragem

Foram selecionadas onze pessoas – três homens e oito mulheres – com idades entre 52 e 88 anos. Elas conheceram e/ou conviveram com o sujeito da pesquisa, em diferentes momentos, seja no aspecto pessoal ou profissional. Os entrevistados residem em regiões diferentes: Distrito Federal, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Goiás. Seis deles moram em Brasília; dois em Uberlândia; um, em Uberaba; um, no Rio de Janeiro; e um, na Cidade Ocidental<sup>5</sup>. O grau de escolaridade varia entre o ensino fundamental incompleto e o superior completo. Dos entrevistados, sete têm parentesco de algum grau com o sujeito da pesquisa e quatro tiveram contato profissional e/ou pessoal. Desses quatro últimos, dois deles tornaram-se amigos pessoais do sujeito.

As pessoas da família escolhidas para as entrevistas foram a esposa, três irmãs e duas filhas e um filho de João Tomé. Os outros entrevistados são um amigo da época da juventude (década de 1940), um ex-aluno e amigo (década de 1950), uma colega de trabalho em Brasília (década de 1960) e uma ex-aluna de violão em Brasília (década de 1960).

O período em que foram realizadas as entrevistas vai de outubro de 2008 a maio de 2010, tendo três delas sido feitas em 2008 e oito em 2010. Quanto aos locais das entrevistas, cinco foram realizadas na residência dos entrevistados, outras três na casa de parente, uma na casa de uma filha do sujeito da pesquisa, e duas no Campus Universitário Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília (UnB).

Os procedimentos escolhidos para a coleta de dados foram a utilização de meios de gravação em fita cassete, em material áudio visual em meio *MiniDisc* e em gravador de áudio digital em formato *Wave*. As três primeiras entrevistas foram registradas em fita cassete, as cinco seguintes em audiovisual e as três últimas em áudio digital. Nas três primeiras entrevistas, realizadas no ano de 2008, o tempo previsto de duração era de uma hora. O tempo médio de permanência foi de uma hora e meia. Nas entrevistas filmadas, o planejamento foi diferente. A cada entrevista eu havia previsto duração de trinta minutos. Algumas duraram mais, variando entre 35 minutos e uma hora. As três últimas entrevistas tinham tempo previsto de trinta minutos. A primeira durou 29 minutos; a segunda, 45 minutos, e a última, 20 minutos. As perguntas eram abertas, levando em consideração as informações fornecidas pelos entrevistados, sugerindo assim o acréscimo de perguntas relacionadas.

---

<sup>5</sup> Município do estado de Goiás localizado no entorno de Brasília.

A amostra selecionada foi a proposital (TURATO, 2003) ou do tipo não probabilístico (GROULX, 2008), o que foi significativo para este trabalho, uma vez que as pessoas escolhidas deram informações que ajudaram a preencher os objetivos da pesquisa, ou seja, contribuíram para o preenchimento da lacuna entre o que existia ou se sabia e o que se desejava saber a respeito da vida e obra de João Tomé.

Utilizei um roteiro<sup>6</sup> prévio com perguntas que variaram de uma a oito, objetivando uma unidade nas respostas, mas tendo o cuidado de não interferir, para permitir que o participante se expressasse livremente. Como as entrevistas ocorreram em momentos distintos com pessoas que possuíam relação em tempos e funções diferentes, as perguntas foram diferentes, direcionadas com a relação pré-estabelecida entre o entrevistado e o sujeito da pesquisa.

Durante as entrevistas foram percebidos, na fala dos entrevistados, sentimentos de orgulho por ter convivido e aprendido com o sujeito da pesquisa. Outro sentimento notado em todas as falas é a admiração pelas conquistas e realizações na vida pessoal e, principalmente, na vida profissional. Na fala dos entrevistados, houve a repetição de características comportamentais e do caráter de João Tomé.

Na pesquisa qualitativa, Bogdan e Biklen (1994) recomendam o registro do estado emocional do entrevistado e do entrevistador, e de outros aspectos que possam influenciar os dados coletados.

A análise de documentos seguiu o entendimento de alguns conceitos, no campo da história. Os conceitos de documento, o conhecimento de um método científico de trabalho, as escolas de pensamento e as linhas de pesquisa fazem parte do processo de conhecimento exigido para a compreensão da escolha metodológica. Ao tratar de uma pesquisa fundamentada em documentos, a coleta e a preservação de registros escritos, entendidos, são, por excelência para a realização de pesquisa histórica. De acordo com Samara e Tupy (2007), documentos pessoais e entrevistas fazem parte de um acervo pessoal e/ou conjunto de dados relativos à vida de um indivíduo, e podem sustentar tanto a elaboração de biografias como a revelação do ambiente político e intelectual de um determinado período.

Os materiais utilizados para a pesquisa foram recortes de jornais, documentos originais, fotos, material de áudio original em fitas magnéticas de oito milímetros, CDs e livros de partitura em braille e a tinta. Inicialmente, o material utilizado na pesquisa estava disperso na casa de filhos de João Tomé. As partituras em braille e a tinta, alguns documentos

---

<sup>6</sup> Roteiro das entrevistas está disponibilizado no Apêndice.

e uma pequena parte de arquivos sonoros digitalizados estavam na casa de Dolores. Todo o material contendo jornais, fotos e elementos de áudio estava na casa de Ismael, a cujo zelo deve-se a digitalização das peças em papel e de parte do material em áudio, o que permitiu o rápido e prático acesso às informações assim armazenadas, facilitando a pesquisa e evitando o contato manual com peças fragilizadas pelo tempo.

Mesmo com o material digitalizado, tive acesso aos originais. Uma parte do material em papel data das décadas de 1930 e 1940, ou seja, são papéis com mais de setenta a oitenta anos. O contato manual foi evitado ao máximo para não danificar o material. Alguns papéis possuem partes de texto com qualidade ruim de leitura decorrente do tipo de armazenamento. Os jornais eram recortados e colados em folhas avulsas para depois serem organizados e formarem um álbum. Os recortes eram grudados com um tipo de cola feita artesanalmente pelo próprio sujeito, ou seja, por João Tomé. Por conta disso, alguns papéis, hoje, encontram-se manchados e sem possibilidade de leitura. Outra questão observada com os recortes é que alguns não expunham data e/ou nome do jornal que os identificassem. No entanto, a grande maioria do material contido nos recortes de jornais seguia uma linha cronológica de organização, o que tornou possível inferir datas e locais de acordo com o assunto armazenado.

Os documentos sonoros (fitas magnéticas, fitas cassete, CDs) e visuais (fotografias, jornais, cartas, diários, partituras) foram portadores de informações úteis para a compreensão da identidade musical de Tomé, da sua habilidade criativa ao compor e na execução de instrumentos diversos.

Em resumo, pode-se afirmar que a análise documental, além de guardar vestígios do cotidiano da atividade humana, em determinado período ou passado recente, serve para cruzar as informações coletadas por meio das entrevistas, que, por vezes, podem ser limitadas pelo esquecimento de fatos importantes, pela alteração das lembranças ou pela deformação de acontecimentos (CELLARD, 2008).

### **2.3. CONTAR HISTÓRIAS E REGISTRAR A MEMÓRIA: procedimentos**

A entrevista feita com a esposa do sujeito da pesquisa começou com um diálogo informal para depois ser gravada. Ela foi conduzida por uma pergunta principal e as outras surgiam de acordo com lacunas na narração ou na história documental. O registro foi feito em fita cassete.

As entrevistas realizadas com as irmãs ocorreram no mesmo dia e local. O ambiente de gravação foi o mesmo para as três entrevistadas, tendo sido escolhido de acordo com a luminosidade e isolamento acústico para evitar a interferência de sons exteriores. Contou com o apoio de um colaborador externo à pesquisa, que ficou responsável pelo manejo da câmera de vídeo, ajudou na adaptação do roteiro de perguntas, atuando também, em alguns momentos, como entrevistador. As filmagens começaram na parte interna da casa, onde havia uma confraternização das irmãs ao redor de um computador portátil, apoiado em uma mesa central, que reproduzia músicas de João em novas interpretações. As memórias emergiam. Decidiu-se filmar esses momentos anteriores à entrevista pela espontaneidade das falas e emoções. A duração prevista de cada entrevista foi de trinta minutos por irmã, tendo excedido no máximo dez minutos em relação ao tempo estimado. As entrevistas foram feitas separadamente com cada uma. Foram repetidas as mesmas perguntas para as três, acrescentando-se algumas outras questões, dependendo do que era revelado nas falas.

As entrevistas com as duas filhas e o filho do sujeito da pesquisa foram realizadas, nessa sequência, em locais e meios diferentes. A primeira foi realizada no Campus Darcy Ribeiro da UnB e foi registrada em meio audiovisual digital. A segunda e a terceira entrevistas foram realizadas na residência de cada um dos entrevistados e gravadas apenas em áudio digital. A primeira contou com o apoio de colaborador externo que conduziu as perguntas e o manejo da filmadora, e nas outras duas, prescindiu-se desse tipo de colaboração. Essas entrevistas duraram, respectivamente, 50, 45 e 20 minutos.

As entrevistas feitas com outros participantes foram realizadas em locais distintos. Duas foram realizadas na residência dos entrevistados, uma no Campus Darcy Ribeiro da UnB, e a última delas, na casa de uma das filhas do sujeito da pesquisa. As duas realizadas na casa dos entrevistados foram planejadas para durar uma hora cada, tendo sido de uma hora e meia o tempo médio de permanência com os entrevistados. A entrevista feita no Campus Universitário ocorreu em local aberto, em período de trinta minutos. Antes de começar a gravar houve um breve diálogo sobre as lembranças em relação ao sujeito da pesquisa. A entrevista feita na residência de uma das filhas do sujeito da pesquisa, ocorrida com um amigo de juventude de Tomé, durou trinta minutos e foi registrada em local fechado e em áudio e vídeo digital.

Os procedimentos para acesso aos documentos escritos e em áudio iniciaram no ano de 2008. Todos os materiais de áudio original, juntamente com um aparelho de som, ficaram comigo. Pude ouvir uma parte das fitas e perceber dificuldades de manuseio e preservação. Várias vezes os remendos já feitos nas fitas arrebentavam ou novos pedaços já haviam

perdido a elasticidade necessária e se rompiam. Os custos para a digitalização em estúdio eram altos, então foi decidido utilizar apenas o material que estava digitalizado.

No material de áudio digitalizado foram encontradas gravações de alguns programas da Rádio e TV Nacional de Brasília, gravações caseiras de composições de João Tomé interpretadas apenas por ele ou com a participação de colaboradores. Também foram encontradas aulas de música organizadas por temáticas específicas. Alguns desses materiais de áudio foram digitalizados em rotação diferente da original. Outro problema relatado por Ismael Tomé foi a constante falta de energia elétrica que ocorria em Brasília, principalmente na Asa Norte<sup>7</sup>, afetando assim, a qualidade final do material registrado.

O material armazenado pela família de Tomé, representada por personagens da minha história como a minha avó, tios, tias, e minha mãe, foi de grande valia para o desenvolvimento da pesquisa. Mesmo que parte do material (jornais, fotos e gravações) tenha apresentado dificuldades de leitura, de nitidez ou entendimento auditivo, considero que houve uma boa conservação, principalmente se levarmos em conta a falta de conhecimento técnico de arquivo.

A partir dos materiais foi possível o desvelamento de uma parte da história da vida de João Tomé que os filhos desconheciam: o período pré-família, a época de juventude, de descobertas.

A construção do personagem da história pela história registrada em documentos só foi possível graças a João Tomé, que desde o ano de 1936 teve o cuidado de guardar tudo o que a imprensa noticiava sobre ele. Teria João Tomé ideia de que sua vida poderia ser contada através desse material? Teria ele imaginado que noventa anos após seu nascimento sua história seria contada por um membro de sua família? Segundo uma de suas irmãs, João não enxergava o presente, ele via o futuro.

Do futuro vamos viajar para o passado. Nosso cenário será Uberaba, passando por cidades vizinhas até chegar a Brasília. Os sonhos, os desejos e a realidade vivida por João foram captadas e (re)contadas pelo olhar de dentro para fora, pela poesia, pela música, pela arte de alegrar e não se aborrecer, de agradecer e viver. Ser feliz.

---

<sup>7</sup> O Plano Piloto de Brasília, concebido pelo urbanista Lucio Costa, evoca a figura de um avião, em cuja fuselagem, de orientação leste-oeste, localizam-se os principais prédios do governo federal (na Praça dos Três Poderes e Esplanada dos Ministérios), outras edificações institucionais e do governo do Distrito Federal (Eixo Monumental). Ao sul e ao norte derivam-se as duas 'asas' desse 'avião', dedicadas a diversos usos, inclusive o residencial.

**CAPÍTULO 1**



### 3. VIDA e MÚSICA: o despertar de um artista

*O dia já vem chegando  
A lida começa em casa  
A lenha tá se queimando  
No fogo pra fazer brasa  
**Rompe a manhã, 1937***

Em 1889, com a proclamação da República, a questão sobre transferir a capital do Brasil para o interior volta a ser pensada e ligada ao ideal de defesa e do desenvolvimento do país. O artigo terceiro da primeira constituição republicana, de 1891, determinava: fica pertencente à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 km<sup>2</sup> que será oportunamente demarcada para nela estabelecer a futura Capital Federal.

Floriano Peixoto<sup>8</sup>, em 1892, oficializou a comissão exploradora do Planalto Central do Brasil, liderada por Luiz Cruls<sup>9</sup>. A expedição ficou conhecida como Missão Cruls e contou com uma equipe de biólogos, médicos, engenheiros e botânicos. O ponto de partida foi o Rio de Janeiro, de onde foram de trem até Uberaba, Minas Gerais, e de lá seguiram para o Brasil Central utilizando transporte de tração animal, percorrendo mais de quatro mil quilômetros nas terras onde, 65 anos depois seria construída Brasília.

As localidades de Uberaba e Brasília são cenários importantes no processo de interiorização do Brasil e da história de nosso personagem principal, que começa em Uberaba, no ano de 1913, quando se casam<sup>10</sup> Antônio Thomé Ferreira e Marinha Emília de Almeida. Em 1917, Antônio é recém-empregado da companhia ferroviária local. Marinha acompanha o marido e prepara-se para receber os futuros filhos do casal. Em 3 de março de 1920 nasceu João Tomé, na casa onde seus pais moravam, próxima à estação de trem Irara, que fica entre os municípios de Uberaba e Uberlândia, no Estado de Minas Gerais. Isso porque seu pai, na função de ferroviário da Companhia Mogiana<sup>11</sup> de Estradas de Ferro, fora designado para trabalhar como manobrista nessa estação. Sua mãe era dona de casa e teve oito filhos, dois dos quais morreram ainda crianças. João foi o quarto filho do casal a nascer, e sua deficiência visual só foi percebida quando estava prestes a completar um ano. Aos poucos, a reduzida luminosidade que a criança vislumbrava foi-se apagando e, aos cinco anos, João Tomé estava completamente cego.

---

<sup>8</sup> Segundo presidente da República.

<sup>9</sup> Luiz Cruls, astrônomo belga e pesquisador.

<sup>10</sup> Certidão de casamento na seção 1 do Anexo.

<sup>11</sup> Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, em Uberaba desde 1889.



**Ilustração 1 – João Tomé quando criança.**  
**Foto: arquivo de Alcione Tomé**

Ainda criança, João mudou-se para Uberaba, para onde seu pai foi designado pela Companhia Mogiana a ocupar o cargo de chefe de trens de carga. Sua infância foi como a de qualquer outra criança de sua época: brincava com seu irmão e irmãs e ajudava nos afazeres domésticos, como na limpeza da horta, da casa e no corte de lenha. Sobre a infância na chácara onde moravam, nas proximidades da estação, as irmãs mais novas do que ele, Aparecida<sup>12</sup> (nascida em 1922) e Maura<sup>13</sup> (nascida em 1924) recordam:

Ele ajudava sim. Ele carregava as latas d'água, naquela época não tinha água encanada como hoje. Ele ia lá na bica, colocava no carrinho e puxava o carrinho, e não enxergava. Pelo tino dele, ele ia direitinho, parava na porta da cozinha. Isso me impressionava... desde pequena. Nós éramos 'menor' que ele. Quando a gente morava na chácara eu era pequena e ele maior...

---

<sup>12</sup> Conceição Aparecida Thomé Ferreira, irmã de João Tomé. Entrevista feita em 31 de janeiro de 2010. Todas as memórias de Aparecida sobre o irmão foram recolhidas nessa entrevista.

<sup>13</sup> Maura Thomé Ferreira, irmã de João Tomé. Informações coletadas de seu diário pessoal. Material disponibilizado em maio de 2010.

tinha um carrinho de mão, nós deitávamos e ele ia na rua... tinha um morrinho, ia até a esquina (Aparecida).

Hoje me recordo com saudades da minha infância querida tão simples e tão ingênua. Recordo com saudades, não havia luz elétrica e rádio. Brincávamos com a luz do luar ou então com uma velha lamparina no canto do quintal. Durante o dia, eu recortava figuras de cavalos e dos mocinhos. Meu irmão João, com a lamparina fazia cinema para todos nós. Este cinema não era de graça, cobrava-se apenas um tostão. Como era belo o nosso cinema, era ao ar livre, as poltronas eram os caixotes de goiabas e os bancos de madeira. Meu irmão era muito popular, dava atenção a todos. As crianças dos vizinhos estavam sempre lá com seu dinheiro na mão. Era tanta risada! Muitas vezes eu pregava os cavalos errado [...] Depois do cinema nossa mãe servia café com bolinhos de polvilho. [...] Que saudades eu tenho da chacinha querida. [...] Com todo o trabalho que tínhamos de olhar as galinhas, os suínos, aguardar as plantas e outros serviços como levar marmita na estação para meu pai. Ainda havia tempo para brincar. O meu irmão era cego, mas nós brincávamos de ‘pique corre’, eu muitas vezes ficava olhando e admirando como ele corria mais do que eu (Maura).

Ainda sobre as brincadeiras e deveres na infância, o *Jornal do Brasil* de 1971 divulga, na coluna *Gente*, uma curta história sobre João Tomé que inclui essa fase de sua vida.

Educado como os outros meninos, cuidou de hortaliças, limpou quintal, apanhou lenha, varreu chão e carregou lata d’água. Certa vez, brincando de mocinho, entrou correndo na sala e quebrou o nariz na máquina de costura. Até agora não sabe se a dor maior não foi a de ter deixado o bandido escapar. Aos 10 anos aprendeu a tocar viola passando a animar todos os bailes com a sua música (**Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, coluna *Gente*, 26 abr. 1971).

A diferença com relação ao irmão, às irmãs e às outras crianças estava em não poder frequentar a escola aos sete anos, idade em que as crianças eram aceitas nas instituições de ensino. Não existiam escolas inclusivas e apenas quatro instituições de ensino, no Brasil, na década de 1920, aceitavam pessoas cegas: Instituto Benjamin Constant e Escola Rodrigues Alves, na cidade do Rio de Janeiro; Escola Estadual São Rafael, em Belo Horizonte; e Instituto de Cegos Padre Chico, na cidade de São Paulo. Dadas as condições econômicas da família Thomé Ferreira e a distância entre Uberaba e as escolas específicas para cegos, João Tomé nunca pôde frequentar escola formal.

### **3.1. BRINCAR, APRENDER, ENSINAR: o despertar e o desenvolver das aptidões artísticas**

As barreiras físicas e sociais não impediram o seu desenvolvimento intelectual. A curiosidade era o combustível que o movia em busca de respostas para solucionar questões do

dia a dia. Por meio do tato, aprendeu a ler as letras de forma grafadas nos rótulos das embalagens de vidro de medicamentos ou produtos alimentícios. Nesse sentido, vale a pena esclarecer que as crianças cegas fazem as suas descobertas sobre o mundo por meio do tato, da audição, do olfato, do paladar e pela influência da linguagem das pessoas que enxergam, segundo afirmam Santin e Simmons (1977, p. 4). Complementando essa ideia, Perrenoud (1999, p. 10) sustenta que toda ação necessita de alguns conhecimentos, sejam elementares ou complexos, mas que a aquisição da competência no desenvolvimento de determinada atividade deve conter atitudes adquiridas na formação e na experiência, entre elas, a curiosidade e a paixão.

Na infância, João também demonstrava aptidões musicais, o que levou o seu pai a presentear-lo com uma viola. O interesse pela música foi estimulado pelo fazer musical em casa, com a família. “É que o papai tocava uma sanfoninha pequena que ele chamava de ‘cabeça de cavalo’. João via o papai tocar, ficou iludido com a sanfona... o papai começou a ensinar e deu a viola. Aí o papai comprou uma violinha [...] papai tinha uma sanfoninha de oito baixos” (Aparecida). Aos dez anos, começou a estudar<sup>14</sup> música com pessoas amigas da família que tinham conhecimento musical. Nesses estudos, com o passar dos anos da fase de criança para adolescente, foi adquirindo prática em alguns instrumentos, entre eles o acordeão de oito baixos, cavaquinho, violão, instrumentos de percussão e flauta.

Ao perceber o desenvolvimento musical do jovem, seu pai pensou na possibilidade de tornar essa atividade rentável para o sustento do filho. Sugeriu ao jovem que tocasse a sanfona de oito baixos no trem de passageiros, do qual exercia a função de chefe, no trecho Uberaba - Araguari - Uberaba. Para surpresa de todos, João rejeitou a proposta e passou a ter repulsa pelo instrumento.

A flauta era um instrumento que chamava a atenção do menino. João, com a ajuda das irmãs, construiu sua primeira flauta. As memórias de suas irmãs revelam como foi o início do aprendizado e da construção do instrumento de sopro. Em seu diário, Maura recordou como ocorreram o *fazer* do objeto e o *fazer* música.

Recordo quantas noites ele passava tocando flauta e aprendendo a tocar violão. A flauta fomos nós que fizemos de um pedaço de bambu, recordo como se fosse agora. Eu, ele e esse amigo<sup>15</sup> esquentávamos um ferro de

---

<sup>14</sup> Consideramos a informação contida no currículo de João Tomé feito em 1967 e na informação divulgada na coluna ‘Gente’ do Jornal do Brasil de 26.04.1971. Os dois documentos trazem a informação sobre o início do aprendizado musical aos dez anos. Ver seção 2 do Anexo.

<sup>15</sup> No diário de Maura, em trecho anterior ela explica quem é esse amigo. “O nosso velho amigo que chamava Aristides, apelidado de Sombra [...]”.

ponta e ele fazia os buracos no bambu, depois passava a lixa e perguntava: ‘– *Está bonita a minha flauta? Hoje vou fazer uma música, vou tocar a minha flauta de bambu*’, dizia meu irmão (Maura).

Aparecida conta suas lembranças quando inquirida sobre a relação de seu irmão João com a música e o aprendizado dos instrumentos.

Ele aprendeu a tocar viola e depois inventou de tocar flauta. Ele mesmo fez uma flauta. Papai tinha um bambuzal, meu irmão cortou o bambu, porque ele era muito minucioso com as mãos, limpou bem o bambu, prendeu o prego bem grosso no alicate, esquentou no fogo até ficar vermelho, pôs a mão, veio, marcou direitinho e furou. Fez os buracos direitinho (Aparecida).

Na reportagem de César Vanucci<sup>16</sup> há menção à flauta de bambu construída por João ainda criança. “[...] Já se sentia atraído pela música e no quintal de sua casa aprendia sozinho a extrair sons de uma flauta de bambu fabricada com paciência por suas mãos de menino”. Outra referência à flauta feita por João foi escrita na crônica<sup>17</sup> intitulada ‘A flauta de Tomé’, veiculada na Rádio Educadora de Brasília:

[...] Na conversa que mantivemos aquela noite, falamos sobre música, sobre a necessidade de surgirem composições sobre Brasília fixando a obra grandiosa aqui realizada. Depois a conversa caiu sobre a carreira de João Tomé. Contou-se as peripécias do aprendizado, a luta pela manutenção da família, muitas vezes luta árdua e em condições difíceis em cidades do interior de Minas. Foi quando o músico pediu licença, foi a um dos quartos do apartamento na Asa Norte e surgiu com um pedaço de bambu do tamanho de dois palmos e me mostrou perguntando se eu sabia o que era aquilo. Uma flauta de bambu, eu respondi. Tomé respondeu: ‘–É... foi feita por mim há muito tempo... não tinha dinheiro para comprar instrumento e precisava trabalhar. A família crescia... você sabe como são as coisas, né?’ e tentou tirar sons da velha flauta. Não saíram. Tomé não se afobou. Abriu os sons dolentes de uma valsa lenta que encheram a sala de notas e os corações de lembranças [...] (Clemente Luz, 1966).

A fala de Aparecida sobre a habilidade do irmão no sentido do tato, no manuseio de materiais, contando que “ele era muito minucioso com as mãos” revela a destreza de Tomé. Utilizando-se dessa inteligência e da colaboração de suas irmãs, João não constrói apenas a

---

<sup>16</sup> César Vanucci, jornalista natural de Uberaba. Trecho extraído do Tabloide de domingo, Uberaba, 20 set. 1959, p. 6-7.

<sup>17</sup> Crônica escrita por Clemente Luz em Brasília e transmitida pelo rádio no dia 4 de julho de 1966. Texto disponível na seção 6 do Anexo.

flauta de bambu, constrói diversos instrumentos de percussão. Nas memórias de Aurora<sup>18</sup>, irmã cinco anos mais nova que João, são reveladas as atividades de construção de instrumentos com materiais do terreno da chácara onde moravam e do estímulo dado às irmãs para que participassem do *fazer* o objeto sonoro e do *fazer* musical.

Naquela época ele que fazia cuíca, lembra? Ele fazia cuíca, ele que fazia o chocalho com a... naquela época plantava... não era abóbora, era a cabaça. Em casa tinha plantação de conta de lágrima, então, a gente tinha o capricho de catar aquelas contas de lágrima e ele tirava todos aqueles fiozinhos dela e a gente enfiava o cordão e ele ia contando, contando, e ele fazia, ele mesmo fazia o chocalho com aquela cabaça. ‘Tinha’ elas coloridas, então, a gente mesmo colocava, botava duas ou três assim, pra enfeitar. Ali eu tocava cabaça, eu tocava cuíca, tocava pandeiro. Era o que eu mais gostava de tocar. O pandeiro ele que fazia. Ele fazia com couro do veado. Papai caçava e ele trazia aqueles couros e o João tinha o cuidado de preparar esse couro e ele mesmo fazia. Tinha aquelas tampinhas de cerveja, ele mesmo amassava ‘ela’ bem amassadinho, furava... (Aurora).

A viola continuava a ser um de seus instrumentos favoritos, nos momentos de lazer e distração. A predileção de Tomé pela viola e o motivo que o levou a deixá-la de lado, por alguns meses, são relatados em reportagem de César Vanucci:

[...] Em 1932, quando da revolução, Tomé já tocava viola. Aprendera a executar o instrumento depois de umas poucas lições e, constantemente, em suas longas horas de folga de garoto cego, a quem os outros entretenimentos eram vedados, punha-se a dedilhar a viola que o pai lhe dera. Ao lhe sortearem o pai para integrar as forças mineiras que iam combater, em inconcebível luta fratricida, com os irmãos brasileiros de São Paulo, Tomé firmou um propósito: “Eu não toco mais viola enquanto não mandarem meu pai de volta.” E não tocou mesmo. Na inocência de seus quinze anos, aquela renúncia custosa e difícil era o seu desabafo contra os descaminhos de nossas elites políticas brasileiras que estavam a empurrar brasileiros de diferentes estados, uns contra os outros, numa luta inglória e triste. Terminada a revolução, ao poder ir ao encontro, mais uma vez, aos braços de seu pai que chegara de volta, Tomé foi buscar a viola para tocar uma melodia em homenagem ao velho que retornava do fronte. Uma decepção o aguardava: a viola estava toda arrebentada. Descolara-se por falta de uso [...] (**Tabloide** domingo, 20 set. 1959, p. 6-7).

A revolução a que o jornalista Vanucci (1959) se refere é a Revolução Constitucionalista, também conhecida por Guerra Paulista, que ocorreu no período entre 9 de julho e 1<sup>o</sup> de outubro de 1932. São Paulo se voltou contra o governo federal com o propósito de derrubar a ditadura de Getúlio Vargas com a esperança de promulgar uma nova

<sup>18</sup> Aurora Tomé Borges. Irmã de João Tomé nascida em 1925. Entrevista feita em 31 de janeiro de 2010.

Constituição para o Brasil. Porém, como Minas Gerais e o Rio Grande do Sul não deram o apoio prometido, o plano paulista fracassou (FAUSTO, 2004, p. 346). Outra visão dessa batalha pode ser conferida nas palavras de Cytrynowicz (2000, p. 13) para quem a Revolução de 1932 foi marcada pela mobilização da classe média, da oligarquia cafeeira e da burguesia urbana contra o governo federal, sem o apoio da classe operária. A lembrança da ausência do pai e conseqüentemente da música feita em casa foi lembrada por Aurora.

Revolução de 32. O pai foi convocado para o estado de São Paulo. Ele (João) guardou a viola e não tocou mais... papai era guarda e tinha que controlar os passageiros... essa época a gente morava na chacinha, na frente da chacinha passava o trem de ferro. Ele não tocou enquanto papai não chegou (Aurora).

A volta do pai de Tomé parece ter acelerado o seu aprendizado musical e, com rapidez e envolvimento, desenvolveu gradativamente a prática instrumental nos diversos instrumentos citados anteriormente entre os quais destacamos o violão, o cavaquinho e a flauta. Além dos elogios por suas habilidades musicais, comentava-se que a ausência da visão favorecia o desenvolvimento da sua audição. A esse respeito, Kirk e Gallagher (2000, p.192) afirmam que há uma crença de que na falta da visão existe uma compensação sensorial, ou seja, que os outros sentidos são reforçados automaticamente. No entanto, esses autores esclarecem que não há diferença entre a capacidade de audição dos cegos e das pessoas que enxergam, pois o que existe é o esforço da pessoa cega em prestar atenção em sons do ambiente que parecem não fazer falta aos videntes.

### **3.2. UM RAPAZ E SUAS PRIMEIRAS COMPOSIÇÕES: o começo de uma vida sociocultural**

Na adolescência, João demonstrava um senso de identidade positivo por meio do seu talento, das suas escolhas e da maneira como assumia sua própria educação. Espontaneamente, tornou-se responsável pela orientação das tarefas escolares das suas irmãs menores e recorria a familiares e amigos para ouvir leituras da sua preferência, como romances, poesias, jornais, entre outros. De acordo com as irmãs, no momento da leitura João deixava o dicionário ao lado e, a cada palavra desconhecida, pedia que a leitura fosse interrompida para a aprendizagem do novo significado. Essa iniciativa de hábito de leitura com o acompanhamento do significado das palavras foi praticada durante toda a sua vida de leitor. Os filhos de João e pessoas amigas que emprestavam seu tempo para leituras em voz alta recordam este costume. Tais iniciativas podem ter contribuído para o desenvolvimento

das letras de rimas criadas para suas melodias, para a construção textual dos prefácios de seu álbum de memórias<sup>19</sup>, seus livros de música, colunas de jornais com que colaborava, para a escrita de cartas, em suma, todo material escrito. Outra contribuição advinda do hábito de leitura era notada pelo cuidado na construção das frases e em pronunciar corretamente as palavras.

A música brasileira era a fonte de inspiração para a mente do jovem aprendiz. No ano de 1936, as composições musicais de João Thomé chamam a atenção da imprensa local. Um correspondente do jornal *A Marreta*, de Uberaba, o procura para saber detalhes de suas composições. A reportagem<sup>20</sup>, divulgada no dia 22 de novembro, contou brevemente a história de um menino pobre e cego que morava em uma encosta solitária e que, apesar de tudo, era talentoso e merecia o apoio da mídia local para a divulgação de suas criações e das habilidades como instrumentista. Segue texto introdutório da transcrição do diálogo travado entre o entrevistador e Thomé.

Qual dos distintos leitores já ouviu falar em João Thomé? Desconhecido, não? João Thomé é um jovem muito pobre que reside em uma casinha nas proximidades do Alto da Boa Vista. Cego de nascença, filho de pais pobres, vive ali como um prisioneiro desventurado. Inteligente, dedicou-se à difícil arte da música. Toca como um verdadeiro mestre diversos instrumentos. Compõe músicas comovedoras com letras divinamente fundamentais. Mesmo assim vive lá naquela encosta solitária, privado de tudo que é belo na natureza. É um verdadeiro gênio que com um pouquinho de estudo somente poderia figurar entre os melhores compositores do Brasil, da América e do Mundo. *A Marreta*, que sabe dar valor a um talento, ouvindo algo a respeito deste moço [...] (*A Marreta*, Uberaba, 22 nov. 1936).

A maneira encontrada pelo jovem artista para divulgar suas músicas era as interpretando. De acordo com depoimento das irmãs, as músicas criadas por João eram tocadas em eventos culturais denominados ‘*Festivais*’ promovidos no próprio terreno da residência da família Thomé Ferreira, a chácara próxima à estação. “Fazia festival embaixo das mangueiras na chácara” (Áurea). “Quando eu era moça, ele fazia festival e ‘punha’ a gente pra cantar, pra dançar” (Aparecida). “Quantas saudades eu sinto da nossa chácara querida, todos os domingos havia matinê dançante, nesta época meu irmão já era moço e bonito, já tinha bastantes fãs” (Maura). Ao final desse mesmo ano, João funda um grupo musical chamado Bloco do Amor e promove bailes dançantes voltados para o público jovem

<sup>19</sup> João Thomé organizou seu álbum de memórias, contendo recortes de jornais, fotografias e panfletos de divulgação e outras peças que fizessem menção a ele. O prefácio desse álbum é o texto ‘Meu consolo’ (ver seção 2 do Anexo).

<sup>20</sup> Material integral da reportagem está disponível na seção 2 do Anexo.



de rapazes e moças de nível social modesto. O sucesso do evento foi registrado em nota escrita no jornal A Marreta que lhe deu a oportunidade de divulgação das letras de suas canções.

Decorreu com o máximo brilhantismo o formidável Festival de Variedades promovido pelo consagrado compositor João Thomé e coadjuvado pelo sr. Aristides Rodrigues. Não poderia ser melhor. Garotas do outro mundo! Músicas alegres e pilhérias engraçadíssimas... O principal elemento que teve atuação mais elevada na promoção desse Festival foi o compositor João Thomé, que concorreu além dos seus esforços, com diversas músicas de sua autoria. Tomaram parte com realce, também, os distintos moços Aristides Rodrigues, José Thomé, José Maria Delphino, Falstaff Vitale, Adelino Ribeiro, Sebastião dos Reis, Jayro de Souza e Ivo dos Reis, estes últimos, exímios componentes do famoso 'Bloco do Amor' (A Marreta, Uberaba, 29 nov.1936).

Os sonhos e os segredos da juventude também são revelados no arquivo pessoal de Tomé. Em 22 de agosto de 1937, aos 17 anos, Tomé escreveu um 'enigma' no jornal A Marreta, de Uberaba, com o título "O amor e a dedicação": "–Eu tenho amor e me dediquei. Ela não me foi ingrata. Por isso hei de amá-la porque ela é linda e admirada. A sua beleza alegra todos os corações. Quem será ela?"<sup>21</sup>.

João Tomé demonstrava grande interesse pelas obras de Allan Kardec e pelo estudo da doutrina, algo pouco comum na década de 1930. Além de frequentar o Grupo Espírita Agostinho, promovia eventos musicais para angariar fundos de ajuda a instituições assistenciais. Essa característica marcante da sua juventude foi registrada em diversas oportunidades pelo jornal espírita A Flama, de Uberaba<sup>22</sup>:

**Baile em benefício** – No dia 28 de outubro, sob o patrocínio do artista conterrâneo João Tomé, realizar-se-á mais um arrojado baile. Para isso foi contratado o salão do Sindicato Operário, além do 'jazz' REGIONAL, que é um dos nossos magníficos conjuntos para essas festas. João Tomé merece a boa vontade de todos: artista de valor, vivendo de sua arte e por sua arte, tem no mundo da lua, as belezas que a luz lhe nega avaramente. Compositor, possui hinos, sambas, marcha, etc. de excelente efeito, e ainda costuma pôr letras em suas produções musicais. Ir a seu baile, comprar-lhe os ingressos, é coisa a que um uberabense não se negará. (A Flama, Uberaba, 22 out. 1939)

---

<sup>21</sup> Disponível na seção 2 do Anexo.

<sup>22</sup> A denominação do jornal espírita A Flama foi alterada para A Flama Espírita, nos meados da década de 1950, em decorrência de o jornal A Flama, órgão dos alunos do Internato do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, ter registrado essa designação.

**Festival beneficente** – Organizado pelo Sr. João Tomé foi levado a efeito sábado passado na sede do Sindicato Operário um lindo festival em que tomaram parte galantes meninas e distintas senhoritas além do apreciado ‘choro’ regional do promotor do festejo. Os números agradaram bastante, recebendo entusiásticos aplausos e pedidos de bis. Depois do espetáculo houve um animado baile que se prolongou pela madrugada. Gratos ao Sr. Tomé pelo convite que nos enviou. [...] (**A Flama**, Uberaba, 7 jan. 1940).

O grupo Agostinho, fundado em 1920, por Raimundo Sanchez, por muito tempo funcionou em casas particulares. Em 28 de agosto de 1932, após campanha da sede própria, foi inaugurado o estabelecimento na Avenida Militar, nº 37 (nos dias atuais, Lucas Borges, nº 61). O grupo possui hino próprio com música de João Tomé e letra de A. Luce<sup>23</sup> (Alceu de Souza Novaes). No grupo, há distribuição pelo Natal, tem aula dominical do Espiritismo, realizam-se sessões de estudos, passes e desenvolvimento de médiuns (BACCELLI, 1987, p. 28).



**Ilustração 2 – João Tomé com alunos da escola dominical do Grupo Agostinho. Uberaba, 1939.**  
Foto: Acervo Família Tomé.

<sup>23</sup> A. Luce é o pseudônimo empregado por Alceu de Souza Novais, justificando assim o nome incluído entre parênteses.

O carisma e o talento de Tomé foram ampliando o seu círculo de amizades e há registros de grupos dos quais ele participava ou que liderava, como ‘Bambas do Fabrício’<sup>24</sup>, e ‘Bloco do Amor’. O entusiasmo e a alegria de Tomé também estão registrados em notas jornalísticas como a que se segue:

O Baile Carnavalesco promovido por João Tomé – João Tomé, o moço inimigo da tristeza, promoverá hoje, num salão da Rua Artur Machado (onde foi a Farmácia Sant’Ana) um estrondoso baile. Estão convidados todos os foliões de bom gosto para homenagearem Momo naquele recinto. Não percam este baile (A **Marreta**, Uberaba, 3 fev. 1940).

Em janeiro de 1937, o grupo musical Bloco do Amor foi desmembrado e o conjunto passou a se chamar *Club do Thomé*<sup>25</sup>. Um espaço para os bailes foi alugado e as pessoas foram convidadas, via jornal, para se tornarem sócias. Os bailes, denominados Festivais, geralmente eram marcados aos sábados e, além da música e poesia, eram servidas comidas e bebidas. É importante ressaltar que as atividades musicais, entre os anos de 1936 e 1939, fazem parte de um período pré-profissionalizante do futuro músico, que no decorrer do ano de 1939 é convidado a acompanhar, ao violão, cantores em apresentações na rádio PRE-5, de Uberaba, e a participar de eventos como formaturas, bailes e aniversários. Tais atividades foram o passaporte para a sua contratação, em 1940, pela rádio PRC-6, de Uberlândia, cidade vizinha a cem quilômetros de Uberaba, como músico do regional, fazendo parte do corpo artístico do meio de comunicação. Nessa ocasião, foi citado nos jornais locais como uma “feliz aquisição” da rádio uberlandense.

Mesmo sem escolaridade formal e vivendo em um ambiente onde os seus familiares não chegaram a completar o ensino primário, João buscava o conhecimento da palavra, da religião, da música. Estudou com pessoas próximas, músicos reconhecidos, até adquirir o saber específico que lhe possibilitou o desenvolvimento em direção à profissionalização.

### **3.3. CONTRATAÇÕES, VIAGENS E DOCÊNCIA: o samba, a marcha e a associação dos cegos**

De 1941 a 1943, trabalhou nas rádios das cidades de Uberlândia e Uberaba, ocasião em que foi contratado como líder do regional da rádio PRE-5 de Uberaba, atualmente

<sup>24</sup> Fabrício: nome do bairro de Uberaba, MG, onde João Tomé residia.

<sup>25</sup> Thomé: sobrenome original do João, modificado para Tomé por vontade própria, mediante pagamento ao Cartório de Registro da cidade de Uberaba, MG.

conhecida como Rádio Sociedade de Uberaba. Nesse período, também foi convidado para excursionar com um grupo folclórico denominado Afoxé, liderado por Marinósio Filho. Viajou por vários estados do Brasil, permanecendo como instrumentista do conjunto por um ano e meio. Em 1945, João Tomé retorna para a sua cidade natal, volta às suas atividades na Rádio Difusora e participa de vários conjuntos e orquestras que atuavam em clubes da cidade e da região.

O intercâmbio de músicos era uma constante na região do Triângulo Mineiro (Uberaba, Uberlândia e Araguari) e Tomé, com frequência, era convidado para tocar em bailes nas cidades vizinhas. Sua experiência, seriedade e competência foram disseminadas por essa região e chegaram aos ouvidos dos ícones do rádio das décadas de 1940 e 1950, que, ao excursionarem em apresentações pelo interior de Minas, recorriam ao músico cego para acompanhá-los ao violão. Tomé colecionava em um álbum fotos<sup>26</sup> autografadas dos artistas que acompanhava, entre eles Agnaldo Rayol, Anísio Silva, Carmélia Alves (1958), Dalva de Oliveira (1957), Emilinha Borba, Ester de Abreu, Irmãs Castro (1950), Linda Batista e Maysa (1958).

Em 1942, os professores Antônio Borges e Cléver Novaes, ex-alunos do Instituto de Cegos São Rafael, com sede em Belo Horizonte, fundaram a Associação de Cegos de Uberaba, com o intuito de disponibilizar um espaço para os deficientes visuais que não tiveram a oportunidade de frequentar o ensino formal. Convidado pelo amigo Antonio Borges, João Tomé passou a fazer parte da Associação e a colaborar com as ações necessárias para convencer pais de pessoas cegas ou com visão subnormal da necessidade da aquisição de conhecimento para o progresso individual do ser humano. Em 1947, a Associação ganhou sede própria, um novo nome – Instituto de Cegos do Brasil Central –, e passou a ser um internato para alunos cegos que moravam em Uberaba ou em cidades próximas da região do Triângulo Mineiro. No ano seguinte, ou seja, em 1948, foi instituída a lei que deu aos cegos o direito de acesso à educação formal e, além das matérias do currículo escolar, eram oferecidas aos alunos oficinas extracurriculares tais como fabricação de vassouras, trabalhos manuais e aulas de educação musical. A coordenação da parte musical ficou a cargo de João Tomé, que logo organizou um conjunto regional formado por instrumentos de corda (violão, cavaquinho, bandolim), instrumentos de sopro (flauta, trompete, saxofone), acordeão e instrumentos de percussão (bateria, pandeiro). Em 1956, a prefeitura de Uberaba contratou, por tempo determinado, o professor Tomé para ministrar aulas de música no Instituto de Cegos do Brasil

---

<sup>26</sup> Ver na seção 7 do Anexo.

Central. Os resultados positivos da ação levaram a prefeitura a renovar a contratação do músico, no período de 1957 a 1959.



**Ilustração 3 – Conjunto musical dos alunos do Instituto dos Cegos do Brasil Central (ICBC).  
Foto: Acervo Família Tomé.**

No jornal *Lavoura e Comércio*, de Uberaba, foi divulgada nota sobre a contratação do professor Tomé. “O professor João Tomé foi contratado pela Prefeitura para prestar seus serviços técnicos junto ao Instituto dos Cegos” (**Lavoura e Comércio**, Uberaba, 3 fev. 1956).

### **3.4. ENFIM O GRANDE AMOR: casamento e filhos**

O casamento de Tomé com a jovem Vera Silva, natural de Uberlândia, se deu no dia 7 de julho de 1947. Na fala de Vera Silva Tomé, viúva de João, as recordações evocam o primeiro encontro dos dois.

Eu ouvia falar no João Tomé, mas nem fazia ideia de quem ele era. Ele trabalhava na Rádio PRC-6 de Uberlândia, acho que ele estava toda semana em Uberlândia. Eu estava tentando entrar no programa de calouros, mas como eu era menor, não deixaram. Ele estava descendo as escadas e pediu para o guarda me deixar entrar. Ficamos conversando um bom tempo.

Depois, quando eu fui embora, estava junto com a minha prima Rosita e falei: “–O dia que eu crescer eu ‘caso’ com esse moço.” Essa época eu era meninota (Vera Silva Tomé).

Vera recorda essa época e afirma:

Ele era bem mais velho do que eu. Ele tinha namorada. Não sei por que não deu certo, aconteceu alguma coisa que atrapalhou... Depois que nos falamos na rádio ele me pediu para fazer uma visita na casa da avó dele, local onde ele ficava quando estava na cidade. Fui até a casa da avó dele e ele me disse que era pra eu ouvi-lo na rádio que ele ia tocar uma música pra mim, lá de Araguari. Eu não ouvi rádio coisa nenhuma, nós nem tínhamos rádio em casa. Ele me pediu uma foto minha, eu tirei uma foto  $\frac{3}{4}$ , a primeira foto que tirei na minha vida (Vera Silva Tomé).

Nesse período, ela recorda, João estava para viajar em excursão com o grupo musical Afoxé. Depois disso, ficaram alguns anos sem se encontrar. Passado esse período, Vera recebe um recado da mãe. “Mamãe um dia chegou pra mim e disse: –O João Tomé esteve aqui te procurando”. O reencontro se deu e começaram a namorar utilizando a carta como meio de comunicação. “Ele me escrevia cartas de amor utilizando termos como *Minha Querida...* e eu escrevia ao final das cartas *um aperto de mão*. Eu realmente não tinha certeza que nós estávamos namorando até que ele falou que iria me pedir em noivado. Ficamos aproximadamente um ano noivos”. Quando Vera Silva chegou à sua residência dizendo que havia recebido um pedido de noivado, seus pais acharam um absurdo. “Mamãe brigou muito comigo. Ela achava um desaforo, pois não iríamos casar na igreja”. O fato é explicado pela crença e ideal seguidos por João.

Nesse tempo, o João ficava na casa da tia dele, a Lurdes. Ela quem foi me buscar para tirar a medida para a aliança. Depois disso o João me chamou para conversarmos, pois ele, ao fazer o pedido de casamento me fez três exigências e me deu três dias para pensar. A primeira era que ele não usaria aliança. Ele mandou ‘eu’ tirar a medida para que acreditasse na palavra dele. Para João, as alianças era um símbolo do catolicismo e que ele conhecia muita gente que não respeitava esse símbolo de união. Ele disse que preferia usar as alianças do coração. A segunda era que ele não iria casar diante de nenhum altar, nem da igreja católica, nem do espiritismo, pois ele respeitava as leis do país e iria se casar no civil. A terceira seria não batizar os filhos. Para ele Deus não mandava nada para completar. A obrigação estava no pai e na mãe, nos bons livros, nos bons pensamentos e exemplos (Vera Silva Tomé).

De acordo com Vera, eles se casaram no civil, na cidade de Uberlândia, em uma segunda-feira, às 15 horas, no cartório. Vera usava um vestido de noiva e uma fotografia foi tirada para eternizar o momento.



**Ilustração 4 – Casamento em 7 de julho de 1947.**  
**Foto: Acervo Família Tomé.**

No mesmo dia, às 16 horas, os noivos e convidados de Uberaba pegaram o trem de volta para a cidade natal de João. Antônio Tomé, pai do noivo, havia reservado um vagão do trem de passageiros para seus familiares. O casal fixou residência em Uberaba e, no mesmo ano, Tomé homenageou sua esposa com a valsa *Vera*. O casal teve seis filhos, três meninas – Alcione (1948), Dolores (1957) e Meila (1960) –, e três meninos – Ismael (1949), Delane (1951) e Antônio (1956).

Com o crescimento da família, aumentava a responsabilidade de manter a casa e a educação das crianças. João Tomé atuava profissionalmente em emissoras de rádio, em casas noturnas, em clubes, e continuava a compor. As oportunidades para que suas músicas fossem gravadas eram reais mas, também, muitos eram os obstáculos a vencer, entre eles, a distância entre o interior e os grandes centros – São Paulo e Rio de Janeiro –, falta de produtores, falta de patrocinadores e o alto custo das gravações.

### 3.5. A REALIZAÇÃO DE UM SONHO: gravação de suas músicas em disco

Os trabalhos musicais com artistas da cidade natal e dos grandes centros do país estimularam João a entrar em contato com artistas contratados por gravadoras de São Paulo. As respostas não demoraram a chegar, pois, em 2 de setembro de 1953, Tomé recebeu carta<sup>27</sup> de Berge Kessedjian solicitando o registro do samba ‘Nem Todos Sabem’ para ser gravado pela cantora Therezinha Magalhães. Em 1º de abril de 1954, é assinado pelo seu procurador, Berge, o contrato<sup>28</sup> de cessão de direitos autorais e Tomé tem sua primeira música gravada pela Columbia do Brasil.

Apesar do empenho do produtor, o samba de Tomé não teve a divulgação necessária nas emissoras de rádio de São Paulo e do Rio de Janeiro e, ante o insucesso, a jovem cantora desistiu da profissão. A comprovação desse fato está registrada na correspondência de Berge, datada de 11 de agosto de 1954, em que relata as dificuldades para gravar músicas de



**Ilustração 5 - João tocando na noite.**

**Foto: Acervo Família Tomé.**

compositores do interior do país com cantores menos conhecidos. E conclui: “Não sei se Therezinha vai gravar outro disco na Columbia [...] o chefe de departamento de divulgação [...] está interessado em trabalhar para os artistas que gravam as versões e as músicas dele”.

Em 1957, outra composição de Tomé – Todos Sabem – foi gravada pelo seu amigo uberabense Paulo Marquez<sup>29</sup>: “Quando eu gravei na Columbia, em 1957, eu gravei uma música dele, o diretor artístico havia gostado, chama-se ‘Todos Sabem’. Eu gravei essa música em 78 rotações, aquele disco pesado”. O cantor foi descoberto no programa de calouros da rádio PRE-5, onde o Tomé trabalhava. O cantor recorda como foi a aproximação com João.

Nós morávamos no mesmo bairro, eu morava no Fabrício e ele morava um pouco abaixo de onde eu morava lá na nossa cidade Uberaba. A minha aproximação com ele aumentou mais ainda em 1946, foi aí que concretizou a

<sup>27</sup> Ver seção 2 do Anexo.

<sup>28</sup> Ver seção 2 do Anexo.

<sup>29</sup> Ver seção 2 do Anexo.



nossa amizade. Porque, foi quando, ele como chefe do regional da Rádio PRE-5, Rádio Sociedade do Triângulo Mineiro, em Uberaba, eu me inscrevi em um programa de calouros, no ano de 1946, chama-se Clube do Neófitos, esse programa, apresentado pelo locutor e apresentador da rádio. O João Tomé que me acompanhou nesse show de calouros. Eu tive a felicidade de empatar com um outro calouro e no desempate eu ganhei. Na semana seguinte eu estava fazendo parte do *cast* da emissora, cantando três músicas por semana, um quarto de hora (Paulo Marquez).

Marquez se mudou para o Rio de Janeiro, onde fez carreira de sucesso cantando nas noites cariocas. O cantor é citado no fascículo História do Samba: “Como outros excelentes intérpretes de sua geração, Paulo Marquez enfrentou uma safra de cantores da melhor qualidade e só por sua personalíssima leitura do samba é que conseguiu um lugar ao sol na história da MPB” (**História do Samba**, p. 253, cap. 13, Rio de Janeiro, Globo, 1997).

Até o início de 1960, a vida de Tomé seguia normalmente. Duas composições gravadas, trabalhando na PRE-5 de Uberaba, lecionando, coordenando grupos musicais no Instituto de Cegos da cidade e tocando na noite. Na vida do dia a dia, não podia imaginar que a sua vida e a de sua família sofreriam mudança radical.

### **3.6. Brasília de todos os brasileiros: a mudança para a futura capital**

*“A história é filha do seu tempo.”*

**L. Febvre**

A vinda de Tomé para a futura capital não foi planejada. Em fevereiro do ano de 1960, chegou à sua residência, em Uberaba, um senhor, conhecido pelo apelido de Nego Véio, convidando-o a organizar um conjunto musical para a inauguração de uma boate na Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, mas, naquela época, um grande acampamento de trabalhadores. A princípio, embora temeroso, o músico aceitou e passou a contatar outros músicos para essa aventura. Mas, alertado por um amigo de que quem estaria à frente do evento seria um empresário de Uberaba que lhe dera prejuízos, ao não remunerá-lo por serviços prestados em uma boate, veio a desistir. Ao retornar, Nego Véio se surpreendeu: Tomé agradeceu o convite e dispensou o serviço. Desolado, conversa com o músico e lhe faz uma proposta: faria o pagamento adiantado e prometeu que, se ao chegar a Brasília constatasse que o serviço era organizado pelo referido devedor, providenciaria o seu retorno no mesmo dia para Uberaba. Acordo feito. João Tomé logo forma o grupo musical e, na mesma semana do mês de fevereiro de 1960, viaja rumo à Cidade Livre.

Ao final de um mês, sua esposa recebe uma boa quantia em dinheiro e uma carta com a seguinte mensagem: “Vera, não deixe faltar nada para os nossos filhos. Brasília promete!”. Durante os cinco meses que passou em Brasília, o músico voltou duas vezes a Uberaba. Na primeira, ficou apenas um dia, por ter conseguido trabalho na boate Pilango, localizada no início da W3<sup>30</sup> sul. A segunda foi no dia 7 de julho, para comemorar o aniversário dos 13 anos de casamento. João confessa à esposa o seu desejo de permanecer em Brasília, mas relata a dificuldade de moradia na cidade e pensa na possibilidade de conseguir uma casa em localidades próximas à nova Capital: Alexânia ou Goiânia. No dia 19 do mesmo mês, sua esposa recebe uma carta com a seguinte mensagem: “irei buscá-la amanhã”. Vera ficara aflita sem saber o porquê da pressa. Que desígnios fariam Tomé tomar decisão tão precipitada? Além do mais, estava prestes a dar à luz o sexto filho do casal.



**Ilustração 6– Fotografia da família Tomé, tirada em julho de 1959 para comemorar o aniversário de casamento.**

**Foto: Acervo Família Tomé.**

(Da direita para esquerda: Alcione, João, Vera – grávida de Meila –, Ismael, Delane, Dolores e Antônio).

---

<sup>30</sup> W3 – Avenida que corta a parte sul e norte do plano piloto. No plano urbanístico, em formato de avião, essa via pública localiza-se entre a borda oeste das asas e o eixo rodoviário, paralelamente a ambos.

A chegada repentina para buscar a esposa grávida assustou todos os familiares de Tomé. Sem maiores explicações, venderam alguns pertences, doaram outros e deixaram outros tantos em casa de parentes. Aos poucos, Tomé foi revelando para a esposa a necessidade da urgência em retornar com a família para Brasília. Contou-lhe que, vez por outra, era convidado a acompanhar ao violão cantores que moravam em Brasília ou que vinham do Rio ou São Paulo para fazer *shows* na Rádio e TV Nacional. Certa feita, um servidor público lhe pediu para acompanhar a cantora Walquíria Ródinez. Tomé atendeu prontamente a esse convite e poucos dias depois teve uma surpresa. O autor do pedido entregou a ele e a outros funcionários da emissora, chaves de apartamentos de um bloco da superquadra<sup>31</sup> 410 sul (SQS 410). E disse a todos, em segredo: “invadam o prédio, mas não revelem o meu nome”.

Alguns funcionários da Rádio e TV Nacional protestaram contra a entrega de chave a Tomé, sob a alegação de que ele não era contratado da emissora. Outros se solidarizaram, pois sabiam que ele tinha cinco filhos e que sua esposa estava prestes a dar à luz o sexto filho. Pedro Kruchen, por exemplo, diretor artístico da Rádio Nacional, era conterrâneo de Tomé e alertou aos subordinados que não mexessem com o músico, porque havia outros apartamentos vagos. No dia seguinte, parte dos funcionários da emissora invadiu os apartamentos de um quarto. Revoltados, os que não conseguiram ocupar o bloco indicado invadiram outro edifício com apartamentos de dois quartos. Assim, todos os funcionários da Rádio e TV Nacional foram alojados.

O retorno de Tomé a Brasília, com a esposa grávida, a filha de três anos e a parteira amiga da família, Sra. Dolores Afonso, foi marcado por dificuldades, a começar pela falta de passagens. Tomé relata ao motorista sua urgência em voltar a Brasília e consegue convencê-lo de que poderiam vir de pé ou sentados na bagagem. Após 12 horas de viagem, no dia 20 de julho de 1960, chegaram à Cidade Livre, ponto final dos ônibus interestaduais naquela ocasião.

A transferência de Uberaba para a nova capital criou para Tomé a possibilidade de trabalho em boates, hotéis, em eventos dançantes e na Rádio e TV Nacional de Brasília. No

---

<sup>31</sup> Superquadra é a denominação da unidade morfológica do setor residencial do plano piloto de Brasília. As superquadras formam quatro faixas lineares, paralelas ao eixo rodoviário, de forma que as faixas a oeste do eixo abrigam dois conjuntos de quadras – 100 e 300 – enquanto as do leste, outros dois, constituídos pelas quadras 200 e 400. Cada um desses quatro conjuntos é numerado de 1 a 16, a partir do cruzamento do eixo rodoviário com o Eixo Monumental, em direção ao final das asas, e as unidades são identificadas pelo número de três algarismos assim constituído, precedido da sigla SQS ou SQN, respectivamente conforme se situem na asa sul ou na asa norte do plano piloto. Fonte: AMORIM, Cláudia Naves; FLORES, Alice Leite. **Edifícios residenciais das superquadras do plano piloto, Brasília**: aspectos de preservação e conforto ambiental. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/fau/qualilumi/arquivos/preservacao.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2010.

início, acompanhava cantores em programas de auditório, mas, logo, sua experiência de mais de quinze anos de trabalho em rádios de Uberaba e de Uberlândia resultou em contrato como músico da emissora, a partir de agosto de 1960.

Tomé continuava a exercer sua profissão de músico com garra e tranquilidade, pois contava com a ajuda de sua companheira e o carinho das duas filhas menores. A primeira, vinda de Uberaba com os pais e a segunda, nascida no dia 28 de julho de 1960, isto é, oito dias após a chegada da família em Brasília. Mas, e os outros quatro filhos? Como buscá-los? Além da questão escolar, como alojar a família numerosa em um apartamento quarto e sala? Essas eram algumas das dificuldades para as quais a família Tomé buscava soluções.

Mas, em novembro de 1960, denúncias a respeito da invasão dos funcionários da Rádio e TV Nacional, em dois edifícios da quadra 410 sul, destinados a servidores públicos do executivo, foram noticiadas pelos meios de comunicação. O jornal *Correio Braziliense*, de 23 de novembro de 1960, noticia o despejo de cinquenta famílias de radialistas, utilizando o subtítulo: “Um pai desesperado: 11 filhos sem teto – Também atingidos pela medida vários cegos”.

A Justiça iniciou, ontem, o despejo dos invasores dos apartamentos da Quadra do IAPI. O mandado de despejo exarado pelos Juízes da 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> Varas, José Júlio Leal Fagundes e Juscelino Ribeiro, respectivamente, atingiu os funcionários da Rádio TV Nacional. Mais de 30 famílias de funcionários daquela rádio foram despejadas. Hoje deve ter prosseguimento a ação contra os demais invasores dos blocos das quadras do IAPI. Cinquenta famílias de funcionários da rádio e TV ficaram sem teto (**Correio Braziliense**, Brasília, 23 nov. 1960).

Na reportagem feita pelo *Correio Braziliense* observa-se a ênfase na situação de alguns despejados. Um dos personagens narrados foi o músico contratado João Tomé: “Outra família de invasor que sofre tremendo drama com o despejo é a do cego João Thomé, instrumentista da rádio. O músico mora com seus dois irmãos, Gilson e Walter, também cegos, sua esposa e seus filhos. Ao todo, doze pessoas num apartamento de um quarto”. Após confrontos e negociações, por ordem do Presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira, as famílias dos radialistas foram removidas para apartamentos de três quartos dos primeiros blocos construídos na quadra 403 norte (SQN 403).

Assim, João pôde trazer toda a família e passou a hospedar parentes ou conhecidos que decidiam mudar-se para a nova Capital.

No início de 1961, João é convidado a dar aulas de violão na primeira escola pública do plano piloto. Fez parte do quadro permanente de professores da Fundação Educacional do

Distrito Federal, atuando na Caseb, Elefante Branco e na Escola de Música de Brasília, ainda em construção. Outro espaço de atuação do músico e seu conjunto era a boate do Brasília Palace Hotel, local histórico de Brasília por hospedar autoridades e celebridades do Brasil e do exterior.

Os registros da trajetória de João Tomé mostram o quão profícua foi sua vida nos aspectos pessoal, social e profissional. Desde que chegou a Brasília, em fevereiro de 1960, até meados de 1971, Tomé atuou com profissionalismo e dedicação em segmentos importantes da capital federal como a TV Rádio Nacional de Brasília, a Fundação Educacional do Distrito Federal, Brasília Palace Hotel, além de outras casas noturnas que ajudaram os pioneiros a enfrentar a solidão dos primeiros anos da cidade.

João Tomé morreu em 24 de agosto de 1971, dois dias depois de ser internado no Hospital de Base de Brasília. A notícia de sua morte foi anunciada nas emissoras de rádio locais, durante todo o dia, sensibilizando familiares, amigos, fãs e alunos do musicista, compositor e professor. Clemente Luz, jornalista e amigo de Tomé, escreveu uma crônica que, ao ser lida, emocionou os ouvintes da Rádio Nacional de Brasília.<sup>32</sup>

João Tomé apareceu em Brasília nos primeiros dias de sessenta, quando Brasília ensaiava os seus passos de noiva para o seu natal de abril. Apareceu, insinuou-se, impôs-se e ficou. Com a mansidão de suas palavras, com a seriedade de sua crença. É incrível isto: ele acreditava em tudo que fazia e em tudo que defendia. Com a arte de suas mãos ou o sopro de seus pulmões, dominava os instrumentos e encantava as criaturas, derramando luz e vida sobre o ambiente, em forma de música e de beleza. Apareceu e ficou. De repente vieram outros no seu rastro de música e de luz. E a Rádio Nacional quase chegou a ter uma orquestra só de músicos deficientes da visão. É que para ele, João Tomé, sua família não era apenas dona Vera e os filhos, sua família eram todos os ceguinhos de Uberaba, sua terra natal, todos os ceguinhos do Brasil e do mundo (Transcrição da crônica narrada na Rádio Nacional de Brasília, em 24/08/1971).

João Tomé deixou esposa e seis filhos, um grande número de composições escritas e gravadas, instrumentos musicais, livros, e álbuns com vários recortes e folhetos que faziam menção ao seu nome.

*Adeus batucada*  
*Eu vou partir*  
*Deixar-te-ei chorando*  
*Para longe daqui*  
**Para sempre adeus, 1942**

---

<sup>32</sup> Ver seção 6 do Anexo.

**CAPÍTULO 2**

## 4. AUTONOMIA E SUPERAÇÃO: as obras de João Tomé e suas gravações

### 4.1. O BRAILLE E A MUSICOGRAFIA BRAILLE: autonomia na grafia das composições

*Eu queria ser paixão  
Prá fazer gente chorar  
E morar no coração  
De quem não me soube amar  
Eu queria ser também  
Pé de cravo em um jardim  
Prá brincar de vaivém  
Com a filha do Jasmim  
**Eu queria ser paixão, 1942***

As composições aumentavam e o jovem cego continuava a depender de colaboradores para grafá-las. Mas, em 1940, aos 20 anos de idade, Tomé se encontrou com uma amiga, também cega, que morava em Uberlândia e estudava no Instituto de Cegos Padre Chico, em São Paulo. Nessa oportunidade, Inhazinha Vilela entregou-lhe o material para a escrita braille<sup>33</sup> e repassou, brevemente, os códigos do alfabeto. Com muito esforço e sem ter por perto quem pudesse ajudá-lo, Tomé aprendeu o código braille e passou a registrar suas composições. A dificuldade passou a ser outra: o papel. Não se pode escrever o braille utilizando-se de qualquer tipo de papel, o importante é a sua espessura. Deve-se perfurá-lo utilizando o apoio de uma prancha, geralmente de madeira, uma régua de metal com as celas de seis pontos, e a punção, espécie de lápis que, em vez de riscar o papel, perfura-o firmado na tábua e na régua.

O papel usado por Tomé para registrar suas composições provinha das mais diversas fontes. Muitas folhas eram coloridas, algumas continham propaganda, outras, eram fichas de cadastro da Ferrovia Mogiana. Para o compositor cego, o visual do papel não fazia diferença<sup>34</sup>.

Para ordenar o volume de composições, João começou a organizá-las em álbuns, a partir de 1957. Foram feitos um total de dez livros de partituras, em braille, dos quais nove têm 30 músicas e um contém 60. Até o ano de 1959, Tomé confeccionou cinco volumes,

<sup>33</sup> O braille foi desenvolvido pelo cego francês Louis Braille, na segunda metade do século XIX.

<sup>34</sup> Registro de composição em braille disponível no Anexo, seção 8.

somando 150 composições. Com a mudança para Brasília, o trabalho de organização dos álbuns prosseguiu e, no ano de 1964, João terminou o sexto volume. O décimo livro a ser confeccionado, com composições, foi concluído em 1968 e não seguiu o padrão dos anteriores. Ele foi uma revisão dos dois primeiros livros, produzidos em 1957, e foi intitulado, pelo autor, como volume I, contendo 60 composições.

Os álbuns de composições contêm, além das músicas, prefácio e índice. As músicas não seguem uma ordenação alfabética, de gênero musical ou cronológica. No prefácio, o autor faz os agradecimentos e intitula os trabalhos por volumes com um determinado número de músicas.

É com imenso júbilo e grande alegria, que guardo estas pequenas despreziosas melodias, com doces recordações consideradas de capital importância para mim tão somente. Se por qualquer motivo, você, prezado leitor, interessar-se por alguma destas composições, sentir-me-ei plenamente compensado. Aqui fica registrada a maior e mais profunda gratidão do autor. Brasília, 1968 (João Tomé).

É possível perceber o cuidado do autor na escrita correta da língua portuguesa. O índice, com o número de composições contidas no volume, é organizado pela numeração da página em ordem crescente.

João Tomé também organizou um álbum índice contendo o nome de todas as músicas escritas nos álbuns, do primeiro (1957) ao álbum VIII (1967), que somam 210 músicas. O álbum índice segue esta lógica: as músicas estão em ordem alfabética pela primeira letra do seu título. A partir da informação do nome da música chega-se ao volume em que ela se encontra e à sua página.

Os registros de suas músicas, a tinta, continuou a ser feito mesmo com o recurso da escrita musical em braille. João tocava com pessoas que enxergavam e era preciso passar as informações a elas. Durante todo o período de organização de suas músicas, contou com colaboradores que as escreviam. Foram organizados dois álbuns de partituras manuscritas a tinta, boa parte delas escrita no período em que João viveu em Brasília. O álbum I contém 207 músicas escritas e o álbum II, 85 músicas. Neste último ainda há folhas em branco.

Outro meio encontrado por João para registrar suas composições foi a gravação. Em Brasília, já na segunda metade da década de 1960, o compositor adquiriu um aparelho de gravação em fita de rolo. Parte desse material sonoro foi conservada e contabilizam-se 35 composições gravadas. Com isso, Tomé teve a oportunidade de deixar registradas suas composições nestes três meios: em braille, a tinta e em áudio.



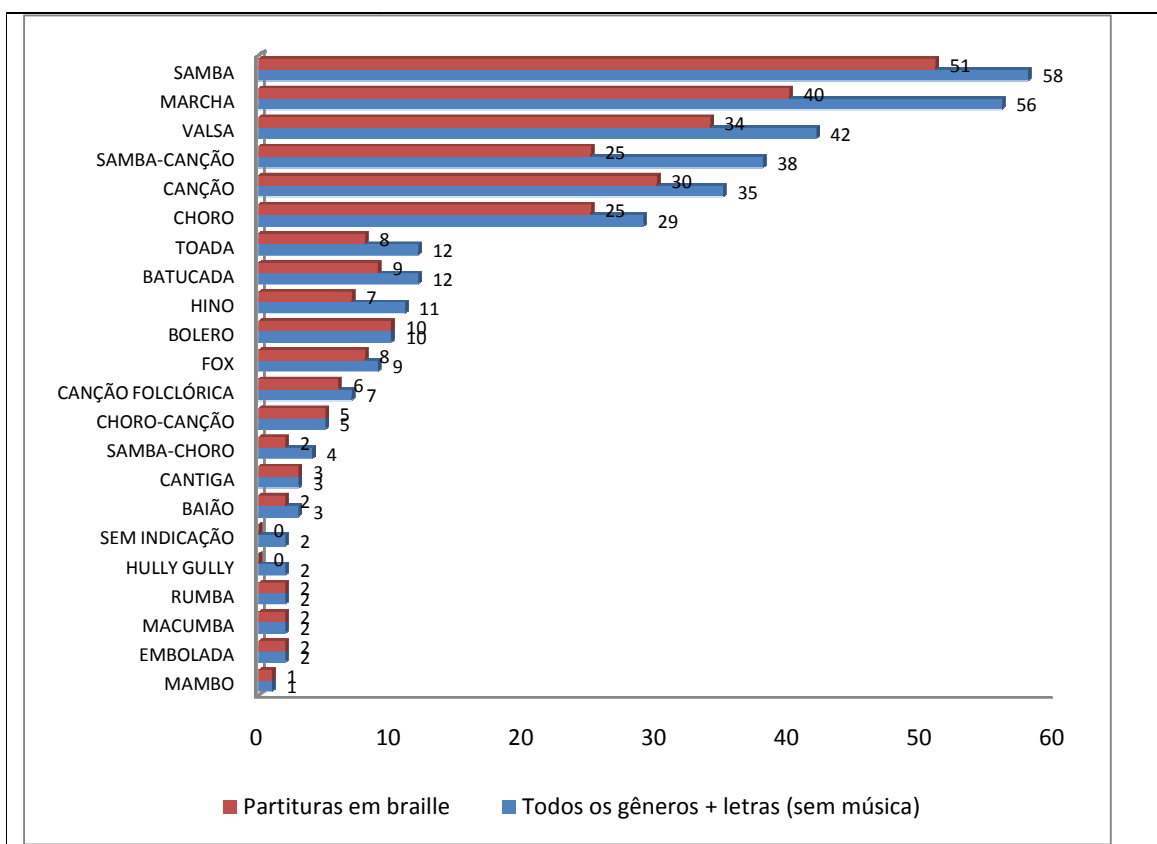
#### 4.2. AS MÚSICAS E A ORGANIZAÇÃO: catalogação e total de composições

O material composicional deixado por João Tomé, nos três meios citados no parágrafo acima, apresenta a seguinte situação: existem músicas que foram registradas apenas em áudio; outras apenas em braille; outras apenas a tinta.

As composições em áudio foram realizadas na segunda metade da década de 1960 – segundo relato dos filhos, por volta de 1965, 1966 –, em Brasília, quando Tomé adquiriu um gravador de fita de rolo. Isso lhe deu autonomia, por exemplo, para gravar diversas vozes instrumentais de uma mesma música. Existem gravações em que o compositor toca o instrumento solista, o instrumento acompanhador e a marcação rítmica.

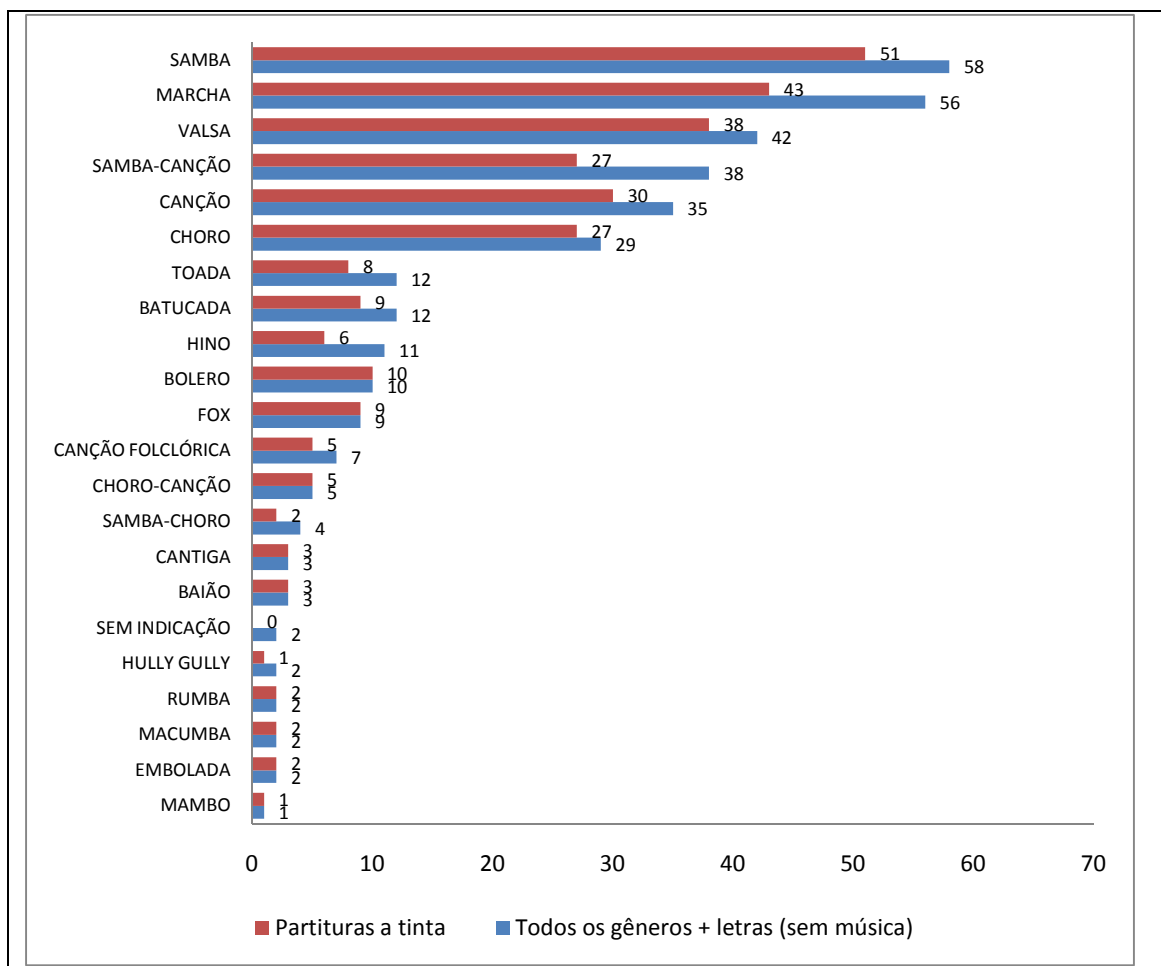
As composições escritas em braille começaram a ser produzidas a partir da década de 1940 e, como já citado acima, seu primeiro livro de composições data de 1957, contendo trinta músicas (Gráfico 1).

**Gráfico 1 – Composições de João Tomé: Partituras em braille.**



As composições manuscritas a tinta eram ditadas pelo autor a colaboradores. Essas pessoas nem sempre dominavam a escrita musical e, por isso, é possível encontrar erros de notação musical, seja na grafia das notas como na divisão de compassos (Gráfico 2).

**Gráfico 2 - Composições de João Tomé: Partituras a tinta.**



#### 4.3. VERSATILIDADE: do samba ao yê-yê-yê

Foram registradas em código musical braille, a tinta e em áudio, 295 composições, em 21 classificações diferentes, quais sejam baião, batucada, bolero, canção, canção folclórica, cantiga, choro, choro-canção, embolada, fox trote, hino, hully gully (yê yê yê), macumba, mambo, marcha, rumba, samba, samba-canção, samba-choro, toada e valsa (Tabela 1, Gráfico 3).

Tabela 1 – Composições de João Tomé: Músicas sem e com parcerias (letras) por gêneros e por períodos.

| Músicas – gênero   | Número de Composições | Músicas com letra | Sem parceria | Com parceria | Período Gênero | Período Parceria |
|--------------------|-----------------------|-------------------|--------------|--------------|----------------|------------------|
| BAIÃO              | 3                     | 1                 | 3            |              | 1951-1957      |                  |
| BATUCADA           | 10                    | 10                | 10           |              | 1936-1966      |                  |
| BOLERO             | 10                    | 8                 | 7            | 3            | 1938-1965      | 1938-1965        |
| CANÇÃO             | 30                    | 8                 | 24           | 6            | 1939-1967      | 1942-1966        |
| CANÇÃO FOLCLÓRICA  | 6                     | 6                 | 6            |              | 1939-1947      |                  |
| CANTIGA            | 3                     | 3                 | 2            | 1            | 1946-1949      | 1946             |
| CHORO              | 29                    | 3                 | 29           |              | 1939-1966      |                  |
| CHORO-CANÇÃO       | 5                     | 3                 | 4            | 1            | 1939-1954      | 1939             |
| EMBOLADA           | 2                     | 2                 | 2            |              | 1937-1939      |                  |
| FOX                | 9                     | 8                 | 7            | 2            | 1955-1963      | 1957-1958        |
| HINO               | 7                     | 7                 | 3            | 4            | 1945-1965      | 1945-1959        |
| HULLY GULLY        | 2                     | 2                 | 0            | 2            | 196-           | 196-             |
| MACUMBA            | 2                     | 2                 | 2            |              | 1941-1946      |                  |
| MAMBO              | 1                     | 1                 | 0            | 1            | 1958-1958      | 1958             |
| MARCHA             | 44                    | 39                | 37           | 7            | 1936-1970      | 1937-1963        |
| RUMBA              | 2                     | 1                 | 2            |              | 1942-1963      |                  |
| SAMBA              | 52                    | 52                | 49           | 3            | 1936-1967      | 1947-1962        |
| SAMBA-CANÇÃO       | 27                    | 27                | 25           | 2            | 1936-1965      | 1954-1959        |
| SAMBA-CHORO        | 3                     | 3                 | 3            |              | 1936-1945      |                  |
| TOADA              | 9                     | 9                 | 8            | 1            | 1936-1966      | 1966             |
| VALSA              | 39                    | 14                | 30           | 9            | 1936-1970      | 1938-1966        |
| <b>TOTAIS</b>      | <b>295</b>            | <b>209</b>        | <b>253</b>   | <b>42</b>    |                |                  |
| <b>PERCENTUAIS</b> | <b>100%</b>           | <b>70%</b>        | <b>86%</b>   | <b>14%</b>   |                |                  |

**O baião**<sup>35</sup> – Em braille, foram escritos por João Tomé dois baiões: *Cinco amigos* e *Na sombra do boi*, de 1954 e 1957, respectivamente. Registrado a tinta, encontramos o baião *Filipadas*, de 1951. As três composições são autorais e apenas *Na sombra do boi* possui letra.

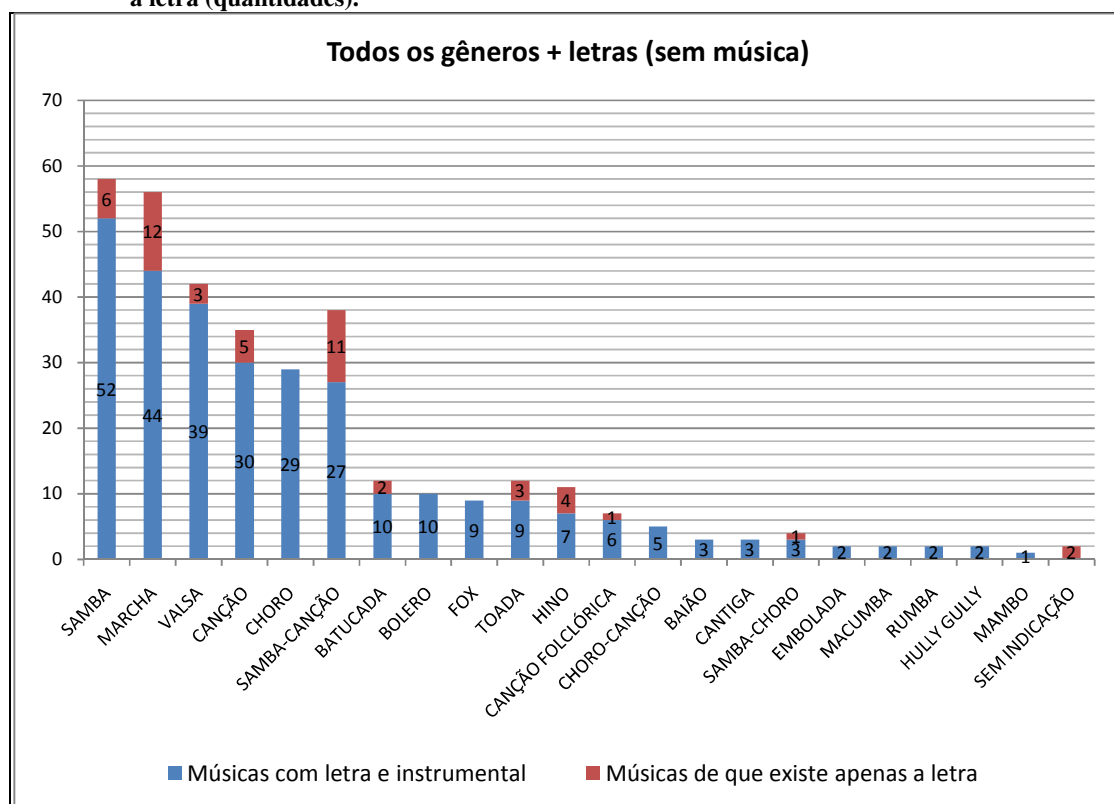
**A batucada**<sup>36</sup> – Foram registradas dez batucadas no período de 1936 até 1966, das quais cinco compostas na década de 1930, três nos anos quarenta (1940 e 1942) e a última, com o título *Deixe de chiquê*, em 1966.

<sup>35</sup> **Baião** (s.m.) – 1. Dança ou canto encontráveis no nordeste brasileiro (ANDRADE, 1989, p. 36).

<sup>36</sup> **Batucada** (s.f.) – Nome dado ao ritmo do batuque; também usado como sinônimo deste e de samba. Na acepção mais geral, o nome se aplica a danças acompanhadas de forte percussão. [...] Começou-se publicamente a generalizar a palavra por 1930. Alguns a explicam como entre o samba e a marcha carnavalesca (ANDRADE, 1989, p. 52).

**O bolero**<sup>37</sup> – Há escritos dez boleros, o primeiro intitulado *A vida*, de 1938, com letra de José de Souza. O próximo seria escrito em 1950, o bolero *Tudo foi promessa*. Em 1965, João Tomé escreveu a melodia de seu último bolero, *Rosas no meu coração*, letra da poetisa Lílian Magnavita.

**Gráfico 3 - Composições de João Tomé: Músicas com letra e instrumental e músicas de que existe apenas a letra (quantidades).**



**A canção**<sup>38</sup> – Melodias escritas com indicação de canção somam trinta. Foram compostas entre 1939 e 1967. É interessante notar que mais da metade das canções foram

<sup>37</sup> **Bolero** (s.m.) – Dança da Andaluzia (Espanha) que deu origem, em Cuba, a canto acompanhado de instrumento. Sanchez de Fuentes observa que já em 1810 o bolero era conhecido em Cuba, ainda em compasso ternário e preferencialmente no modo menor. Após um período de esquecimento, foi retomado e escrito também em dois por quatro caracterizando-se como gênero cubano: canto em três partes, sendo a primeira delas uma introdução instrumental da guitarra, podendo ser, a terceira destas partes, no modo maior. O acompanhamento da guitarra se dá geralmente por meio de rasgueios cujo ritmo o autor exemplifica (exemplo rítmico musical). Dançou-se o bolero nos teatros do Rio de Janeiro no Império (ANDRADE, 1989, p. 67).

<sup>38</sup> **Canção** (s.f.) - Composição em verso. Na *Pequena história da música*, Mário de Andrade analisa a canção europeia: “O séc. XVI é a fase da canção. Porém agora o que se entende por canção não é uma toada de gênero popular, nem se inventou ainda a mania de imitar popularescamente o povo. Trata-se duma forma desenvolvida e aprimorada, um pouco amaneirada mesmo, como poesia. Poeticamente há grande variedade na forma das estrofes, cada estrofe em geral seguida por estribilho. O tamanho das canções também varia muito, e se algumas são pequeninas, outras não acabam mais, de tamanhas. Seus temas preferidos são o amor... e o amor. Em geral o

feitas no período em que João viveu em Brasília. Somam um total de vinte e quatro. A primeira canção, 1939 leva o título de *Versos de amargor*.

**A canção folclórica** – Foram escritas seis peças que consideramos canção folclórica, pois algumas estão com a denominação ‘instantâneo folclórico’. A primeira, de 1939, leva o título *Menina bonita*, outras quatro são: *Como é bom ser amado* e *O pobre é que padece*, ambas de 1942; *Praia do Guarujá*, de 1943 e *Conto do sertão*, de 1946. Em 1947, João compôs uma canção com título *Gameleira* em homenagem à árvore centenária de Uberaba que estava plantada na praça da cidade. A árvore foi cortada e Tomé, reflexivo, comentou com um amigo: “as árvores também morrem”. Dessa frase nasceu uma crônica de Clemente Luz, veiculada na Rádio Educadora de Brasília em 5 de maio de 1966, com o título ‘As árvores também morrem’<sup>39</sup>. Todas as seis canções folclóricas possuem letra e música.

**As cantigas**<sup>40</sup> – Somam um total de três, todas tendo letra, musicografia em braille e a tinta, compostas na segunda metade da década de 1940, não existindo gravação. A primeira delas, *Quando eu era pescador*, é de 1946 e tem letra de Rodrigues. De 1947 é *Meu sofrimento*, e de 1949 – *Não tenho tempo* – que contém a anotação ‘em ritmo de samba’.

**Os choros**<sup>41</sup> – Começaram a ser compostos em 1939. São eles *Arrependida* e *Marangone*. Este último é uma das composições mais tocadas e difundidas entre os chorões de Brasília. Praticamente todos os flautistas que estão nos círculos das rodas aprendem esse choro. Em apresentação feita em homenagem a João Tomé, na sala Funarte de Brasília, em 3 de junho de 1981, pelo projeto Quartas Musicais, Avena de Castro, citarista e compositor, amigo de Tomé, faz o seguinte pronunciamento:

Para deixar uma lembrança bem alegre desta audição do João Tomé, que era um homem bastante alegre, bastante inspirado, nós vamos repetir o choro,

---

amor. Porém amor cortês, cheio de delicadezas e grã-finismo de expressão. Às vezes se canta a natureza também (ANDRADE, 1989, p. 87).

<sup>39</sup> Crônica de Clemente Luz disponível na seção 6 do Anexo.

<sup>40</sup> **Cantiga** (s.f.) – Poesia cantada em versos. Ou ainda, segundo Mariza Lira: “pequena canção, trova, toada feita para cantar.” (Música popular brasileira, Jornal do Brasil, 23 jan. 1938). As cantigas, para Alfonso Carrizo, são para cantar o amor, sentimentos religiosos, acontecimentos históricos e outros assuntos ligados à vivência do povo. (Antiguos cantos populares argentinos, 1926, p. 17) in (ANDRADE, 1989, p. 103)

<sup>41</sup> **Choro** (s.m.) – 2. Chorar. Não esquecer a saudação lacrimosa dos índios. Ora o choro em grande usança é a serenata que vai cantar em tal casa, em tal festa. Enfim é festivo. [...] O conceito parece que mais inerente à palavra *choro* é este: um conjunto instrumental livre, de função puramente musical, composto de um pequeno grupo de instrumentos solistas, exercendo o resto do conjunto uma função acompanhante, antipolifônico de caráter puramente rítmico-harmônico (ANDRADE, 1989, p. 136-137).

aliás, a Dolores vai executar novamente o choro Marangone, que é o mais conhecido de todos, no meu entender, e um dos mais bonitos.

Seguindo o conceito de choro de Andrade (1989), sendo um conjunto instrumental livre, Tomé quebra a regra e cria letras para três composições: Arrependida (1939), Cara de lobo (1941) e Cachorro vagabundo (1942). O total de choros escritos soma 29, sendo o último datado de 1966 de nome *Boa lembrança*. Deste último, existe gravação de Tomé executando o solo na flauta transversal acompanhado de piano e pandeiro.

Em ritmo de **choro-canção**, Tomé criou cinco obras: *Prece ao coração* (1939) com letra de José de Souza, *Resto de sonho* (1942) com letra do próprio compositor, *Arroz doce* (1950) instrumental. Com este último, o compositor faz duas homenagens: a primeira ao Jacob do Bandolim, músico e compositor admirado por João que havia composto ‘Doce de coco’, e a segunda, à sua sobremesa preferida, de acordo com relato de sua filha, Alcione. Os outros dois choros canção datam de 1954, respectivamente, *Bem distante*, com letra de João Tomé e *Minguado*, instrumental. Todas as cinco músicas foram musicografadas a tinta e em braille.

**A embolada**<sup>42</sup> – Duas emboladas com temáticas festivas: *Festa no arraial*, de 1937 e *Numa Festa de São João*, de 1939; ambas têm letra do compositor compositor e estão musicografadas nos dois meios.

**O fox**<sup>43</sup> – De 1955 a 1963, foram compostas nove músicas no gênero *Fox*, cinco das quais escritas de 1955 até 1959. As outras quatro são da década dos anos sessenta: *Voltei*, de 1960; *Cavaleiro do Norte*, *Conclusão* e *Meimei* datam de 1963. O *fox* Cavaleiro do Norte tem uma história peculiar. A esposa de Tomé conta que ele acordou no meio da noite e começou a escrever. O som da escrita perfurando o papel irritou Vera que reclamou com o marido. João lhe contou que havia tido um sonho com um cavaleiro que cantava uma melodia para ele. Por isso a pressa. Ele logo que acordou correu para registrar e melodia recebida através de sonho.

---

<sup>42</sup> **Embolada** (s.f.) – Processo rítmico-melódico de construir as estrofes pelos repentistas e cantadores nordestinos, peças dançadas ou não. (DM-MA) [...] “Musicalmente o processo da embolada consiste em uma linha de andamento rápido, onde abundam as notas rebatidas, e construída num ‘perpetuum mobile’, ‘movimento perpétuo’ em semicolcheias. O compasso no 2/4 usual.” (Andrade, Mário de. A Modinha, Diário Nacional, 14 maio 1930) in (ANDRADE, 1989, p. 199-200).

<sup>43</sup> **Foxtrote** (s.m.) – Dança e gênero de música dos negros americanos que se popularizou em tempo no Brasil, em compasso quaternário, movimento rápido e aparentada com o jazz (ANDRADE, 1989). Em suas composições, Tomé não escreve foxtrote, fazendo a indicação de estilo apenas por fox ou fox slow. Entendemos fox como um gênero vindo dos Estados Unidos da América. (ANDRADE, 1989, p. 232).

**O hino**<sup>44</sup> – Foram escritos sete hinos, todos com títulos religiosos. As letras eram de autoria do compositor ou parcerias. Os primeiros hinos musicados datam de 1945, *Hino a Agostinho* e o *Hino da Mocidade Espírita de Uberaba*. O último hino foi escrito em 1965 com o título *A Grande Luz do Evangelho*. Todos estão musicografados em braille.

**Hully gully**<sup>45</sup> – Foram escritas duas músicas na década de 1960 cujas letras, escritas por Walter Sanches, foram entregues ao compositor para que as musicasse. São elas: *Menina criança* e *Vem*. As duas músicas foram registradas a tinta e em gravação. Não existem partituras originais escritas em braille. Em um dos manuscritos musicais está escrita a indicação de gênero como Yê yê yê, estilo de música com influência do rock cantada pela Jovem Guarda. Por ser uma apropriação de outra cultura, decidimos considerar as duas composições como hully gully.

**Macumbas**<sup>46</sup> – Foram duas: a primeira de 1941, intitulada *Nego Véio Entristeceu*, e a segunda, de 1946, *Pra ficar de cabeça inchada*. O título macumba não é encontrado como gênero musical. Supomos que o nome empregado por Tomé esteja ligado à temática poética. Existe gravação do segundo título com acompanhamento de piano e coro de quatro vozes.

**Mambo** – João musicou a letra de Geraldo Barbosa intitulada *Angorá*, de 1958, que faz referência a um gato cujo pelo tinha essa característica. A música era cantada pelas crianças no programa dominical infantil da emissora de Rádio PRE-5 de Uberaba. O primeiro verso é “Que maravilha é o Mimi / Outro no mundo não há / Tão bonitinho eu nunca vi / O meu gatinho é angorá”.

**Marchas**<sup>47</sup> – A composição de marchas é uma constante no Rio de Janeiro do início do século XX. Muito comuns nos blocos de carnaval de rua, eram organizados concursos para

---

<sup>44</sup> **Hino** (s.m.) – Cântico festivo, solene, em honra de divindades, heróis ou glórias nacionais. Os hinos começam a ser escritos na Igreja cristã primitiva, entre os séculos I e VI, como veiculadores de novos textos em oposição às salmódias, o canto dos Salmos (ANDRADE, 1989, p. 258-259).

<sup>45</sup> **Hully gully** is a type of unstructured line dance often considered to have originated in the sixties, but is also mentioned some forty years earlier as a dance common in the black juke joints in the first part of the twentieth century. In its modern form it consisted of a series of "steps" that are called out by the MC. Each step was relatively simple and easy to execute; however, the challenge was to keep up with the speed of each step. Informação sobre Hully gully disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Hully\\_Gully](http://en.wikipedia.org/wiki/Hully_Gully)>. Acesso em: 12 jun. 2010.

<sup>46</sup> **Macumba** (s.f.) – Em *Música de feitiçaria no Brasil* (s.d., p. 61) Mário de Andrade, localiza a origem provável do termo: “Apenas posso supor que talvez se trate duma deformação popular de ‘makanja’, palavra de língua conguesa que justamente quer dizer feiticeiro, pajé (Combaricu, Hist. 14).” Na p. 62 explica como de nome de instrumento, macumba passou a ter uma significação mais ampla: “‘Makumba’ designou primitivamente um instrumento de percussão... É processo comum o nome do instrumento passar a designar a dança em que ele é sistematicamente tocado! (ANDRADE, 1989, p. 296).

<sup>47</sup> **Marcha** (s.f.) – Gênero de composição caracterizado pela escrita em compasso binário, ou mais raramente quaternário, com o primeiro tempo fortemente acentuado, principalmente instrumental. No Brasil a marcha

escolha da melhor marcha para cada bloco. Ainda hoje nos carnavais de rua tradicionais é eleita a marchinha ‘abre alas’ do bloco. João Tomé escreveu cinquenta e seis marchas e na tabela de composições aparece como o segundo gênero musical mais escrito por ele. As três mais antigas datam de 1936: *Chegou o natal*, *Pois é José* e *Rainha do café*. Tomé não fez marchinhas apenas com temáticas de carnaval. A marcha *Chegou o Natal*, de 1936, conta a breve história a respeito do canto do galo anunciando a chegada do natal juntamente com as badaladas da catedral e do papai Noel. Em 1952, foi criada a canção *Parabéns, Parabéns*, com letra de Diana Lins. Esta canção comemorativa era sempre tocada e cantada por João nos aniversários, incluindo a gravação em um dos seus programas da Rádio e TV Nacional de Brasília. O cenário político também era inspiração para o versátil compositor. Em 1963 foi escrita a marchinha *Cuidado Negrão*. Um dos versos diz: “Todo mundo viu. Você botando a mão. No cofre do seu João. Cuidado, Cuidado Negrão!”. Esse verso faz alusão a Francisco Negrão de Lima, político ligado ao presidente Juscelino Kubitschek, que de 1959 até 1963 desempenhou a função de embaixador do Brasil em Portugal e, em 1965, já sob o regime militar, elegeu-se governador do estado da Guanabara<sup>48,49</sup> pelo PSD. Encontramos um caderno pautado com assinatura do copista – José Bento – com data de 1955, por isso não consideramos a data exata da composição e sim a data da cópia com indicação de possibilidade de criação anterior.

**Rumbas**<sup>50</sup> – Duas rumbas: a primeira de 1942 e a última de 1963, respectivamente, *Sorrindo para te Esquecer* e *Viagem*. As duas são de autoria de João e estão musicografadas em braille e a tinta.

**Samba**<sup>51</sup> – O ritmo considerado genuinamente brasileiro, o samba, foi o gênero que mais obteve registros por João Tomé: foram cinquenta e dois sambas compostos. A grande

---

popularizou-se nos blocos carnavalescos como marcha-rancho e marcha de salão e segue a fórmula introdução instrumental e estrofe refrão (ANDRADE, 1989, p. 307).

<sup>48</sup> Fonte: FGV / CPDOC – Biografias (Negrão de Lima). Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/Negrao\\_de\\_Lima](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/Negrao_de_Lima)>. Acesso em: 30 maio 2010.

<sup>49</sup> O Estado Guanabara foi criado em 21 de abril de 1960 – data da inauguração de Brasília e da mudança da capital federal para essa cidade –, com a abrangência territorial do até então Distrito Federal, ou seja, da cidade do Rio de Janeiro. Foi extinto em 1<sup>o</sup> de janeiro de 1975, pela fusão dessa unidade da federação com o estado do Rio de Janeiro.

<sup>50</sup> **Rumba** (s.f.) – Dança cubana em compasso binário, com influência africana, música urbana e suburbana que influenciou, um tempo, o samba, “não só nos *sambas-rumbas*, como na própria estrutura rítmico-melódica da música.” (Almeida, R. *História da música brasileira*, 1942, p.196). A forma geral da rumba é de um canto expositivo pelo solista, respondido pelo coro e seguido por uma dança aos pares que, antigamente, tinha coreografia de apelo erótico. O cantor costuma terminar as frases com interjeições Eh! Ah! Ae! Ea! (ANDRADE, 1989, p. 447-448).



maioria data das décadas de 1930 e 1940, sendo dezoito sambas entre 1936 e 1939, e dezessete entre 1940 e 1949. Entre 1950 e 1967, foram escritos dezessete sambas; o último registro contém o título *Preito de amizade*. Em 1954, foi gravado o samba *Nem todos sabem*, composto em 1940. A gravadora Columbia do Brasil, pela voz da artista Terezinha Magalhães, divulga o samba, gravado pelo Regional do Canhoto<sup>52</sup>, em São Paulo. Outro samba contendo o título *Todos sabem*, de 1949, foi gravado pelo cantor uberabense Paulo Marquez. Em uma carta<sup>53</sup> de 30 de agosto de 1957, destinada a Tomé, a gravadora mostra-se interessada em gravar o samba com o artista Paulo Marquez. Quem assina a carta é Antônio Pinheiro da Silva, do departamento de repertório. É interessante lembrar que os discos de 78 rotações, na década de 1930, eram pesados e continham uma faixa de música em cada face – lado A, que dava o título da gravação e lado B. Em 1961, ano em que o presidente da república Jânio Quadros renunciou ao cargo, João escreve o samba *Renúncia* com os versos “Renúncia nem sempre justifica / O erro de quem sem coração pratica / Quem não sabe ter firmeza / Na boa resolução / Perde o mundo e a cabeça / Perde o senso e a razão”. Em 1964, João escreve o samba *Perda de um sambista* para homenagear Ary Barroso, compositor admirado por Tomé. Os versos do samba começam assim: “O Barroso morreu. Ele gostava de samba como eu”. Somando um total de 52 sambas, esse é o gênero com maior número de músicas feitas pelo compositor.

**Samba-canção** – O gênero samba-canção, muito explorado pelo compositor carioca Noel Rosa, artista admirado por Tomé, envolvia sua imaginação e criação artística. O samba-canção apresenta característica de andamento mais lento em relação ao samba, sendo assim, mais dolente. Com títulos diversos, contabilizamos um total de vinte e sete samba-canções escritos por João Tomé, entre os anos de 1936, como o samba-canção *Cheio de mágoa*, e os últimos, já na década de 1960: *Só você*, de 1960, *Eu e meu violão*, de 1962, e em 1965,

---

<sup>51</sup> **Samba** (s.m.) – 2. Dança de salão, aos pares, com acompanhamento de canto, em compasso 2/4 e ritmo sincopado. Admite três construções: a) introdução instrumental, solista (estrofe) e coral (refrão); b) em três partes, mas sem estrofe e refrão; c) introdução e estrofe. A este samba Renato Almeida chama de samba carioca ou de salão. (*História da música brasileira*, 1942, p.191).

3. O samba rural de negros paulistas (e possivelmente de toda região central do país) se distingue bem na coreografia e no ritmo musical, dos sambas e baianos nordestinos. Este se aproxima bem mais do maxixe, tem a sincopa (existente ou não) como elemento básico do ritmo. Já o samba paulista, como base rítmica e é um verdadeiro one-step bem batido nos tempos, exigindo a coreografia andadeira do one-step. O passo se faz balanceado prá frente do corpo, sem o balanceamento lateral de ancas próprio do maxixe e dos sambas e mesmo cocos do Nordeste (ANDRADE, 1989, p. 453-456).

<sup>52</sup> No capítulo I foi comentada a insatisfação da cantora com o arranjo gravado. As dificuldades encontradas no caminho fizeram a artista desistir da carreira.

<sup>53</sup> Carta da Columbia no anexo I.

*Quanta saudade*. Apenas dois samba-canções não foram escritos em braille: *Cheio de mágoa* (1936) e *Agora sim* (1941).

**Samba-choro** – Foram escritos três entre 1936 e 1945, todos com letra. São eles: *Meu chapéu de palha* (1936), *Eu era* (1939) e *Mulato faceiro* (1945).

**Toada**<sup>54</sup> – As toadas são contabilizadas em um total de nove, escritas entre 1936 e 1966. Quatro delas datam da década de 1930, uma delas, com o título *Ai, Sinhá!* foi gravada pela dupla de música regional Toninho e Marieta. Outra composição, de 1966, *Minha jangada*, tem letra de Lílian Magnavita e foi gravada no programa *Festival*, apresentado por Tomé na TV Nacional de Brasília.

**Valsa**<sup>55</sup> – Trinta e nove valsas foram registradas em seus livros em braille, a tinta e gravados, sendo este gênero musical o terceiro mais utilizado nas composições. As primeiras (mencionadas anteriormente como primeiras composições) datam de 1936 e somam quatro: *Dora*, *Anjo divinal*, *Maurita* e *Amor de mãe*, esta última dedicada a sua mãe, Marinha Emília de Almeida. As valsas *Vera* (1947), *Alcionina* (1949) e *Áurea* (1949) foram escritas, respectivamente, para sua esposa, a primeira filha e sua irmã caçula. Em 1966, foram compostas dez melodias, sendo elas: *Amor de Vera*, *Deusa do lago*, *Doce calma*, *Dolores*, *Eulira*, *Lila*, *Maria*, *Meila*, *O bom amigo* e *Outro céu*. No último ano de registros escritos de valsas, 1970, Tomé compôs *Amorzinho* e *Prisma*, ambos para sua filha caçula, Meila, tocar na flauta doce.

Das composições de Tomé encontramos um livro com as letras de suas músicas datilografadas. Este material foi confeccionado por colaboradores sob a supervisão do compositor. Do livro original constam 292 letras, entre as quais cinquenta de que não encontramos a música (na tabela 2, indicamos esse material como ‘só letra’). Desse total de

<sup>54</sup> **Toada** (s.f.) – Cantiga. Sem forma fixa. Se distingue pelo caráter no geral melancólico, dolente, arrastado. “Qual o gênero de música popular de sua preferência? – O que melhor condiz com o meu sentimento artístico é o gênero ‘toada’, que reflete a alma brasileira de Norte a Sul [...]” (Duma entrevista de Marcelo Tupinambá pra *A Gazeta*, São Paulo, 5 fev. 1931). Linha melódica. “Qual é a toada?”. No sentido de melodia vem neste passo de Pereira da Costa: “[...] o baiano, um misto de dança, poesia e música cujas toadas são acompanhadas à viola e pandeiro [...]” (Folclore pernambucano, RIHGB, 1908, p.226). *Toada* no domínio caipira, significa especializadamente a melodia, a linha melódica e não o conjunto de peça, isto é, a poesia cantada com acompanhamento de viola ou violão. “Não sei a toada dessa moda” escutei na barranca do Moji Guaçu (ANDRADE, 1989, p. 518-520).

<sup>55</sup> **Valsa** (s.f.) – Dança em compasso ternário e andamento variado (rápido, moderado ou lento) de ritmo característico: 3/4. Renato Almeida admitiu a origem francesa da dança, no século XVI, “e só se tornou cidadina no séc. XVIII, na Áustria, a ponto de muitos a dizerem germânica [...] amaneirou-se, no Brasil, onde entrou por volta de 1837, ficou sestrosa, sofreu a influência das modinhas e adaptou-se ao choro nacional. Se guardou as suas características fundamentais [...] abasileirou a sua melodia e se tornou uma forma de canção sentimental, que é hoje a mais comum nos compositores do gênero” (*História da música brasileira*, 1942, p. 184). (DM-MA) (ANDRADE, 1989, p. 548-549).

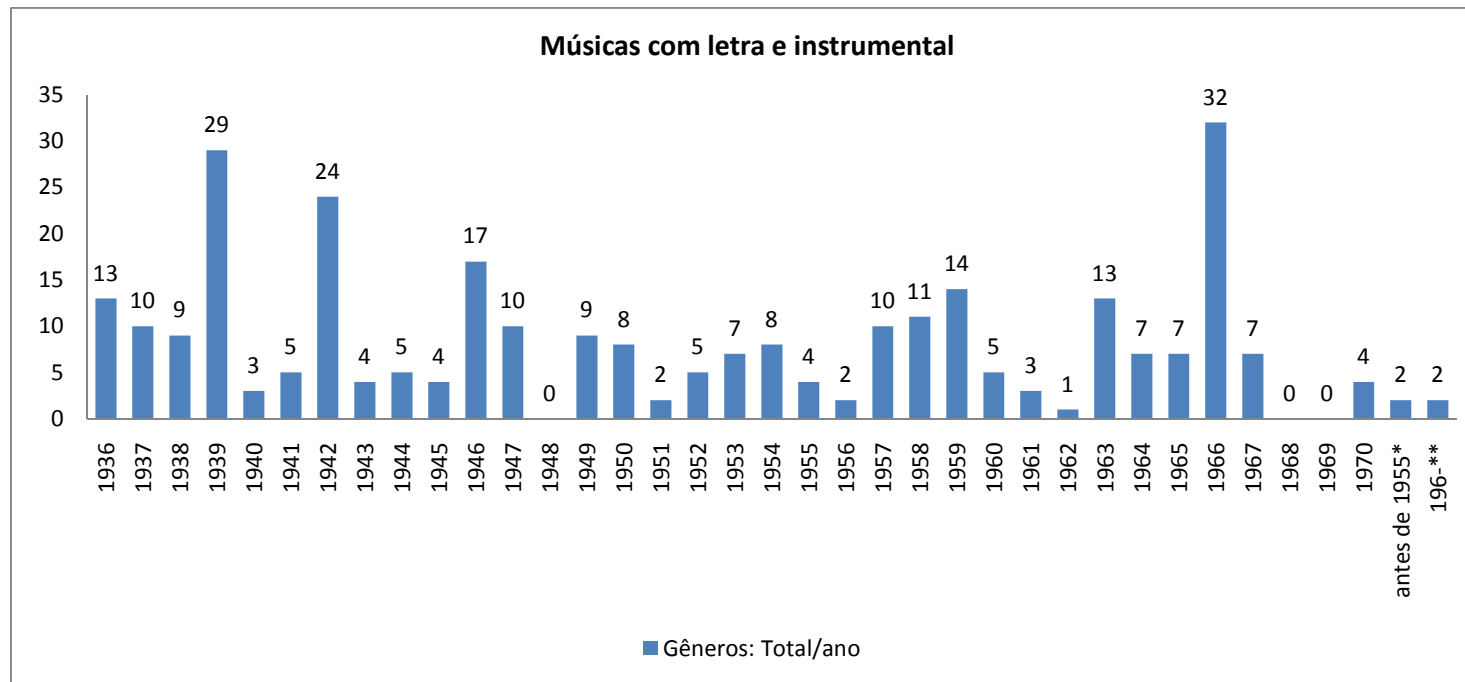
letras, uma parte é de parcerias (letra) e outra autoral. Os gêneros variam no contexto descrito anteriormente (Tabela 2).

**Tabela 2 – Composições de João Tomé: Músicas com parcerias (letras) por gênero / total de músicas com letras e apenas com letras.**

| Músicas – Gênero   | Músicas com letras | Letra e música + só letra | Com parceria |
|--------------------|--------------------|---------------------------|--------------|
| BAIÃO              | 1                  | 1                         | 0            |
| BATUCADA           | 10                 | 12                        | 0            |
| BOLERO             | 8                  | 8                         | 3            |
| CANÇÃO             | 8                  | 13                        | 9            |
| CANÇÃO FOLCLÓRICA  | 6                  | 7                         | 0            |
| CANTIGA            | 3                  | 3                         | 1            |
| CHORO              | 3                  | 3                         | 0            |
| CHORO-CANÇÃO       | 3                  | 3                         | 1            |
| EMBOLODA           | 2                  | 2                         | 0            |
| FOX                | 8                  | 8                         | 2            |
| HINO               | 7                  | 11                        | 8            |
| HULLY GULLY        | 2                  | 2                         | 2            |
| MACUMBA            | 2                  | 2                         | 0            |
| MAMBO              | 1                  | 1                         | 1            |
| MARCHA             | 39                 | 51                        | 12           |
| RUMBA              | 1                  | 1                         | 0            |
| SAMBA              | 52                 | 58                        | 4            |
| SAMBA-CANÇÃO       | 27                 | 38                        | 10           |
| SAMBA-CHORO        | 3                  | 4                         | 0            |
| TOADA              | 9                  | 12                        | 4            |
| VALSA              | 14                 | 17                        | 11           |
| SEM INDICAÇÃO      |                    | 2                         | 0            |
| <b>TOTAIS</b>      | <b>209</b>         | <b>259</b>                | <b>68</b>    |
| <b>PERCENTUAIS</b> | <b>80,7%</b>       | <b>100%</b>               | <b>26,3%</b> |

No gráfico 4 está sumariada a produção anual de João Tomé, considerando todos os gêneros, e na sequência de gráficos (Gráfico 5) está ilustrada, ano a ano, a diversificação por gêneros das composições de João Tomé. O gráfico 6 e o gráfico 7 ilustram as relações entre dados apresentados nas tabelas 1 e 2.

**Gráfico 4 – Composições de João Tomé: quantidade de músicas por ano (todos os gêneros).**



**Observações:**

\* Composições anteriores a 1955, conforme caderno.

\*\* Ambas “Hully gully”, identificadas pelo gênero como tendo sido compostas nos anos 1960.

Gráfico 5 – Composições de João Tomé: Músicas por ano, por gênero (1936-1970).

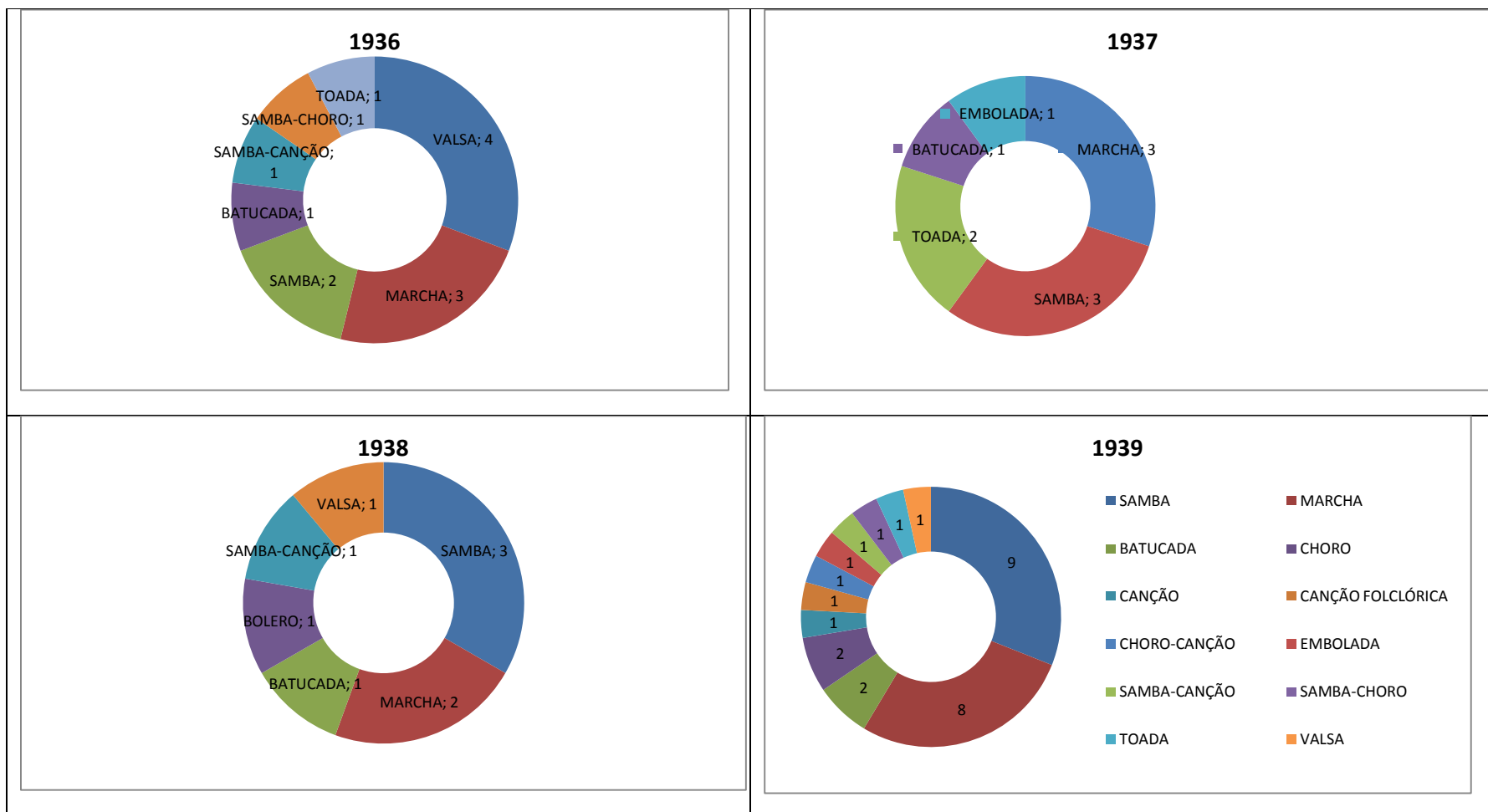


Gráfico 5 – Composições de João Tomé: Músicas por ano, por gênero (1936-1970).

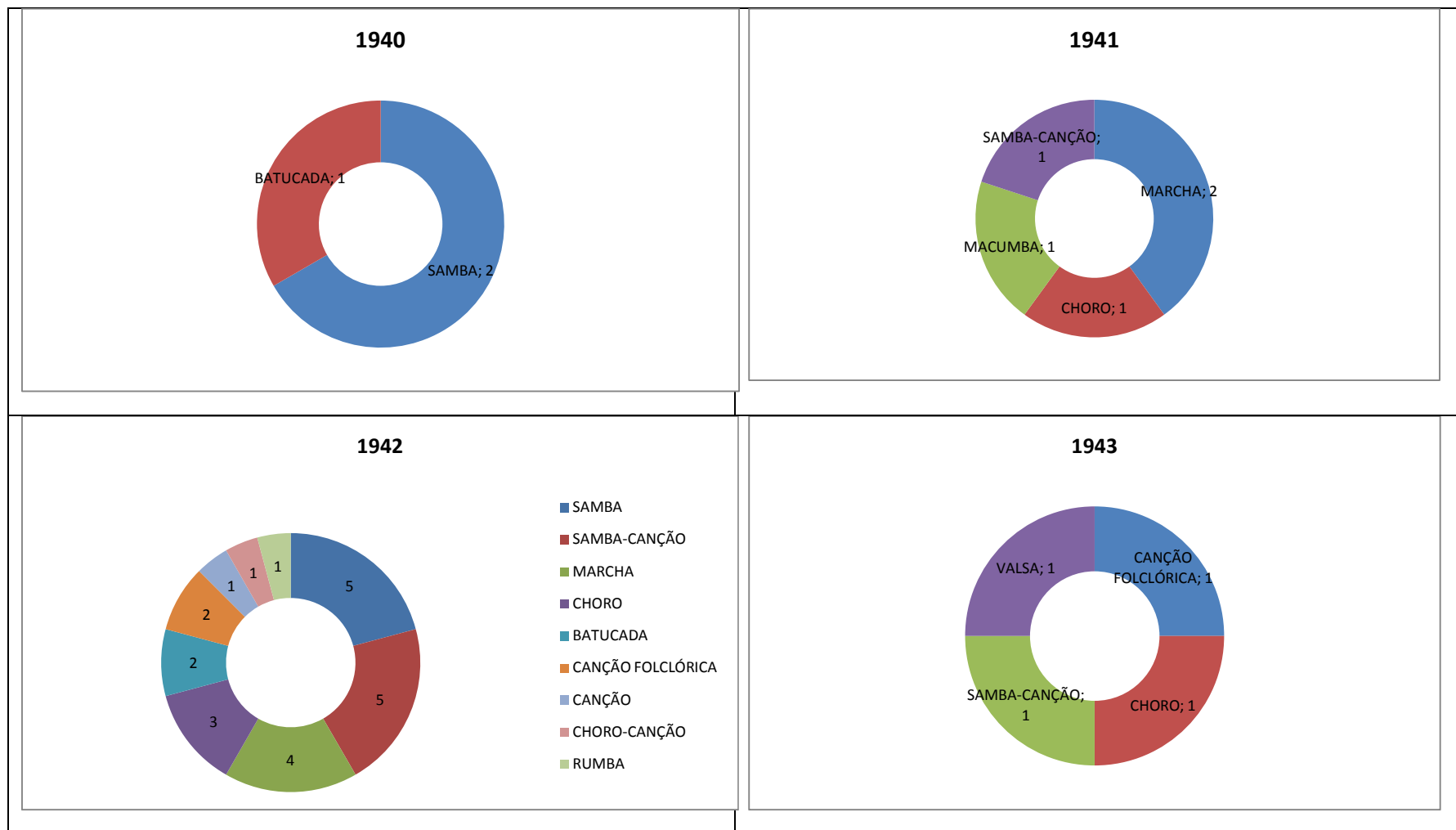
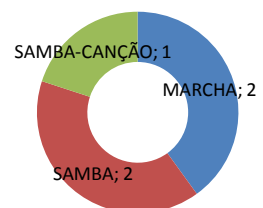
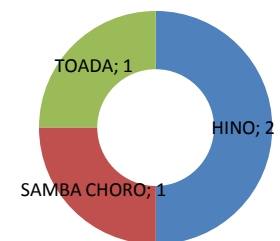


Gráfico 5 – Composições de João Tomé: Músicas por ano, por gênero (1936-1970).

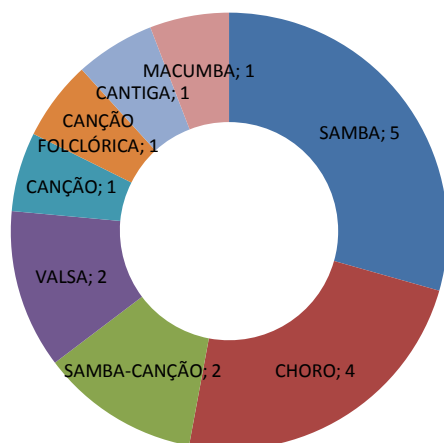
1944



1945



1946



1947

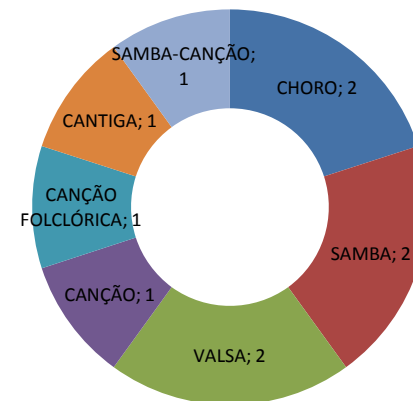


Gráfico 5 – Composições de João Tomé: Músicas por ano, por gênero (1936-1970).

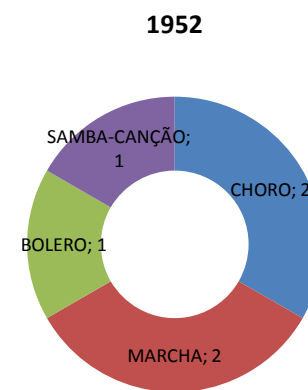
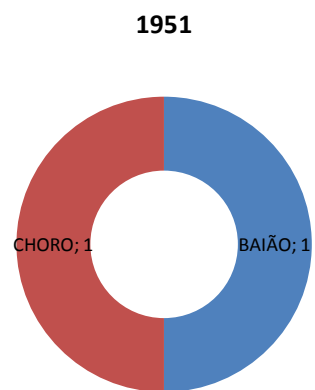
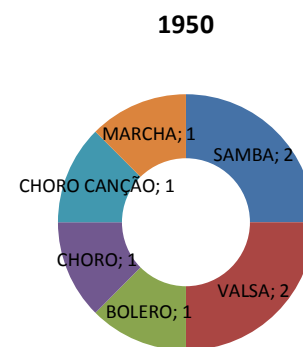
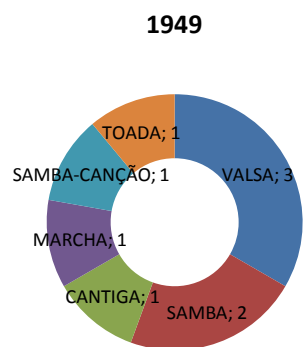




Gráfico 5 – Composições de João Tomé: Músicas por ano, por gênero (1936-1970).

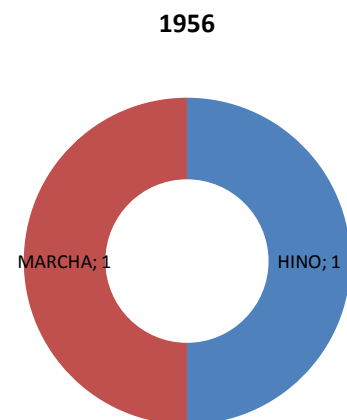
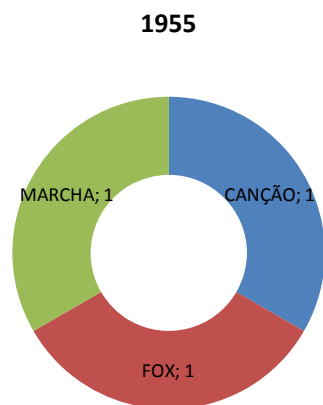
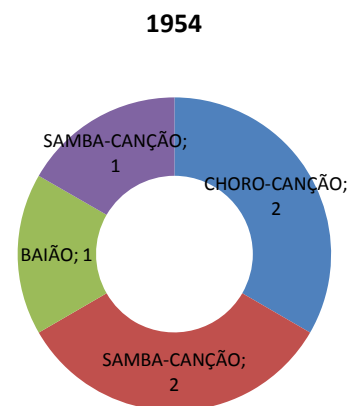
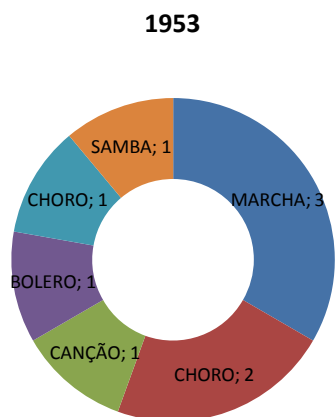
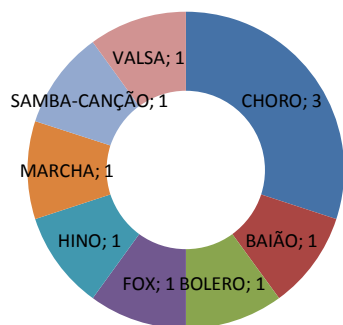
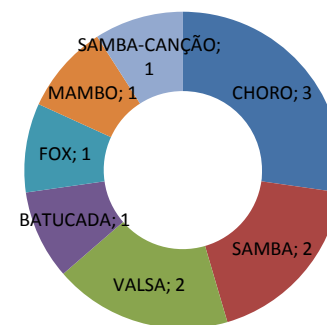


Gráfico 5 – Composições de João Tomé: Músicas por ano, por gênero (1936-1970).

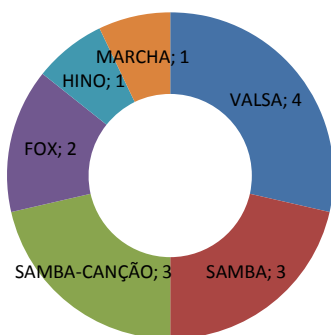
1957



1958



1959



1960

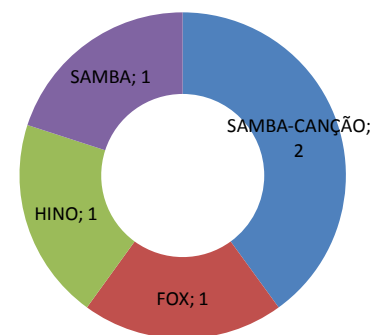


Gráfico 5 – Composições de João Tomé: Músicas por ano, por gênero (1936-1970).

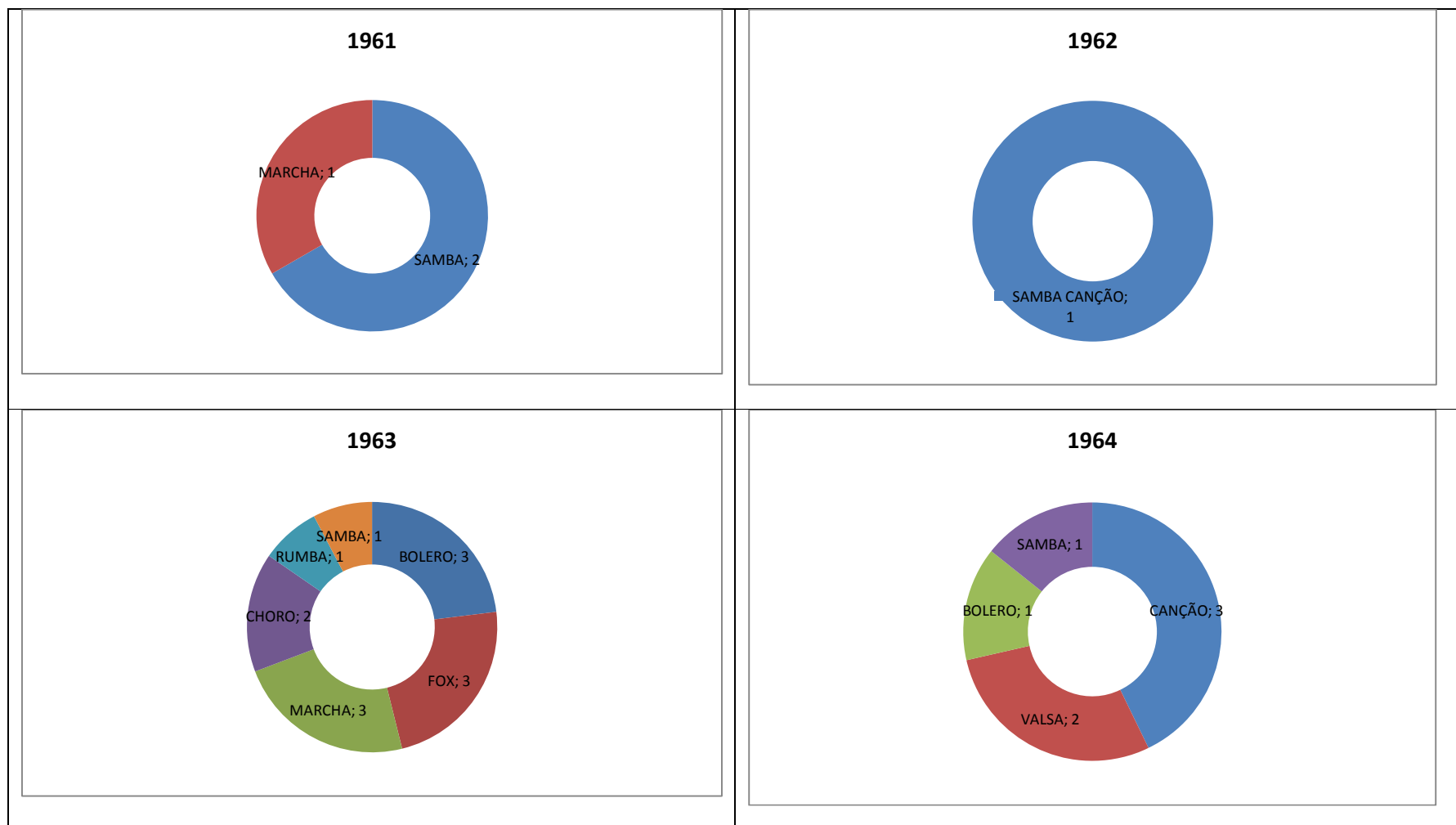


Gráfico 5 – Composições de João Tomé: Músicas por ano, por gênero (1936-1970).

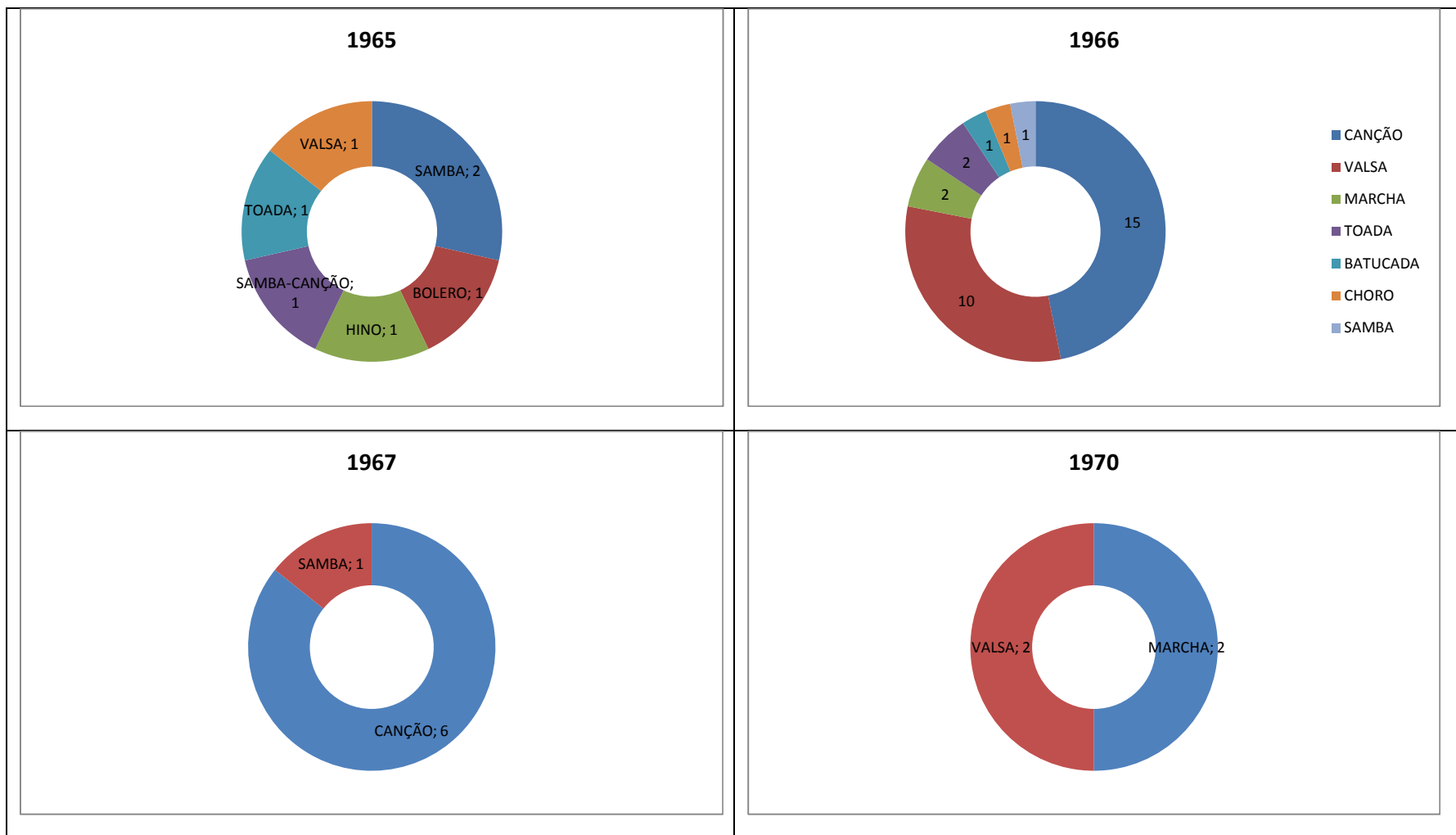


Gráfico 5 – Composições de João Tomé: Músicas por ano, por gênero (1936-1970).

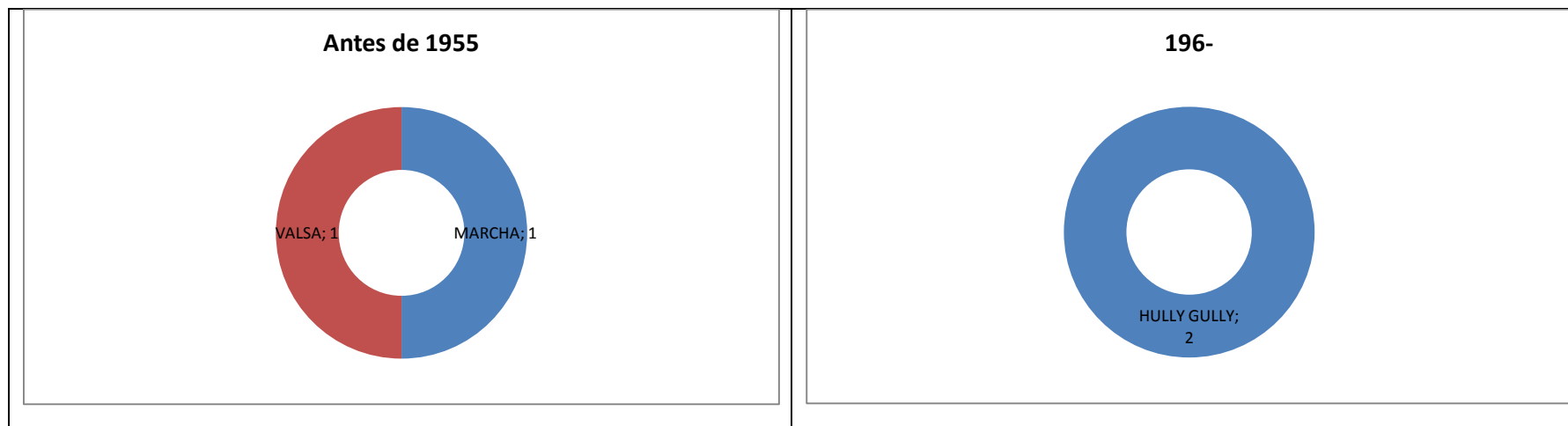


Gráfico 1

Gráfico 6 – Composições de João Tomé: Total de músicas (com letras e instrumentais).

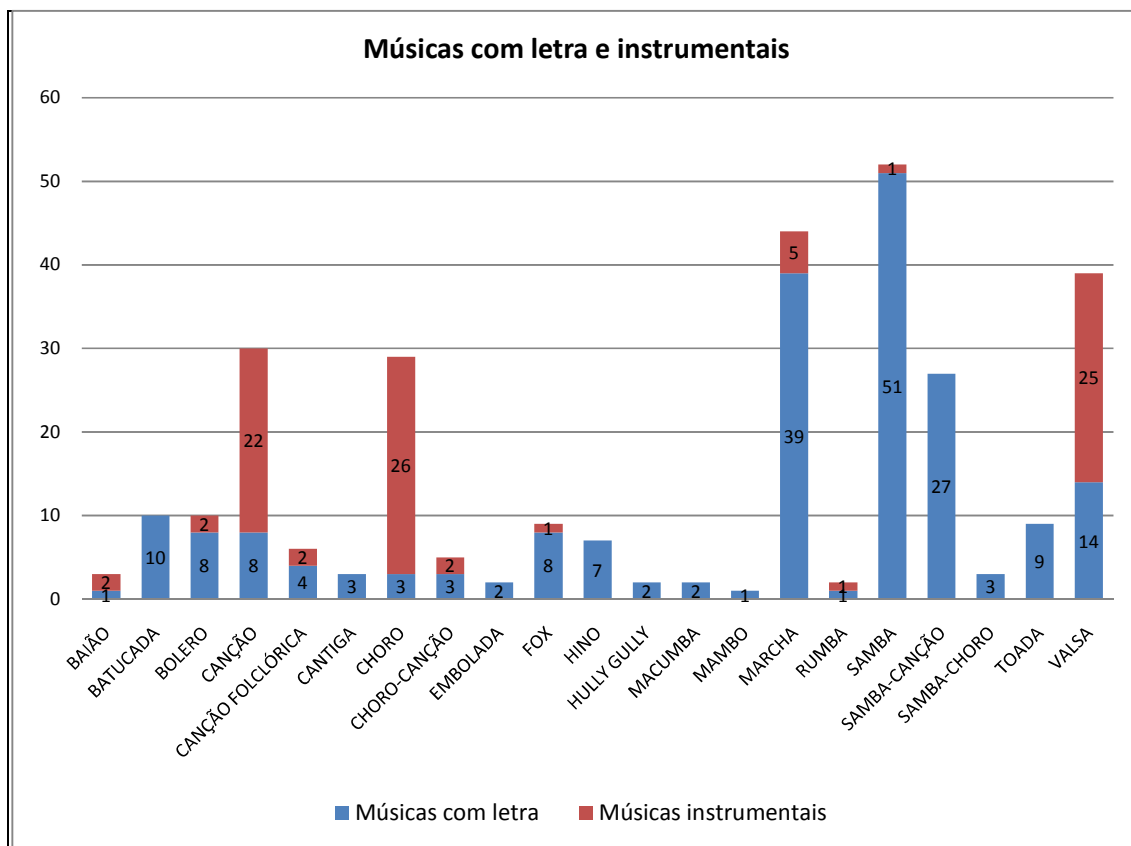
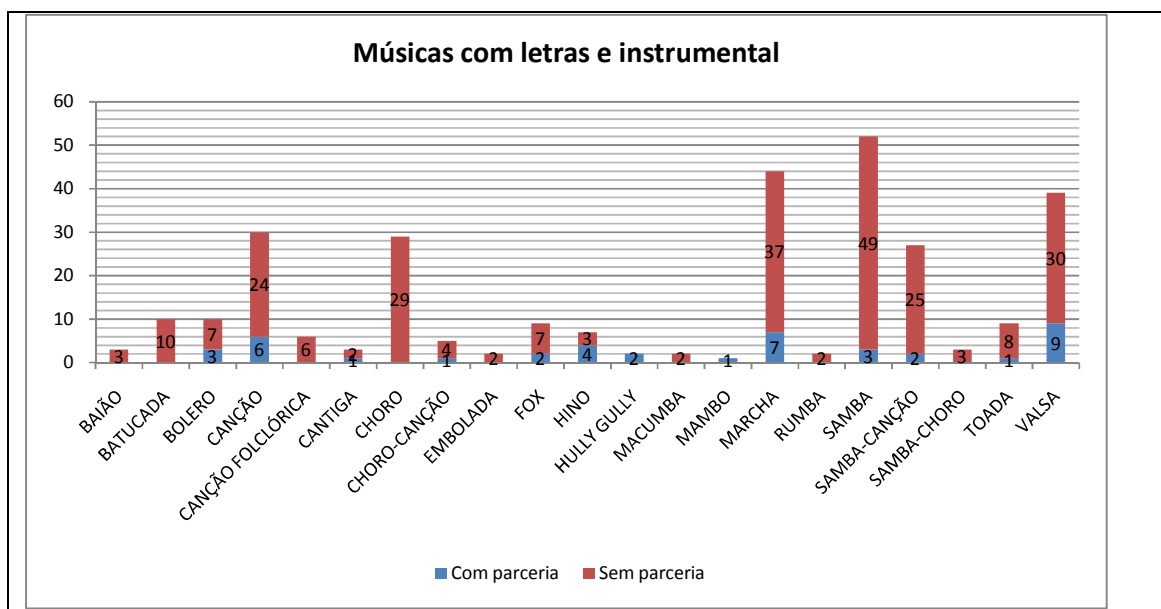


Gráfico 7 - Composições de João Tomé: Quantidade de músicas com parcerias do total de músicas por gênero.



#### 4.4. REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E A POSSIBILIDADE DE REGISTRO SONORO: independência à vista

O gravador de rolo com fita magnética surgiu em 1930 e na década de 1960 começou a ficar mais acessível à aquisição da tecnologia de gravação no Brasil. Mesmo com maior acesso ao material, as fitas eram caras e os aparelhos eram grandes e pesados. No arquivo sonoro deixado pelo músico e compositor existem 45 fitas com espessura de oito milímetros e tempo de gravação de 30 minutos em cada canal. A fita de rolo possui duas partes, denominadas lado A e lado B, em cada um dos quais é possível fazer duas gravações distintas, uma no canal direito e outro no canal esquerdo, resultando assim em uma gravação analógica.

Não apenas gravações caseiras eram efetuadas. Tomé registrou acontecimentos e eventos que considerava importantes, como exemplo, a ligação de sua família e de amigos a sua mãe, no ano de 1970, felicitando-a pelo aniversário em que ela completou 75 anos.

Os seus programas de rádio e TV também tiveram alguns registros. Tomé era líder de um programa da TV Rádio Nacional de Brasília que se chamava *Festival*, e era apresentado na TV, com a colaboração de amadores e artistas que se inscreviam, ensaiavam culminando na apresentação televisiva. Há a gravação de algumas edições desse programa, e constam de uma dessas fitas falas do líder do programa, João Tomé, com a seguinte expressão: “O *Festival*, nós gostaríamos de repetir o nosso slogan aos que ainda não o conhecem nesse horário. *Festival* não tem pretensão de agradar, mas tem o cuidado de não decepcionar.” A fala continua com as explicações do intuito do programa, a duração, as críticas, os ensaios. O apresentador Tomé justifica:

Quando lançamos o programa a 4 de março, a 5 de março do ano passado, pensamos bastante, nós estudamos seguramente um ano para que viesse ao ar esse programa. [...] toda sugestão que nos chegar às mãos sendo boa será aproveitada. E toda crítica, também, que nos vier sendo justa, nós acataremos. Mas nós tivemos muitas felicidades. Quase um ano de programação e até hoje não recebemos uma crítica, a não ser aquela, que muitos gostam de fazer, pelos corredores. Mas, assim como nós também temos a felicidade de ensaiar nos corredores, não tem importância. (Transcrição da abertura do programa *Festival*, ano 1967).

Percebe-se nessas gravações do programa *Festival* da TV Rádio Nacional a pluralidade não apenas na apresentação musical, mas também de informação ao telespectador. Tomé abre o programa citado acima interpretando, ao cavaquinho solo, uma de suas canções, o samba *Não tem graça*. Após o prelúdio musical, oferta boa noite aos telespectadores e especialmente a um colega da TV Rádio Nacional, colaborador dos bastidores.

O programa televisivo *Festival* era produzido ao vivo todos os sábados em horário vespertino. O *Festival* ficou no ar por um ano, de 1966 até 1967. No programa que foi produzido dia 18 de fevereiro de 1967, João anuncia aos telespectadores a pluralidade do *Festival* com o projeto de inserir, além das apresentações musicais, entrevistas, palestras e dados biográficos.

#### **4.5. MÚSICA, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO: a lembrança dos piqueniques em Uberaba**

A primeira música interpretada no referido programa também é de autoria de João Tomé. Ele conversa com o telespectador lançando uma enquete com a seguinte questão, “de quem você se lembra ouvindo esta música?” Após a questão, Tomé anuncia o nome da música: *Boa lembrança* (Ilustração 9). Esse choro, escrito em 1966, apresenta as seguintes características na audição gravada do programa *Festival*: a interpretação tem como solista na flauta o próprio compositor com o acompanhamento de seu conjunto, ao piano, Gilson e, na bateria, Walter, dois ex-alunos de Tomé no Instituto dos Cegos de Uberaba.

Ao se ouvir a interpretação da flauta de Tomé no choro *Boa lembrança*, pode-se notar destreza na articulação das notas, no fraseado e ornamentações. O autor explora a região aguda do instrumento e usa saltos de oitava, sétima maior ascendente em compasso binário, semínima igual a 110 batidas por minuto. A música está no campo harmônico de lá menor e não apresenta modulações e sim progressões. A progressão é uma expressão empregada por chorões em situação caracterizada pela condução harmônica que mantém o mesmo ‘campo gravitacional’ da tonalidade. Apresenta duas partes distintas denominadas de A e B com introdução de um compasso e Coda com dois compassos, em total de trinta e quatro compassos. As partes A e B são simétricas, ambas com dezesseis compassos. É repetida uma vez cada parte – AABBA – voltando ao A, finalizando na Coda.

Na gravação feita em fita de rolo deste mesmo programa, há a execução de outro choro de Tomé chamado *Piquenique*, de 1952 (Ilustração 10). Antes de iniciar a audição, João direciona as seguintes palavras ao seu público televisivo: “Como amanhã é domingo, nós vamos convidá-los para um piquenique”. A performance<sup>56</sup> musical começa com um solo de bateria e a melodia se inicia com solo de cavaquinho, mantendo a mesma formação do início do programa, com João Tomé no instrumento solo com acompanhamentos de piano e bateria.

---

<sup>56</sup> Performance é um termo utilizado no meio musical para indicar execução musical.



# Boa Lembrança

(Choro - 1966)

João Tomé  
(1920-1971)

Flauta

5

10

15

20

25

30

*D.S. e Coda*

Copyright © 2005, by João Tomé  
 Musicografia: Téo Acioli  
 Revisão Musicográfica e Layout: Wellington Fagundes

Ilustração 7 – Composições de João Tomé: choro *Boa lembrança*, escrito em 1966.

# Piquenique

(Choro - 1952)

João Tomé  
(1920-1971)

Flauta

6  $Dm7$   $A7$   $Dm7$

13  $G7$   $C$   $C^\#$   $Dm7$   $G7$   $C$

19  $Gm7$   $C7$   $F$

26  $Fm7$   $C$   $A7$   $D7$

30  $G7$   $C$   $C^\#$   $Dm7$   $G7$   $C$   $Bm7(b5)$

36  $E7$   $Am$   $A7$   $Dm$

42  $E7$   $Am$   $B7$   $E7$

47  $B7$   $E7$   $Am$   $C$   $G7$   $C$

\*solo ritmico

D.C. e Coda

Copyright © 2005, by João Tomé  
 Musicografia: Téo Acioli  
 Revisão Musicográfica e Layout: Wellington Fagundes

Ilustração 8 – Composições de João Tomé: choro *Piquenique*, escrito em 1952.

A ideia musical empregada no choro Piquenique é de melodia ágil, em compasso binário em andamento de dança rápida. Contém duas partes, A e B. A introdução pede um solo de instrumento de ritmo executado em oito compassos. Tanto a parte A como a parte B estão escritas com repetição (o termo em música é também denominado como ritornelo), sendo assim a forma musical com introdução – AABB – solo de ritmo – A – Coda. Nessa interpretação de Tomé pode-se perceber uma desenvoltura da linha do solo na utilização de ornamentos e improviso, principalmente na repetição da parte B.

#### **4.6. LEITURAS MUSICAIS E SENTIMENTAIS: as gravações na sala de casa**

A valsa *Amor de mãe*, uma das primeiras composições criadas por João Tomé, está registrada em braille, a tinta e existe gravação feita pelo autor (Ilustração 11). A forma musical está escrita (em braille e a tinta) como AABAA. Analisando a construção e divisão das frases das partes A e B, podemos escrever a segunda parte com as casas 1 e 2 acrescentando assim um ritornelo e considerando a repetição da parte B, ou seja, na realidade, a forma musical da valsa com o número de compassos é A(16) A(16) B(16) B(16) A(16) A(16), ou seja, forma Rondó. Em tonalidade de lá menor, a parte A está no campo harmônico de lá menor e a parte B, em dó maior. Escrita em compasso ternário, típico de valsa por se tratar de um tipo de dança, com melodia anacrústica e total de 57 compassos mais anacruse inicial.

Dois registros foram gravados em Brasília, na sala do apartamento em que João vivia. As gravações caseiras eram comuns, como relata sua filha Dolores:

O que eu lembro muito é dele ficar tocando lá na sala de casa. Cavaquinho, violão, fazendo aquelas gravações em fita de rolo, fazendo montagem. Pegava uma música, ‘Meditação’, ele mesmo colocava a flauta, depois o cavaquinho, depois o violão sete cordas, depois o bandolim... Isso eu lembro muito.

A primeira delas, que será denominada G1 (gravação 1), tem a instrumentação em violão fazendo a voz do baixo, cavaquinho fazendo o centro (tempos 2 e 3) e a flauta solo. Todas as vozes foram gravadas por João Tomé. A segunda, G2 (gravação 2), contém dois instrumentos, o violão acompanhamento e acordeom solo. Ao violão está João Tomé e ao acordeom, Gilson. As gravações G1 e G2 são da mesma época, gravadas entre 1966 e 1971, período em que João adquirira o gravador.

# Amor de Mãe

(Valsa - 1936)

João Tomé  
(1920-1971)

Flauta

A  $\text{\textcircled{S}}$  Am E7/G# Am/G Gm7 A7 Dm C#°  
 7 Dm <sup>1</sup> Dm/C E7/B E7/G# Am Am/G B7/F#  
 14 B7 E7(4) E7 <sup>2</sup> Dm Bm7(b5) E7 Am  
 21 Am/G B7/F# E7 Am G7(4) C C° F/C  
*Fim*  
 29 G7(4) G7 C Em Eb° Dm  
 37 G7(4) G7 C G7(4) C C° F/C  
 45 G7(4) G7 C Gm7 C7 F Fm Bb7  
 52 Em7 A7 Dm7 G7 C Gm7 E  
*D.S. e Fim*

Copyright © 2005, by João Tomé  
 Musicografia: Téo Acioli  
 Revisão Musicográfica e Layout: Wellington Fagundes

Ilustração 9 – Composições de João Tomé: valsa *Amor de mãe*, escrita em 1936.

Descrevamos as características das duas gravações e comparemos a instrumentação da voz melódica, do acompanhamento, a forma e o andamento.

**Gravação G1:** Esse registro foi todo produzido pelo próprio compositor. Não se sabe a ordem utilizada na gravação, mas é possível perceber a função de cada voz instrumental. A harmonização está no campo tonal de lá menor harmônico na parte A e na parte B modula para a relativa de lá menor, ou seja, dó maior. O violão tem função de baixo, e não se sabe se o músico utilizou um violão sete ou seis cordas, mas pode-se perceber a marcação do primeiro tempo (bordão) e intervenções melódicas com a voz principal, quando há notas paradas ou nas pausas dos tempos 2 e 3 da voz solista. A condução do baixo é caracterizada pela simplicidade melódica, sem a intenção de competir com a melodia principal.

Para complementar o acompanhamento da valsa o autor acrescentou a voz (linha musical) do cavaquinho fazendo a marcação dos tempos 2 e 3 com ritmos alternando em pausa de colcheia e colcheia no primeiro tempo, duas semínimas no segundo e terceiro tempo, ou, pausa de semínima no primeiro tempo e duas semínimas nos tempos 2 e 3. O cavaquinho completa a harmonia e por isso essa maneira de acompanhamento é denominada pelos músicos populares de ‘cavaco de centro’.

A melodia foi interpretada na flauta transversal, instrumento que Tomé dominava. A linha melódica segue como a escrita originalmente em braille, sem uso de improvisos, apenas algumas mudanças nos ritmos, alongando ou encurtando notas, podendo ser consideradas escolhas interpretativas sem modificações na melodia. Na última apresentação do tema A como segunda vez (casa 2) a flauta soa uma oitava acima do original escrito.

Quanto à forma, primeiro é preciso explicar a sistematização escolhida para denominar cada parte da música, como descrito no início do texto. A valsa contém duas partes, chamadas de A e B. Cada parte possui duas grandes frases e quatro frases menores, que estão divididas em duas, formando assim um total de quatro semifrases dentro da parte A1 e A2 (A1 vai para a casa 1, com ritornelo e A2 vai para a casa 2 seguindo para a parte B, ou, quando da última vez, torna-se o fim da música). As duas primeiras semifrases da parte A1 são as mesmas da parte A2. O que vai diferenciar A1 de A2 são as duas últimas semifrases. Na parte B, há a mesma organização de compassos, frases principais e semifrases, podendo ser aplicada a mesma lógica da parte A, ou seja, teremos os primeiros seis compassos da melodia de B1 o mesmo para B2 e a mesma harmonia nos primeiros sete compassos, sendo elas diferenciadas pelos compassos restantes, ou seja, os dez seguintes de cada uma (B1 e B2). A referida gravação foi copiada em formato *Wave*. É possível perceber distorção sonora pela rotação lenta, abaixo da normal. A tonalidade de lá menor tornou-se perceptivelmente lá bemol menor

e conseqüentemente, o andamento também foi mais lento. Considerando a rotação alterada, pode-se concluir andamento aproximado com base na semínima 60 batidas<sup>57</sup> por segundo. A forma interpretada foi A1A2-B1B2-A1A2, tendo a minutagem de 3 minutos e 30 segundos (3:30).

**Gravação G2:** Com dois instrumentos, a segunda versão tem instrumentação de solo e acompanhamento, respectivamente acordeom e violão. O acordeom é tocado por Gilson Machado, ex-aluno de Tomé, ainda em Uberaba, e também funcionário da emissora de rádio e TV Nacional de Brasília. Na gravação, a harmonia utilizada no violão de acompanhamento é a mesma do exemplo 'G1'. O violão faz as notas do baixo e algumas intervenções de características de violão sete cordas, com timbre grave. Em algumas partes, o violão faz duas vozes ao mesmo tempo, em terças, sempre tocadas nos tempos 2 e 3.

A forma musical registrada na interpretação analisada é diferente do primeiro exemplo, seguindo o padrão A2-B1B2-A1A2, tendo a minutagem de dois minutos e cinquenta e cinco segundos (2:55). O andamento também difere do primeiro exemplo, mas a ideia de pulso é próxima à da gravação anteriormente apresentada na interpretação com flauta solo.

No último compasso, o acordeom termina com o acorde de lá menor com sétima maior (Am7M), dando um colorido diferente, uma sensação de suspensão no acorde da fundamental.

Nas duas gravações é possível perceber que os acordes utilizados não estão na posição natural, ou seja, a fundamental do acorde não está no baixo, e sim, as notas das inversões: o uso da terça no baixo (primeira inversão) e quinta no baixo (segunda inversão). É possível notar que os baixos dos acordes invertidos, em muitos momentos, têm uma sequência crescente ou decrescente, dependendo do direcionamento da melodia principal.

O violão, além de ser empregado no papel de acompanhador é trabalhado com o uso de pequenas intervenções melódicas, sempre quando a linha melódica está parada. A direção musical explorada pelo violão na movimentação do baixo – contraponto com a melodia – faz pontes nas modulações e finalizações de frase.

#### **4.7. A GRAVAÇÃO EM ESTÚDIO: o regionalismo e o romantismo**

No acervo da família Tomé, encontramos cópias de gravações feitas em estúdio de duas composições de João, porém não encontramos registros oficiais de gravadora sobre as datas em que foram produzidas. Segue a análise interpretativa do bolero *Dançar*, interpretado

---

<sup>57</sup> Consideramos a batida do metrônomo que marca o tempo com batidas sonoras (como um pêndulo) por segundo.

por Vanderlei Matos, e da toada *Ai, Sinhá!*, interpretada pela dupla Toninho e Marieta. Das duas obras possuímos apenas a partitura musicografada de *Dançar*.

**Dançar:** bolero escrito em 1952 e interpretado por Vanderlei Matos, cantor mineiro. A minutagem da gravação foi 2:48. A música foi arranjada para coro masculino, percussão, flauta, trompetes, acordeom, baixo e violão elétrico. Em compasso quaternário, é iniciada com uma introdução conduzida por trompete solo em melodia anacrústica e em escala cromática ascendente. A introdução dura seis compassos. No sexto compasso, o cantor entra em anacruse, com o verso escrito em uma primeira frase inicial e principal de oito compassos dividida em quatro pequenas frases. O segundo verso conserva a mesma sequência melódica modificando a rima lírica.

Os versos são cantados em sequência de I ao IV. Logo após o último grupo lírico é iniciado solo de acordeom com intervenções melódicas do trompete e flauta em frases similares à da primeira estrofe com duração de oito compassos. O cantor retoma na estrofe III seguindo até a última. O último verso é repetido três vezes, sendo a última cantada pelo coro masculino finalizando em um acorde com sétima.

O estilo da gravação é bem tradicional da época, com marcação rítmica constante dos atabaques e chocalhos, as intervenções melódicas dos sopros (trompete com surdina e flauta) e do coro masculino que canta alternando vozes em uníssono<sup>58</sup> ou acordes.

**Ai, Sinhá!**<sup>59</sup>: toada de 1936, foi gravada pela dupla de música regional Toninho e Marieta, de Uberaba. O arranjo é composto de instrumentos típicos do interior do Brasil: viola, violão, acordeom, coro feminino e dupla solista cantando em intervalos de oitava e terças. O gênero toada, com versos curtos e estrofes repetidas, uma maneira que retrata o meio rural, caracterizada pela utilização de instrumentos no arranjo musical. A letra é dividida em estrofes e refrão e descreve um canto de amor.

A melodia está em compasso binário e a canção é iniciada com solo do acordeom em que as frases são organizadas de quatro em quatro compassos, incluindo o refrão. Na entrada das vozes principais são cantados os versos e o coro repete sempre o refrão.

As músicas citadas acima (*Dançar* e *Ai, Sinhá!*) exemplificam a diversidade estilística apresentada nas composições de João Tomé e as possibilidades interpretativas. Além dessas duas gravações, poderíamos citar outras, como a feita por Paulo Marquez (*Todos Sabem*) com arranjo de Radamés Gnatalli. A maior dificuldade é conseguir o material original (temos

---

<sup>58</sup> A mesma nota musical.

<sup>59</sup> Letra em panfleto, na seção 2 do Anexo.

apenas uma cópia dessa gravação em formato *Wave*) com as informações sobre o conjunto, o arranjo, a gravadora. Serão necessárias novas pesquisas para que possamos ampliar o trabalho de resgate da memória da música de João Tomé.

**Dançar**  
( Bolero - 1950 )

João Tomé  
1920-1971

F7      Abm      Eb

Bb7      Canto      Eb      GM      Bbm

Dan - çar      nos faz um gran - de bem,  
jar      nos faz so - nhar de - mais

C7      F7      Abm      Eb

Mui - to maí - or po - rém      Quan - do se tem a - mor,  
Quan - do/a ro - do - pi - ar      Num sa - lã o mul - ti - cor

1 Bb7      2 Eb      3 D7      Gm      3

Bei      A — sor - rir, a can - tar,      A — vi - brar de/e - mo -

F7      Bb      3 C7      F7

ção,      Vi - ve sem - pre fe - liz,      Meu — fe - liz co - ra -

Bb7      Bb7      Eb      Gm

ção,      as - sim:      A - mar      é tu - do pa - ra

Direitos reservados: João Tomé  
Musicografia: Ismael Tomé  
Resisão e diagramação: Wilzy Carioca

Ilustração 10 – Composições de João Tomé: bolero *Dançar*, escrito em 1950 (página 1).



Bbm C7 F7 Abm  
 mim, E que não te - nha fim Es - sa do-ce i - lu -  
 são  
 Eb D.S. al Coda Bb7 Abm Eb  
 são Es - sa do - ce/i - lu - são  
 Abm Eb9  
 Es - sa do - ce/i - lu - são.

Dançar nos faz um grande bem,  
 Muito maior porém,  
 Quando se tem amor.  
 Beijar nos faz sonhar demais,  
 Quando a rodopiar  
 Num salão multicolor.

A sorrir, a cantar,  
 A vibrar de emoção.  
 Vive sempre feliz,  
 Meu feliz coração.  
 Assim: amar é tudo para mim,  
 E que não tenha fim,  
 Essa doce ilusão.

Direitos reservados: João Tomé  
 Musicografia: Ismael Tomé  
 Revisão e diagramação: Wilvz Carioca

Ilustração 10 (cont.) – Composições de João Tomé: bolero *Dançar*, escrito em 1950 (página 2).

**CAPÍTULO 3**

## 5. O EDUCADOR DE ALMAS: a música sensibiliza os corações

*Sou cavaleiro, sou forte  
Falo sem medo de errar  
Não acredito em má sorte  
Por isso vivo a cantar*

*Fazendo o bem  
Sem olhar a quem  
Algo me diz  
Que serei feliz*  
**Cavaleiro do norte, 1963**

João iniciou suas atividades como educador ainda no seio familiar ao orientar as irmãs com os deveres de casa. Aurora, em suas lembranças, recorda do irmão que a auxiliava nos estudos escolares:

Vinha do colégio, a primeira coisa era: –Aurora, cadê a lição? A gente lia, ele ensinava a fazer. Pra mim, ele me ensinava a fazer os ‘dever’, fazer as ‘conta’. Quando a gente errava, ele achava ruim porque a gente não estava prestando atenção... Mas ele foi um irmão excelente. (Aurora).

João começou a adquirir livros ainda na década de 1940, período em que começava a constituir sua biblioteca pessoal. Nesse material literário, encontrei um livro, de Aguarod, que contém o seguinte escrito: “Pertence ao jovem João Thomé. Uberaba, 24.07.46”. No referido livro, o décimo e último capítulo, com o título ‘Últimos Problemas’ apresenta o subtítulo ‘Autoeducação’: “O desenvolvimento do progresso nos indivíduos obedece à educação de que o fazem, ou de que ele próprio se faz objeto” (AGUAROD, 1945, p. 240).

No mesmo capítulo, outro parágrafo complementa a ideia de autoaprendizagem. “Desenvolvida no homem a razão, ao ponto de lhe tornar possível julgar e discernir, chega ele ao período em que, pelo desenvolvimento do seu livre arbítrio, ainda que limitado, assumindo a responsabilidade de seus atos, lhe cumpre tomar sobre si a tarefa da própria educação” (AGUAROD, 1945, p. 243).

O conhecimento, a ele negado pelas instituições de ensino, lhe era ofertado através dos livros e de seus narradores. João Tomé deixou mais de mil livros em sua biblioteca particular.

A convivência familiar e o comprometimento com eventos artísticos serviram de suporte para o seu desenvolvimento pessoal e intelectual. A sua inserção social se deu graças

a uma educação sem privações, segundo relato: “Ele tinha a cegueira como algo normal. Ele foi criado como um menino vidente” (Aparecida). Outra irmã complementa:

A minha mãe era uma mulher muito cuidadosa com ele em certos pontos. Ela nunca privou ele de nada. Tudo o que ele queria fazer ela fazia, porque ela não queria, por exemplo, tratar ele como uma pessoa que tivesse uma deficiência. Ele nunca foi um coitado e ele nunca deixou também que a minha mãe tratasse ele como coitado. Então ele foi crescendo, assim, livre como uma pessoa normal (Áurea).

Essas maneiras de obter informação, sendo parte de sua formação, foram as encontradas por Tomé para aprender os códigos sociais daquele período. Fato comum, nessa época, era os cegos viverem isolados, em guetos, ou, aqueles poucos que possuíam melhores condições financeiras receberem apoio para estudo em instituições especiais. Oliveira (1995) conta como era a vida social de alguns alunos de música do Instituto São Rafael, de Belo Horizonte.

O Instituto São Rafael funcionou desde sempre em regime de internato e semi internato [...] os alunos do curso de música, na medida em que iam se aperfeiçoando tecnicamente, passavam, muitas vezes, até mesmo contra a direção da escola, a frequentar certos locais da cidade onde se executava preferencialmente a música popular. E foi a partir de sua frequência nesses locais públicos (bares, cabarés, salas de concerto, auditórios de rádio) que estes estudantes puderam completar sua formação musical iniciada na escola. Assim, os músicos do Instituto eram, de certa forma, privilegiados entre os seus colegas, já que eram eles que, enquanto artistas [...] resgatavam para o grupo um certo prestígio social sonogado, na medida em que, como pessoas ‘deficientes’ faziam parte de uma categoria excluída, marginalizada pela sociedade (OLIVEIRA, 1995, p. 3).

No Brasil existiam poucas escolas internas que ensinavam a escrita e leitura em braille, ensino primário, secundário e atividades manuais. Mata Machado Filho (1931, p. 58) defende, na primeira metade do século XX, no mesmo período em que João era um excluído do ensino, a necessidade e a obrigatoriedade do ensino primário aos cegos, sendo algo fundamental. O autor complementa a ideia, no capítulo intitulado ‘Educação Intelectual’ de seu livro ‘Educação dos Cegos no Brasil’, que a classe de cegos não difere da classe de videntes uma vez que apenas uma minoria dispõe de dotes necessários para um desenvolvimento intenso da cultura intelectual e que vários cegos se habilitam ao estudo em universidades. Ele faz um levantamento das instituições de ensino no Brasil e dos conhecimentos ministrados por seu corpo docente.

E' verdade que o Instituto São Rafael e o Instituto Benjamin Constant ministram instrução primária e secundária; dominando no primeiro o critério indiscutivelmente preferível da especialização em música, ofícios ou humanidades, conforme a vocação revelada, concluídos que sejam os dois primeiros anos do curso secundário, que constituem o curso complementar. A desejada eficiência da cultura intelectual depende precipuamente de uma biblioteca constituída de livros escritos no sistema Braille (MATA MACHADO Filho, 1931, p. 60).

Durante sua vida, João passou por experiências que o fizeram desenvolver sua aptidão para a prática docente. Mesmo não passando por uma formação específica para atuar em sala de aula, o professor João Tomé buscou meios para viabilizar o ensino da música em situações, locais e para um público diferente.

### **5.1. ICBC – INSTITUTO DOS CEGOS DO BRASIL CENTRAL: ensinando música, ensinando a sorrir**

Em Uberaba, no ano de 1942, foi fundada uma Associação de Cegos que posteriormente, em 1947, ao tornar-se Instituto, passou a receber alunos, ou seja, era uma escola residência (internato). A partir desse ano, João Tomé passou a colaborar com a educação desses jovens<sup>60</sup> aplicando os seus conhecimentos de multi-instrumentista e líder de regional.

Apesar de João ter como instrumento principal o violão, ele ensinava vários instrumentos das várias famílias: cordas dedilhadas (bandolim, cavaquinho), sopros (flauta, trompete, saxofone), percussão (pandeiro, bateria) e instrumentos de teclado (piano e acordeom).

Segundo Mata Machado Filho (1931, p. 68), o ensino da música, aos cegos, é de fundamental importância, devendo ser iniciado ainda no jardim de infância. Ele afirma o prazer que a música traz e as possibilidades que surgem através do curso de música, dando ao aluno um desenvolvimento completo. Isso não significa “fornecer ao ‘pobre cego’ um doce derivativo, uma distração inocente destinada a minorar a ‘dor da cegueira’” (p. 68).

Outra ideia mostrada pelo autor é a do senso comum de “que todo cego *dá para a música* e de que os cegos *não dão senão para música*” (p.69). Ele complementa:

Entretanto, corre por aí, a guisa de axioma, certa afirmativa que devo contraditar. [...] Como entre os videntes, é vário o pendor dos que não veem. Na música, o preconceito lhe tolhe menos o progresso, e menos intensa é a

---

<sup>60</sup> Fotos na seção 3 do Anexo.

concorrência. Vem daí o falso pressuposto. Posta a questão em seus devidos termos, é muito para desejar que particulares e governantes facilitem aos cegos o exercício de profissões em que a música prevaleça, ensejando-lhes, por exemplo, o ingresso ao magistério, como professores de música em estabelecimentos públicos (MATA MACHADO Filho, 1931, p. 70).

José Marquez, cantor conhecido posteriormente com o nome artístico de Paulo Marquez, era amigo de João Tomé que conviveu com ele nessa época trabalhando, entre os anos de 1947 e 1950, no Instituto dos Cegos do Brasil Central (ICBC).

E eu trabalhei durante uns três anos ou mais na secretaria do Instituto dos Cegos de Uberaba. Foi criado pelo Cléver Novais, nosso amigo. Eu tive contato com João que lecionava para os alunos cegos regional, música com cavaquinho, violão, e formou um regional. Eu cantei com esse regional de cegos. Bacana! Durante três anos tivemos contato ali no Instituto de Cegos (Paulo Marquez).

A atuação docente de João Tomé foi registrada em diversos jornais com matérias destinadas à divulgação das atividades culturais realizadas em datas especiais, em eventos com intuito de angariar ajuda financeira à instituição ou a favor da efetivação docente do professor.

A participação do grupo musical, formado por alunos do professor João Tomé, tendo ele estado sempre à frente do conjunto, em eventos diversos foi noticiada pela imprensa local.

Realizou-se domingo passado o primeiro piquenique das Escolas Dominicais do Centro Espírita Uberabense e do Grupo Espírita Agostinho, ao presente ano. [...] O conjunto musical do Instituto dos Cegos, dirigido pelo confrade João Tomé, emprestou uma nota de grande contentamento a este passeio. Após cada prova esportiva e, às vezes, durante a realização das mesmas, o maestro fazia executar alguns números de música (**A Flama**, Uberaba, Escola Dominical, sem data).

Em alguns casos, João viajava para outras cidades com os objetivos de divulgar o seu trabalho ou buscar donativos para a instituição de ensino em que atuava: o Instituto dos Cegos.

Esteve em visita a nossa redação, em dias dessa semana, o professor João Tomé, cego, professor do Instituto de Cegos do Brasil Central, de Uberaba, e funcionário da PRE-5, estação radiofônica daquela cidade mineira. O professor João Tomé, que veio acompanhado do sr. Miguel Angelo Pucci, manteve conosco cordial palestra durante a qual ficamos sabendo que muito tem feito pelo cegos do Brasil Central, além de ser um poeta destacado e musicista apreciado. A visita do professor João Tomé a esta cidade prede-

se ao fato de colher fundos para o Instituto dos Cegos [...] (**Diário da Tarde**, Franca, Prof. João Tomé, 10 dez. 1949).

Outra nota, em jornal de Uberaba, anuncia a visita do professor semanalmente à cidade de Uberlândia. “O consagrado artista uberabense Prof. João Tomé, vem se apresentando, todas as segundas-feiras, na vizinha cidade de Uberlândia, atuando ao microfone da PRC-6, Rádio Difusora Brasileira.” (**O Triângulo**, Uberaba, Sociedade, Coluna do Rádio, João Tomé em Uberlândia, Marçal Costa, sem data).

Determinado evento, noticiado pelo jornal O Triângulo, foi a apresentação do tenor Servolino Reis, professor de canto no Instituto São Rafael de Belo Horizonte. O evento ocorreu no auditório da Rádio P.R.E.5, no dia 2 de fevereiro de 1953 e, em homenagem ao compositor e professor João Tomé, o tenor interpretou uma de suas composições. A venda dos ingressos foi destinada ao Instituto dos Cegos de Uberaba.

Está anunciado para a próxima segunda-feira, no auditório da PRE-5, uma interessante audição artística a cargo do tenor belorizontino Servolino Reis. [...] Durante o seu recital, o tenor Servolino Reis prestará uma homenagem ao compositor uberabense João Tomé, executando a melodia de sua autoria intitulada *Meditação* (**O Triângulo**, Uberaba, 28 jan. 1953).

Em dezembro de 1955, a imprensa noticiou um evento de final de ano em homenagem ao Instituto dos Cegos. Em jornal local foi divulgado o acontecimento: “O Grêmio Lítero Musical Hellen Keller, do Instituto dos Cegos do Brasil Central, prestou uma homenagem ao prefeito. [...] Nomeação de Professor. Na oportunidade foi comunicada a nomeação do sr. João Tomé como professor municipal à disposição do ICBC” (**Correio Católico**, Uberaba, Saguão da Prefeitura, Homenagem do Instituto dos Cegos, 06 dez. 1955). A contratação do professor foi assinada no dia 2 de fevereiro de 1956<sup>61</sup>. No dia seguinte, uma nota foi divulgada no jornal *Lavoura e Comércio*. “O professor João Tomé foi contratado pela Prefeitura para prestar seus serviços técnicos junto ao Instituto dos Cegos” (**Lavoura e Comércio**, Uberaba, Governo, 3 fev. 1956).

O *Correio Católico* de Uberaba, de junho de 1959, registrou a atuação de uma turma de alunos de música orientada pelo professor João Tomé. “O MUSICISTA João Tomé formou um conjunto de ritmos integrado unicamente de alunos seus no Instituto dos Cegos. Todos são privados da visão. Isto, todavia, não impede que seu conjunto seja excelente.” (**Correio Católico**, Uberaba, Coluna Coisas da Cidade, 26 jun. 1959).

---

<sup>61</sup>Cópia do documento: Ver seção 3 do Anexo.

## 5.2. EM BRASÍLIA: professor pioneiro na primeira escola de música pública

Em Brasília, João Tomé continuou as atividades, como professor de música atuando na rede pública de ensino. Ministrava aulas de música no primeiro centro de ensino público do Plano Piloto, o CASEB – Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília, inaugurado em 1960, hoje, voltado para o ensino fundamental, fica localizado na quadra 909 da Asa Sul. As aulas de música no CASEB contavam com professores que formariam o corpo docente da Escola de Música de Brasília, no período anterior a sua inauguração. Sobre a escola, Matos e Pinheiro (2007) relata os primórdios deste estabelecimento público de ensino.

Em 1962, no Plano Piloto, havia sido fundado pelo Maestro Reginaldo Carvalho, o CEMVL – Centro de Estudos Musicais Villa-Lobos, que funcionava inicialmente no CASEB, onde o ensino de música era também oferecido a alunos da rede pública, em disciplinas como violão e harmonia, ministradas pelo professor João Tomé; piano, teoria e solfejo, Neuza França; contrabaixo, João Vieira e arranjo coral e prática de atividade vocal, no chamado Coral de Brasília, conduzidas pelo próprio Maestro Reginaldo Carvalho. [...] Posteriormente, em 1963, as antigas atividades do CEMVL passaram a funcionar no CEMEB, Centro de Ensino Médio Elefante Branco, também pertencente à FEDF, na quadra 908 Sul do Plano Piloto. [...] A Escola de Música de Brasília foi oficialmente criada em 1964 [...] (MATOS, PINHEIRO, 2007, p. 215).

Após a oficialização da criação da Escola de Música de Brasília, a tarefa encontrada por alunos e professores foi de conseguir uma sede própria. Matos e Pinheiro (2007) esclarece onde as aulas aconteciam e quando foi fundada a sede atual, na quadra 602 Sul do Plano Piloto.

Primeiro, funcionou provisoriamente na quadra 906 Sul, em um pequeno prédio de dois andares que pertencia à Igreja Presbiteriana Nacional, (hoje pertencente à Escola Canarinho), tendo ainda os ensaios do Madrigal de Brasília permanecido no Elefante Branco. Depois, funcionou no prédio da Comunhão Espírita, na avenida L-2 Sul. [...] Entre 1972 e 1973, a EMB conseguiu através de seus trabalhos de ensino e produção musical, o terreno para a construção de sua sede definitiva cuja inauguração se deu a 11 de março de 1974, na SGA/Sul Quadra 602, Projeção 'D', Parte 'A', Brasília, DF (MATOS, PINHEIRO, 2007, p. 215).

A atividade de professor de violão, em Brasília, é lembrada por uma de suas ex-alunas, Glêsse, que recorda a maneira das aulas e principalmente, a personalidade de Tomé.



Era em uma Assembleia de Deus, era toda vazia. Essas aulas dele eram em um lugar separado, aulas individuais e isoladas. E a lembrança que eu tenho dele é de uma pessoa que nunca perdia a paciência, era sempre muito sereno. E eu me lembro que eu comecei a aprender com ele aquela música *Serenou...* É... Música folclórica, assim, que faz ‘tônica - dominante - subdominante’. Eu comecei com isso e quando eu terminei tocando ‘Garota de Ipanema’, cheia de acordes, e ele estava começando a me ensinar ‘Carinhoso’, do jeito que era a gravação com a Elis, sabe. Como se dava esse processo eu não sei dizer. Me lembro que ele estava na fase de me ensinar tons vizinhos, tirar música de ouvido, também... Eu me lembro dele olhar as horas naquele relógio dele. Mas a lembrança assim que eu tenho é de uma pessoa muito serena, não se chateava com nada (Glêsse).

### 5.3. SEMPRE A ENSINAR: outras contribuições e atividades docentes

Tomé também dava aulas particulares de música, ensinando vários instrumentos. As aulas ocorriam em sua residência ou na casa do aluno. Um desses alunos era uma cega, uma das poucas alunas cegas que o professor tinha em Brasília. Uma das filhas de Tomé recorda da aluna. “Margô. Ela é professora ainda... aposentada. Ela era professora. Conviveu muito com ele. Era um dos poucos alunos cegos que ele tinha porque os alunos que ele tinha na escola de música não eram cegos” (Dolores). A aluna chama-se Margarida Pires Rodrigues, e em 1968 chamou atenção da imprensa local pelo fato de ter ficado cega já adulta e porque “conseguiu romper a barreira da desilusão” (**Correio Braziliense**, Brasília, 8 out. 1968). A reportagem faz menção ao dia a dia de Margô e a fotografa em tarefas do seu cotidiano, como ir à escola, fazer café ou ter aulas de piano<sup>62</sup>.

Margô tem uma vida intensa. Em casa, prepara seus deveres escolares, ajuda nos afazeres domésticos e está aprendendo a tocar piano com o professor João Tomé, um outro não vidente que se realiza em Brasília. O ensino da música está sendo ministrado através de sinais de Braille e o rápido progresso da discípula tem envaidecido o mestre, que, consciente de sua responsabilidade como educador, transforma os elogios em mensagens de incentivo (**Correio Braziliense**, Brasília, 8 out. 1968).

Foi concedido ao professor João Tomé, em 7 de novembro de 1967, o certificado de registro definitivo de Professor de Educação Musical para a disciplina Educação Musical, pelo Departamento Nacional de Educação e Cultura, do Ministério da Educação. Em 22 de novembro do mesmo ano foi datilografado um currículo<sup>63</sup> atualizado do professor Tomé. As

---

<sup>62</sup> Ver Anexo, seção 4.

<sup>63</sup> Ver Anexo, seção 2.

informações sobre sua atuação no meio educacional são complementadas com o novo título concedido pelo MEC<sup>64</sup>.

A atuação instrumental do professor João Tomé foi registrada também por uma gravação em fita de rolo oito milímetros. O documento, de valor histórico, apresenta a realização de uma aula para o público de professores e alunos da rede de ensino pública do DF. Nessa aula, João Tomé apresenta o tema *O violão e sua importância no repertório musical*. Não foi possível precisar o ano da gravação e a turma (série escolar) participante. Ouvindo a gravação, percebemos tratar-se de uma sala de aula coletiva com a turma de uma determinada professora, que também participa em alguns momentos, repetindo os dizeres do professor ao restante da sala. Na sala de aula coletiva, o professor João apresentava-se como violonista, tocando os vários gêneros musicais (brasileiros ou não), além de mostrar as funções do instrumento; o violão solo ou violão de acompanhamento.

Os registros dessa aula encontrados já são da época de Brasília, onde os aparatos tecnológicos já faziam parte de sua vida. A aquisição de um pequeno gravador portátil possibilitou uma maior rapidez nos registros musicais, planejamento de aulas e registro das mesmas. Ainda não foi possível digitalizar todo o material deixado (65 fitas magnéticas), mesmo assim, do material já disponibilizado selecionamos alguns registros.

Na sala de aula coletiva, em escola localizada na parte sul do Plano Piloto, na quadra 909, os alunos, todos sentados em suas cadeiras, conversando uns com os outros, formando pequenos grupos: esse é o cenário da aula. Eis que chega um senhor, já com seus cabelos grisalhos, aparentando a idade de quarenta anos, com uma caixa de extremidades arredondadas e revestida por uma capa preta. O homem senta-se à frente da classe, abre a caixa e eis que aparece o instrumento musical: um violão. A professora pede silêncio. Esse senhor é o professor João Tomé, músico mineiro residente em Brasília. Já conhecido por alguns alunos cursistas das aulas de violão, coletivas ou individuais, o professor é recebido por burburinhos entusiasmados. Não é sempre que os alunos assistem a uma aula ao som de violão.<sup>65</sup>

Hoje a aula será diferente. Os alunos irão conhecer um pouco mais sobre história. Não a história da América, dos grandes heróis ou das antigas capitais do país e sim a evolução dos ritmos tocados ao violão no Brasil. O professor confere a afinação do instrumento e começa a dedilhar uma canção. Enquanto isso os alunos continuam a conversar. Passados alguns segundos, o músico palestrante toma a voz: “Então, continuando essa demonstração de ritmos

---

<sup>64</sup> Ministério da Educação.

<sup>65</sup> Transcrição dessa aula na seção 5 do Anexo.

como acabamos de mostrar com vários instrumentos, nós gostaríamos de mostrar como é que o violão brasileiro era tocado nos acompanhamentos antigamente”.

O primeiro exemplo musical apresentado é a modinha. Tocada em ritmo lento é caracterizada pelo destaque da linha melódica iniciada na região grave do instrumento e a definição de duas linhas melódicas: uma faz a melodia principal e a outra o acompanhamento. O segundo exemplo apresentado é a embolada. O professor diz: “A embolada é uma música muito cantada no Norte, é feita de improviso, em que os circunstantes vão atirando versos, improvisando as poesias dentro das melodias que muitas vezes também são improvisadas”. A melodia apresenta ritmo contrastante ao primeiro exemplo.

O próximo exemplo musical tocado foi o samba antigo que mantém melodia constante no baixo. Seguindo a evolução dos ritmos (fala do professor) o violão imitava o tamborim.

O exemplo musical seguinte é o *fox*, ritmo americano altamente disseminado no Brasil da primeira década do século XX. Em ritmo de dança, o *fox* é originalmente tocado ao piano. Ao final da execução musical os alunos identificam a sequência harmônica e riem. O exemplo que segue é o *boogie woogie*, outro ritmo norte-americano, antecedente do rock.

Passando para o próximo ritmo é apresentada a valsa. Tocada como no piano, faz o baixo e a harmonia. O professor segue com os ritmos do samba (exemplo de dois violões tocando juntos), o samba de morro, tango argentino. Após os exemplos dados, Tomé discorre a respeito do uso do violão na música folclórica brasileira, tendo um dos seus principais representante e difusores da música fora do Brasil, o músico Dorival Caymmi. Com o tempo surge a guitarra, que é um violão elétrico. Após essa fala, o professor é interrompido pela professora da classe que repete sua fala sobre Caymmi. O som da voz falada, possivelmente, tinha dificuldades para se propagar na sala de aula.

Finalmente, Tomé chega ao ritmo do momento: a bossa nova. Para exemplificar, toca a canção Samba de uma nota só, de Tom Jobim. Ao final da execução musical, o músico recebe os aplausos dos alunos. Finalizando a apresentação-aula, Tomé toca uma canção de Noel Rosa em ritmo de bossa e um samba-canção.

#### **5.4. MÉTODO DE VIOLÃO: o tato e a audição criam a imagem do violão**

O professor João Tomé desenvolveu um método de violão em que empregou uma simbologia própria e diferenciada, possibilitando o aprendizado de pessoas com deficiência visual, cegos ou videntes. Seu método tem como ponto principal o violão de acompanhamento em que o aluno possa trabalhar a música em várias tonalidades. Segundo

relato de sua filha, Alcione Tomé, aluna de violão, a grande preocupação era “ensinar ao aluno a ter independência para fazer modulações, ou seja, tocar a mesma música em várias tonalidades”. Por conta disto, o classificamos como um método prático com alguns conceitos teóricos de formação de acordes, escalas, tons vizinhos, tons relativos, função harmônica, intervalos e afinação do instrumento.

O método de violão do professor João Tomé foi utilizado formalmente para ensinar os alunos da rede pública do Distrito Federal. O professor foi convidado para ministrar aulas de violão no I Curso de Aperfeiçoamento e Treinamento para Professores de Educação Musical, realizado pela Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal, no período de 29 de setembro de 1970 a 10 de julho de 1971.



**Ilustração 11 – I Curso de Aperfeiçoamento e Treinamento para Professores de Educação Musical  
Secretaria de Educação e Cultura do DF – 1971**

No trecho a seguir, são dadas as primeiras informações aos alunos:

## SINAIS

## 1 - DEDOS

**B (be) - L (le) - , (vírgula) - K (ka) - ,  
respectivamente, indicador, médio, anular e mínimo.**

## 2 - CORDAS

**De baixo para cima: a - b - c - d - e - f, respectivamente,  
Mi - Si - Sol - Ré - Lá - Mi. Como podemos notar, há duas cordas com o mesmo nome, ou  
seja, Mi, sendo o primeiro agudo e o outro grave.**

## 3 - TRASTOS

**Servem para alterar os sons das cordas e são indicados por números: 1, 2,3 etc. Assim, uma  
corda apertada no 2º trasto, por exemplo, produzirá um som diferente do 1º e do 3º trasto. Os  
trastos devem ser contados a partir do lado das tarraxas.**

## 4 - PESTANAS

**Quando prendemos todas as cordas num só trasto, dá-se o que chamamos de pestana, cujo  
símbolo representativo é a letra P, seguido por um número qualquer que represente o trasto  
onde se deve fazer a pestana.**

**Exemplo: P3 = pestana no 3º trasto.**

**Toda pestana é feita com o dedo B, isto é, o indicador.**

Um ponto importante a se reforçar é que seu método é descritivo, necessitando da presença do professor para ensinar os ritmos (batidas) específicos de cada gênero e o repertório musical, diferentemente da maioria dos métodos musicais da época, qualquer pessoa poderia aprender a tocar, quer enxergasse ou não. Como isso é possível? É viável por sua organização lógica. O aluno precisava saber as combinações dos dedos nas cordas e nos trastos para a formação de acordes, ou seja, o visual não fazia falta (desenho do braço com a numeração).

A maneira de formar os acordes é apresentada da seguinte forma:

**DÓ MAIOR**

**Tônica: Bb1 - Ld2 - ,c3**

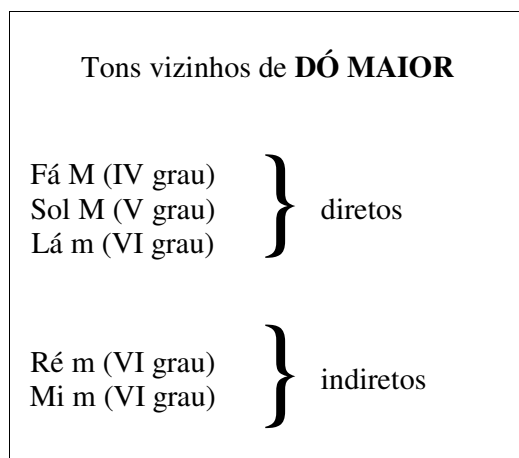
**Dominante: Ba1 - Le2 - ,f3**

**Subdominante: P1 - Lc2 - ,c3 - Kd3**

Neste caso, o autor aliava a fala e a simbologia específica. Era um método oral que foi todo manuscrito (com exceção das batidas).

Os métodos de instrumentos de cordas dedilhadas, na primeira metade do século XX, no Brasil, usavam desenhos ilustrativos que mostravam o braço do instrumento com os trastos ou casas e numeração referente aos dedos, além do uso de setas que representavam as pestanas. Essas informações formavam a base de conhecimento para a digitação dos acordes em padrões de cifra. Em resumo, a explicação teórica nesses métodos é básica, limitando-se aos comandos de afinação das cordas, digitação de acordes e funções harmônicas primárias, T-D-SD. Na segunda metade do século XX, a harmonia era cifrada e ensinada de acordo com o uso dos acordes dentro das tonalidades. Existia um primeiro acorde dentro da tonalidade, sempre a tônica, o segundo acorde seria a dominante, o terceiro acorde a subdominante.

Tomé, em seu método para violão, foi além. Dando noções teóricas e analisando as possibilidades de caminho no mesmo tom. Em exemplo:



Para facilitar o entendimento da sequência lógica empregada no método de violão, fizemos a seguinte divisão em **onze partes**: a **primeira** ensina os sinais para os dedos, cordas, trastos, pestana e os conceitos de tom, acorde e bicorde; a **segunda** parte apresenta a função da mão direita e noção de compasso; a **terceira** explica a maneira correta de segurar o instrumento; a **quarta** parte ensina o aluno a afinar as cordas do violão com base no diapasão Lá. Ao final, o autor recomenda alguns exercícios de treinamento muscular e coordenação motora: um com a mão esquerda e o outro com a mão direita. O autor os denomina “indispensáveis para o domínio das mãos”; a **quinta** parte é destinada ao reforço das lições anteriores, ou seja, dos códigos para a formação dos acordes; a **sexta** parte apresenta os acordes de cada tonalidade com os graus I (tônica), V (dominante) e IV (subdominante), os

acordes das tonalidades alteradas pelos bemóis com os seus enarmônicos alterados por sustenidos. Finaliza esta parte conceituando música, melodia, harmonia e ritmo; a **sétima** mostra tons vizinhos exemplificados em todas as tonalidades e explica a relação entre os tons vizinhos diretos e indiretos e conceitua os graus I, IV e V; a **oitava** parte explica as escalas maiores e menores e os intervalos entre as notas; a **nona** informa o conceito de intervalos tomando como referência a escala diatônica<sup>66</sup>; a **décima** parte apresenta a descrição da escala menor harmônica com os seus intervalos; a **décima primeira** apresenta as notas no braço do violão até o quarto trasto.

O método de violão do professor João Tomé foi uma sistematização do conhecimento adquirido ao longo dos anos de prática violonística e docente, resultando em uma organização da informação musical destinada a todos os interessados no aprendizado do violão de acompanhamento.

---

<sup>66</sup> Escala diatônica é a escala constituída por tons e semitons.

**CONCLUSÃO**



## CONCLUSÃO

Ao reconstruir uma história de vida foi possível conhecer o sujeito pesquisado por outro ponto de vista. O ponto de vista que emerge é a soma de um conjunto de informações coletadas ao longo da pesquisa. Os documentos encontrados e analisados, em seu contexto social, apresentam o sujeito em uma determinada época e local. Não se trata de uma história de ser isolado, trata-se da história de um filho, irmão, músico, compositor, marido, pai, professor, amigo, colega, artista, cego.

Como pesquisadora, estive em um campo de conhecimento que muito me fascina: a história. Pesquisar a história de meu avô, o avô que não conheci pessoalmente, mas de quem ouço falar desde pequena, falas de carinho, de orgulho e de admiração. Admiração que despertou em mim as perguntas do por que, onde e como. A história de um avô que proporcionou o meu berço musical. A herança recebida por mim foi a sua música. Agora, não somente a música e sim todo um conjunto de fatores: sua história, sua luta, seu esforço, João Tomé não ficou rico, não ficou famoso, mas dá uma lição de vida. Sua história de dificuldades é artifício para nos fortalecer. A busca pelo trabalho de qualidade, de excelência, pelo aprimoramento, independentemente de instituições, a busca pelo respeito de ideias fundamentam o trabalho de cooperação a que sempre dedicou a vida e a carreira artística.

A família de meu avô não era restrita à esposa, filhos, pais e irmãos. Eram todos os cegos, todos os músicos populares do interior do país. Por meio desta pesquisa pude conhecer o homem que foi meu avô materno. Ele superou barreiras sociais de exclusão aos deficientes, aos pobres, aos que não frequentaram escola.

O trabalho de pesquisa sobre a vida e a obra de João Tomé foi uma experiência de conhecimento sobre o homem que superou barreiras em uma sociedade que excluía os deficientes. João Tomé trabalhou desde cedo no aperfeiçoamento do conhecimento musical e conseguiu um lugar na sociedade do interior de Minas Gerais e posteriormente, o seu lugar na nova capital federal, Brasília.

Mesmo na ausência do ensino formal, Tomé buscou meios para sua autoaprendizagem com auxílio de livros e do convívio com pessoas que tiveram acesso a instituições de ensino.

No decorrer da pesquisa iniciei o processo de construção da história de um homem com muitas vertentes de atividades, que revelou uma maneira de encarar a vida com leveza e humildade de pensamento, de ação e ideias filosóficas.

João Tomé é um homem admirado por aqueles que com ele conviveram, sejam eles ex- alunos, colegas de trabalho, amigos ou parentes. Nas entrevistas, ficou clara a saudade diante das lembranças de acontecimentos de sua vida, de atitudes perante momentos difíceis ou não. Em cada uma das falas ocorriam repetições na descrição do personagem, como um homem alegre, sem mágoas de sua condição física, fator que, por suas atitudes de autonomia e independência, levava àqueles que com ele conviviam um exemplo de desprendimento.

A paixão pela música e a sua dedicação nas três esferas selecionadas, aqui, em capítulos – o músico, o compositor e o professor – abriram um caminho de muito e gratificante trabalho, algo permanente em toda a sua vida.

João Tomé foi um precursor de ideias que foram praticadas, como a inclusão dos deficientes na sociedade, já em 1940, quando foi contratado pela Rádio Difusora de Uberlândia. Outro exemplo de como seus ideais e atitudes mudaram a vida de deficientes visuais, como ele, foi a inserção de ex-alunos seus em um conjunto musical – regional – em Brasília, em 1960. O regional de João Tomé foi contratado pela Rádio e TV Nacional e, também, era requisitado a tocar na boate do Brasília Palace Hotel e em eventos outros, como festas e bailes de associações.

Uma pergunta que percorreu minha mente por muito tempo, durante esses dois anos de coleta de dados, organização e descobertas, foi “Quem foi João Tomé para mim?”. João Tomé não foi!... Apesar de não estar mais fisicamente neste plano, ele está vivo na memória e na sua obra musical. João Tomé é o avô que sempre esteve presente em minha vida, talvez de forma inconsciente, mesmo eu não o tendo conhecido. As músicas criadas por ele sempre foram ouvidas por mim, tornando-se parte da trilha sonora da minha história. Nasci e fui criada no apartamento em que residiu por muitos anos em Brasília. Estudei música na escola que ele ajudou a fundar como professor de violão, e desde pequena escuto histórias e memórias de falas emocionadas de pessoas que jamais o esqueceram, lembranças essas que descobri existirem não apenas nas falas, como também no extenso material jornalístico, fotográfico e de áudio organizado e guardado por Tomé e sua família, a minha família.

Reconstruir e preservar essa história de vida através de um trabalho escrito, divulgar suas músicas e o papel social representado por ele em cinco décadas do século passado foi e é o meu objetivo, iniciado nesta dissertação. Recorrer às minhas memórias foi uma grande surpresa, à medida que as memórias transformavam-se em reflexão do verdadeiro sentido de viver uma vida voltada para a arte. Não apenas a música marcou João e a todos a sua volta. Suas atitudes, ideias e crenças são características de um personagem com quem eu não pude conviver, mas que deixou um legado: sua história de superação e de vencedor, que formou sua

família, educou os filhos e cultivou muitos amigos. Um homem do interior que superou barreiras, enfrentou desafios e, ao conquistar o seu espaço na sociedade, ampliou os horizontes de inúmeras outras pessoas.

A vida de João Tomé representa os trabalhos dos músicos em um contexto sociocultural do país, mais especificamente, no interior de Minas Gerais: os gêneros musicais mais tocados e consumidos pela população, as festas de rua, os eventos festivos, a mídia; a formação de grupos, associações, grêmios, sociedades artísticas.

João Tomé deixou a história de sua vida como exemplo de superação. Através de ferramentas específicas como a escrita braille e o aparelho de gravação pôde deixar registrada uma parte do trabalho musical desenvolvido durante o período de 1936 até 1970. A cegueira física era uma realidade e não um ponto final. João Tomé alcançou sua autonomia pessoal, constituindo sua família e mudando seu domicílio para uma cidade ainda em construção. Conseguiu o reconhecimento profissional sendo um dos poucos contratados pelo meio de comunicação radiofônico ainda nas décadas de 1940 e 1950. Em 1960 foi contratado por uma das principais emissoras de rádio e TV do país, a Rádio Nacional de Brasília. Também foi reconhecido como professor de música, recebendo título do Ministério da Educação. Para a posteridade, fica a lição de superação pelo trabalho e estudo.

Tomé mostra, através de sua história, que a cegueira não o impediu de realizar-se pessoalmente e profissionalmente. O cego hoje tem muito mais acessibilidade aos meios de comunicação, às leis, às instituições de ensino, do que no período em que ele viveu. Hoje, o cego tem autonomia para ler periódicos, livros, notícias utilizando-se de máquinas, leitores artificiais. Hoje, os cegos no Brasil têm acesso à inclusão, mesmo que em um escala ainda pequena em relação à população cega deste país. A inclusão vivida por Tomé, onde atuava com pessoas que enxergavam, serviu de exemplo para que hoje isso ocorra com maior frequência. O musibraille é fruto do trabalho de ensino de música para cegos, promovido por uma de suas filhas, que buscou da memória a leitura braille aprendida na sua infância e aplicou o conhecimento através da leitura das partituras deixadas por João, com o propósito de perpetuá-las, não apenas na memória dos seus, mas na história da música brasileira. Hoje, o musibraille é uma realidade, um *software* de música distribuído gratuitamente. O site possui partituras, história da musicografia braille e um programa de computador, que após acessado pelo cego, dá-lhe autonomia de escrever suas músicas e passá-las para o meio visual automaticamente. O sonho de autonomia foi completado. Tomé escrevia suas músicas em braille mas dependia de alguém para escrevê-las a tinta. Hoje existe uma máquina que faz isso com a fidelidade de quem a escreve.

Um artista cego capaz de deixar suas músicas em braille (escrita para cegos), escritas a mão (musicografia) e em meio magnético (maneira de registrar áudio), buscava meios junto às novas tecnologias, surgidas em sua época, para receber informação e registrar tudo o que lhe fosse importante: acumular conhecimento e documentar momentos. João adquiriu, no período em que viveu em Brasília, instrumentos musicais de qualidade (piano, guitarra, contrabaixo, flauta transversal, cavaquinho, violão, bandolim), livros, máquina de escrever, gravador, rádio, televisão, telefone.

Desde sua adolescência, na época em que viveu em Uberaba, João Tomé era conhecido como compositor e multi-instrumentista. Suas composições eram cantadas, principalmente as marchas de carnaval, tradição de novidades no período de 1930 até 1960. Em Brasília, as composições de Tomé eram tocadas nos seus programas e em reuniões musicais promovidas na casa de músicos ou em sua residência. Hoje, suas composições são tocadas em Uberaba por músicos populares e na escola de música (Conservatório Estadual de Música Renato Frateschi). Em Brasília, suas composições são tocadas nas rodas de choro e nas emissoras de rádio que as divulgam, agora em meio digital.

Sua atuação como professor em Brasília teve de ser adaptada a uma nova realidade, pois em Uberaba, o professor João dava aulas para pessoas cegas. Em Brasília, foi professor de pessoas que enxergavam e nesta realidade ele desenvolveu um método de violão que se emprega para videntes e para cegos.

A vida deste músico cego serviu de referência para outros músicos, cegos ou não, que continuaram o aperfeiçoamento na área. De seus seis filhos, duas filhas são profissionais da música e duas netas também o são. A escola de música de Brasília é um ambiente escolar que aceita alunos cegos desde 1985, quando uma de suas filhas, professora de música, lutou pelos direitos de uma menina cega cuja matrícula fora recusada pela instituição.

Alguns ex-alunos seus tornaram-se músicos profissionais e guardam recordação do mestre com respeito e carinho. As sementes que João Tomé lançou em Brasília hoje são árvores que dão frutos e sombra.

Para mim, como neta, ele deixou sua história, seu exemplo, sua música. A obra musical do compositor João Tomé consiste de trabalhos variados, em diversos gêneros e formas. João tinha uma escrita tradicional, mas inovou em alguns momentos na condução harmônica. Como professor é lembrado pela competência e domínio do instrumento.

A história de uma vida não se resume à história contada. Para mim, que não convivi com meu avô, mas vivo rodeada de pessoas que com ele viveram, a cada parágrafo que escrevo, a cada fotografia, a cada recorte de jornal selecionado, a cada conversa, as memórias

emergem e se recompõem na história de alguém eternamente muito próximo. João Tomé foi um ser muito querido e hoje ainda o é. Escrevendo o ponto de vista das falas dos entrevistados, analisando as peças jornalísticas, os documentos e as gravações, desvendi os seus prazeres, as preferências, os sonhos. Tomé foi um homem que sonhou e realizou, lutou e conquistou. João Tomé está vivo. Sua história vive nas memórias, nas vidas que dele surgiram.

João Tomé é história, é música, é vida.

*Salve, oh! Arte  
Sublime expressão da Beleza  
Butil dos pendores  
Da inteligência humana!  
Magnos encantos  
De que o universo  
Se ufana!  
Divina manifestação  
Da natureza...*  
**A arte, 1955 – João Tomé**



**Ilustração 12 – João, início da década de 1940.**

## REFERÊNCIAS

- AGUAROD, Angel. **Grandes e pequenos problemas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1945.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.
- ANDRADE, Mário de. **Dicionário musical brasileiro**. São Paulo: EDUSP, 1989.
- BACCELLI, Carlos A. **O espiritismo em Uberaba**. 1. ed. Uberaba: [s.n.], 1987.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Lisboa: Porto, 1994. (Ciências da Educação).
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CLÍMACO, Magda M. **Alegres dias chorões: o choro como expressão musical no cotidiano de Brasília; Anos 1960 – tempo presente**. Tese (Doutorado em História)–Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial: EDUSP, 2000.
- FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.
- FRANCISS, Dib Santiago. **Neusa França: recortes de um universo musical**. Dissertação (Mestrado em Música)–Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- GROULX, Lionel-Pierre. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- KIRK, Samuel A.; GALLAGHER, James J. **Educação da criança excepcional**. Tradução Marília Zanella Sanvicente. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LARA FILHO, Ivaldo Gadelha de. **O choro dos chorões de Brasília**. Dissertação (Mestrado em Música)–Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- LUZ, Marco Aurélio. Da porteira para dentro, da porteira para fora. In: SANTOS, J. E. (Org.). **Democracia e diversidade humana: desafio contemporâneo**. Salvador: SECNEB, 1992. p. 57-74.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro, 2006.

MATA MACHADO Filho, Aires da. **Educação dos cegos no Brasil**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1931.

MATOS, Ataíde; PINHEIRO, Regina G. Escola de Música de Brasília: um lugar de sonho musical. In: OLIVEIRA, Alda; CAJAZEIRA Regina (Org.). **Educação musical no Brasil**. Salvador: P&A, 2007.

OLIVEIRA, Flávio Couto e Silva de. **Histórias de um aprendizado**: os signos de Deleuze nos relatos de vida de músicos cegos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 1995.

PEREIRA, Erika Ruas. **A trajetória do Clube do Choro de Brasília**. Monografia (Especialização para professores e pesquisadores em turismo e hospitalidade)–Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Tradução Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira T. **História e documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. (História &... Reflexões).

SANTIN, S.; SIMMONS, J. Nesker. Problemas das crianças portadoras de deficiência visual congênita na construção da realidade. “Visual impairment and blindness”. Tradução de Ilza Viegas. 1977.

Disponível em: <[www.ibcenet.org.br/paginas/meiosrevistas/publ/RevJan96/Artigo1.doc](http://www.ibcenet.org.br/paginas/meiosrevistas/publ/RevJan96/Artigo1.doc)>. Acesso em: 5 mar. 2010.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte**: pàde, àsèsè e o culto égun na Bahia. Petrópolis: Vozes, 1988.

SOUZA, Edileuza Penha de. **Tamborizar**: história e afirmação da autoestima das crianças e adolescentes negros e negras através dos tambores de congo. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Linha Pluralidade Cultural, Universidade do Estado da Bahia, 2005.

TOMÉ, Alcione. **A educação especial e o deficiente visual**: autonomia, inclusão e cidadania. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação)–Instituto de Investigação Científica e Pós-Graduação, Universidade Internacional, Lisboa, 2003.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003.

VASCONCELOS, Hamilton de Holanda; OLIVEIRA, Heitor M. **Catálogo e álbum dos choros de Brasília**. Brasília: UnB, 1997. (PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica).

VASCONCELOS, José Adirson de. **A epopéia da construção de Brasília**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.

**OBRAS CONSULTADAS**

ALENCAR, Maria Amélia G. Música e memória: musicólogos e folcloristas no Brasil. In: COSTA, Cléria Botelho da; Magalhães, Nancy Alessio (Org.). **Contar história, fazer História**. Brasília: Paralelo 15, 2001.

AMIRALIAN, Maria Lúcia T. M. **Compreendendo o cego**: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos – estórias. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: Magia e técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

CHEDIAK, Almir. **Dicionário de acordes cifrados**. 4. ed. São Paulo: Irmãos Vitale, 1984.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente**: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HOBSBAWM, Eric J. **História social do jazz**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Adaptação Lana M. Siman. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. **A inteligência da complexidade**. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.

NUNES, Juliana C. **Rádio Nacional de Brasília completa 50 anos com programação especial**. Agência Brasil: 2008.

Disponível em: <<http://www.direito2.com.br/abr/2008/mai/30/radio-nacional-de-brasilia-comemora-50-anos-com-hotsite-e-homenagens>>. Acesso em: 22 jun. 2009.

SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Nacional**: o Brasil em sintonia. Rio de Janeiro: Editora Funarte, 1984.



TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998.

TOMÉ, Dolores. **Musicografia braille**: instrumento de inclusão. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação)–Instituto de Investigação Científica e Pós-Graduação, Universidade Internacional, Lisboa, 2003.

VASCONCELOS, José Adirson de. **Os pioneiros da construção de Brasília**. Brasília: [s.n.], 1992.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**. 4. ed. Brasília: UnB, 2008.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. 4 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

**APÊNDICE**

## **ROTEIRO DAS ENTREVISTAS**

### **A - Entrevista realizada no dia 18/10/2008.**

- 1- Por que a mudança para Brasília? Como foi a vinda de João Tomé para a futura Capital? Quem veio com ele? Onde se estabeleceu? Quando a família chegou a Brasília?

### **B - Entrevistas realizadas no dia 28/11/2008.**

#### **B.1 e B.2**

- 1- Onde conheceu João Tomé?
- 2- Mantinha algum tipo de relacionamento profissional ou pessoal?
- 3- Conhece as composições de JT?
- 4- Ouvia os programas da Rádio e TV Nacional de que JT participava?
- 5- Dos encontros musicais e rodas de choro, tinha conhecimento?
- 6- Como era o trabalho em Brasília, logo da chegada em 1960?

### **C - Entrevistas realizadas no dia 31/01/2010.**

#### **C.1**

- 1- Quando você veio para Brasília? Foi o seu irmão que incentivou a vinda? Você se lembra de alguma fala dele sobre Brasília?
- 2- Em Brasília, como era a rotina de trabalho de João Tomé? Você se recorda?
- 3- Como foi a morte dele? Como foi a ausência?
- 4- O que ele gostava de ouvir quando jovem? Como se deu a relação com a música?
- 5- Como foi a infância de vocês em Uberaba? Como era em casa?
- 6- Quando começou o estudo religioso?
- 7- Como foi o processo de educação de João?
- 8- Qual a importância que a música teve para a vida de João Tomé?
- 9- Como ele andava na rua? Quem andava com ele?

#### **C.2**

- 1- Como era andar com o seu irmão? Para onde vocês iam? Qual era a sua idade?
- 2- Você participou de um grupo musical com o seu irmão, conte-nos a respeito.
- 3- O que você aprendeu com o seu irmão?
- 4- O que ele ouvia em casa?
- 5- O que a família achava de João seguir carreira musical?

**C.3**

- 1- Quem foi João Tomé pra você?
- 2- Como foi a infância de vocês em Uberaba? Como era em casa?
- 3- E a música? Qual era a relação?
- 4- Qual a importância que a música teve na vida de João Tomé?
- 5- Onde conviveram? Em Uberaba, em Brasília?

**D - Entrevista realizada no dia 13/03/2010.**

1. Fale sobre a convivência com João Tomé, a amizade, como se conheceram.
2. Sobre a gravação da música de João Tomé em LP.
3. Foi você quem apresentou a música ‘Todos Sabem’ na gravadora?
4. Chegou às suas mãos apenas o samba “Todos Sabem” ou havia outras composições de João Tomé para escolher?
5. Você tem alguma memória da época em que conviveu com João Tomé em Uberaba, algo que te marcou.

**E - Entrevista realizada no dia 26/04/2010.**

1. O que você se lembra do João Tomé?
2. Como é que você começou a tocar flauta?
3. Como você se aproximou da obra do João Tomé?
4. Você tocava quais?
5. Nessas rodas de choro você ouviu ‘Marangone’?
6. Eu vi um recorte de jornal com uma moça cega que veio para Brasília. Ele foi professor dela?
7. Como é que você se vê nesse diálogo atual, constante, com o João Tomé, com a obra dele? Como é que você vê a presença de João Tomé hoje?
8. Tem alguma outra coisa que você gostaria de falar sobre o João Tomé?

**F - Entrevista realizada no dia 05/05/2010.**

1. Onde ocorriam as aulas? Que repertório era trabalhado?
2. As aulas eram individuais ou em grupo?
3. Você se lembra do método que ele utilizava? Era todo oral?
4. Esse material era seu ou ele organizou isso?

5. Qual foi o tempo de aula que você fez com ele? Meses, anos...
6. Algum momento marcante?
7. Você sabia que ele era compositor?
8. Tem alguma coisa que você gostaria de falar sobre o João Tomé?

**G - Entrevista realizada no dia 09/05/2010.**

1. O que você se lembra de João Tomé?
2. Quando você começou a cantar?
3. Como você se aproximou da obra musical de João Tomé?
4. Você teve aulas de violão, em grupo, ministradas pelo professor Tomé. Onde eram realizadas? Quanto tempo durou?
5. Nessas aulas houve algum momento marcante?
6. Como você vê a presença de João Tomé hoje?
7. Qual foi a importância, na sua opinião, da Doutrina Espírita na vida de João Tomé?
8. Tem alguma coisa que você gostaria de falar sobre o João Tomé?

**H - Entrevista realizada no dia 14/05/2010.**

1. Quando você começou o trabalho de digitalização das partituras?
2. Quando você deu início à digitalização do material em áudio (fitas magnéticas)?
3. Onde estava todo esse material?
4. Quanto tempo ficou guardado?
5. Quais as ferramentas utilizadas para a manutenção do material?
6. Na época em que João Tomé trabalhava na Rádio e TV Nacional como era feita as gravações dos programas? Era no estúdio?
7. Como você vê a presença de João Tomé hoje?
8. Tem alguma coisa que você gostaria de falar sobre João Tomé?

## **Todas as entrevistas feitas para a pesquisa sobre João Tomé**

### **1. A- Vera Silva Tomé**

Aproximação com sujeito da pesquisa: viúva.  
Data: 18 de outubro de 2008.  
Local: apartamento 403 norte.  
Reside em: Uberlândia, MG.

### **2. B1- Neusa França**

Aproximação com sujeito da pesquisa: colega na escola Caseb.  
Data: 28 de novembro de 2008.  
Local: casa da entrevistada.  
Reside em: Brasília, DF.

### **3. B2- Walter Ibituruna**

Aproximação com sujeito da pesquisa: aluno no ICBC, amigo e integrante do conjunto musical.  
Data: 28 de novembro de 2008.  
Local: casa do entrevistado.  
Reside em: Brasília, DF.

### **4. C1- Conceição Aparecida Thomé Ferreira**

Aproximação com o sujeito da pesquisa: irmã.  
Data: 31 de janeiro de 2010.  
Local: Cidade Ocidental, casa Aurora.  
Reside em: Uberlândia, MG.

### **5. C2- Áurea Thomé Ferreira Abrahão**

Aproximação com o sujeito da pesquisa: irmã.  
Data: 31 de janeiro de 2010.  
Local: Cidade Ocidental, casa Aurora.  
Reside em: Uberaba, MG.

### **6. C3- Aurora Tomé Borges**

Aproximação com o sujeito da pesquisa: irmã.  
Data: 31 de janeiro de 2010.  
Local: casa da entrevistada.  
Reside em: Cidade Ocidental, GO.

### **7. D- José Marquez**

Aproximação com o sujeito da pesquisa: amigo e colega músico.

Data: 13 de março 2010.  
Local: casa Alcione Tomé.  
Reside em: Rio de Janeiro, RJ.

**8. E- Dolores Tomé**

Aproximação com o sujeito da pesquisa: filha.  
Data: 26 de abril 2010.  
Local: Departamento de Música – sala prof. Ricardo Freire.  
Reside em: Brasília, DF.

**9. F- Glêsse Maria Collet de Araújo Lima**

Aproximação com o sujeito da pesquisa: aluna de violão na E.m.B.  
Data: 5 de maio de 2010.  
Local: Postinho da UnB – parte externa.  
Reside em: Brasília, DF.

**10. G- Alcione Tomé**

Aproximação com o sujeito da pesquisa: filha.  
Data: 9 de maio de 2010.  
Local: sua residência.  
Reside em: Brasília, DF.

**11. H- Ismael Tomé**

Aproximação com o sujeito da pesquisa: filho.  
Data: 14 de maio 2010.  
Local: Sua residência.  
Reside em: Brasília, DF.

Tabela 3 – Composições de João Tomé: Quadro demonstrativo de todas as composições

| Ordem                  | Músicas – gênero                                  | Quantidade (por gênero) | Parceria (letra) | Partitura em braille | Partitura a tinta | Gravação | Letra     |
|------------------------|---|-------------------------|------------------|----------------------|-------------------|----------|-----------|
| <b>BAIÃO</b>           |   |                         |                  |                      |                   |          |           |
| 1                      | Cinco Amigos- 1954 -                              |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Não       |
| 2                      | Filipadas – 1951                                  |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não      | Não       |
| 3                      | Na Sombra do Boi – 1957                           |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| <b>RESUMO BAIÃO</b>    |   | <b>3</b>                | <b>0</b>         | <b>2</b>             | <b>3</b>          | <b>1</b> | <b>1</b>  |
| <b>BATUCADA</b>        |   |                         |                  |                      |                   |          |           |
| 1                      | Desmilinguido – 1942                              |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 2                      | Dona Maria – 1939                                 |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 3                      | É Noite de Alegria – 1958                         |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 4                      | Espere Meu Bem – 1938                             |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 5                      | Eu queria ser Paixão – 1942                       |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 6                      | Minha Perdição – 1940                             |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 7                      | Só Lamento ser tão Pobre – 1937                   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 8                      | Sofro qual um Condenado – 1939                    |                         | Não              | Sim                  | Não               | Não      | Sim       |
| 9                      | Tomei parte na Orgia – 1936                       |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 10                     | Deixe de chiquê – 1966                            |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| <b>RESUMO BATUCADA</b> |   | <b>10</b>               | <b>0</b>         | <b>9</b>             | <b>9</b>          | <b>1</b> | <b>10</b> |
| <b>BOLERO</b>          |   |                         |                  |                      |                   |          |           |
| 1                      | A Vida - 1938 (L) José de Souza                   |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| 2                      | Aurora – 1963                                     |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 3                      | Dançar – 1952                                     |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| 4                      | Emilinha – 1963                                   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Não       |
| 5                      | Meu silêncio -1963                                |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Não       |
| 6                      | Nunca – 1964                                      |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 7                      | O teu amor – 1957                                 |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 8                      | Rosas no meu coração – 1965 (L) Lílian Magnavita  |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 9                      | Sou bem feliz – 1954 (L) Mário Zara               |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| 10                     | Tudo foi promessa – 1950                          |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| <b>RESUMO BOLERO</b>   |   | <b>10</b>               | <b>3</b>         | <b>10</b>            | <b>10</b>         | <b>4</b> | <b>8</b>  |
| <b>CANÇÃO</b>          |   |                         |                  |                      |                   |          |           |
| 1                      | Versos de Amargor -1939                           |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 2                      | Meu Colibri-1942 (L) Orosimbo Matos               |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 3                      | Prece-1946 (L) Cléver Novais                      |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| 4                      | Meditação* -1947 (L) Cléver Novais                |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| 5                      | Conselho Paterno – 1953 (L) José M. de Melo       |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 6                      | Canção da Boa Vontade -1955 (L) Sebastiana Borges |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| 7                      | Jesus -1964                                       |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 8                      | Sonho de Moço -1964                               |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Não       |
| 9                      | Visita -1964                                      |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Não       |



Tabela 3 – Composições de João Tomé: Quadro demonstrativo de todas as composições

| Ordem                           | Músicas – gênero                           | Quantidade (por gênero) | Parceria (letra) | Partitura em braille | Partitura a tinta | Gravação  | Letra    |          |
|---------------------------------|--|-------------------------|------------------|----------------------|-------------------|-----------|----------|----------|
| 10                              | Amargura -1966                             |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 11                              | Carícias do Vento -1966                    |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 12                              | Deus Pode -1966                            |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 13                              | Esperança -1966                            |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 14                              | Espírito e Vida -1966                      |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 15                              | Grande Fé -1966                            |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 16                              | Homenagem -1966                            |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 17                              | Lágrimas de Amor -1966                     |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 18                              | Lembranças de Tate -1966                   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 19                              | Lívia -1966                                |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 20                              | O Cantar do Galo -1966                     |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 21                              | O Pensamento -1966                         |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 22                              | Paixão Transitória -1966                   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 23                              | Simplicidade 1966 (L) Walter Sanches       |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Sim       | Sim      |          |
| 24                              | Uma Prece -1966                            |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 25                              | Boa Nova -1967                             |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 26                              | Convite -1967                              |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 27                              | Ideal -1967                                |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 28                              | Palavras de Mãe -1967                      |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 29                              | Pérolas -1967                              |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 30                              | Uma Lembrança -1967                        |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| <b>RESUMO CANÇÃO</b>            |  |                         | <b>30</b>        | <b>6</b>             | <b>30</b>         | <b>30</b> | <b>4</b> | <b>8</b> |
| <b>CANÇÃO FOLCLÓRICA</b>        |  |                         |                  |                      |                   |           |          |          |
| 1                               | Menina Bonita – 1939                       |                         |                  | Não                  | Sim               | Sim       | Não      | Sim      |
| 2                               | Praia de Guarujá -1943                     |                         |                  | Não                  | Sim               | Sim       | Não      | Sim      |
| 3                               | Conto do Sertão -1946                      |                         |                  | Não                  | Sim               | Sim       | Não      | Sim      |
| 4                               | Gameleira – 1947                           |                         |                  | Não                  | Sim               | Sim       | Sim      | Sim      |
| 5                               | Como é bom ser amado - 1942                |                         |                  | Não                  | Sim               | Sim       | Não      | Sim      |
| 6                               | O pobre é que padece - 1942                |                         |                  | Não                  | Sim               | Não       | Não      | Sim      |
| <b>RESUMO CANÇÃO FOLCLÓRICA</b> |  |                         | <b>6</b>         | <b>0</b>             | <b>6</b>          | <b>5</b>  | <b>1</b> | <b>6</b> |
| <b>CANTIGA</b>                  |  |                         |                  |                      |                   |           |          |          |
| 1                               | Meu sofrimento – 1947                      |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Sim      |          |
| 2                               | Não tenho tempo – 1949 – em ritmo de samba |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Sim      |          |
| 3                               | Quando Eu Era Pescador-1946 (L) Rodrigues  |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não       | Sim      |          |
| <b>RESUMO CANTIGA</b>           |  | <b>3</b>                | <b>1</b>         | <b>3</b>             | <b>3</b>          | <b>0</b>  | <b>3</b> |          |
| <b>CHORO</b>                    |  |                         |                  |                      |                   |           |          |          |
| 1                               | Arrependida – 1939                         |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Sim      |          |
| 2                               | Arrasta o Pé na Poeira – 1946              |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 3                               | Alegre Festeira – 1953                     |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não      |          |
| 4                               | Alegria a Beça – 1946                      |                         | Não              | Sim                  | Não               | Não       | Não      |          |
| 5                               | Amor ao Luar – 1946                        |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim       |          |          |

Tabela 3 – Composições de João Tomé: Quadro demonstrativo de todas as composições

| Ordem                      | Músicas – gênero                          | Quantidade (por gênero) | Parceria (letra) | Partitura em braille | Partitura a tinta | Gravação  | Letra     |          |
|----------------------------|---|-------------------------|------------------|----------------------|-------------------|-----------|-----------|----------|
| 6                          | Boa Lembrança – 1966                      |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim       | Não       |          |
| 7                          | Cachorro Vagabundo – 1942                 |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Sim       |          |
| 8                          | Cada Vez Mais – 1957                      |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não       |          |
| 9                          | Cara de Lobo – 1941                       |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Sim       |          |
| 10                         | Esquisito – 1954                          |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não       |          |
| 11                         | Estudando – 1963                          |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim       | Não       |          |
| 12                         | Injúria – 1947                            |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim       | Não       |          |
| 13                         | Jibóia – 1957                             |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não       |          |
| 14                         | Língua de Branco – 1953                   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim       | Não       |          |
| 15                         | Marangone – 1939                          |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim       | Não       |          |
| 16                         | Martelando – 1958                         |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não       |          |
| 17                         | Pedante – 1963                            |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não       |          |
| 18                         | Peixe Frito – 1958                        |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não       |          |
| 19                         | Piquenique – 1952                         |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim       | Não       |          |
| 20                         | Perambulando – 1943                       |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim       | Não       |          |
| 21                         | Pisa Quente – 1950                        |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim       | Não       |          |
| 22                         | P.R. - 1946                               |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim       | Não       |          |
| 23                         | Saudades Dela – 1942                      |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim       | Não       |          |
| 24                         | Sempre Sereno – 1958                      |                         | Não              | Sim                  | Não               | Não       | Não       |          |
| 25                         | Touro Sentado -1957                       |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim       | Não       |          |
| 26                         | Furtado – 1952                            |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não       | Não       |          |
| 27                         | Pensativo – 1947                          |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não       | Não       |          |
| 28                         | Ajeitadinho – 1951                        |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não       | Não       |          |
| 29                         | Limãozinho – 1942                         |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não       | Não       |          |
| <b>RESUMO CHORO</b>        |   |                         | <b>29</b>        | <b>0</b>             | <b>25</b>         | <b>27</b> | <b>12</b> | <b>3</b> |
| <b>CHORO-CANÇÃO</b>        |   |                         |                  |                      |                   |           |           |          |
| 1                          | Prece ao coração – 1939 (L) José de Souza |                         |                  | Sim                  | Sim               | Sim       | Não       | Sim      |
| 2                          | Resto de sonho – 1942                     |                         |                  | Não                  | Sim               | Sim       | Sim       | Sim      |
| 3                          | Arroz Doce – 1950                         |                         |                  | Não                  | Sim               | Sim       | Sim       | Não      |
| 4                          | Bem distante – 1954                       | Não                     |                  | Sim                  | Sim               | Sim       | Sim       |          |
| 5                          | Minguado – 1954                           | Não                     |                  | Sim                  | Sim               | Não       |           |          |
| <b>RESUMO CHORO-CANÇÃO</b> |   | <b>5</b>                | <b>1</b>         | <b>5</b>             | <b>5</b>          | <b>3</b>  | <b>3</b>  |          |
| <b>EMBOLADA</b>            |   |                         |                  |                      |                   |           |           |          |
| 1                          | Festa no Arraiá -1937                     |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Sim       |          |
| 2                          | Numa Festa de São João -1939              |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Sim       |          |
| <b>RESUMO EMBOLADA</b>     |   | <b>2</b>                | <b>0</b>         | <b>2</b>             | <b>2</b>          | <b>0</b>  | <b>2</b>  |          |
| <b>FOX</b>                 |   |                         |                  |                      |                   |           |           |          |
| 1                          | Amor e Música -1958 (L) Arailda Gomes     |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não       | Sim       |          |
| 2                          | Cavaleiro do Norte – 1963                 |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Sim       |          |
| 3                          | Conclusão -1963                           |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não       |          |
| 4                          | Indecisão -1955                           |                         | Não              | Não                  | Sim               | Sim       | Sim       |          |

Tabela 3 – Composições de João Tomé: Quadro demonstrativo de todas as composições

| Ordem                     | Músicas – gênero                                      | Quantidade (por gênero) | Parceria (letra) | Partitura em braille | Partitura a tinta | Gravação | Letra    |
|---------------------------|---|-------------------------|------------------|----------------------|-------------------|----------|----------|
| 5                         | Manhã Feliz -1959                                     |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 6                         | Meimei -1963  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 7                         | Minhas Lágrimas -1957 (L) Arálda Gomes                |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 8                         | Sempre a Cantar – 1959                                |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 9                         | Volte -1960   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| <b>RESUMO FOX</b>         |   | <b>9</b>                | <b>2</b>         | <b>8</b>             | <b>9</b>          | <b>1</b> | <b>8</b> |
| <b>HINO</b>               |   |                         |                  |                      |                   |          |          |
| 1                         | A Bezerra de Menezes -1960                            |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 2                         | A Grande Luz do Evangelho -1965                       |                         | Não              | Sim                  | Não               | Não      | Sim      |
| 3                         | Hino a Agostinho -1945 (L) Alceu de Souza Novais      |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 4                         | Hino a Batuira -1957 (L) Dona Diná                    |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 5                         | Hino a Caminho da Luz -1956 (L) Alceu de Souza Novais |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 6                         | Hino a Ubirajara -1959 (L) Rosa D. Sagni              |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 7                         | Hino da União da Mocidade Espírita de Uberaba – 1945  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| <b>RESUMO HINO</b>        |   | <b>7</b>                | <b>4</b>         | <b>7</b>             | <b>6</b>          | <b>0</b> | <b>7</b> |
| <b>HULLY GULLY</b>        |   |                         |                  |                      |                   |          |          |
| 1                         | Menina criança – 196? (L) Walter Sanches              |                         | Sim              | Não                  | Sim               | Sim      | Sim      |
| 2                         | Vem – 196? (L) Walter Sanches                         |                         | Sim              | Não                  | Não               | Sim      | Sim      |
| <b>RESUMO HULLY GULLY</b> |   | <b>2</b>                | <b>2</b>         |                      | <b>1</b>          | <b>2</b> | <b>2</b> |
| <b>MACUMBA</b>            |   |                         |                  |                      |                   |          |          |
| 1                         | Nego veio entristeceu – 1941                          |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 2                         | Pra ficar de cabeça inchada – 1946                    |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim      |
| <b>RESUMO MACUMBA</b>     |   | <b>2</b>                | <b>0</b>         | <b>2</b>             | <b>2</b>          | <b>1</b> | <b>2</b> |
| <b>MAMBO</b>              |   |                         |                  |                      |                   |          |          |
| 1                         | Angorá – 1958 (L) Geraldo Barbosa                     |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| <b>RESUMO MAMBO</b>       |   | <b>1</b>                | <b>1</b>         | <b>1</b>             | <b>1</b>          | <b>0</b> | <b>1</b> |
| <b>MARCHA</b>             |   |                         |                  |                      |                   |          |          |
| 1                         | Chegou o natal – 1936                                 |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim      |
| 2                         | Pois é José – 1936                                    |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 3                         | Rainha do café – 1936                                 |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 4                         | A marchinha da garoa – 1937 (L) – José de Souza       |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 5                         | A noite vem descendo – 1937 (L) José de Souza         |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 6                         | Carnaval não faz mal a ninguém – 1938                 |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 7                         | Eu vi a Josefina – 1938                               |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 8                         | Borboletas do amor – 1939                             |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 9                         | Combinação dos dois – 1939                            |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 10                        | Garota do cabelo ondulado – 1939                      |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 11                        | Morena – 1939   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 12                        | Oh! Meu São João – 1939                               |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 13                        | Seu Macedo – 1939 (L) José de Souza                   |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |

Tabela 3 – Composições de João Tomé: Quadro demonstrativo de todas as composições

| Ordem                | Músicas – gênero                                   | Quantidade (por gênero) | Parceria (letra) | Partitura em braille | Partitura a tinta | Gravação | Letra     |
|----------------------|--|-------------------------|------------------|----------------------|-------------------|----------|-----------|
| 14                   | Que boa hora – 1939                                |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 15                   | Cadê o beijo – 1941                                |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 16                   | País divino – 1941                                 |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 17                   | Arranjei um beletrista – 1942                      |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 18                   | Não leve a mal – 1942 – marcha rancho              |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 19                   | Quando você passa – 1942                           |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 20                   | Você conhece? – 1942                               |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 21                   | Se você me abandonar – 1944                        |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 22                   | Você falou – 1944                                  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 23                   | Vamos cantar – 1949                                |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 24                   | Alegria – 1950                                     |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Não       |
| 25                   | É engraçado – 1952                                 |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 26                   | Parabéns, parabéns – 1952 (L) Diana Lins           |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| 27                   | Eu já não posso – 1953                             |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 28                   | Modo mesquinho – 1953                              |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 29                   | Só de troça – 1953                                 |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 30                   | A arte – 1955                                      |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 31                   | Terra querida – 1956 (L) Iolanda Paixão            |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 32                   | Vamos fazer fogueira – 1957                        |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| 33                   | Deixa de tristeza – 1939 (L) Aristides Gomes       |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 34                   | Não mereço falcatruas – 1959                       |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 35                   | Que é que você faz – 1961                          |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 36                   | Cuidado Negrão – 1963                              |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| 37                   | Não dorme de touca – 1963                          |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 38                   | Tipo de morte – 1963 (L) Zair Cançado              |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 39                   | Na ilha do Bananal – 1966                          |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 40                   | Se você tem amizade – 1937                         |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 41                   | Minha coleguinha - 1970                            |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não      | Não       |
| 42                   | Mimosa - 1970                                      |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não      | Não       |
| 43                   | A oração dos meninos - ? – antes de 1955 - caderno |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não      | Não       |
| 44                   | Ele me deixou - 1966                               |                         | Não              | Sim                  | Não               | Não      | Não       |
| <b>RESUMO MARCHA</b> |  | <b>44</b>               | <b>7</b>         | <b>40</b>            | <b>43</b>         | <b>4</b> | <b>39</b> |
| <b>RUMBA</b>         |  |                         |                  |                      |                   |          |           |
| 1                    | Sorrindo para te esquecer – 1942                   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 2                    | Viagem – 1963                                      |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Não       |
| <b>RESUMO RUMBA</b>  |  | <b>2</b>                | <b>0</b>         | <b>2</b>             | <b>2</b>          | <b>0</b> | <b>1</b>  |
| <b>SAMBA</b>         |  |                         |                  |                      |                   |          |           |
| 1                    | Estou cheio de prazer – 1936                       |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 2                    | Vou procurar felicidade – 1936                     |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 3                    | Olha pra mim – 1937 (L) Aristides Rodrigues        |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 4                    | Que me importa – 1937                              |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |

**Tabela 3 – Composições de João Tomé: Quadro demonstrativo de todas as composições**

| Ordem | Músicas – gênero                               | Quantidade (por gênero) | Parceria (letra) | Partitura em braille | Partitura a tinta | Gravação | Letra |
|-------|--|-------------------------|------------------|----------------------|-------------------|----------|-------|
| 5     | Sei perfeitamente – 1937                       |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 6     | Eu chorei – 1938                               |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 7     | Eu vou me embora – 1938                        |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 8     | Mulher faladeira – 1938                        |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 9     | Agora – 1939                                   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 10    | A lua vem brilhando - 1939                     |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 11    | Dora – 1939                                    |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 12    | E nem se despediu de mim – 1939                |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 13    | Conceição – 1939                               |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 14    | Não merece o meu perdão – 1939                 |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 15    | Quase louca de saudade - 1939                  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 16    | Tu hás de me pagar – 1939                      |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 17    | Vem me consolar – 1939                         |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 18    | Nem todos sabem – 1940                         |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim   |
| 19    | Zangado com você – 1940                        |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 20    | Ela foi embora – 1942                          |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 21    | Meu moreno – 1942                              |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 22    | Não fui feliz - 1942                           |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 23    | Sonhando – 1942                                |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 24    | Para sempre adeus - 1942                       |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 25    | Treze, vinte e sete – 1944                     |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim   |
| 26    | Dadá – 1946                                    |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 27    | Não choremos – 1946                            |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 28    | O tamborim está marcando – 1946                |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 29    | Só peço a Deus – 1946                          |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 30    | Toma jeito – 1946                              |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 31    | Vem meu bem – 1944                             |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 32    | Só eu lhe tenho amor – 1947 (L) Essênio Brasil |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 33    | Pois sim cheirosa – 1947                       |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 34    | Até hoje – 1949                                |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 35    | Todos Sabem – 1949                             |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim   |
| 36    | Quem manda sou eu – 1950                       |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 37    | Se meu cachimbo falasse – 1950                 |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 38    | Bom patrão – 1954                              |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 39    | Não quero velas – 1958                         |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 40    | Pra mostrar o meu valor – 1958                 |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 41    | Anoiteceu – 1959                               |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 42    | Ninguém vê meu pranto – 1959                   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 43    | Tem pena de mim Tereza – 1959                  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |
| 44    | Não tem graça – 1960                           |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim   |
| 45    | Renúncia – 1961                                |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim   |

Tabela 3 – Composições de João Tomé: Quadro demonstrativo de todas as composições

| Ordem                      | Músicas – gênero                            | Quantidade (por gênero) | Parceria (letra) | Partitura em braille | Partitura a tinta | Gravação | Letra     |
|----------------------------|---|-------------------------|------------------|----------------------|-------------------|----------|-----------|
| 46                         | Promessa – 1962 (L) Ayrton Nunes            |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 47                         | Nem sempre – 1963                           |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 48                         | Perda de um sambista – 1964                 |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 49                         | Maria Sinhá – 1965                          |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 50                         | Nova inspiração – 1965                      |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 51                         | Pranto de tristeza – 1966                   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| 52                         | Preito de amizade – 1967                    |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| <b>RESUMO SAMBA</b>        |   | <b>52</b>               | <b>3</b>         | <b>51</b>            | <b>52</b>         | <b>6</b> | <b>52</b> |
| <b>SAMBA-CANÇÃO</b>        |   |                         |                  |                      |                   |          |           |
| 1                          | Cheio de mágoa - 1936                       |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 2                          | Tudo está esquecido – 1957                  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 3                          | Violão meu companheiro - 1938               |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 4                          | Sonho de fada – 1939                        |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 5                          | Agora sim – 1941                            |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 6                          | A corda e a caçamba – 1942 (samba amebeu)   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| 7                          | A mulher que eu mais amei - 1942            |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 8                          | Não há razão – 1942                         |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 9                          | Não vejo mais estrelas - 1942               |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 10                         | Só existe a saudade - 1942                  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 11                         | Negro destino – 1943                        |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 12                         | Semi louco – 1944                           |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 13                         | Cão sem dono – 1946                         |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| 14                         | Eu queria fazer um samba – 1946             |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 15                         | É veneno – 1947                             |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 16                         | Você não tem razão - 1949                   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 17                         | Ela há de voltar – 1953                     |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 18                         | Cartas banais – 1954 (L) Araújo Gomes       |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| 19                         | Inveja – 1954                               |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| 20                         | Pobre diabo - 1955                          |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 21                         | Seu pecado - 1958                           |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 22                         | Amor tão grande - 1959                      |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 23                         | Deixa o povo falar – 1959 (L) Cléver Novais |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 24                         | Devaneio de amargura - 1959                 |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 25                         | Só você - 1960                              |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 26                         | Eu e meu violão - 1962                      |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim       |
| 27                         | Quanta saudade - 1965                       |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| <b>RESUMO SAMBA-CANÇÃO</b> |   | <b>27</b>               | <b>2</b>         | <b>25</b>            | <b>27</b>         | <b>5</b> | <b>27</b> |
| <b>SAMBA-CHORO</b>         |   |                         |                  |                      |                   |          |           |
| 1                          | Meu chapéu de palha – 1936                  |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 2                          | Mulato Faceiro – 1945                       |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim       |
| 3                          | Eu era - 1939                               |                         | Não              | Sim                  | Não               | Não      | Sim       |

Tabela 3 – Composições de João Tomé: Quadro demonstrativo de todas as composições

| Ordem                     | Músicas – gênero   | Quantidade (por gênero) | Parceria (letra) | Partitura em braille | Partitura a tinta | Gravação | Letra    |
|---------------------------|--|-------------------------|------------------|----------------------|-------------------|----------|----------|
| <b>RESUMO SAMBA CHORO</b> |  | <b>3</b>                | <b>0</b>         | <b>2</b>             | <b>2</b>          | <b>0</b> | <b>3</b> |
| <b>TOADA</b>              |  |                         |                  |                      |                   |          |          |
| 1                         | Ai, Sinhá! – 1936  |                         | Não              | Não                  | Sim               | Sim      | Sim      |
| 2                         | Maruca – 1937  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 3                         | Rompe a manhã – 1937   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 4                         | Sapeca – 1939  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 5                         | Não me olhe de lado - 1945   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 6                         | Eu vi a morena – 1949  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 7                         | Deixa chover – 1965  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim      |
| 8                         | Esperando por ela - 1966   |                         | Não              | Sim                  | Não               | Não      | Sim      |
| 9                         | Minha jangada – 1966 (L) Lilian Magnavita  |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Sim      | Sim      |
| <b>RESUMO TOADA</b>       |  | <b>9</b>                | <b>1</b>         | <b>8</b>             | <b>8</b>          | <b>3</b> | <b>9</b> |
| <b>VALSA</b>              |  |                         |                  |                      |                   |          |          |
| 1                         | Amor de mãe – 1936   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Não      |
| 2                         | Anjo divinal – 1936  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 3                         | Dora – 1936  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 4                         | Maurita – 1936   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 5                         | Alma ferida – 1938 (L) José de Souza   |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 6                         | Bem vinda – 1939 (L) José de Souza   |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 7                         | Gratidão – 1943  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Não      |
| 8                         | Coração alquebrado – 1946 (L) Iracema Alves  |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 9                         | Não te quero mais – 1946 (L) Essênio Brasil  |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 10                        | Bons alunos – 1947   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Não      |
| 11                        | Vera – 1947  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Não      |
| 12                        | Alcionina – 1949   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim      | Não      |
| 13                        | Áurea – 1949   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Não      |
| 14                        | Olhos meigos - 1949 (L) Cialtino C. Lima   |                         | Sim              | Não                  | Sim               | Sim      | Sim      |
| 15                        | Iraní – 1950   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Não      |
| 16                        | Banalidade – 1950  |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não      | Não      |
| 17                        | Perdão querida – 1957  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Não      |
| 18                        | Mamãe Dolores – 1958 (L) Geraldo Barbosa   |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 19                        | Naquela noite de festa – 1958  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 20                        | A minha vida – 1959  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 21                        | Jesus em casa – 1959 (L) Mensagem de Irene S. Pinto por Chico Xavier em 28.01.1958 |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 22                        | Última valsa – 1959 (L) Benita Portela   |                         | Sim              | Sim                  | Sim               | Não      | Sim      |
| 23                        | Virgem Maria – 1959  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Não      |
| 24                        | Alma triste – 1964   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Não      |
| 25                        | Regina – 1964  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Não      |
| 26                        | Gotas de saudade – 1965  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Não      |
| 27                        | Amor de Vera – 1966  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Não      |
| 28                        | Deusa do lago – 1966   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não      | Não      |

Tabela 3 – Composições de João Tomé: Quadro demonstrativo de todas as composições

| Ordem                                   | Músicas – gênero                                | Quantidade (por gênero) | Parceria (letra) | Partitura em braille | Partitura a tinta | Gravação  | Letra      |
|---|---|-------------------------|------------------|----------------------|-------------------|-----------|------------|
| 29                                      | Doce calma – 1966                               |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não        |
| 30                                      | Dolores – 1966                                  |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim       | Não        |
| 31                                      | Eulira – 1966                                   |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não        |
| 32                                      | Lila – 1966                                     |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não        |
| 33                                      | Maria – 1966 (L) Walter Sanches                 |                         | Sim              | Sim                  | Não               | Sim       | Sim        |
| 34                                      | Meila – 1966                                    |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Sim       | Não        |
| 35                                      | O bom amigo – 1966                              |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não        |
| 36                                      | Outro céu – 1966                                |                         | Não              | Sim                  | Sim               | Não       | Não        |
| 37                                      | Amorzinho - 1970                                |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não       | Não        |
| 38                                      | Prisma - 1970                                   |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não       | Não        |
| 39                                      | Amor de improviso – ? – antes de 1955 – caderno |                         | Não              | Não                  | Sim               | Não       | Não        |
| <b>RESUMO VALSA</b>                     |   | <b>39</b>               | <b>9</b>         | <b>34</b>            | <b>38</b>         | <b>8</b>  | <b>14</b>  |
| <b>SUBTOTAL: COMPOSIÇÕES COM MÚSICA</b> |   | <b>295</b>              | <b>42</b>        | <b>272</b>           | <b>285</b>        | <b>56</b> | <b>209</b> |

**Músicas de que existe apenas a letra**

| <b>BATUCADA</b>                 |  |          |          |          |          |          |          |
|---------------------------------|--|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| 1                               | Até o dia amanhecer                                    |          | Não      | Não      | Não      | Não      | Sim      |
| 2                               | Dona Maria   |          | Não      | Não      | Não      | Não      | Sim      |
| <b>RESUMO BATUCADA</b>          |  | <b>2</b> | <b>0</b> | <b>0</b> | <b>0</b> | <b>0</b> | <b>2</b> |
| <b>CANÇÃO</b>                   |  |          |          |          |          |          |          |
| 1                               | Escuta – Auta de Souza - (poema psicografado em livro) |          | Não      | Não      | Não      | Não      | Sim      |
| 2                               | Minha linda menina – Hamilton Santana                  |          | Sim      | Não      | Não      | Não      | Sim      |
| 3                               | Ora e vigia – João de Deus                             |          | Sim      | Não      | Não      | Não      | Sim      |
| 4                               | Pálida canção  |          | Não      | Não      | Não      | Não      | Sim      |
| 5                               | Um sonho desfolhado                                    |          | Não      | Não      | Não      | Não      | Sim      |
| <b>RESUMO CANÇÃO</b>            |  | <b>5</b> | <b>2</b> | <b>0</b> | <b>0</b> | <b>0</b> | <b>5</b> |
| <b>CANÇÃO FOLCLÓRICA</b>        |  |          |          |          |          |          |          |
| 1                               | Tempo da rua da pinga                                  |          | Não      | Não      | Não      | Não      | Sim      |
| <b>RESUMO CANÇÃO FOLCLÓRICA</b> |  | <b>1</b> | <b>0</b> | <b>0</b> | <b>0</b> | <b>0</b> | <b>1</b> |
| <b>HINO</b>                     |  |          |          |          |          |          |          |
| 1                               | Hino a Eurípedes Barsanulpho – Iolanda Paixão          |          | Sim      | Não      | Não      | Não      | Sim      |
| 2                               | Hino da Paróquia Coração de Jesus – Lílian Magnavita   |          | Sim      | Não      | Não      | Não      | Sim      |
| 3                               | Hino escolar Solar Querido – Rosa Dina                 |          | Sim      | Não      | Não      | Não      | Sim      |
| 4                               | Juventus – Hino em ritmo de marcha – José de Souza     |          | Sim      | Não      | Não      | Não      | Sim      |
| <b>RESUMO HINO</b>              |  | <b>4</b> | <b>4</b> | <b>0</b> | <b>0</b> | <b>0</b> | <b>4</b> |
| <b>MARCHA</b>                   |  |          |          |          |          |          |          |
| 1                               | A casa morta – marcha rancho – José Rodrigues          |          | Sim      | Não      | Não      | Não      | Sim      |
| 2                               | Bilhetinho   |          | Não      | Não      | Não      | Não      | Sim      |
| 3                               | Carnaval   |          | Não      | Não      | Não      | Não      | Sim      |
| 4                               | Carnaval no terreiro                                   |          | Não      | Não      | Não      | Não      | Sim      |
| 5                               | Combinações de notas                                   |          | Não      | Não      | Não      | Não      | Sim      |



Tabela 3 – Composições de João Tomé: Quadro demonstrativo de todas as composições

| Ordem                      | Músicas – gênero                          | Quantidade (por gênero) | Parceria (letra) | Partitura em braille | Partitura a tinta | Gravação | Letra     |
|----------------------------|---|-------------------------|------------------|----------------------|-------------------|----------|-----------|
| 6                          | O fogo vai pegar – José de Souza          |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 7                          | É hora                                    |                         | Não              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 8                          | Olhar de garota – José de Souza           |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 9                          | Não sou palhaço                           |                         | Não              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 10                         | Penteadeira – Wilson R. M. Silva          |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 11                         | Vamos pra folia – José de Souza           |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 12                         | Vou sair                                  |                         | Não              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| <b>RESUMO MARCHA</b>       |   | <b>12</b>               | <b>5</b>         | <b>0</b>             | <b>0</b>          | <b>0</b> | <b>12</b> |
| <b>SAMBA</b>               |   |                         |                  |                      |                   |          |           |
| 1                          | Até logo                                  |                         | Não              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 2                          | Distância não é motivo                    |                         | Não              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 3                          | Nada mais                                 |                         | Não              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 4                          | Perdi a carteira                          |                         | Não              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 5                          | Vamos viver o samba – Hamilton P. Rezende |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 6                          | Venha confessar                           |                         | Não              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| <b>RESUMO SAMBA</b>        |   | <b>6</b>                | <b>1</b>         | <b>0</b>             | <b>0</b>          | <b>0</b> | <b>6</b>  |
| <b>SAMBA-CANÇÃO</b>        |   |                         |                  |                      |                   |          |           |
| 1                          | Conflito – Jackson Brasileiro             |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 2                          | Desolada                                  |                         | Não              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 3                          | Foste perjura                             |                         | Não              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 4                          | Iludido pelo dinheiro                     |                         | Não              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 5                          | Na solidão – Antônio Lessa                |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 6                          | O amor é como perfume – José de Souza     |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 7                          | Rainha da beleza – José de Souza          |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 8                          | Razão do meu fracasso – Essênio Brasil    |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 9                          | Revelação – Essênio Brasil                |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 10                         | Saudade de você – José de Souza           |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 11                         | Triste Separação – José de Souza          |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| <b>RESUMO SAMBA-CANÇÃO</b> |   | <b>11</b>               | <b>8</b>         | <b>0</b>             | <b>0</b>          | <b>0</b> | <b>11</b> |
| <b>SAMBA-CHORO</b>         |   |                         |                  |                      |                   |          |           |
| 1                          | Pensando em você                          |                         | Não              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| <b>RESUMO SAMBA CHORO</b>  |   | <b>1</b>                | <b>0</b>         | <b>0</b>             | <b>0</b>          | <b>0</b> | <b>1</b>  |
| <b>TOADA</b>               |   |                         |                  |                      |                   |          |           |
| 1                          | Meu lar distante – Mira Silva             |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 2                          | O vaqueiro do nordeste – José Rodrigues   |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 3                          | Todas as flores – José Rodrigues          |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| <b>RESUMO TOADA</b>        |   | <b>3</b>                | <b>3</b>         | <b>0</b>             | <b>0</b>          | <b>0</b> | <b>3</b>  |
| <b>VALSA</b>               |   |                         |                  |                      |                   |          |           |
| 1                          | Rainha do astral                          |                         | Não              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 2                          | Rosto de santa – José de Souza            |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |
| 3                          | Valsinha de amor – Oscar Correia          |                         | Sim              | Não                  | Não               | Não      | Sim       |

**Tabela 3 – Composições de João Tomé: Quadro demonstrativo de todas as composições**


| Ordem | Músicas – gênero  | Quantidade<br>(por gênero) | Parceria<br>(letra) | Partitura<br>em braille | Partitura a<br>tinta | Gravação  | Letra      |
|-------|---|----------------------------|---------------------|-------------------------|----------------------|-----------|------------|
|       | <b>RESUMO VALSA</b>                                       | <b>3</b>                   | <b>2</b>            | <b>0</b>                | <b>0</b>             | <b>0</b>  | <b>3</b>   |
|       | <b>SEM INDICAÇÃO</b>                                      |                            |                     |                         |                      |           |            |
| 1     | Balada noturna  |                            | Não                 | Não                     | Não                  | Não       | Sim        |
| 2     | Minha pobre vida  |                            | Não                 | Não                     | Não                  | Não       | Sim        |
|       | <b>RESUMO “SEM INDICAÇÃO”</b>                             | <b>2</b>                   | <b>0</b>            | <b>0</b>                | <b>0</b>             | <b>0</b>  | <b>2</b>   |
|       | <b>SUBTOTAL: COMPOSIÇÕES DE QUE EXISTE APENAS A LETRA</b> | <b>50</b>                  | <b>25</b>           | <b>0</b>                | <b>0</b>             | <b>0</b>  | <b>50</b>  |
|       | <b>TOTAL GERAL</b>  | <b>345</b>                 | <b>67</b>           | <b>272</b>              | <b>285</b>           | <b>56</b> | <b>259</b> |





## I.

## 1. TRAJETÓRIA DE JOÃO TOMÉ: Origem

 DR. LAURO BAPTISTA MACHADO, escrivão de Paz e Oficial do Registro civil, por serventia vitalícia, neste distrito da cidade de Uberaba, Estado de Minas Gerais, na forma da lei, etc.

*CERTIFICA* que  
no dia vinte e quatro de março de mil novecentos e treze, nesta cidade  
de Uberaba, Estado de Minas Gerais  
perante o Senhor Manoel Ferreira Martins  
Juiz dos Casamentos, em exercício, e as testemunhas Natna digo Nathanael Soares  
dos Santos, Benedicto Lemos Pinto,

, receberam-se em casamento os contraentes:

Nome: ANTONIO THOMÉ FERREIRA  
Naturalidade: cidade de Uberaba  
Residência: nesta cidade de Uberaba  
Idade: vinte e trez annos de idade  
Profissão: lavrador  
Estado Civil: solteiro  
Filiação: legítimo de Camillo Thomé Ferreira e Maria Olivia da Conceição

Nome: MARINHA EMILIA DE ALMEIDA  
Naturalidade: cidade de Uberaba  
Residência: nesta cidade de Uberaba  
Idade: dezoito annos de idade  
Profissão: serviços domesticos  
Estado Civil: solteira  
Filiação: legítima de Antonio Pereira de Almeida e de Maria Antonia  
Cardoso  
Regime dos bens: não consta do termo  
Nome adotado pela contraente, depois de casada: não consta do termo

OBSERVAÇÕES:

L.º B.º N.º 12 f. 140v N.º do Registro 40  
Dou fé. Uberaba, 24 de março de 19 70  
O Oficial do Registro Civil: Lauro Baptista Machado

PARA RECONHECIMENTO DE FIRMA, PROCURAR UM DOS SEGUINTE CARTÓRIOS:  
R. do Rosário 115, Rio — Djalma da Fonseca Hermes, R. do Rosário, 145, Rio — Veiga, R. Libero Badaró, 293, Loja G, S. Paulo — Dr. Leven Vamporé, Rua Anchieta, 54, S. Paulo — Bolívar, B. Horizonte — José Lobo da Costa, Edifício do Fórum, Campos, E. do Rio — Apolinário de Moraes Bettes, Barra Mansa, Rio de Janeiro — Telxheira Neto, Praça Civica, Colônia — Luiz Gonzaga de Abreu Macedo, Recife — B. E. L. Luciano Marback, 4.º Tabelião, Rua Padre Vieira, 11, Salvador, Bahia.

Ilustração I-1: Certidão de casamento. Uberaba, 1913.

## 2. TRAJETÓRIA DE JOÃO TOMÉ

**I - DADOS PESSOAIS:-**

Nome:- JOÃO TOMÉ  
 Data do Nascimento:- 03/03/1 920  
 Naturalidade:- Uberaba, Minas Gerais.  
 Residência: SQN 403, Bloco 2, Apartº 204, Brasília, D.F.  
 Documento de Identidade:- nº 285.450, expedido pelo Chefe da Seção de Identificação do Serviço de Investigações de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais.

**II - APRENDIZADO:-**

Dentro de sua situação pessoal, começou a estudar música aos dez (10) anos com pessoas amigas que entendiam da especialidade.

Assim continuou seus estudos, adquirindo prática de instrumental, entre outros de acordeão de 8 baixos, cavaquinho, violão e alguns instrumentos de percussão, atividade esta, que desenvolvida ao longo de sua profissão de músico.

**III - ATIVIDADE PROFISSIONAL:-**

Em 1 940 iniciou suas atividades profissionais, integrando o "cast" da PRC 6, de Uberlândia, Estado de Minas Gerais, na qualidade de músico, durante um (1) ano.

A seguir passou por a cidade de Uberaba, onde na "Rádio Sociedade Triângulo Mineiro", trabalhou como músico, ainda durante um (1) ano.

Retornou, logo após, a Uberlândia, onde, novamente, foi atuar na "Rádio Difusora", local, durante um (1) ano, daí partindo para uma excursão artística, integrando um conjunto "folclórico", que durou um ano (1,5) e meio, sempre na qualidade de músico.

Voltou a Uberaba, logo após, passando a integrar o "cast" daquela mesma emissora, também na qualidade de músico, bem como fazendo parte de vários conjuntos e orquestras que atuaram em todos os clubes da cidade, e, ainda, em vários da região. Tal atividade foi contínua durante catorze (14) anos.

Simultaneamente, e durante aquele tempo, fêz parte do corpo docente do "Instituto dos Cegos do Brasil Central de Uberaba", passando a lecionar para os internos música e vários instrumentos. Nesse ínterim, durante cinco (5) anos, tal atividade foi feita às expensas da Prefeitura Municipal de Uberaba.

Em fevereiro de 1 960, vindo para Brasília, foi convidado para atuar na "TV Rádio Nacional", a cujo "cast" passou a pertencer na qualidade de músico, bem como integrando vários conjuntos e orquestras de Brasília, daquela época até a presente data.

Durante este tempo tem ministrado aulas de músicas a alunos particulares e a partir de 1 961 foi convidado e passou a lecionar como contratado, no Centro de Educação Média de Brasília da Fundação

Ilustração I-2: Currículo (página 1).

Educacional do Distrito Federal, na condição de professor de técnica instrumental (violão), na qual, aliás, foi enquadrado em junho de 1963.

Também compõe música desde 1936, tendo cinco (5) de suas composições, gravadas. Tem aproximadamente trezentas (300) composições, das quais poderá fazer prova a qualquer momento.

Brasília,

*Vera Silva Tomé - P.P. João Tomé*  
Vera Silva Tomé  
pp/ João Tomé.

Adendo:-

Em data de 07 de novembro de 1967, o Departamento Nacional de Educação e Cultura do Ministério de Educação, expediu o Certificado de Registro Definitivo de Professor de Educação Musical (Registro nº 6516), para a disciplina de Educação Musical.

Brasília, 22 de novembro de 1967

P.P. João Tomé - Vera Silva Tomé

De BERGE KESSEDJIAN

ENDERECO TELEGRAFICO  
BATALHADOR-RIO

Rua Acre 47- 3ª - Sala 312  
CAIXA POSTAL - Nº3771

Rio de Janeiro, 2 de Setembro, 1953

Ilmo. Snr.  
JOÃO THOMÉ,  
Radio Sociedade Triangulo Mineira,  
UBERABA, M.G.

Estimado Amigo João Thomé:

Como já deve saber, o sambinha que ofereceu para TEREZINHA MAGALHAES, na sua ultima visita ahi, está pegando. Ainda não gravei porque, até o presente momento, Terezinha não tem musica digna de ser gravada no outro lado, e, sobre este assunto vou voltar daqui a pouco.

Ref. "NEM TODOS SABEM": Quando ouvi esta musica pela primeira vez, vi que a mesma era feita de encomenda para a menina, por este motivo me interessei, e ao chegar ao Rio de Janeiro, imediatamente, mandei orquestrar a musica pelo Maestro Satiro de Melo, que fez um belo arranjo de mesmo. No sabado seguinte, a Terezinha apresentou em primeira audição na RADIO GUARANI de Belo Horizonte, fazendo estrepido sucesso com a mesma, embora a musica fosse desconhecida. Sabe como é. Uma musica nova custa para entrar no ouvido do publico, e não ser que a gente está disposta a gastar muito dinheiro com propaganda etc. A Dulce ( a sua colega ) que estava em Belo Horizonte na ocasião pode comprovar que Terezinha fez muito sucesso com este numero. Você vê, que um semana depois que você ensinou Terezinha a musica, a mesma foi apresentada em Belo Horizonte já orquestrada, tal o interesse que tomei.

Terezinha na semana seguinte apresentou a musica na Radio Nacional, ( programa Manoel Barcelos ), como também apresentou tres vezes na Radio Tambo, como varias vezes em outras emissoras. Não tive o tempo ainda de mandar tirar uma copia da musica para você, mas na semana que vem vou enviar-a sem falta.

Ref. Registre da musica: Se você quizer, me mande uma procuração em meu nome, autorizando a registrar em seu nome as suas musicas que pretende lançar aqui, e desde já, ponha TEREZINHA ao seu inteiro dispor para apresentar os numeros ineditos que você acha que ela pode apresentar com sucesso. Você já viu o estilo dela, e peço que me mande mais algumas composições suas, porém, repito, só mande coisas que serve para a menina. Preferivelmente, musicas de estilo de "NEM TODOS SABEM" e Baixas alegres. Sobre a procuração, acho que é de seu interesse, pois infelizmente, ha muitos compositores falsos aqui, que se andam aproveitando trechos de musicas dos outros. Queira me escrever sem falta a este respeito, me enviando também a melodia das musicas que você acha que Terezinha pode cantar, pois mandarei orquestrar-as imediatamente.

Presado João, no Dia 12 de Agosto, mandei um telegrama comprido pedindo RAUL JARDIM para me mandar VIA AEREA NACIONAL TRANSPORTES FRETE A PAGAR 5 (CINCO) EXEMPLARES DE CADA DO JORNAL "LAVOURA E COMERCIO" COM DATA DE 23 de JULHO, 25 DE JULHO e BEM COMO CINCO JORNAIS NO QUAL SAHI O NOTICIARIO DA FESTA (ACHO QUE FOI NO DIA 27 OU 28) COMO TAMBEM PEDI COPIAS DOS RETRATOS QUE FORAM TIRADAS NA FESTA E CINCO EXEMPLARES DA REVISTA JOCKEY CLUBE.

O nesse amigo RAUL JARDIM até agora não atendeu o meu pedido, e estranho este fato, talvez ele tem sido muito ocupado ultimamente, porém, peço ao amigo a me providenciar iste imediatamente, me enviando também 5 exemplares do novo numero da REVISTA JOCKEY CLUBE (NUMERO DE AGOSTO) e no qual Raul prometeu uma reportagem da menina. Queira me fazer o favor de tratar deste assunto ou pedir a DULCE ( se ela ainda estiver ahi ) para despachar para o endereço acima pela transportes NACIONAL, FRETE A PAGAR, me avisando em seguida.

Queira me fazer a gentileza de perguntar ao RAUL se ele vai convidar a TEREZINHA para UBERABA de novo. Muito obrigado.

Ilustração I-3: Carta de Berge Kessedjian solicitando o registro do samba *Nem todos sabem*.



3764

## Contrato de Cessão de Direitos Autorais

**JOÃO TOMÉ**.....  
 .....  
 de nacionalidade **brasileiro**....., estado civil] **casado**.....  
 ..... profissão **autor**..... domiciliado e residente **em Minas Gerais à**  
**Radio Sociedade Triângulo Mineiro**.....  
 ....., de ora em diante designado **Autor**, e **Columbia do Brasil S. A.**  
**Indústria e Comércio**, com sede na cidade do Rio de Janeiro, à Av. Rio Branco, 52-22.º and., neste ato representada por **seus Diretores Torencio P. Cattley e Henry Jessen**,..... de ora em  
 diante designada **Columbia**, têm justo e contratado, pela presente escritura e na melhor forma de direito o seguinte:

1.ª — O **Autor** cede e transfere à **Columbia**, com ~~total~~ exclusividade, para o Brasil e para o estrangeiro, o direito de fazer gravar e de reproduzir, por processo mecânico, elétrico, ou outro qualquer, em discos fonográficos, rôlos de películas, etc., sob qualquer forma de instrumentação, adaptando-as, arranjando-as, modificando-lhes o ritmo e traduzindo-as se convier, a critério da **Columbia**, as obras de sua autoria e propriedade, música e/ou letra, assim denominadas: **"NEM TODOS SABEM" - Samba de autoria de João Tomé.**

2.ª — Fica assegurada à **Columbia**, o direito de registrar e averbar este contrato nos competentes registros públicos, assim como o de permitir ou proibir, no Brasil e no estrangeiro, a regravação ou reprodução, parcial ou total, sob qualquer modalidade, dos discos gravados de conformidade com a cláusula primeira, inclusive quanto à sua utilização em filmes cinematográficos, transmissões pelo rádio e apresentações em audições públicas e televisão.

3.ª — A **Columbia**, para fins de propaganda comercial, poderá imprimir o texto da letra das obras, objeto desta cessão.

4.ª — A **Columbia**, pagará ao **Autor** uma quota de **3% (três por cento)**..... sobre o preço no varejo constante de sua tabela, por face de disco gravado e vendido no Brasil. A obra reproduzida em "Long-Playing" caberá a referida porcentagem, dividida pelo número de faixas incluídas na mesma face. O pagamento das quotas será feito trimestralmente, sobre as vendas líquidas realizadas. Para os discos fabricados e/ou vendidos fora do Brasil vigorará a taxa legal do país de venda, ou, na falta de lei, a que seja usual para esse gênero de obras. O seu pagamento será feito ao representante legal do **Autor** no país de fabricação, quando a obra for cedida sem exclusividade. Não havendo representante legal do **Autor** ou sendo a cessão com exclusividade, seu pagamento será feito em moeda nacional, à medida das respectivas remessas, ao câmbio que correr nas datas das mesmas remessas, deduzidos todos os impostos, taxas e comissões bancárias usuais.

5.ª — O **Autor** responderá, perante a **Columbia**, por toda e qualquer despesa que esta fizer em defesa e proteção dos direitos autorais sobre as obras mencionadas na cláusula 1.ª (primeira), e por indenizações que, porventura, for obrigada a satisfazer, em virtude de contestação aos mesmos direitos, assim como por perdas e danos decorrentes de ato do **Autor** em contrário às estipulações deste contrato.

6.ª — O presente contrato obriga e aproveita aos herdeiros, sucessores e cessionários das partes contratantes, para todos os fins de direito.

7.ª — Para os efeitos fiscais, é dado a este contrato o valor de Cr\$ **1.000,00 (um mil cruzeiros)**.

8.ª — O **Autor** se obriga a dar ciência ao **Editor** com quem tiver contratado ou vier a contratar a edição gráfica ou outros direitos sobre as obras ora cedidas dos termos do presente contrato, obrigando-se a fazer com que respeite rigorosamente as estipulações contidas no mesmo.

E, por estarem de acordo as partes contratantes, elegendo foro deste contrato o da Justiça Local do Rio de Janeiro, com renúncia expressa do de seus domicílios, e comprometendo-se a pagar, em partes iguais, as despesas para a legalização do mesmo contrato, com as de selo, reconhecimento de firmas, registros, etc. assinam a presente escritura, em **3 (três)**..... vias, com as testemunhas abaixo, sendo a primeira devidamente selada, como de direito. **Vale o cancelamento da palavra "sem" da 10ª (décima) linha.**

Rio de Janeiro, 1.º de abril de 1954

*Berge*

Testemunhas: *[assinaturas]*

COLUMBIA DO BRASIL S. A.  
Indústria e Comércio  
Diretor Comercial

**Ilustração I-4: Em 1º de abril de 1954, é assinado pelo seu procurador, Berge, o contrato de cessão de direitos autorais e Tomé tem sua primeira música gravada pela Columbia do Brasil.**

*Novidades*

# COLUMBIA

**NOVEMBRO, 1957** **N. 49**

## REPERTÓRIO NACIONAL

|  |        |                        |          |
|--|--------|------------------------|----------|
| FRANCESINHA QUERIDA (Georges Moran-Maugéri Neto)                     | VALSA  |                        |          |
| A VERDADE (Fernando Cesar)   | BOLERO | <b>ALCIDES GERARDI</b> | CB 10373 |
| DARK MOON (Lua escura) (Ned Millar)                                  | FOX    |                        |          |
| MARACANGALHA (Dorival Caymmi)  | SAMBA  | <b>POLY</b>            | CB 10374 |
| TEU CASTIGO (Fernando Cesar)   | BOLERO |                        |          |
| PRECE À NOITE (Edison Borges)  | TOADA  | <b>LENY CALDEIRA</b>   | CB 10376 |
| <b>VOLTEI</b> (Fernando Cesar)                                       | BOLERO |                        |          |
| <b>TODOS SABEM</b> (João Tomé)                                       | SAMBA  | <b>PAULO MARQUEZ</b>   | CB 10387 |
| ORACION DE AMOR (Prece de amor) (René Bittencourt-Bienvenido Granda) | BOLERO |                        |          |
| SEÑORA PRINCESA (Attilio Bruni-Roberto Lambertucci)                  | VALSA  | <b>LUJAN CARDILLO</b>  | CB 10380 |

## SERTANEJO

|   |          |                    |          |
|---|----------|--------------------|----------|
| FLOR DO CÉU (Zico-Zeca)                                       | TOADA    |                    |          |
| CASAMENTO SEM CONVITE (Laurival dos Santos-Meacir dos Santos) | CATERETÊ | <b>ZICO e ZECA</b> | CB 10379 |

## REPERTÓRIO INTERNACIONAL

|   |  |                                     |         |
|---|--|-------------------------------------|---------|
| JULIE - da trilha sonora do filme da Arwin Productions "Julie", distribuído pela MGM (Adair-L. Stevens) |  |                                     |         |
| IF I GIVE MY HEART TO YOU (Se eu te dar meu coração) (Crane-A. Jacobs-Brewster)                         |  | <b>DORIS DAY</b>                    | CB 2512 |
| WARM AND TENDER (Calor e ternura) do filme da M-G-M "Desejos Ocultos" (H. David-Bacharach)              |  |                                     |         |
| WONDERFUL! WONDERFUL! (Maravilhoso!) (Raleigh-S. Edwards)   |  | <b>JOHNNY MATHIS c/ RAY CONNIFF</b> | CB 2514 |
| CHARLESTON (C. Mack-J. Johnson) Vocal: The Kaydets  |  |                                     |         |
| POSIN' (Cahn-Chaplin) Vocal: The Kaydets  |  | <b>SWING AND SWAY c/ SAMMY KAYE</b> | CB 2516 |
| ROCK CITY ROCK (D. Ellington) Vocal: Jimmy Grissom  |  |                                     |         |
| COP-OUT (D. Ellington)  |  | <b>DUKE ELLINGTON</b>               | CB 2518 |
| FELICITÀ (Do Crescenzo-Oliviero)  |  |                                     |         |
| PERCHÈ DOMANI? (Amurri-Broadly-Lutazzi)   |  | <b>SOPHIA LOREN</b>                 | CB 2515 |
| TAMMY - do filme "A Flor do Pantano" (Livingston-R. Evans)  |  |                                     |         |
| SOFT SANDS (Areia mole) (Coates-L. Stein)   |  | <b>RAY ELLIS e sua Orquestra</b>    | CB 2519 |

Ilustração I-5: Em 1957, outra composição de Tomé – *Todos sabem* – foi gravada pelo seu amigo uberabense Paulo Marquez.



Ilustração I-6: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, coluna Gente, 26 abr. 1971.

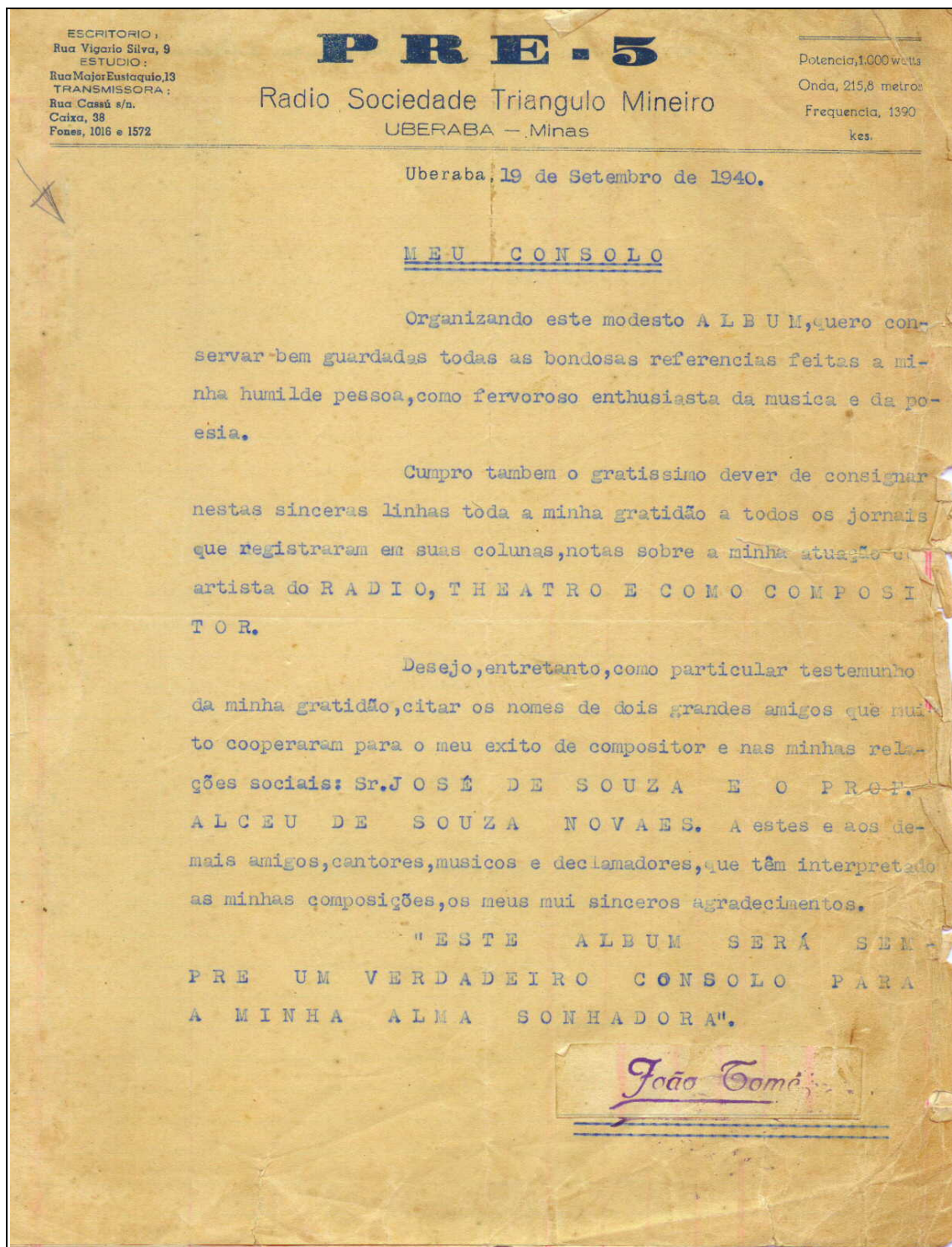


Ilustração I-7: Prefácio do álbum de memórias de João Tomé, intitulado *Meu consolo* (19/09/1940).

2 (2) A Marreta  
Uberaba, 22 de Novembro-de 1936

## Entrevistando João Thomé

Qual dos distintos leitores já ouviu falar em João Thomé? Desconhecido, não? João Thomé é um jovem muito pobre, que reside em uma casinha, nas proximidades do Alto da Boa Vista. Cego de nascença, filho de paes pobres, vive ali como um prisioneiro desventurado. Inteligente, dedicou-se á difficil arte da musica. Toca como um verdadeiro mestre diversos instrumentos. Compõe musicas commovedoras, com letras divinamente fundamentaes. Mesmo assim, vive lá naquela encosta solitaria, privado de tudo que é bello na natureza. É um verdadeiro genio, que com um pouquinho de estudo somente, poderia figurar entre os melhores compositores do Brasil, da America e do mundo. «A Marreta» que sabe dar valor a um talento, ouvindo algo a respeito deste moço, procurou-o para uma dolorosa entrevista, a qual abaixo transcrevemos:

— Oh João, como vai você?

— Estou bom moço. O que ha de novo?

— Eu sou d' «A Marreta», um jornal critico que se edita nesta cidade.

— Oh! O senhor é do jornal? Eu que tanto tinha vontade de conversar com um jornalista!

— Eu não sou jornalista, mas sim um simples auxiliar deste jornal.

— Ouviram falar alguma coisa seu respeito?

— Sim, soube que você é compositor de musicas do outro mundo!

— Do outro mundo? Não!

— Faça pouca coisa.

— Pois é João, estamos interessados em tornal-o popular.

— Oh, quanta bondade! Sou tão pobre e nada tenho do que soffrimentos sobrecarregados!

— Não desanime João. Deus não desampara a pessoa que tem fé. Ouvi falar que você tem diversas musicas compostas e queremos publicar as letras. Sei que você é pobre, mas honesto humilde e inteligente. Deixe de modestia. A pessoa molesta hoje em dia não vale nada. Você não tem nenhuma letra feita?

— Sim, tenho varias. Na maioria sambas e marchas.

— Não faz mal.

— Tenho vocação mais por estas musicas, embora as outras não me são difficil fazel-as.

— E o pobre ceguinho ditou varias letras de sambas e marchas, que nós, honrados com a sua amizade e no firme proposito de tornal-o popular, publicaremos as mesmas nestas columnas, pagelladamente.

— Não havendo nada mais a tratar, despedimo-nos d'elle, prometendo de vez em quando fazer novas visitas.

REPORTER N. 1

Ilustração I-8: Primeira entrevista: A Marreta, Uberaba, 22 nov. 1936.

### Nossos compositores

**Meu sonho de fada**  
SAMBA  
*Letra e música de João Tomé*  
Côro

Vem meu sonho de fada  
Vem completar meu castelo  
Vem rimar novo duelo  
dentro do meu coração.

Sólo

Vem completar a minha  
[felicidade]

Vem  
do inorro p'ra cidade  
me tirar da solidão.  
Vem destruir  
os meus momentos de sa-  
[dade].

Vem morar com sua imagem  
dentro do meu coração.

2

A Marreta

### A FLAMA

# Prece

(Letra de Cléver Novais e música de João Tomé)

*Escudados no Evangelho  
Caminhemos sem temor,  
Pela senda do progresso,  
Tendo as armas só do amor!...*

*Difundamos a verdade,  
Mitiguemos sempre a Dor  
E por fim, contritamente,  
Supliquemos ao Senhor:..*

*Ó Suprema Potestade,  
Pai de toda a Criação!...  
Inspiraí aos sofredores  
Integral resignação!...*

*Fazei que jamais percamos  
Os exemplos de Jesus...  
E jorrai por sôbre a Terra  
Esperanças, paz e luz!...*

Uberaba , 17 de Outubro de 1937

## CORREIO DE UBERLÂNDIA

Ano III — Terça-feira 10 de Dezembro de 1940 — Num. 600

### João Tomé lança u'a marcha para o Natal

E' sempre com prazer que registamos a visita de João Tomé em nossa redação, pois vemos nele, não só um grande amigo, como um compositor e musicista de valor, que nos tem deliziado com apreciaveis programas na emissora local.

Não ha uma creança em Uberlandia que não conheça o musicista cego. Diariamente, como já temos visto, uma dezena de creanças procuram-no para ensaiar um numero que vai ser apresentado no programa infantil, até mesmo amadores de renome ensaiaram com ele os seus numeros.

A todos ele atende com um carinho especial e com o seu conhecimento profundo prepara-os para receber os aplausos do publico.

Apezar dos seus inumeros afazeres João Tomé não descança. Ainda agora acaba de lançar uma graciosa marchinha para o Natal, a qual damos publicidade.

#### CHEGOU NATAL

(MARCHA)  
Letra e Musica de JOAO TOMÉ

(Côro) — Bis)

*Cantou o galo  
Chegou Natal  
Em badaladas  
Na Catedral*

(Côro)

*Chegou o nosso papai Noel  
Trazendo brinquedos e papéis  
O galo cantou  
Anunciou  
A nossa festa de amor*

A musica que é interessantissima, e digna de ser lançada por qualquer emissora do país.

Agradecendo a sua visita fazemos votos para o franco sucesso da sua produção.

# CRUZEIRO

Uberlandia, 15 de Junho de 1941

### JOÃO TOMÉ

O violonista que vê com a ponta dos dedos, fez um formidável samba, que foi apresentado em nossa emissora e agora vem por nosso intermedio oferecer-o a sra. Ilda Costa:

#### A CORDA E A CASSAMBA

Batucada a miêbu sucesso da dupla:  
Glorinha Terra — João Tomé

Ela — Eu sou a corda  
Ele — Eu sou a cassamba  
Ambos — Somos da orgia  
Somos do samba

Ela — Vamos brincar  
Ele — De noite e de dia  
Ambos — Somos do samba  
Somos da orgia

Ele — Com o meu violão  
Vou fazer a melodia  
Ela — Pra fazer a marcação  
já comprei a bateria

Ele — Eu e você  
Ela — Você e eu  
Ele — A nossa dupla  
Ela — É mesmo bamba

Ilustração I-9: Músicas em Jornais de Uberaba e cidades vizinhas. Divulgação dos bailes – Festivais.

de 19

# CRUZEIRO

Diretor: NEY GUERREIRO COLABORADORES DIVERSOS

rio esportivo II Redação: Avenida

---

Uberlândia, 9 de Março de 1941

---

## Cantemos outra vez...

Inticiando hoje, conforme havíamos prometido, a seção musical dedicada aos nossos gentis leitores, que encontrarão sempre uma oportunidade para relembrar com saudade, a musica de sua predileção.

Prontifiquei-me a colaborar embora modestamente nesta coluna, com a unica intenção de oferecer aos que gostam de «cantar outra vez» a canção que sentiram-se satisfeitos, do a ouvirem pela primeira vez.

Algumas vezes dedicarei á vocês, outras atenderel algum pedido, e assim: «cantemos outra vez, nossa canção predileta.

Hoje vou atender ao pedido do nosso amigo João Tomé, publicando uma sua criação, que a estrelinha Dalva De'l Isola, tão bem interpretou em nossa emissora:

**SAPÉCA**

Eu fui passear  
Lá no jardim,  
um garoto moreno,  
Olhou, e piscou prá mim.  
Eu sou Sapéca  
Sou da pele do cão.  
Os mocinhos já moram  
no meu coração.

Eu sou danada  
Assim tenho prazer,  
A mamãe e o papai  
Não podem me prender.

Atendendo a solicitação de R. Barbosa, ahí vai. «Serenata», uma canção de Vicente Celestino.

dim da Infancia» e «Abre a janela», virão depois, publicando hoje, somente o samba canção, cantado por Ranchiaba: «Barracão de Zinco».

**BARRACÃO DE ZINCO**

Num barracão de zinco  
Que ainda existe  
Lá no saigueiro,  
Eu vivia feliz.  
Com uma mulata  
Muito bus companheira...  
Mas, um dia a malvada,  
Nos braços de outro,  
Encontrei...  
Ela tentou justificar  
Sua traição,  
Mas, não quiz explicação.

Hoje vivo sem destino  
Como um pobre peregrino  
Neste mundo...  
Aquele vagabundo...  
Mas, não estou arrependido  
Do que fiz...  
Mesmo sabendo que desituido.  
Eu serei por toda vida...  
Infeliz!!!

Espero receber sua apreciação, meus caros leitores, pondo-me á sua disposição, para os atender no que tiver ao meu alcance, pois, «eu me rompo todo» diante de musica se vocês são também assim, «cantemos outra vez, nossa canção. — Chico Pinto

**SERENATA**

Na Gunnabera  
um barco a vela navegava,  
Dentro de um raio de luar  
franjado em prata,  
E um bandolim  
lá no barquinho alguém tocava.  
A mais sublime  
e deliciosa serenata.  
Segui o barco  
em outro barco para ver  
Quem manejava  
o bandolim com tanto ardor,  
E uma sereja ouço cantando  
assim dizer:  
Onde estará  
meu grande amor?

Meu bandolim leva tua voz,  
Ao coração que não me quer.  
Chama-o cruel e de atroz.  
Vê quem te pede é uma mulher...  
Diga que o amo e que o adoro  
Tu que conheces o meu padecer.  
Meu bandolim vai com tua voz  
Ao meu amor falar por mim  
Pois que sem ele eu vou morrer...

De meu barquinho eu respondi,  
Igual a ti eu vivo em solidão  
E ela de lá me respondeu  
O teu amor é igual ao meu  
lateiro tens meu coração.

O sr. Aprígio Gomes, atenderel simultaneamente, em vista de serem varias os pedidos, sendo, que a marchinha «Jar-

Ilustração I-9 (cont.): Músicas em Jornais de Uberaba e cidades vizinhas. Divulgação dos bailes – Festivais.

quarta-feira, 5 de novembro de 1941

**Registro sonoro**

João Thomé é um nome sabidamente conhecido nos meios radiofônicos do Brasil Central, onde moureja há tempos. Ultimamente, acha-se á frente do conjunto Regional de PRE 5, comandando meia dúzia de denodados violonistas. O aplaudido musicista popular, que já possui uma in-



João Thomé  
finitude de composições musicais, acaba de "fabricar" uma outra, especialmente dedicada aos foliões do próximo reinado de Mamã. Esta composição, cuja letra publicaremos hoje, na íntegra, será lançada quinta-feira próxima, isto é, amanhã, às vinte e uma horas, no decorrer do programa "Estúdio no Ar", na interpretação de Heli Luiz.

**CARNAVAL NAO FAZ MAL A NINGUEM**

Minha gente está na hora das co-  
[mida]

O burulho começou  
Este ano vai haver variedade-  
[des idia]

Eu vou p'ra farrá  
Eu vou

O milhaco e que e'

**Nossos compositores**

**JUVENTUS**

Marcha — letra de José de Sousa  
Musica de João Thomé

Ao querido e simpatico quadro do "Juventus" os autores oferecem, de todo o coração esta marcha.

1º. parte

Mocidade feliz, hodierna  
que caminha num reino de gloria,  
tua imagem sagrada e moderna  
tem mais força no livro da historia.  
Oh Juventus, heroi consagrado,  
que não teme o inimigo valente,  
tu o deixas no campo tombado  
e o teu nome é levado em frente  
A victoria é que o teu lema,  
teu orgulho é de sempre vencer,  
desde o keeper até ao extrema  
o inimigo tu sabes conter!  
Quando entras no campo da luta,  
teu sorriso é a esperança a tremer,  
não empregas a força e a brata,  
com carinhos tu sabes vencer !...

2ª. parte

A assistencia delira e aclama  
o teu nome que é vencedor,  
sobre ti toda ela derrama  
um sagrado poema de amor !...  
Salve então quadro jovem e valente,  
salve moços da turma querida,  
o teu brilho tu levas á frente,  
a tua gloria assignala tua vida.  
Campeão corajoso e teróz,  
corajoso e feroz campeão,  
tem afagos de luz a tua voz,  
tu bem cabes no meu coração !...  
a conquista tu has de alcançar,  
o teu nome é um lema sagrado,  
tu não cansas de sempre lutar,  
és o quadro feliz, muito amado.

Coro (declamando)  
Pi-pa-puia,  
chua, chui, chué,  
todo mundo hoje em dia  
considera nosso pé.

**Á Marreta**

Uberaba, 26 de Setembro de 1937

Ilustração I-9 (cont.): Músicas em Jornais de Uberaba e cidades vizinhas. Divulgação dos bailes – Festivais.



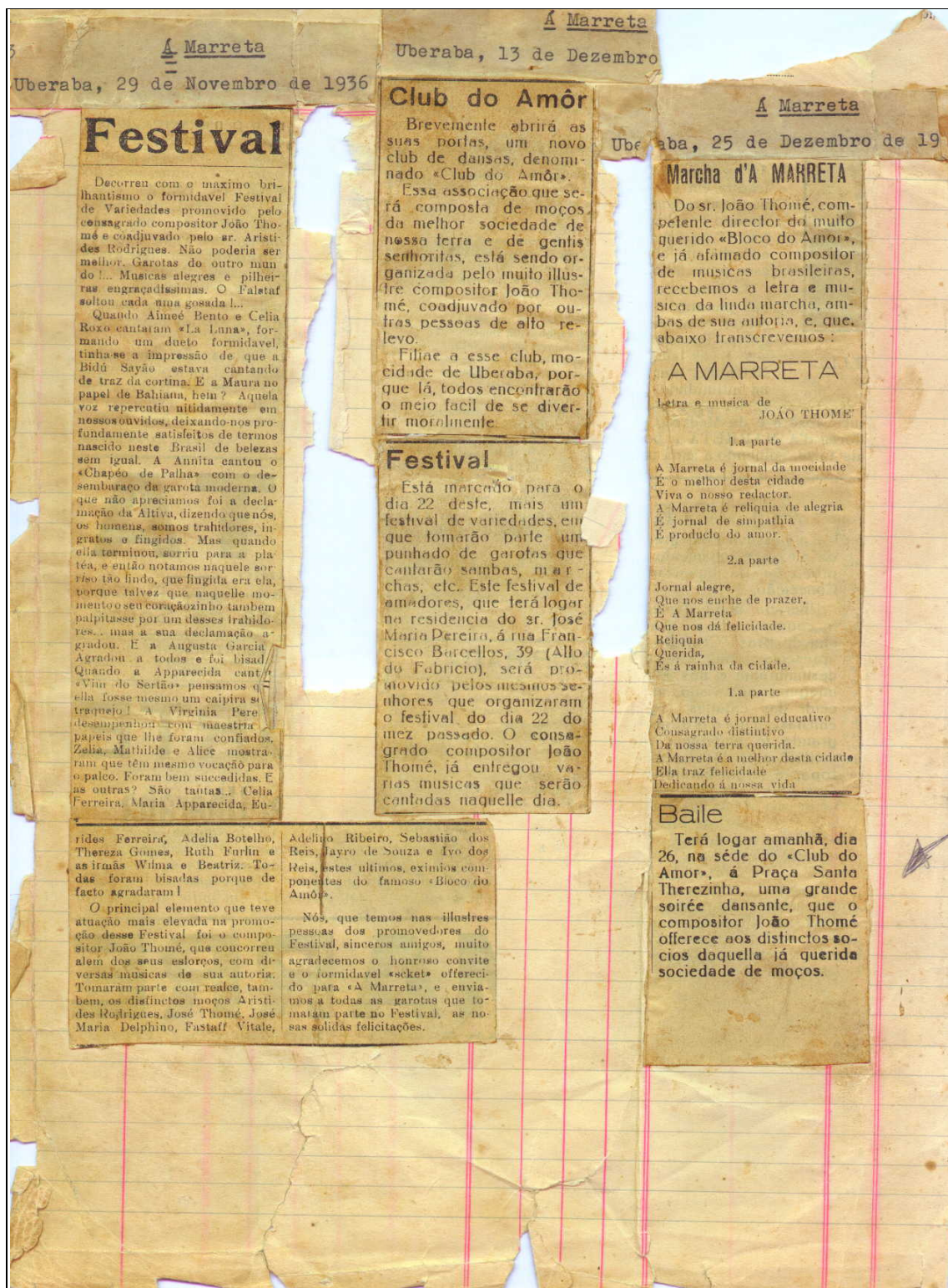


Ilustração I-9 (cont.): Músicas em Jornais de Uberaba e cidades vizinhas. Divulgação dos bailes – Festivais.

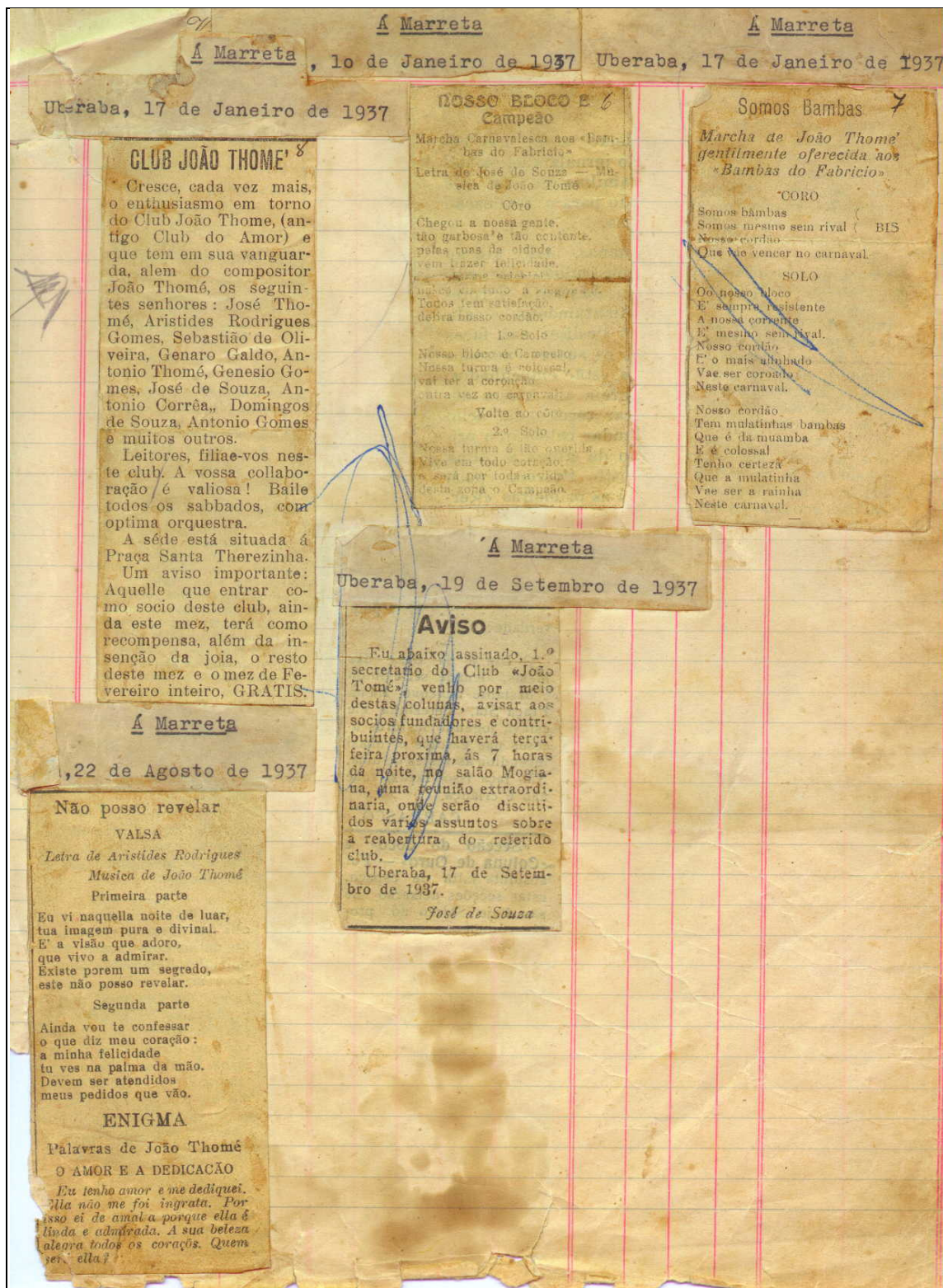


Ilustração I-9 (cont.): Músicas em Jornais de Uberaba e cidades vizinhas. Divulgação dos bailes – Festivais.



Ilustração I-9 (cont.): Músicas em Jornais de Uberaba e cidades vizinhas. Divulgação dos bailes – Festivais.

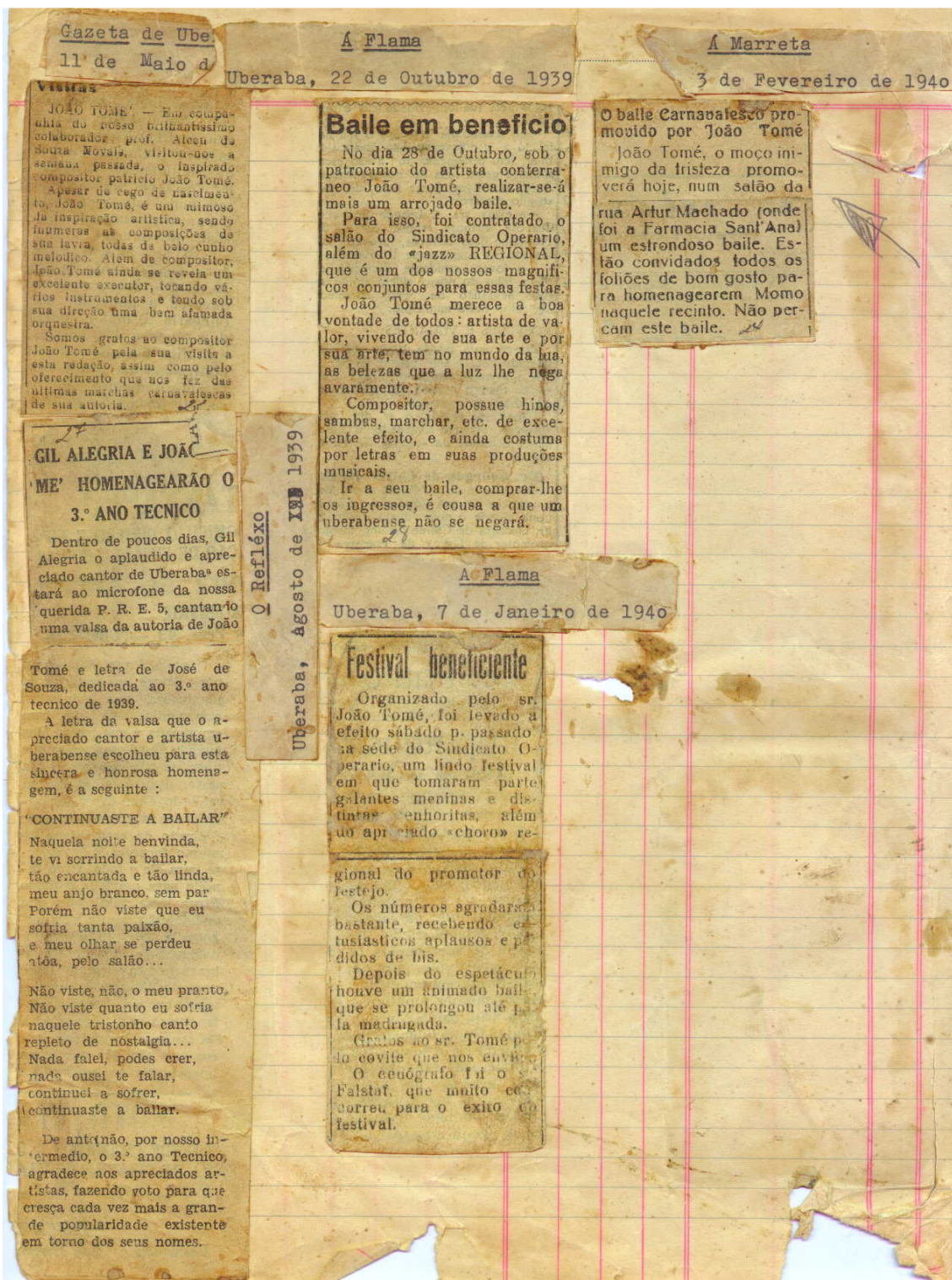


Ilustração I-9 (cont.): Músicas em Jornais de Uberaba e cidades vizinhas. Divulgação dos bailes – Festivais.

**OFERTA DE: A MUSICAL**

A mais bem organizada Discoteca da Cidade

**UBERABA - Rua Manoel Borges, 24 - Fone, 2128 - MINAS**

Atendes-e pelo Reembolso Postal



Compositor **JOÃO TOMÉ**, Artista exclusivo da PRE-5 e ZYV-37

**FARMÁCIA BRASIL**

UBERABA - Rua Dr. João Pinheiro, 224 - Fone, 1517 - MINAS

**RAINHA DO CAFÉ**  
(Marcha) de **JOÃO TOMÉ**

Morena!  
Rainha do café,  
Toma cuidado...  
Que a loura te passa o pé!

bis Morena!  
Toma cuidado  
Que a loura te passa o pé,  
Morena!  
Rainha do café!

A lourinha  
Vai ser a rainha,  
Rainha de muito valor,  
Já mandei registrar seu nome,  
No protocolo  
Do amor!

FIM

---

**Tapeçaria MONTEIRO**  
DE  
**RENATO MONTEIRO**  
Especialidades em cortinas e decorações.

O seu lar ficará mais bonito e acolhedor se decorado pela **Tapeçaria MONTEIRO**.

Para os seus serviços de cortinas e tapeçaria, solicite, pelos fones 2049 e 2161.

**TAPEÇARIA MONTEIRO - Rua Dr. João Pinheiro, 86**

TIP. COSTA - UBERABA

**PENSÃO «N. S. APARECIDA»**  
DE  
**MIGUEL TEIXEIRA DE SOUZA**

Docida de La ordem - Preços módicos - Assio e conforto - Posto central

Fornece Maminhas e aceita Mensalistas

A Cardina se encarrega de dar todas as informações sobre meios de comunicação.

**UBERABA - Rua Artur Machado, 220 - Fone 2306 - MINAS**

---

**PENTEADEIRA**  
Marcha de João Tomé e Wilson Roberto

Eu vivo a procura  
De uma penteadeira  
Que seja boa,  
Muito boa e de abafar.

bis Pra cuidar  
Da minha cabeleira  
E seu carinho  
Ao patrão nunca faltar.

Venha depressa  
Então se apresentar.  
Terá de tudo  
Que sempre desejar.

Mas se você não vier,  
Eu vou chorar.  
Choro, choro, choro  
E birra eu hei de dar.

... É uma deferência especial do grande Tenor  
*Servulino Reis*

ROPER-GRÁFICA - FONE 2291 - UBERABA

**Só de Troça**  
Marcha de João Tomé

Eu vou passar o carnaval na roça,  
Só de troça,  
Só de troça,  
Porque assim a gente até remoça

bis Só de troça,  
Só de troça,  
Só de troça.

Eu fora da cidade,  
Não perco a mocidade  
Longe da carestia  
Só faço economia,  
assim a gente até remoça

Só de troça,  
Só de troça.

---

**TINTURARIA POPULAR**  
DE  
**Waldencio José da Costa**

Lava-se passa-se, tinge-se qualquer especie de tecidos. -  
Faz-se qualquer concerto em suas roupas inclusive aerzido  
invisível, com a maxima perfeição.

**UBERABA - Rua João Pinheiro, 161 - MINAS**

Ilustração I-10: Panfletos.

ÓCULOS BEM ADAPTADOS?  
**OPTICA MODERNA**  
 OFICINA COMPLETA  
 RUA ARTUR MACHADO, 17 - UBERABA

**VOU SAIR**  
 Marcha de JOÃO TOMÉ para o Carnaval de 1949

**B I S** { Vou sair, vou sair!  
 Abre alas, minha gente,  
 Para o meu cordão passar!  
 Abre alas, minha gente,  
 Que eu também quero brincar!

Com o pé da minha sogra  
 Ninguém logrará mexer;  
 Pois, a cara que ela usa  
 Faz todo mundo correr.

Eu puxei de brincadeira  
 A fleira do pião,  
 Mas a bomba ficou logo  
 E estourou na minha mão.

Me fantasiei de bode;  
 Ninguém pode me chifrar.  
 Quando eu soltar um berro  
 Todo mundo é meu xará.

Se você não bebeu CAFÉ CAIPIRA, ainda não bebeu Café

**Café Caipira \* Bar e Restaurante**  
 RUA ARTUR MACHADO, 121 - UBERABA

**PRODUTOS "POUSA"**  
 Grande Depósito de Aguardente "Nossa Pinga, Pinga Velha, Serenja" — Fabricante do famoso Cauraná V-8 e da deliciosa bebida sem álcool ZIZI — Licorês, Xaropes, Quimado e Aguardente Composta — ATENDE-SE A DOMICÍLIO

**DOMINGOS POUSA GARCIA**  
 UBERABA — Rua João Pinheiro, 114 — Fone. 1159 — MINAS

**Colchoaria N. S. Aparecida**  
 Grande variedade de colchões de mola, crina, mambuca e algodão Almofadas e Travesseiros — Reformas em geral — Atende a Domicílio

**GERCINO CORTES**  
 UBERABA — Rua Padre Zeferino, 134 — Telefone, 1546 — MINAS

**VAMOS CANTAR**  
 Marcha Infantil de JOÃO TOMÉ  
 que Alcione oferece à petizada uberabense

Vamos cantar  
 Nessa canção  
 Vamos brincar  
 Com emoção  
 E com prazer  
 Lutemos pela grandiosidade  
 Desta cidade  
 Real orgulho da nossa cidade.

Saudemos pois  
 Enviando abraços mil  
 Aos rádio-ouvintes  
 Do Programa Infantil.

**DORA**  
 SAMBA \* Letra de Maurício Sá — Música de João Tomé

Dora, Dora,  
 Vem matar  
 A paixão que me devora. } **B I S**

Sofro tanto pela teu amor.  
 Vem matar esta minha dor.  
 Vivo sofrendo na solidão.  
 Dora do meu coração.

**Casa Azul**  
 SECÇÃO DE ARMARINHOS  
 Praça Rui Barbosa, 5

**O Rei do Carnaval**  
 TUDO A PREÇOS DE ESCANDALIZAR  
 Telefone, 1624

**CASA PALHARES**  
 Grande sortimento de Secos e Molhados e Conservas em geral.

**A QUE MAIS BARATO VENDE**  
 ENTREGAS A DOMICÍLIO

R. Henrique Dias, 285 — Fone, 1575 — UBERABA  
**Irmãos Palhares & Vallim Ltda.**

VISITE A MAGNÍFICA EXPOSIÇÃO DE ARTE DO  
**Foto CHABAN**  
 — OBRAS E ARTIGOS FOTOGRÁFICOS EM GERAL —  
 UBERABA — Rua Artur Machado, 142 — MINAS

**Tudo Foi Promessa !...**  
 Bolero de JOÃO TOMÉ

Foi aquele beijo  
 Que você me deu na boca,  
 Deixando minha alma louca  
 Para toda a vida.

Foi aquele abraço  
 Que você me deu com péjo,  
 Amaisando meu desejo  
 De alma ferida.

Tudo foi promessa,  
 Mera fantasia,  
 Deixou-me por prêmio  
 Grande agonia.

Foi aquele riso  
 Causa da minha desgraça,  
 Aumentou-se minha taça  
 De melancolia.

**Oficina GUILI** Consertos e montagens  
 de aparelhos de Rádio e  
 Amplificadores — Enrolamentos de Motores,  
 Dinamos e Alternadores Elétricos.  
**PREÇOS RAZOÁVEIS**  
 UBERABA — Rua Lauro Borges, 12 — MINAS

Seu traje parecerá novo! Lavado a seco e passado a vapor na

**Tinturaria Excelsior**

A única que possui moderníssima máquina de lavar a vapor sem prejudicar o tecido — Serviço rápido e garantido — Preços módicos

**Claudemiro Rodrigues Pereira**  
 Rua São Benedito, 1 — FONE N. 2335

**AI, SINHÁ!**  
 TOADA DE JOÃO TOMÉ  
 (Para o repertório de Tulinho e Marieta)

**B I S** { **AI, SInhá!**  
 Quero, quero me casar.

**B I S** { De baixo d'água tem lodo,  
 De baixo do lodo tem  
 Uma pedra de brilhante  
 Com o nome de meu bem

**B I S** { No fundo de meu quintal  
 Tem um pé de algodão.  
 É lembrança da morena  
 Que roubou meu coração.

**CASA SPORT**  
 Grande sortimento de instrumentos em geral e acessórios  
 Artigos para todos os esportes — Artigos para viagem  
 Rádios das melhores marcas — Mudezas e Novidades

**BENEDITO DE OLIVEIRA**  
 Rua Artur Machado, 64-66 — UBERABA — MINAS

**Oficina Maria Helena**  
 DE  
**DELCIDES & IRMÃO**  
 Consertos em geral de máquinas agrícolas — Serviço  
 de lâmpada para todos os fins — Ferraria  
 Solda Elétrica e em geral — Serviços perfeitos

Rua Cruzeiro do Sul, 76 - Vila Maria Helena  
 UBERABA — FONE, 2243 — MINAS


Ilustração I-10 (cont.): Panfletos.

Destaque para folheto de propaganda em Uberaba com a letra de Ai, Sinhá!, analisada no Capítulo 3 (item 5.9).

## PAÍS DIVINO

Marcha Canção de JOÃO TOMÉ

Uma oferta especial da "DISTILARIA REIS"  
Produtora de excelentes bebidas em geral,  
Guaraná, só «Ideal»



I

Brasil querido,  
Terra sagrada,  
Foste ferido,  
Oh, Patria amada!  
Tu és do mundo  
o coração,  
País divino  
És redenção!

II

Na guerra, és forte,  
Na paz, bondoso,  
Brasil formoso,  
Um passo avante,  
Auguramos a tua gloria,  
Brasil na historia  
És um gigante!

"JOÃO THOMÉ"  
(O HOMEM QUE ENCHERGA  
COM A ALMA)

Compre o Melhor pelo Preço Menor, na

## Casa Nova Aurora

que proporciona nos seus frequentes um talão de vendas, com  
Créd. 100,00 de prêmio pela Loteria Federal do fim do mês.

MIGUEL SALUM \* RUA ARTUR MACHADO, 233

### CARPINTARIA E MARCENARIA «SÃO JOSÉ»

Executa com perfeição e garantia todo serviço concernente ao ramo  
Rua Cândido Gomide, 8 - Telefone N. 21-49

### «O Tamborim Está Marcando»

SAMBÁ \* Um sucesso de JOÃO TOMÉ para o Carnaval de 49

O tamborim está marcando  
Me convidando para entrar na batucada,  
Roda morena,  
Vira cabrocha,  
Que a samba vai até alta madrugada.

B I S

Quando o tamborim faz a cadência,  
Meu coração sofre demais,  
Lembro sem querer todo o passado  
Quero esquecer mas não sou capaz

### «POIS É, JOSÉ»

MARCHA DE JOÃO TOMÉ

Pois é, José,  
Pois é  
Trabalhar mais  
É que você não quer.

B I S

O dinheiro que restava no carteira  
Você ganhou, você gastou  
E ficou devendo vinte à lavadeira  
E não pagou, e não pagou.

### Fábrica de Espelhos "Imperial"

Especialidade em es-  
pelhagem, lapidação,  
operação, gravação,  
Encaixé, baço relevo. — Encarregado de reformas de espelhos —  
Vidros para construções — Vidros Triplex para automóveis, nacion-  
ais e estrangeiros. — Quadros, molduras, estampas religiosas,  
porta-retratos e bijuteria

EURÍPEDES FARIA DE SOUZA  
Rua Artur Machado, 180 — Fone, 1622 — UBERABA

## BONATTI, CREMA & CIA.

Concessionários CHEVROLET - Produtos da General  
Motors do Brasil, S/A - Distribuidores dos Tratores  
"DAVID BROWN" e Máquinas Agrícolas em geral

Agência Chevrolet \*\*\* Posto Avenida

### MARUCA

TOADA DE JOÃO TOMÉ

Successo do Conjunto Regional do Instituto dos Cegos

De manhã, quando eu saio de casa,  
P'ra tocar minha boiada,  
O que eu acho muito bom  
É o canto da passarada.

B I S

Ai, ai, ai!  
O que eu não gosto é da Maruca,  
Que todo dia vai na garupa.

Meu cavalo é bom corredor,  
Corre, corre sem parar  
Levo na minha garupa  
Feijoadá p'ro jantar.

### CASA RIBAS

O mais bem organizado estabelecimento do comércio de Tecidos  
Nacionais e estrangeiros, Casimiras, Trepas, Cortinas, Linhos  
Irandares e Belgas para homens e senhoras  
Aviamentos para Alfaiates — Padronagens, Sertimento e  
PREÇOS NUNCA VISTOS!!

Avenida Leopoldino de Oliveira, 315 — Fone, 1508

### Mercadinho S. José

Verduras — Frutas — Ovos — Linguças —  
Doças — Tomates especiais — Queijos  
Aberto das 7 às 21 horas  
Aos domingos, aberto até às 12 horas

R. Artur Machado, 163 — Fone, 1229 — Atende a domicilio

De nova vida à sua roupa, confiando-a à

## TINTURARIA MANDARIM

DE

José Maria da Silva Silvestre

FERROS A VAPOR ☐ TELEFONE N.º 17-08  
UBERABA — Rua Artur Machado, 146-A — MINAS

### Marchinha da Garôa

Letra de JOSÉ DE SOUZA e Música de JOÃO TOMÉ

I PARTE

Melindrosa, vem dançar,  
Vem dançar. A farrá é boa!  
Nosso bloco vai cantar  
A marchinha da garôa.

Bis

II PARTE

A garôa vem caindo,  
Vai molhar o povaréu,  
Mesmo assim, vamos seguindo,  
Nosso canto é tão lindo  
Como a lua lá no céu!  
Nosso bloco é diferente  
Dêssas blocos da cidade;  
Ele agrada a toda gente,  
Vamos todos para frente,  
Viva a nossa mocidade!

### Marcenaria e Carpintaria "Moreira"

DE

Severiano Moreira da Silva

Fabricação de Móveis e Esquadrias em Geral  
Atende com a máxima solicitude para quaisquer serviços do ramo.  
Especialidade em SERVIÇOS DE TÓRNO  
UBERABA — Rua Senador Feijó, 17 — MINAS GERAIS

SUPER-GRÁFICA — FONE 2078 — UBERABA

Ilustração I-10 (cont.): Panfletos.

## Hino da Escola Pequeninhas de Jesus

Letra de Odilon J. Ferreira  
Musica de João Tomé

*Dedicada aos quartas-convênios do Evangelho de Jesus por Alzaido Vique, João Tomé e Odilon J. Ferreira*

|  |  |
|--|--|
| <p>Nós sabemos que somos irmãos,<br/>Pois de Deus somos filhos queridos,<br/>Para o mesmo destino criados,<br/>Para a luz do Progresso nascidos.</p> <p style="text-align: center;">O' Jesus, Excelso Mestre,<br/>Es o nosso Redentor!<br/>Dá-nos Fé, Fraternidade<br/>E a luz do teu Amor.</p> <p>Bem-afegres vivamos unidos<br/>No estudo fecundo e constante,<br/>Nas palavras brilhantes do espirito<br/>Fraternais mourejem! Avante!</p> <p style="text-align: center;">O' Jesus, Excelso Mestre,<br/>Es o nosso Redentor!<br/>Dá-nos Fé, Fraternidade<br/>E a luz do teu Amor.</p> | <p>Que a bandeira da nossa cruzada<br/>Seja Luz, Amor, Fraternidade,<br/>Palmilhemos a estrada sagrada<br/>Que é Vida, Caminho e Verdade.</p> <p style="text-align: center;">O' Jesus, Excelso Mestre,<br/>Es o nosso Redentor!<br/>Dá-nos Fé, Fraternidade<br/>E a luz do teu Amor.</p> <p>O' Jesus, nosso Mestre bendito,<br/>Nós queremos a Felicidade!<br/>Que no teu Evangelho infinito<br/>Aprendamos a ter Caridade.</p> <p style="text-align: center;">O' Jesus, Excelso Mestre,<br/>Es o nosso Redentor!<br/>Dá-nos Fé, Fraternidade<br/>E a luz do teu Amor!</p> |
|--|--|

Uberlândia - Minas Gerais  
1940

## PRESENTE DA LOJA SÃO GERALDO

### Eu já não posso

Marcha de João Tomé

Eu já não posso mais sair na rua  
De tão pesado pareço urubú,  
Pois todo mundo fica perguntando,  
Que é que há com o seu pirú.

*bis*

Eu fui andando,  
Por um caminho,  
Achei um ninho  
de tatú,  
Logo depois  
Encontrei um vagabundo  
Que me mandou  
Pegar no guatambú

Eu fui andando,  
Por um caminho,  
Vi uma moita de Bambú  
Logo depois, encontrei um vagabundo  
Que me mandou, pegar no guatambú.

### Farmacia Brasil

COMPLETO SORTIMENTO DE DROGAS

Entregas a domicilio

UBERABA - Rua João Pinheiro, 224-A - 1

# ATENÇÃO

O Sambista N. 1 de S. Paulo

## BAPTISTA DE SOUZA

DA RADIO RECORD PRB-9

Dará o seu Recital nos amplos salões do Jockey Club de Uberaba com a colaboração dos melhores artistas da PRE-5

João Tomé  
Jaime Morais  
Tania de Almeida  
Wilson Brandão  
Sidineia Maia  
Zinho, e seu Pandeiro Magico

APRESENTAÇÃO DO LOCUTOR 100%, ADIB SARKS

Não percam dia 29, Segunda feira.  
Início às 21 e 30 horas

Nos Salões do Jockey Club de Uberaba

## Sabado dia 11 de Maio de 1946

Grandioso espetaculo no cinema Metropole, em homenagem ao dd. Prefeito de Uberaba sr. Dr. LAURO FONTOURA.

### BAPTISTA DE SOUZA

O SAMBISTA N. 1 DE SÃO PAULO, APRESENTA

CARMEN LOBATO, Vadete hispano Portuguesa  
CHASCA BOLIVIANA, Bailarina Exotica  
CLEIDE DE OLIVEIRA, Crooner de Orquestra  
ANTENOR PRATA, O famoso bola 7  
SIDINEIA MAIA, Da ZYA-6  
WILSON BRANDÃO, O falso professor  
JOÃO TOMÉ, e seu Regional  
POSPICHIL, e sua Orquestra  
Apresentação de JOSÉ VIANA

---

Não percam, sabado, dia 11, no  
**CINE METROPOLE**

Ilustração I-10 (cont.): Panfletos.



Faça o seu plano na  
**Altaíatária de LAURO GOBBI**  
a maior cafeteria  
Rua Bernardino de Campos  
(PRÓXIMO AO RUA ESPORTES)

Corvetaria Polar  
**WALDOMIRO GOBBI**  
Sorvetes, Helados, Caca Dalhada  
Vinhos, Salgados, Cigarras  
Praça Ruy Barbosa

**CINE PARIS-TEATRO**  
6.a feira -- NO PALCO -- 26 de Julho  
2 sessões 7,15 e 9,15 2 sessões

**Ditinho**  
O popularíssimo  
cantor e  
humorista  
APRESENTARÁ  
o seu grande Conjunto de Variados

**Azes Radiofonicos**  
CHICO DUNGA o mais perfeito imitador do copira no destino  
CALANORIA uma das mais belas interpretes da melodia pernambucana  
JOÃO TOMÉ o famoso artista cego - Um dos mais populares solistas em instrumentação  
de corda de Brasil -- ANTECOR PRATA a Bola 7  
CLEIDE FERREIRA o melodista que é o sombo em sessa  
ZINHO o mabarista do pavêiro e interprete da musica popular brasileira  
JAIME DE MORAIS -- MARCIANO MARQUES DE OLIVEIRA

Por gentileza da direção do Circo Teatro  
Irmãos Portugal tomarão parte:

**Walter Hugo**  
o mais perfeito imitador do alho  
**Adelson**  
o  
**Cigarrito**  
a dupla do "cachaça"  
Poltrona Cr\$ 5,00

**CASAS PERNAMBUCANAS**  
Cores Firmes - Preços Fixos - Visitem suas exposições  
**PRAÇA RUY BARBOSA, 22**  
I S A R A F A V A

**Cine Prata**

HOJE, ÀS 20 HORAS e 30 minutos em ponto, esta empresa em cooperação com a P&E 5 de Uberaba apresentará um notavel show, a cargo de artistas experimentados no microfone, que irão trazer ao povo desta cidade--momentos de alegria num programa selecionado de musicas sob a direção do humorista AUGUSTO VENUCCI.

Serão apresentados os seguintes artistas:  
NEUZA MARIA, a brasileira com por cento que irá, na obra, receber os maiores aplausos, porque, sua vez aveludada e corada em todo salão, desta casa de diversões, agradando a todos os apreciadores da «caliente» musica mexicana.  
João Tomé será um sucesso, pois, já é um consagrado, em Minas Gerais, como o maior solista de violão e o magico cavaquinho e bandolim.  
Francisco Teixeira Alves, orientador do Trio-Vocal «I R A P U A N» já é um artista completo para as multidões.  
«TRIO IRAPUAN» é o conjunto que supera os «NAMORADOS DA LUA» «Quatro Azes e um coringa», «Vocalista Tropical» e muitos outros.  
Mauricio Silva, o cantor que causa inveja ao proprio «ROULINOL», pois, é possuidor de uma voz realmente superior a Francisco Alves e Carlos Galhardo.  
Augusto Venucci humorista notavel e imitador perfeito de CHARLES TRENETE, cantor francês e de DICK FARNEY, cantor brasileiro.

**Preços: Poltronas Cr\$10,00 — Balcão Cr\$6,00**

**NOTA MAIS IMPORTANTE:** Tratando-se de um show organizado pelo artistas da PR 5 de Uberaba, esta empresa surge, aos seus frequentadores, que a bilheteria e portaria ficará a cargo dos senhores ODEMERIO PEDRO DA SILVA e FRANKLIN DA SILVA GONCALVES. Portanto, se houver permanentes e entradas de favor, as mesmas serão concedidas pelo Sr. Francisco Teixeira Alves.

**ULTIMA HORA!**  
Em virtude da energia electrica ser cortada, a partir de amanhã o, não tendo esta empresa sido avisada com o prazo suficiente para suspender seus filmes, o film VESPERA DE NATAL também será exibido hoje após o show.

**CASINO BRASIL**

Sob a nova direção artistica de:  
**ALDO LIMA (Turibio)**

Apresenta:  
**CHASCA BOLIVIANA**  
Famosa bailarina aztéca

**LA TRICANITA**  
A simpatica vedéte espano-portuguesa

**POSPICHIL**  
E sua orquestra de ritmos modernos animada pelos "crooners" Antenor Prata, João Tomé e Cleide Oliveira.

**BREVÊ: VALERIE MARTINS**  
A cantora nacional de grande sucesso

NOVAS DANSARINAS DE SALÃO  
TODOS AO **CASINO BRASIL**

**Prof. MARINÓSIO FILHO**  
compositor e organizador do famoso conjunto típico vocal **A FOXÉ**

**A maior atração artistica do momento!**  
A FOXÉ é uma palavra de origem africana que significa "festa com canticos e danças".  
**Um novo ritmo musical calcado no folclore nacional!**

**ELENCO:**  
Dulce de Almeida - João Tomé  
João Martins Jr. - José Saramago  
Yvone Frederighe - Aurea Tomé  
Anizio Frederighe

Prestigiar o que é nosso é dar uma demonstração de sadio patriotismo e forte espirito de brasilidade. (M. F.)

Ilustração I-10 (cont.): Panfletos.

**Vou viver pelos cabarets**  
**Samba**  
 Sucesso do Jazz Bueno  
 Letra de Aristides Rodrigues Gomes  
 Música de João Thomé

**CORO — BIS**

Vou viver  
 pelos cabarets  
 brincando,  
 dançando,  
 tenho a vida  
 qual um mal-me-quer,  
 sempre alegre e moço  
 vivo triunfando.

**SÓLO**

Vivo na orgia  
 goso a mocidade,  
 vida de malandro,  
 emblema do viver  
 eu me sinto bem,  
 adoro a mulher,  
 gasto o meu dinheiro  
 para ela me querer!...

**Perdo-te**  
**samba-estilo**  
 Sucesso do Jazz Bueno  
 Letra de José de Souza  
 Música João Thomé

...  
 neste salicando,  
 no peito sufocando  
 como e molhando,  
 ...  
 meir que me trair  
 a este filo e trair  
 sendo coração! ...  
 ...  
 eu jurei viver  
 e o que confirmo  
 na te dei, com 16  
 ...  
 e esta teadora,  
 a notadora,  
 a Dona, até l...  
 ...  
 corre o teu fulari  
 amineo a teu culve  
 era solidão! ...  
 ...  
 ...  
 guo paciente  
 hilde coração!  
 ...  
 ...  
 o do decorado  
 ...

**NAQUELA NOITE DE FESTA**  
**Valsa-lenta**  
 Sucesso do Jazz Bueno  
 Letra e musica de João Thomé

**1.a PARTE**

Naquela noite de festa  
 tu eras linda e modesta:  
 sobre o jardim dos amores  
 teus olhos  
 sempre escintilantes!  
 Um fase tão colorida,  
 tornei-me cativo na vida! ...  
 Saíra agora  
 só por te querer,  
 dentro em meu peito  
 baterá meu coração  
 até morrer! ...

**2.a PARTE**

E depois  
 a dançar  
 num salão  
 com de anil,  
 eu te vi,  
 muito baia,  
 tão singela  
 e gentil!  
 Então a solçar,  
 sozinha a meditar,  
 en fitasi  
 contemplando  
 ten dançar! ...

**GRÊMIO ESPORTIVO BRASILIENSE**

SÉDE SOCIAL "METROPOLITANA"

**PROGRAMA SOCIAL PARA O MÊS DE JULHO**

|                  |  |
|------------------|--|
| Dia 1 (Sábado)   | Disco Dançante (C/ Alta fidelidade) Das 20,30 às 23,30 hs.   |
| Dia 2 (Domingo)  | Disco Dançante (C/ Alta fidelidade) Das 14,30 às 18,00 hs.   |
| Dia 8 (Sábado)   | Boite-Show - Apresentando alguns Artistas de Rádio TV Nacional. Traje: Passeio completo - Com a orquestra do já renomado João Thomé. |
| Dia 9 (Domingo)  | Disco Dançante (C/ Alta fidelidade) Das 14,30 às 18,00 hs.   |
| Dia 15 (Sábado)  | Disco Dançante - Das 20,30 às 23,30 hs.  |
| Dia 16 (Domingo) | Disco Dançante - Das 14,30 às 18,30 hs.  |
| Dia 22 (Sábado)  | Grande Baile, C/ apresentação das candidatas ao título de Rainha do "Grêmio" 1961 - Traje: Passeio completo - Orquestra João Thomé.  |
| Dia 23 (Domingo) | Disco Dançante - Das 14,30 às 18 hs.   |
| Dia 29 (Sábado)  | Disco Dançante - Das 20,30 às 23,30 hs.  |
| Dia 30 (Domingo) | Disco Dançante - Das 14,30 às 18,00 hs.  |

NOTA: A programação acima será cumprida rigorosamente

A Diretoria Social

Ilustração I-10 (cont.): Panfletos.

### 3. TRAJETÓRIA DE JOÃO TOMÉ: Material sobre atuação docente – Uberaba



Ilustração I-11: Professores fundadores do Instituto dos Cegos do Brasil Central (ICBC). Ilustração I-12: Alunos do ICBC.



Ilustração I-13: O Instituto dos Cegos do Brasil Central é notícia.



**Ilustração I-14: Jornais de 6/12/1955 e 3/02/1956. O primeiro traz o comunicado da nomeação de João Tomé como professor municipal. O segundo: O professor João Thomé foi contratado pela prefeitura para prestar seus serviços técnicos junto ao Instituto dos Cegos.**

## 4. REPORTAGENS – BRASÍLIA, DF



# Revista do Rádio

Nº 632 – Cr\$ 25,00

## BRASÍLIA

A TV Rádio Nacional de Brasília está ganhando o seu quinto diretor, com apenas três anos de fundação.

★ OS VALORES artísticos desta capital podem ser contados a dedo. Temos um Dullio Costa, um Hélio Chaves, uma Eli Cavazza e um João Tomé, solista de violão que faria sucesso em disco. Fora disso, as TVs e a única estação de rádio perdem tempo com gente inexpressiva, calouros, que não têm chance de atingir o estrelato.

★ O CANAL 6 deu boa arrancada, depois de ter estado prestes a fechar suas portas, e não quer dizer que tem a maior porcentagem de audiência em Brasília. Realmente, a TV Brasília joga com sorte, pois faz programas ao vivo, e dispõe dos recursos de videotape.

★ O TRIO PARANOIA firmou contrato, com uma gravadora paulista, por dois anos, de vindo surgir agora com um "73" rotação.

★ DALVAN LIMA, ao que parece, ficará em Brasília, atuando na televisão Associada.

★ RONAN SOARES e sua "Crônica do Dia" continuam agradando os ouvintes da Nacional, diariamente, às 11,30 horas.

★ SÉRGIO DIAS voltou à chefia dos portões do Rádio Nacional, depois de demoradas férias.

ZAIR CANÇADO

## SUA REVISTA

# Madame

BRASÍLIA, Março 1962

N.º 1

★

ANO 1



O Conjunto de João Tomé, é, atualmente o melhor em Brasília.

Ilustração I-15: Notícias e fotos – Brasília, DF.



## RELÓGIO PARA CEGOS



O prefeito Plínio Cantanhede, em solenidade a que esteve presente o professor Cleanto Rodrigues de Siqueira, superintendente-geral de Educação e Cultura do DF, fez entrega sexta-feira última ao professor João Tomé, do Elefante Branco, de um relógio em código "Braille", doado pela firma norte-americana "Zales's Jewelers", da cidade de Dallas. A referida firma doou 100 relógios desse tipo ao Brasil, para distribuição a uma pessoa cega de cada Estado ou Território, cabendo à Fundação do Livro escolher as pessoas contempladas. Na foto o prefeito Plínio Cantanhede, após fazer a entrega do relógio ao professor João Tomé



Ilustração I-15 (cont.): Notícias e fotos – Brasília, DF.

# MEUS OLHOS JÁ VIRAM O MUNDO

**sentir novamente a visão falhar e tem de se submeter a outra intervenção cirúrgica, desta feita sem alcançar êxito.**

Em 64, uma última operação faz voltar-lhe a visão total

A alegria, porém, outra vez, não dura muito tempo: aos poucos desce-lhe a cortina da cegueira e tudo passa a ser um vidro opaco, cortina de luz fôsea e sombras indefinidas que penetram no ímo da alma, abatendo-lhe o ânimo.

Dizem os especialistas que há pouca pressão ocular e que de nada adianta nova intervenção cirúrgica. Desde então Margô está se medicando para conseguir a pressão mínima necessária e está consciente que suas possibilidades de recuperação são de um por cento.

Quanto a um possível transplante, caso a futura operação não dê resultado positivo, ela aceitaria de bom grado mas não sabe se daria certo e, por outro lado, a operação deve ser muito cara e ela não conseguiria ainda um emprego que dê para pagar as despesas.

## EM BRASÍLIA

De Fortaleza, Margô voltou para sua cidade natal. Depois, para prosseguir seu tratamento, foi para João Pessoa e, de lá, veio para Brasília, em busca de novas possibilidades de recuperação.

Estipulado o preço da hospedagem, ela assumiu a responsabilidade, na certeza de que cumprirá integralmente o compromisso.

Por sugestão da Prof.<sup>a</sup> Verônica, Margô voltou aos estudos e está cursando a 2.<sup>a</sup> série na turma B do Ginásio Provisório Noturno da Superquadra 312, na Asa Norte.

As obrigações escolares enchem-lhe a vida de esperanças renovadas, "os colegas são bons e compreensivos e os professores são ótimos, não são melosoc nem bajuladores."

Seus trabalhos e provas, escritos em Braille e traduzidos pela Prof.<sup>a</sup> Verônica, têm recebido notas excelentes em todas as disciplinas. Sua dedicação aos estudos é integral pois agora quer progredir rapidamente para recuperar o tempo perdido e, se possível, chegar à Universidade para

Aqui, ficou hospedada em casa do dr. Sinval Sá, Assessor do Diretor Geral do Departamento de Administração do MME, que a encaminhou para o Serviço de Assistência aos Deficientes Visuais da Coordenação de Educação Primária da PDF.

## DESAFIO

Para melhor controle de sua recuperação, Margô aceitou ser hóspede da Chefe do S. A. D. V. e dentro de duas semanas estava dominando perfeitamente o alfabeto Braille.

Aceitou, então, o desafio que a Prof.<sup>a</sup> Verônica lhe fez: lutar contra as dificuldades e vencê-las com toda a força de sua tempera nordestina, mostrando ao mundo o sol de esperanças que brilha em seus anseios de moça normal, capaz de contribuir com proveito para o desenvolvimento da Sociedade.

Assim nasceu uma nova Margô.

Pela primeira vez sentiu-se uma pessoa normal, livre das compaixões e da caridade deprimente, e recebeu com disposição a proposta de sua orientadora: seria sua hóspede enquanto quisesse mas a hospedagem não seria gratuita pois, além de ajudar em casa, tão logo se sinta bem disposta e arranjar um emprego, Margô começará a pagar, como quiser e puder, o débito da pensão.

Margô tem uma vida intensa. Em casa, prepara seus deveres escolares, ajuda nos afazeres domésticos e está aprendendo a tocar piano com o Prof. João Tomé, um outro não-vidente que se realiza em Brasília. O ensino de música está sendo ministrado através de sinais de Braille e o rápido progresso da discípula tem envaidecido o mestre que, consciente de sua responsabilidade como educador, transforma os elogios em mensagens de incentivo.

Margô sabe fazer excelente café, forte ou fraco, ao gosto do visitante. Com muito desembaraço ela põe a quantidade de café no coador, despeja a água quente, enche as xícaras e serve aos convidados, sempre com um sorriso de satisfação e de confiança dançando-lhe nos lábios.

Para ela uma das coisas belas da vida é a música e, entre as várias composições que conhece, uma especialmente, da música popular brasileira, tem um significado muito profundo. Trata-se de "Fascinação", cuja letra parece ter algo com a vida passada de Margô: "Sonhos mais lindos sonhos / E, quimeras mil, um castelo ergui..."

Perguntando sobre o que faria ela ao Presidente Costa e Silva se este lhe concedesse uma entrevista particular, obtivemos de Margô a seguinte resposta:

"Bom, ajudasse mais os dando-nos emprego público, para arranjasse para alcançar vida nestes olhos já."

Com dia 9, o zar um ção o Me dessemelh conheci assunto. O curso do pelo valho S. Coordena Contabil tina-se a tabilidade mercian. Inform na sede andar de Telefone Docu perd Comar me Borg encontra ta ACDI documexaça.

# MEUS OLHOS JÁ VIRAM O MUNDO

**Margô Pires Rodrigues** — Margô, — é uma jovem deficiente visual, dona de que com esforço e inteligência está passando por uma experiência capaz de reformular os conceitos que, não tendo perfeita visão, isoperdida para a Sociedade.

guiu romper a barreira da desilusão, está nas novas atividades e isto tem muito que do de Assistência aos Deficientes Visuais de Educação Primária da PDF, que lhe ação e incentivos técnicos.

cidade de do da Pa-e Francisco tredo e de reira e tem e cujos ar-m saúde-garida, An-sco, "todos postos, gra-ia e adoles-guarda sim-foi criada ternos que mas eram como ge-as pessoas ua boneca lha uns vin-de altura, e pano com os e cabelos s, feitos de muito bem companhei-até aos 16 ca pessoa a mas queixas e; em conmeça tinha adados e en-omados por e era costumária os es-um convite as alegrias queno munic-icos ficando agens mara-ando-lhe a enina, tenra ndo na aril-ndestino. ma das pri-mostradas lico de Com-ento tempo, e para con-e que, por abrencia um iguado, prosseguir, a a cresca-a vida me-adolescente.

cheia dos maravilhosos sonhos que tão facilmente se aninham no coração de toda menina-moça.

No ginásio, sua matéria predileta foi sempre Português e era com prazer imenso que escrevia suas composições e ouvia a declamação de poesias; mesmo aquelas que eram ditas pela boca do povo. As outras disciplinas não eram difíceis mas detestava estudar Matemática porque "não topava com o professor".

## CEGUEIRA

Em 1956, Margô é acometida de "catarrata" nos dois olhos.

Preocupada, sente a visão diminuir, a vista embaralhar e as imagens fugindo, esmaecidas, para outros planos. Procura um oculista e este recomenda-lhe o uso de óculos. Negativo, usar óculos, não! De maneira alguma ela usará uma cangalha sobre o nariz; além de feios, os óculos são pesados e incômodos. Está resolvido: não-usará óculos.

1960: a visão enfraquece mais e ela é mandada para a casa de parentes em Fortaleza, Ceará, deixando os estudos na 2.<sup>a</sup> série ginasial.

No ano seguinte, uma primeira operação devolve-lhe a visão do olho direito; as imagens voltam a ser definidas. Dois anos depois, nova operação recupera-lhe parcialmente a percepção do olho esquerdo. Bendito seja Deus, afinal tudo bem!

Mas sua provação estava no início: a natureza queria experimentar sua força de vontade, estar a fortaleza de sua alma.

Durante dois anos enxerga muito bem com o olho direito mas, depois, começa

sentir novamente a visão falhar e tem de se submeter a outra intervenção cirúrgica, desta feita sem alcançar êxito.

Em 64, uma última operação faz voltar-lhe a visão total

A alegria, porém, outra vez, não dura muito tempo: aos poucos desce-lhe a cortina da cegueira e tudo passa a ser um vidro opaco, cortina de luz fôsea e sombras indefinidas que penetram no ímo da alma, abatendo-lhe o ânimo.

Dizem os especialistas que há pouca pressão ocular e que de nada adianta nova intervenção cirúrgica. Desde então Margô está se medicando para conseguir a pressão mínima necessária e está consciente que suas possibilidades de recuperação são de um por cento.

Quanto a um possível transplante, caso a futura operação não dê resultado positivo, ela aceitaria de bom grado mas não sabe se daria certo e, por outro lado, a operação deve ser muito cara e ela não conseguiria ainda um emprego que dê para pagar as despesas.

## EM BRASÍLIA

De Fortaleza, Margô voltou para sua cidade natal. Depois, para prosseguir seu tratamento, foi para João Pessoa e, de lá, veio para Brasília, em busca de novas possibilidades de recuperação.



Margarida tem no professor João Tomé, que também é completamente cego, um orientador e incentivador para seus estudos de piano

Aqui, ficou hospedada em casa do dr. Sinval Sá, Assessor do Diretor Geral do Departamento de Administração do MME, que a encaminhou para o Serviço de Assistência aos Deficientes Visuais da Coordenação de Educação Primária da PDF.

## DESAFIO

Para melhor controle de sua recuperação, Margô aceitou ser hóspede da Chefe do S. A. D. V. e dentro de duas semanas estava dominando perfeitamente o alfabeto Braille.

Aceitou, então, o desafio que a Prof.<sup>a</sup> Verônica lhe fez: lutar contra as dificuldades e vencê-las com toda a força de sua tempera nordestina, mostrando ao mundo o sol de esperanças que brilha em seus anseios de moça normal, capaz de contribuir com proveito para o desenvolvimento da Sociedade.

Assim nasceu uma nova Margô.

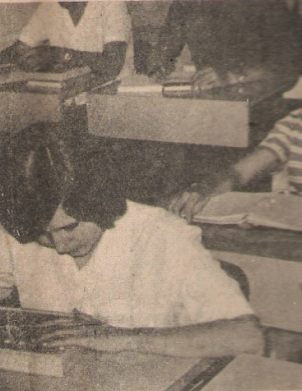
Pela primeira vez sentiu-se uma pessoa normal, livre das compaixões e da caridade deprimente, e recebeu com disposição a proposta de sua orientadora: seria sua hóspede enquanto quisesse mas a hospedagem não seria gratuita pois, além de ajudar em casa, tão logo se sinta bem disposta e arranjar um emprego, Margô começará a pagar, como quiser e puder, o débito da pensão.

Estipulado o preço da hospedagem, ela assumiu a responsabilidade, na certeza de que cumprirá integralmente o compromisso.

Por sugestão da Prof.<sup>a</sup> Verônica, Margô voltou aos estudos e está cursando a 2.<sup>a</sup> série na turma B do Ginásio Provisório Noturno da Superquadra 312, na Asa Norte.

As obrigações escolares enchem-lhe a vida de esperanças renovadas, "os colegas são bons e compreensivos e os professores são ótimos, não são melosoc nem bajuladores."

Seus trabalhos e provas, escritos em Braille e traduzidos pela Prof.<sup>a</sup> Verônica, têm recebido notas excelentes em todas as disciplinas. Sua dedicação aos estudos é integral pois agora quer progredir rapidamente para recuperar o tempo perdido e, se possível, chegar à Universidade para



Em duas semanas Margô dominou o alfabeto Braille e conseguiu aprender de completamente a ler a 2.<sup>a</sup> série do Ginásio Provisório Noturno, da Asa Norte. Na foto, quando estava em uma aula de Matemática

tirar seu diploma de Bacharel em Direito, velho sonho da juventude.

## INTIMIDADE

Margô tem uma vida intensa.

Em casa, prepara seus deveres escolares, ajuda nos afazeres domésticos e está aprendendo a tocar piano com o Prof. João Tomé, um outro não-vidente que se realiza em Brasília. O ensino de música está sendo ministrado através de sinais de Braille e o rápido progresso da discípula tem envaidecido o mestre que, consciente de sua responsabilidade como educador, transforma os elogios em mensagens de incentivo.

Margô sabe fazer excelente café, forte ou fraco, ao gosto do visitante. Com muito desembaraço ela põe a quantidade de café no coador, despeja a água quente, enche as xícaras e serve aos convidados, sempre com um sorriso de satisfação e de confiança dançando-lhe nos lábios.

Para ela uma das coisas belas da vida é a música e, entre as várias composições que conhece, uma especialmente, da música popular brasileira, tem um significado muito profundo. Trata-se de "Fascinação", cuja letra parece ter algo com a vida passada de Margô: "Sonhos mais lindos sonhos / E, quimeras mil, um castelo ergui..."

Perguntando sobre o que faria ela ao Presidente Costa e Silva se este lhe concedesse uma entrevista particular, obtivemos de Margô a seguinte resposta:

**Ilustração I-15 (cont.): Notícias e fotos – Brasília, DF.** Reportagem 'Meus olhos já viram o mundo', publicada dia 8 de outubro de 1968, em jornal da cidade de Brasília cuja identificação não foi possível (à página 3).



**Ilustração I-15 (cont.): Notícias e fotos – Brasília, DF.**

Em destaque a foto da menina Margô ao piano, junto ao professor João Tomé, conforme legenda constante da matéria copiada na página anterior.



## 5. TRANSCRIÇÃO DA AULA DE VIOLÃO

ministrada por João Tomé a Turma de alunos regulares da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal – plano piloto.

### Áudio.

A gravação começa com uma melodia sendo tocada ao violão com vozes ao fundo.

(0:16) – Fala: Então, continuando essa demonstração de ritmos como acabamos de mostrar com vários instrumentos, nós gostaríamos de mostrar como é que o violão brasileiro era tocado antigamente nos acompanhamentos da Modinha por exemplo, a modinha era acompanhada assim:

Exemplo musical

Voz ao fundo (professora da classe): Modinha.

(0:57) – Fala: E, mais tarde, foi muito usado o violão no acompanhamento da Embolada. A embolada é uma música muito cantada no Norte, é feita de improviso, em que os circunstantes vão atirando versos, improvisando as poesias dentro das melodias que muitas vezes também são improvisadas. Às vezes, o seu ritmo no violão é feito assim:

Exemplo musical

(01:36) – Fala: Mais tarde, o violão também foi empregado no Samba, o samba antigo, que era acompanhado assim:

Exemplo musical

(01:50) – Fala: Depois, vieram os ritmos fazendo sua evolução e, o violão imitava, além da harmonia da música, que fazia o acompanhamento, também o tamborim, mais ou menos assim:

Exemplo musical

(02:21) – Fala: E depois, o violão também era muito empregado no acompanhamento do Fox, como o americano toca, fazendo isso:

Exemplo musical

Os alunos riem ao final da execução musical.

(02:48) – Fala: Também, o violão pode ser, imitar a orquestra tocando o Boogie, Boogie Ugui:

Risada dos alunos quando faz a pronúncia da palavra em inglês.

Exemplo musical

Risadas ao fim da execução.

(03:16) – Fala: O violão é muito rico em vários ritmos. Na Valsa, por exemplo, ele tem um papel muito importante. Ele faz o baixo e a harmonia, ao mesmo tempo, o que acontece com o piano, fazendo com as duas mãos.

Exemplo musical

(03:46) – Fala: Depois, o violão, mais tarde, é empregado nos ritmos regionais brasileiros. No Samba, por exemplo, o violão tem um papel preponderante, fazendo as preparações. Enquanto um violão faz isso:

Exemplo musical

Fala: O outro faz isso:

Exemplo musical

Fala: Agora, dois violões:

Exemplo musical

(04:08) – Fala: E também, no Samba, de morro, chamado Samba de Morro, o violão tem um papel muito importante, fazendo esse ritmo:

Exemplo musical

(04:26) – Fala: Mais tarde, o violão também foi explorado no ritmo do Tango. Eu estou fazendo isso para que vocês vejam a riqueza do acompanhamento de um violão. Quem não conhece os famosos Tangos Argentinos:

Exemplo musical

Fala: E daí por diante...

Risos

(04:54) – Fala: Depois, o violão foi muito explorado também, no ritmo das Músicas Folclóricas Brasileiras. E, nós temos um artista que é mundialmente conhecido, chamado Dorival Caymmi. Que, foi quem levou muitas canções nossas por este mundo a fora, tocando violão e cantando. E, depois, o violão foi usado muito em conjuntos de ritmos, daí, já com o advento, o aparecimento da Guitarra Elétrica. A guitarra, que é o mesmo violão elétrico. E... (interrompido pela fala da professora da classe)

(05:32) Professora da classe: ...Dorival Caymmi, e o desenvolvimento da música...

(05:40) – Fala: Depois, o violão é muito usado atualmente para o ritmo chamado Bossa Nova. Eu não sei fazer Bossa Nova direito, mas, vou imitar um pedacinho de Bossa Nova para que vocês tenham uma idéia.

Exemplo musical da música *Samba de Uma Nota Só*.

(08:00) Fim da execução da música e palmas ao fundo.

(08:05) – Fala: Este Samba é Bossa Nova, na realidade. Mas, o violão também se presta aos Sambas Antigos, no *estilo* Bossa Nova. E aqui, temos um para mostrar, que é, uma das jóias da música popular brasileira, que é Feitiço na Vila.

(música de 19??, composição de Noel Rosa)

(10:00) Fim da execução da música e palmas ao fundo.

(10:07) – Fala: Também há no Brasil, um gênero de música chamado Samba Canção, que é muito rico, para a utilização do violão. O Samba Canção é marcado assim:

Exemplo musical

(10:26) – Fala: E se presta para esses gêneros de música, assim:

Exemplo musical

(11:43) Fim da execução da música e palmas ao fundo.

(11:48) – Fala: E assim, foi feita a demonstração do que eu podia fazer, deste instrumento que é muito rico, e é muito importante, mas não na minha mão, na mão de quem sabe tocar, né gente?

Fala da audiência: Não (alongando o fonema “ã”), e rindo ao fundo.

O narrador também ri, ao final da resposta dos alunos.

(12:05) – Fala: Eu estou muito satisfeito por ter aqui comparecido, e, agradeço, ao convite que me foi feito, pela colega Cristina, e, gostaria que ela transmitisse, a todos, o meu abraço, e, a minha amizade. E que outras oportunidades se apresentem, como esta, de estarmos reunidos tão amigavelmente.

Execução musical

(12:43) Palmas finais

## 6. O PERSONAGEM JOÃO TOMÉ EM CRÔNICAS DE CLEMENTE LUZ

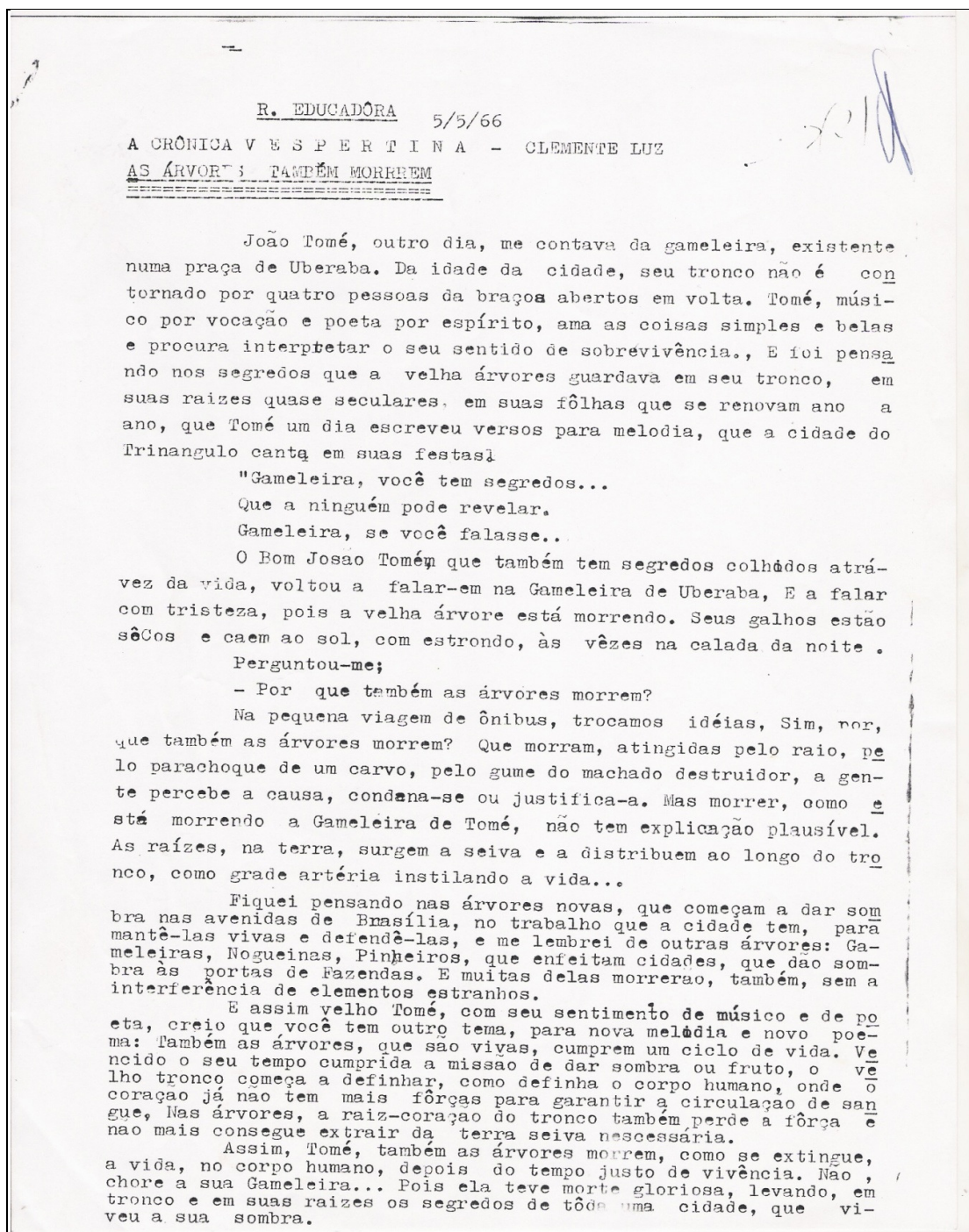


Ilustração I-16: As árvores também morrem – Rádio Educadora – Brasília, DF – 5/05/1966.

A CRÔNICA VESPERTINA DE CLEMENTE LUZ Dia 4/7/66

A FLAUTA DE TOMÉ:

Creio que a flauta tenha sido o primeiro ou um dos primeiros instrumentos de sopro inventado pelo homem. Talvez, na solidão das cavernas, ouvindo o vento fazer música em bambús ou plantas ôcas, o homem tenha procurado, da maneira mais tósca possível talhar a primeira flauta, que exprimisse, em sons desordenados, os seus sentimentos também desordenados.

Através do tempo, a flauta acompanhou os andarilhos os peregrinos e, principalmente os pastores condenados, por força de seu ofício, à solidão dos campos, solidão quebrada, de quando em quando, pelo balir das ovelhas que ele apascentava. As ovelhas de natureza suaves e mansa, sempre atenderam ao sem melancólico da flauta do pator e o acompanharam de volta ao brigo ou a caminho das pastagens verdes das montanhas.

~~\*\*\*\*\*~~

Talhada em bambú uma flauta tem mais efeito sentimental e poético. Lembra a poesia do amanhecer,, a ternura do entardecer, o ronance campestre, lembra, sobretudo, a grandeza do coração humano. Os pastores de ovelhas deram e ainda dão, aonde existam uma bela lição, que devia ser seguida pelos pastores de almas. Com a flauta simples pacíficos se sentissem seguros e tranquilos. embora ao longe, nos secavões da montanhas, iuvassem os lobos famintos, e caça de alimento.

Estas palavras surgem no momento em que me recorde da visita que fiz. Há poucos dias, a João Tomé, que vocês todos devem, conhecer de nome. Privado da visão Tomé não se sentiu nunca privado de capacidade. Música por vocação, toca vários instrumentos e os possui, caros e de boa qualidade.

Na conversa que mantivemos, naquela noite, falamos sobre música, sobre a necessidade de surgirem composições sobre Brasília, fazendo a obra grandiosa aquilizada. Depois, a conversa, caiu sobre a carreira de João Tomé. Conteu-se as peripécias do aprendizado, a luta pela manutenção da família, muitas vezes luta árdua e em condições difíceis em cidades do interior de Minas..... Foi quando o músico pediu licença, foi e ama dos quartos do apartamento na Asa Norte e surgiu com um pedaço de bambu do tamanho de dois palmos e mostrou, perguntando se sabia o que era aquilo. Uma flauta flauta de bambú - respondi.

Tomé respondeu:

- Foi feita por mim, há muito tempo, Não tinha dinheiro para comprar instrumento e precisava trabalhar. A família crescia. Você sabe como são as coisas. E tentou tirar sons da velha flauta, não saíram, Tomé não se afobam: Abriu a agns dolentes de uma valsa lenta encheram a sala de notas e os corações de lembranças. E uma visão magnífica, vialumbrei, no fundo da memória, uma pequenno pator de ovelhas apascentando o seu rebanho.

Ilustração I-17: A flauta de Tomé - Rádio Educadora - Brasília, DF - 4/07/1966.

**A morte de Tomé – notícia veiculada na Rádio Nacional de Brasília em 24 de agosto de 1971.**

**Locutor:**

Para apresentar a crônica que Clemente Luz escreveu a propósito da morte de seu velho companheiro João Tomé. Estas palavras refletem o sentimento de todo o pessoal que esta manhã foi colhido de surpresa com a notícia da morte do grande e digno companheiro.

**(música instrumental) orquestral tensa e nervosa.**

**(música de fundo)**

De vez em quando, dona Vera Tomé vinha até a redação e me dava o recado: “- Liga pro João. Ele quer falar com você.” Quase sempre me apressei em fazer a ligação telefônica. Outras vezes deixei que as horas passassem e mesmo os dias, pois, minhas conversas com João Tomé sempre podiam ser adiadas. De antemão, sabia que o velho amigo não me procurava para problemas pessoais, nem para me pedir favores. Pelo contrário, trazia sempre uma idéia para a crônica, uma informação profissional, enfim, uma contribuição positiva em favor de alguma coisa.

**(música instrumental: ária da quarta corda, de Bach, com orquestra. Interpretação pesada e dramática – romântica).**

Desprovido da visão, desde pequeno, isso não lhe causou nenhum trauma. Pelo contrário, deu-lhe as forças indispensáveis para vencer os obstáculos, para derrubar os muros da incompreensão, para construir a sua estrada sem acidentes, através da qual caminhou guiados pelos olhos da sabedoria, do amor e da compreensão humanas. Ao negar-lhe a visão, Deus lhe deu outros dons e atributos que fizeram dele uma das figuras humanas mais extraordinárias de que se tem notícia, nesses dias conturbados por vícios e por desvios tão tristes e tão dolorosos. Sobre a maldade, sobre as disputas vãs, sobre a vaidade, sobre as injustiças, sua personalidade pairou como força imponderável que a força da gravidade não anulava nem reduzia.

João Tomé apareceu em Brasília nos primeiros dias de sessenta, quando Brasília ensaiava os seus passos de noiva para o seu natal de abril. Apareceu, insinuou-se, impôs-se e ficou. Com a mansidão de suas palavras, com a seriedade de sua crença. É incrível isto: ele acreditava em tudo que fazia e em tudo que defendia. Com a arte de suas mãos ou o sopro de seus pulmões, dominava os instrumentos e encantava as criaturas, derramando luz e vida sobre o ambiente, em forma de música e de beleza. Apareceu e ficou. De repente vieram outros no seu rastro de música e de luz. E a Rádio Nacional quase chegou a ter uma orquestra só de músicos deficientes da visão. É que para ele, João Tomé, sua família não era apenas dona Vera e os filhos, sua família eram todos os ceguinhos de Uberaba, sua terra natal, todos os ceguinhos do Brasil e do mundo.

De vez em quando vinha o recado: “-Telefona pro João. Ele quer falar com você.” E de cada telefonema resultava alguma coisa positiva, uma estória a mais na coleção do escriba diário, uma informação a mais na soma de dados sobre a vida, uma lição permanente de otimismo e de amor. Mas o último recado que me foi dado há uns quinze dias não foi transformado em telefonema. Circunstâncias diversas me fizeram adiar o gesto simples de levantar o fone e fazer a ligação. Não sei o que o velho amigo tinha para me dizer desta vez. Não sei nem faço idéia. Pois, o que ele tinha sempre a dizer era imprevisível. Uma vez, me chamou a sua casa para mostrar uma gaita de bambu, envernizada pelo uso, e da qual tirou melodias suaves como a brisa ou como o luar. Outra vez, me chamou a sua casa para mostrar o retrato de uma velha árvore de sua querida Uberaba, para dizer-me a verdade sovada e repetida, que na sua voz ganhou dimensões fantásticas. “- As árvores também morrem.” E Tomé escondeu por detrás das pálpebras frias de cego o pranto que lhe britava do coração ante a morte da velha árvore. Hoje quem está morto é João Tomé. Pelo menos é o que me dizem as informações dos amigos, o aviso de dona Vera, a voz angustiada de Delane. É o que me dizem os olhos marejados de lágrimas dos companheiros de trabalho. É o que me dizem os textos que a rádio está transmitindo desde cedo. Mas não é o que dizem os instrumentos aos quais ele deu vida. Não é o que diz o violão, seu velho companheiro, cujas notas, tiradas com amor das cordas pesadas, ainda estão soando pelas ondas do Hertz, compondo melodias e acalentando sonhos. Mas não irei vê-lo morto. Estendido sem vida na uma mortuária, pois a matéria é (...) fria e triste no irremediável da morte. Não irei vê-lo morto, pois quero conservá-lo vivo. Vivo como sempre. Caminhando cego em sua estrada de luz e de paz. Porque, se há um lugar para onde o que restar, o ser humano deva ir, esse lugar está hoje em festas com a chegada da alma boa e pura de João Tomé. E o seu último recado para um telefonema fica adiado indefinidamente. Mas João, meu velho, um dia eu vou telefonar para saber qual a nova mensagem para os vivos.

**(som instrumental de violão solo)**

**Ilustração I-18: Clemente Luz, jornalista e amigo de Tomé, escreveu uma crônica que, ao ser lida, emocionou os ouvintes da Rádio Nacional de Brasília.**

## A Bengala Branca

Clemente Luz

Há muita gente que coleciona complexos. Quando não os tem, inventa-os, para obter ponto de apoio nas suas lamentações ou nas morrinhas diárias. Como há, também, gente que inventa doenças, para atrair sobre sua pessoa as atenções dos circunstantes.

Mas há os que, mesmo com todas as razões, não têm complexos.

João Tomé era um desses raros descomplexados. Cego de nascença, chegava a fazer blague com sua insuficiência, e, dentro de casa, cujos caminhos conhecia pelo tato e pelo olfato, não precisava que ninguém o ajudasse nas tarefas diárias. Além de músico profissional, tocando instrumentos de corda ou de sopro, era professor das matérias.

Mas, apesar de todos os seus heroísmos e de seu descontraimento total em face da cegueira, não tinha permissão da família para enfrentar a rua. Não querendo depender dos outros e não tendo temperamento para submeter os demais a caprichos ou a necessidades suas, de vez em quando tentava uma libertação total...

Passaram pela escala de seus companheiros de caminhadas, de seus guias, naturalmente, em primeiro lugar a dona Vera, como noiva e, depois, como companheira de longos anos. Mais tarde, os filhos e filhas. A última detentora do cetro de comando da visão do bom João Tomé foi Meila, de olhos verdes, de rosto redondo, morena e bonita, em pleno desabrochar de menina-moça. Ao contrário do que muita gente pensava, era com muito orgulho que ela caminhava com o pai pelas ruas da cidade, servindo-lhe de olhos e de guia. Com prazer, com amor e – pasmem! – com ciúmes!

A sua última cena de ciúmes se deu quando uma instituição decidiu distribuir bengalas brancas a cegos e pediu a João Tomé o seu apoio. Isto, porque, com trinta anos só de músico profissional, ele era uma espécie de “papa” ou líder dos cegos de Brasília. Se ele adotasse o uso da bengala, os demais adeririam.

João Tomé compareceu à solenidade, recebeu a bengala de uma autoridade do Governo e, no dia seguinte, com sua companheirinha de caminhadas, deixou o apartamento, empunhando a bela bengala branca.

Meila, de mãos dadas com o pai, aceitou a situação no começo. Entretanto, quando desceram do ônibus, num dos pontos mais movimentados da Asa Sul, sentiu que o pai dispensava a ajuda de seus olhos, se suas mãos de menina-moça desabrochando em flor... Resistiu um pouco, tentou segurar a mão de João Tomé, sentindo de novo que sua ajuda estava sendo dispensada...

E, em plena rua, com seus lindos olhos verdes, desatou em prantos.

Aflito o bom João Tomé quis saber o que estava acontecendo. Chegou mesmo a pressentir um desastre ou uma afronta de transeuntes maldosos. Mas, às suas perguntas, repetidas numerosas vezes, Meila respondeu apenas, num rompante:

– É a bengala, papai! É a bengala!

– Mais o que tem a bengala?

– O senhor tem que escolher: ou eu ou ela! As duas nunca!

João Tomé não teve outro recurso senão encaixotar a bengala, à espera de que chegasse o seu tempo... Tempo que – estava certo – chegaria, quando Meila, a menina-moça de então, desabrochasse na plenitude de moça, plena, de belos olhos espantosamente verdes, que seus verdes anos anunciavam. Tempo que ele não chegou a ver, porque a morte veio de manso, levando-o para as mansões espirituais de paz que ele sempre sonhara e sobre as quais tanto pregara na terra.

**Ilustração I-19: A bengala branca – Crônica de Brasília, escrita por Clemente Luz, publicada no sábado dia 21 de setembro de 1991.**

## 7. MATERIAL FOTOGRÁFICO



Ilustração I-20: Em Brasília.





Ilustração I-21: João Tomé e seu conjunto.



Ilustração I-22: Em Brasília (2).



Ilustração I-23: I Festival do Ceub – Brasília – 1971.



Ilustração I-24: Piquenique musical (Uberaba).



Ilustração I-25: Grupo Musical Afóxe (Uberaba).



Ilustração I-26: Fotos autografadas de artistas.



Ilustração I-26 (cont.): Fotos autografadas de artistas.



Ilustração I-26 (cont.): Fotos autografadas de artistas.



Ilustração I-26 (cont.): Fotos autografadas de artistas.

## 8. PARTITURAS EM BRAILLE

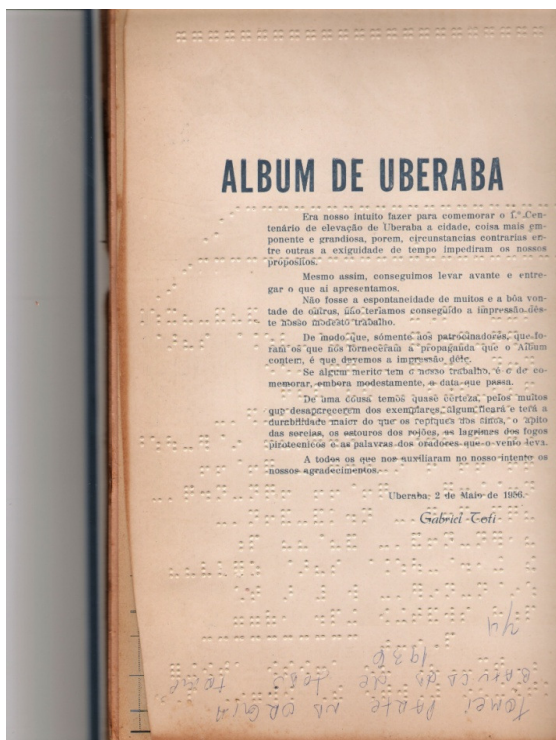
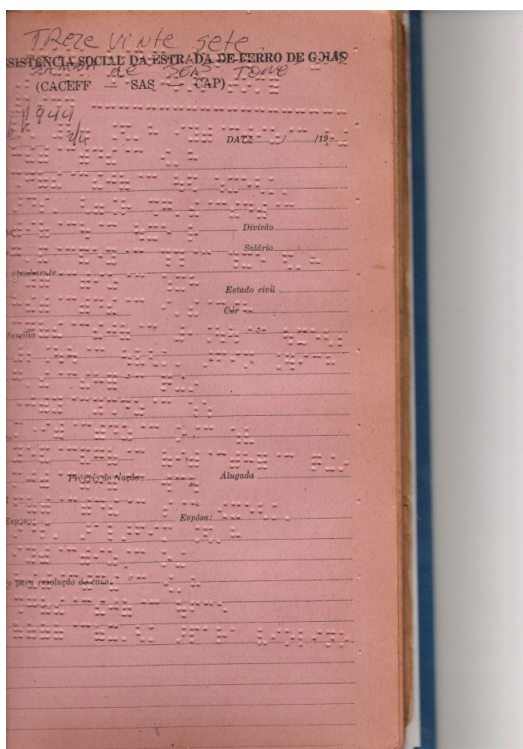


Ilustração I-27: O papel usado por João Tomé para registrar em braille suas composições provinha das mais diversas fontes.



## 9. PROGRAMA DE CONCERTO DOS ALUNOS - 1967

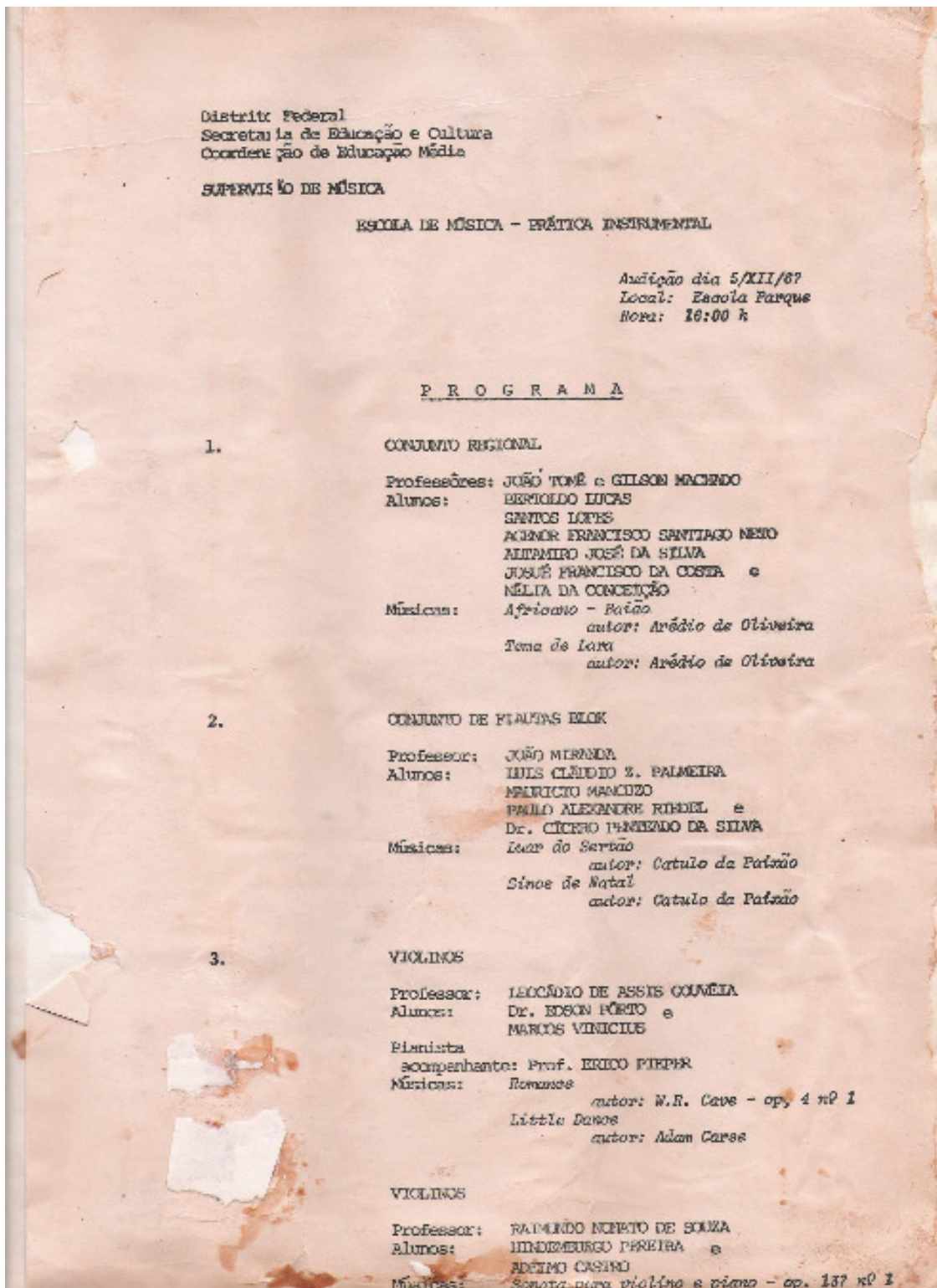


Ilustração I-28: Programa da audição de alunos da Escola de Música de Brasília - dezembro de 1967.

## 10. JOÃO TOMÉ HOJE



Ilustração I-29: CD lançado em outubro de 2005 com choros e valsas.



Ilustração I-30: CD lançado em março de 2010 com músicas cantadas.

MEC - INEP  
**PRÊMIO GRANDES EDUCADORES BRASILEIROS - PGEB**

PERSONALIDADES INDICADAS\*

1 - Dados essenciais sobre João Tomé  
 (nome da pessoa indicada)

NO ME POR EXTENSO: João Tomé  
 NO ME MAIS CONHECIDO: João Tomé  
 PSEUDÔNIMO (se for o caso): -  
 DATA E LOCAL DE NASCIMENTO: 03/03/1920 - Uberaba, MG - (Estação de Irara)  
 DATA E LOCAL DE FALECIMENTO: 24/08/1971 - Brasília, DF  
 FILIAÇÃO: Antônio Tomé Ferreira e Marinha Emília de Almeida  
 CÔNJUGE (se for o caso): Vera Silva Tomé (da qual teve 6 filhos)  
 PORLAÇÃO: 1º Grau (incompleto)  
 NÍVEL OU SETOR DE ATUAÇÃO: Prefeitura Municipal - Instituto de Cegos -  
 PRE6 - Elefante Branco  
 REGIÃO OU LOCALIDADE (S) DE ATUAÇÃO: Uberaba, Brasília, Uberlândia. PRE5  
 TÍTULOS PRINCIPAIS: Professor de Música  
 Compositor  
 Músico

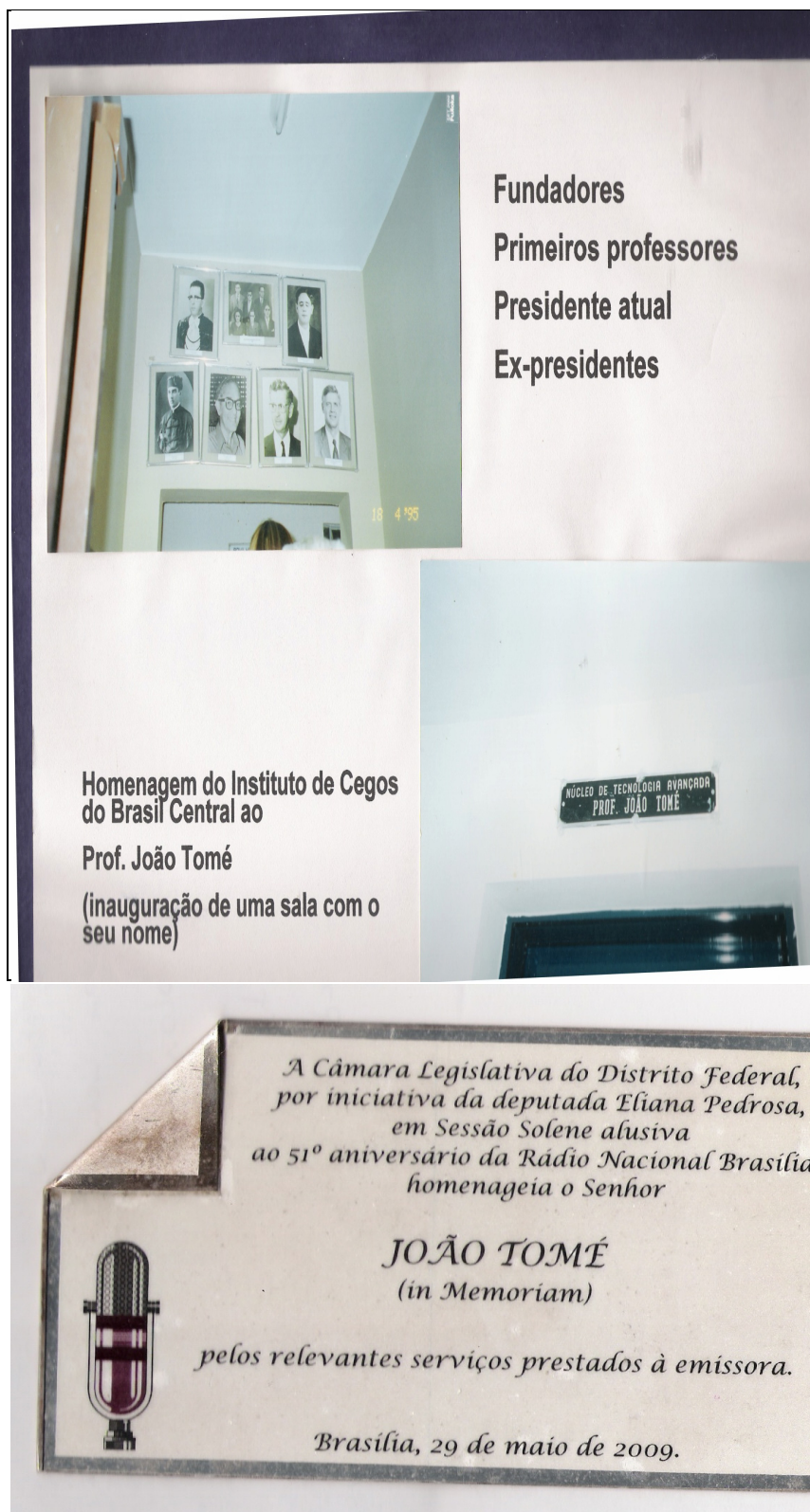
PRINCIPAIS FUNÇÕES DESEMPENHADAS (com respectivas épocas)  
 Profissional desde 1938  
 Professor de Música - 02/02/56 a 30/11/59 (pela Prefeitura Municipal)  
 Exerceu atividades na PRE5, desde sua infância e na PRE6, de Uberlândia  
 Servidor do Instituto de Cegos do Brasil Central, desde 1946 a 1960,  
 como professor de música  
 Músico e Professor de Música (em Brasília) - 1960 a 1971

PRINCIPAIS OBRAS: "A Vida" (bolero) - "Até Hoje" (samba)  
 "Meditação" (canção) - "Macumba" (samba)  
 "Inveja" (samba canção) e muitas outras (+ de 600)

DISCÍPULOS OU ORIENTANDOS QUE SE DESTACAM:  
 Luiz Antônio Rossatti Jerson Felix Fraga  
 Meila Tomé (Todos os seus filhos) Augusto Vanucci  
 menos Delane Chumbinho  
 25ª DRE

\* Instituição ou pessoa que fez a indicação DATA: 08/12/87

Ilustração I-31: Reconhecimento ao educador João Tomé: Prêmio conferido pelo MEC - INEP.



**Ilustração I-32: Homenagens a João Tomé.**

### Site da web – divulgação do artista e da obra musical

<<http://intervox.nce.ufrj.br/musibraille/>> acesso em 28 de jun. de 2010.

<<file:///C:/Documents%20and%20Settings/WINDOWS/Desktop/Fotos%20JO%C3%83O%20TOM%C3%89/homenagem.htm>> acesso em 28 de jun. de 2010.

### — Homenagem ao patrono deste site —



João Tomé foi um grande musicista e compositor brasileiro, sobre cuja memória o projeto Musibraille teve origem. Através da Musicografia Braille, João Tomé deixou registradas centenas de composições sob muitos estilos musicais. Uma parte significativa destas composições está registrada na nossa musicoteca braille.

Uma seleção musical sobre a formidável obra deste ilustre brasileiro foi registrada, por iniciativa de sua filha, Dolores Tomé, em dois CD de altíssima qualidade técnica e artística, em que se destaca a possibilidade de ter acesso, através de um computador, à partitura em tinta e em braille de cada obra.

Clique aqui e conheça um pouco da vida e obra de João Tomé através desta singela homenagem, que inclui trechos destes dois lindos CD.

### João Tomé e sua obra em dois grandes programas de rádio

Ao longo de sua vida, João Tomé teve uma forte ligação com o rádio. Este mesmo veículo de comunicação agora presta sua homenagem ao grande compositor e musicista.

Aqui transcrevemos dois fantásticos documentos, gravados na forma de entrevistas com sua filha Dolores Tomé, e ilustradas com belíssimas composições. Estes programas focalizam também diversos aspectos da Cultura Musicográfica em Braille, e em especial estes dois CDs.

O primeiro programa, criado pela Rádio Câmara, em Brasília, focaliza o CD Piquenique. Você precisará de ter o Real Player Basic (gratuito) para escutá-lo.

O segundo programa, criado pela Rádio Senado, em Brasília, focaliza o CD Todos Sabem, e ao final, fala um pouco sobre o projeto e o software Musibraille.

Método de violão Entre as inúmeras obras que João Tomé deixou, destaca-se um inovador Método de Violão, aqui apresentado em sua versão em tinta e também em transcrição para impressão Braille com o programa Braille Fácil.